

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA  
CENTRO DE CIÊNCIAS RURAIS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EXTENSÃO RURAL

Franciele Coghetto

**O RURAL RITUALIZADO: NAS ASAS DO GAVIÃO TECENDO  
NOVOS OLHARES PARA O RURAL CONTEMPORÂNEO**

Santa Maria, RS  
2019



**Franciele Coghetto**

**O RURAL RITUALIZADO: NAS ASAS DO GAVIÃO TECENDO NOVOS OLHARES  
PARA O RURAL CONTEMPORÂNEO**

Tese apresentada ao Curso de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do grau de **Doutora em Extensão Rural**.

Orientador: Prof. Dr. Clayton Hillig

Santa Maria, RS  
2019

Coghetto, Franciele

O rural ritualizado: nas asas do gavião tecendo novos olhares para o rural contemporâneo / Franciele Coghetto. 2019.

195 p.; 30 cm

Orientador: Clayton Hillig

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Ciências Rurais, Programa de Pós Graduação em Extensão Rural, RS, 2019

1. Multifuncionalidade. Rural. Enteógenos. Ayahuasca. Choupana do Gavião. I. Hillig, Clayton II. Título.

**Franciele Coghetto**

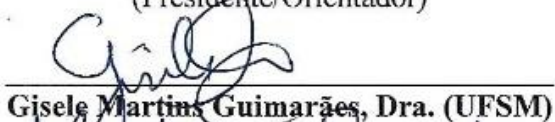
**O RURAL RITUALIZADO: NAS ASAS DO GAVIÃO TECENDO NOVOS OLHARES  
PARA O RURAL CONTEMPORÂNEO**

Tese apresentada ao Curso de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do grau de **Doutora em Extensão Rural**.

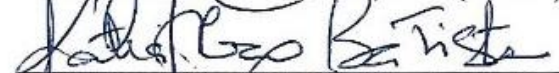
**Aprovado em 15 de agosto de 2019:**



**Clayton Hillig, Dr.**  
(Presidente/Orientador)



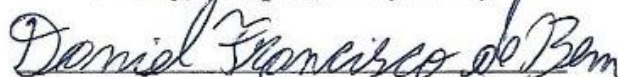
**Gisele Martins Guimarães, Dra. (UFSM)**



**Katia Mara Batista, Dra. (SBEE)**



**Juracy Marques, Dr. (UNEB)**



**Daniel Francisco de Bem, Dr. (UFFS)**

Santa Maria, RS  
2019



## DEDICATÓRIA

Dedico

Às mulheres que edificam minha vida;

Honorina Barato (*in memoriam*)

Rosa Marlena Barato

Jovelina Barato





## AGRADECIMENTOS

Sou grata,  
À Ísvara por me guiar,  
À Deus pela sua infinita bondade,  
À Virgem Mãe Maria, pelo seu alento nas horas de pranto,  
Ao Mestre Gabriel por me mostrar o caminho verdadeiro e nunca me abandonar,  
À Hoasca, pelos conselhos e por clarear o meu andar,  
À minha mãe, pela vida, pela educação, por toda a luta e sacrifício pessoal para me dar o melhor que estava podendo, por me apoiar todos os dias da minha existência,  
À minha vó, pelos ricos ensinamentos, por toda força e amor dedicados em sua vida terrena para zelar pela sabedoria ancestral,  
À minha tia, por todo seu zelo desde sempre,  
Ao meu irmão, por existir e ser tão diferente de mim,  
Ao meu companheiro Vicente, pelo carinho, pelo companhia nas horas boas e não tão boas, pela compreensão, pelo jeito amoroso de lidar com meu ser tão terra e fogo,  
Ao meu gato Mipou, que chegou no início do doutorado para alegrar os meus dias com sua personalidade mais humana do que felina,  
Às valorosas amigadas: Cristiane, Bruno, Sadiana- Luz, Jéssica, Muriel, Lucas, Rafaela, Bruna e Fernanda: com vocês o caminho é mais fácil andar,  
À Janaína por me distrair o tempo todo, por ser o espelho que reflete as minhas limitações,  
À Ana Paula, pelas palavras de afeto, motivação e pelas boas risadas,  
À Laila e a Patrícia, pelos novos laços de amizade que vem se construindo,  
Ao Ewerton por ser tão estranho e pela sensibilidade de ilustrar a Choupana do Gavião,  
À Iolanda, por ter entrado no mesmo barco, graças a Deus não afundamos,  
À minha pequena comunista Ana, por ser a flor do meu jardim e por tentar me ensinar as regras gramaticais,  
Aos queridos amigos do Núcleo Mãe Santíssima, Bom Jardineiro e da distribuição de Erechim, que merecimento tê- los em meu caminho,  
À Choupana do Gavião por fraternalmente acolher a mim e a minha pesquisa, por todo o compartilhar e pelos incontáveis auxílios, esta tese é nossa,  
Ao meu orientador Clayton, por me permitir voar livre,  
Ao Juracy Marques por me inspirar e me fazer crer que uma nova ciência é possível,  
À Kátia Batista pelos conselhos e por acreditar em mim,  
Ao Daniel de Bem, por ter me lembrado aos cinco minutos do ano de 2019 que eu precisa terminar a tese,  
À Gisele Guimarães pela parceria e por levar a humanidade pra dentro da sala de aula,  
À todos os gurus e mestres que fizeram a tradição do yoga chegar até mim,  
Ao presidente Lula por ter criado programas sociais que me possibilitaram acessar o ensino superior,  
À CAPES pela bolsa, “o presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001”.

À todos os seres humanos e não humanos,

“O que quer que me seja ofertado com pureza no coração, seja uma flor, uma folha, uma fruta, ou água, eu aceito alegremente” *Bhagavad Gita*



*O saber do coração não é possível encontra- lo em nenhum livro e em nenhuma boca de professor, mas ele nasce em ti [...] como posso conseguir o saber do coração?*

*Só poderás conseguir este saber vivendo plenamente tua vida. Tu vives tua vida plenamente quando tu vives também aquilo que nunca viveste, mas sempre deixaste para que os outros vivessem e pensassem. Tu dirás: “Eu não posso viver ou pensar tudo o que os outros vivem e pensam”. Mas debes dizer: “A vida que eu ainda poderia viver, eu deveria viver e o pensar que eu ainda poderia pensar, eu deveria pensar”. Tu queres fugir de ti, para não teres de viver aquilo que não foi vivido até agora. Mas não podes fugir de ti mesmo. Isto está todo o tempo contigo e exige realização. Se te colocares cega e surdamente esta exigência, tu te colocarás cega e surdamente contra ti mesmo. Então jamais alcançarás o saber do coração.*

*O saber do coração é como teu coração é.  
De um coração mau, conheces coisa má.  
De um coração bom, conheces coisa boa.*

*Para que vosso conhecimento seja completo, considerai que vosso coração é ambos: bom e mau. Tu perguntas: “Mas como? Devo também viver o mal?”*

*O espírito da profundidade exige: “A vida que ainda poderias viver, deverias viver. O bem decide, não teu bem, não o bem dos outros, mas o bem”.*

*O bem está entre mim e os outros, na comunidade. Também eu vivia o que antes não fazia e o que ainda podia fazer, eu vivia na profundidade, e a profundidade começou a falar. A profundidade me ensinou a outra verdade. Portanto juntou em mim sentido e absurdo. Tive que reconhecer que sou apenas símbolo e expressão da alma.*

(Alma e Deus, O Livro Vermelho de Jung, 2015, p.121 e 122)



## RESUMO

### **O RURAL RITUALIZADO: NAS ASAS DO GAVIÃO TECENDO NOVOS OLHARES PARA O RURAL CONTEMPORÂNEO**

AUTORA: Franciele Coghetto  
ORIENTADOR: Clayton Hillig

Essa tese é fruto da observação do recorrente uso do espaço rural por grupos vinculados a Nova Era, que vem se utilizando desse espaço para realizar suas práticas espirituais e religiosas. Considerando as múltiplas funções que vem sendo assumidas pelo espaço rural na contemporaneidade, se reconhece nesse estudo a pertinência da noção de multifuncionalidade para tecer elucubrações que auxiliem na compreensão dessas ressemantizações que tem como dispositivo central a valorização da natureza. Na tentativa de clarear como se engendram esses novos olhares, esse estudo através de um ensaio etnográfico empreendido na Região do Alto Uruguai Gaúcho, teve como foco empírico o grupo Choupana do Gavião. Baseado na análise das trajetórias do grupo e de parte de seus integrantes, aliado a inserção em seus rituais, os achados etnográficos dão conta de apontar que a espiritualidade aliada a agroecologia indicam o desvelar de um fenômeno relevante para a tessitura de novas formas de se pensar e conceber o rural.

**Palavras- chaves:** Multifuncionalidade. Rural. Enteógenos. Ayahuasca. Choupana do Gavião.



## ABSTRACT

### THE RURAL RITUALIZED: IN THE ASAS DO GAVIÃO WEAVING NEW VIEWS OF CONTEMPORARY RURAL SPACE

AUTHOR: Franciele Coghetto

ADVISOR: Clayton Hillig

This thesis is the result of the observation of the recurrent use of rural space by groups linked to New Age, which have been using such space for their spiritual and religious practices. Considering the multiple functions that rural space has had in the contemporary world, in this study we recognize the importance of the notion of multifunctionality to weave elucidations that help understand these resemantizations, whose core device is the praising of nature. In an attempt to clarify how these new views are engendered, this study had the *Choupana do Gavião* group as its empirical focus through an ethnographic essay done in the Upper Uruguay Rio Grande do Sul Region. Based on the analysis of the trajectories of the group and its members, along with the immersion in their rituals, the ethnographic findings point out that spirituality joined with agroecology indicates the unveiling of a phenomenon relevant to the texture of new ways of thinking and conceiving the rural.

**Keywords:** Multifunctionality. Rural. Entheogens. Ayahuasca. *Choupana do Gavião*.





## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1– Caule do cipó <i>Banisteriopsis caapi</i> .....	35
Figura 2 – Folhas e broto da árvore <i>Psycotria viridis</i> . ....	36
Figura 3 – Mestre Irineu Serra.....	41
Figura 4– Mestre Irineu e a irmandade de Vila Ivonete fardada, ano de 1930. ....	46
Figura 5– Padrinho Sebastião Mota de Melo. ....	49
Figura 6– Padrinho Daniel Serra. ....	53
Figura 7– Frei Daniel Pereira de Matos.....	57
Figura 8– Mestre José Gabriel da Costa. ....	62
Figura 9– Organograma do Conselho da Administração Geral – atual estrutura administrativa em sua dimensão espiritual – do Centro Espírita Beneficente União do Vegetal. ....	66
Figura 10– Organograma Diretoria Geral do Centro Espírita Beneficente União do Vegetal. ....	67
Figura 12– A) Idade; B) Origem e C) Tempo de participação dos integrantes da Choupana do Gavião.....	111
Figura 13– A) Área profissional e B) Renda Familiar dos integrantes da Choupana do Gavião. ....	112
Figura 14– A) e B) Religião dos pais e C) Religião dos Integrantes da Choupana no Gavião. ....	113
Figura 15– Informações do evento divulgado via facebook sobre Cerimônia Xamânica da Choupana do Gavião, data 19/08/2017.....	120
Figura 16– Minha visão da entrada do sítio Cambuí, data 19/08/2017.....	122
Figura 17– Minha visão do interior do templo do Sítio Cambuí, data 19/08/2017.....	123



## LISTA DE SIGLAS

ABUDV	Associação Beneficente União do Vegetal
ADF	Fundo em Defesa da Ayahuasca
ATER	Assistência Técnica e Extensão Rural
CEBUDV	Centro Espírita Beneficente União do Vegetal
CEFLURIS	Centro Eclético da Fluente Luz Universal Raimundo Irineu Serra
CICEBRIS	Centro de Iluminação Cristã Estrela Brilhante Raimundo Irineu Serra
CICLU	Centro de Iluminação Cristã Luz Universal
CONAD	Conselho Nacional Antidrogas
CONAGE	Conselho da Administração Geral
CONFEN	Conselho Federal de Entorpecentes
CSP	Convenção sobre Substâncias Psicotrópicas
DIMED	Divisão Nacional de Vigilância Sanitária de Medicamentos
DMT	N- dimetiltryptamina
ECHR	<i>European Convention on Human Rights</i>
EUA	Estados Unidos da América
Fetraf- Sul	Federação dos Trabalhadores na Agricultura Familiar na Região Sul
GMT	Grupo Multidisciplinar de trabalho
ICEERS	<i>International Center for Ethnobotanical Education Research e Service</i>
ICEFLU	Igreja do Culto Eclético da Fluente Luz Universal Patrono Sebastião Mota de Melo
INCB	Conselho Internacional de Controle de Narcóticos
INCRA	Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
LSD	Ácido lisérgico
MAO	Monoaminoxidase
MDMA	Metilfenetilmetanfetamina
MMC	Movimento das Mulheres Camponesas
MST	Movimentos dos Trabalhadores Rurais Sem Terra
ONU	Organização das Nações Unidas
RER	Registro de Entidades Religiosas
SENAD	Secretaria Nacional Antidrogas
UCLA	Universidade da Califórnia
UDV	União do Vegetal
UFFS	Universidade Federal da Fronteira Sul
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul



## LISTA DE ABREVIATURAS

CE	Cabocla das Ervas
CJFL	Centro Espírita e Culto de Oração Casa de Jesus Fonte de Luz
FR	Flor da Rainha
GF	Guerreiro das Folhas
LD	Lobo Dourado
MFR	Mãe da Flor da Rainha
MNE	Movimento Nova Era
NE	Nova Era
SAF	Sistema Agroflorestral
SL	Sol do Amanhecer
TDOXM	Templo Dourado Oxum e Xangô da Mata



## SUMÁRIO

<b>ABRINDO O CICLO: APRESENTAÇÃO</b> .....	<b>13</b>
A PERGUNTA (DES) NORTEADORA .....	19
<b>1 CAPÍTULO I – APROXIMAÇÕES ETNOGRÁFICAS COM O RURAL</b> .....	<b>21</b>
1.1 A COLÔNIA: <i>TCHACOLANDO</i> SOBRE O RURAL.....	21
1.2 O RURAL DOS FILHOS DA AVE DE ODÉ .....	30
<b>2 CAPÍTULO II – USOS HUMANOS DAS PLANTAS DE PODER</b> .....	<b>33</b>
2.1 PLANTAS ENTEÓGENAS : BREVE HISTÓRICO .....	33
2.2. CONTEXTUALIZAÇÃO DO UNIVERSO AYAHUASQUEIRO.....	35
<b>2.2.1 O doce mel que vem do florestal</b> .....	<b>35</b>
2.3 RELIGIÕES AYAHUASQUEIRAS.....	41
<b>2.3.1 O Daime de Mestre Irineu</b> .....	<b>41</b>
2.3.1.1 <i>Dissidências do Daime</i> .....	49
2.3.1.1.1 O Santo Daime do Padrinho Sebastião.....	49
2.3.1.1.2 A Estrela Brilhante de Padrinho Daniel Serra .....	53
<b>2.3.2 O Livro Azul do Frei Daniel</b> .....	<b>57</b>
<b>2.3.3 O Tesouro de Mestre Gabriel</b> .....	<b>62</b>
2.4 A JUDICILIAZAÇÃO DA NATUREZA: O PROCESSO DE “LEGALIZAÇÃO” DO USO RELIGIOSO DA AYAHUASCA .....	69
<b>2.4.1 O processo de legalização da ayahuasca no Brasil</b> .....	<b>69</b>
<b>2.4.2 Internacionalização</b> .....	<b>73</b>
2.5 NOTA SOBRE A NOVA ERA.....	79
<b>3 CAPÍTULO III – APROXIMAÇÕES ETNOGRÁFICAS COM A CHOUPANA DO GAVIÃO</b> .....	<b>85</b>
3.1 NA TOCA DO LOBO: EU, A BIÓLOGA, IMPELIDA PELOS MEUS IDEAIS .....	85
<b>3.1.1 O Dourado do Lobo, da Águia e do Guardiã: trajetória do fundador da Choupana do Gavião</b> .....	<b>91</b>
<b>3.1.2 Nas asas do Gavião: os primeiros voos da Choupana do Gavião</b> .....	<b>97</b>
<b>3.1.3 O afastamento geográfico de Lobo</b> .....	<b>100</b>
<b>3.1.4 Lobo Dourado e o afastamento físico</b> .....	<b>103</b>
<b>3.1.5 A Choupana do Gavião sem a constância de seu fundador</b> .....	<b>105</b>
3.2 CHOUPANA DO GAVIÃO .....	108
<b>3.2.1 O que é?</b> .....	<b>108</b>
<b>3.2.2 Quem compõe?</b> .....	<b>110</b>
<b>3.2.3 Como se organizam?</b> .....	<b>114</b>
<b>3.2.4 Espaço ritual</b> .....	<b>117</b>

3.2.4.1 <i>Rituais</i> .....	118
3.2.4.1.1 Ayahuasca .....	119
3.2.4.1.2 Roda de rapé.....	129
3.2.4.1.3 Jurema .....	133
3.3 TRAJETÓRIAS DE VIDA .....	135
<b>3.3.1 Poeira Estelar: o doce caminhar da juventude .....</b>	<b>136</b>
<b>3.3.2 Flor da Rainha: da ansiedade ao sentir-se um ser vivo .....</b>	<b>144</b>
<b>3.3.3 Cabocla das Ervas: do não pertencer ao sentir-se parte da <i>Pachamama</i> .....</b>	<b>156</b>
<b>3.3.4 Guerreiro das Folhas: de militante ferrenho a capangueiro da Jurema .....</b>	<b>166</b>
<b>FECHANDO O CICLO: CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>175</b>
(DES) CONSTRUÇÕES.....	175
A CHOUPANA DO GAVIÃO .....	178
OS “NOVOS” OLHARES PARA O RURAL CONTEMPORÂNEO .....	179
<b>4 REFERÊNCIAS .....</b>	<b>183</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>191</b>



## ABRINDO O CICLO: APRESENTAÇÃO

Essa tese nasce de um lado das inquietações pessoais de quem vos escreve e tem convicção de que para nos livrarmos da ignorância acadêmica, precisamos pautar uma ciência que reconheça que “somos todos irmãos da lua, moramos na mesma rua bebemos do mesmo copo a mesma bebida crua [...]E a terra é a mãe de todos...”<sup>1</sup>

E de outro, das observações realizadas a partir do ano de 2015 nas áreas rurais circunvizinhas a Erechim/RS. Precisamente a partir de uma incursão a um ritual ligada a antiga tradição, chamado *sabbath*<sup>2</sup>.

Em novembro 2015, enquanto realizava um trabalho de campo relacionado aos sistemas agrários do município de Derrubadas/RS, recebi uma mensagem de um velho conhecido dos tempos de infância missionária e da biologia. Faziam uns oito ou nove anos que não nos víamos ou comunicávamos. A mensagem encaminha via *inbox* do *facebook* dizia: “Olá Fran, tudo bem? Deve estar estranhando que vim falar contigo, mas olha só quem sabe tenha algum sentido pra ti; sempre compartilho sonhos com as pessoas” e então contou-me o sonho. Fiquei um tanto perplexa, porque dias antes eu também havia sonhado com ele, pensei então: seria isso a mais pura bruxaria? Quem sabe!

Esse amigo fazia (e faz) parte de um grupo, liderado por Manacá (*Brunfelsia uniflora*), mulher idosa, que há aproximadamente vinte e três anos desenvolve trabalhos dentro do xamanismo e dos ensinamentos de Osho na região Alto Uruguai, mais precisamente em Erechim/RS. Curiosa que sou, já vinha num movimento de querer conhecer a experiência do grupo. Não demorou para que eu me aproximasse dessa egregóra e me inserisse em suas práticas rituais. Em dezembro de 2015, participei então de uma cerimônia organizada pelos pupilos de Manacá. A cerimônia foi realizada no interior (rural) do município de Gaurama/RS, em um sítio holístico e celebrava a chegada do verão, *Litha*. O sítio era mantido por um grupo de jovens místicos, entre eles meu amigo e minha antiga professora de yoga.

No dia 22 de dezembro de 2015, me desloquei então até o rural da pequena Gaurama/RS. Durante o percurso que levava até o sítio, acompanhada de uma grande amiga, observávamos as paisagens marcadamente agrícolas e nos questionávamos uma a outra: onde que vai ter um sítio de bruxas por aqui, só tem lavoura de soja e milho? A medida que andávamos pela estrada de terra, a curiosidade aumentava: onde raios era esse lugar?

---

<sup>1</sup> Música Irmãos da Lua, Renato Teixeira.

<sup>2</sup> Festivais sazonais realizadas pelos antigos povos pagãos, que relacionavam o ano com os movimentos da natureza.

Repentinamente o carro que nos guiava deu a seta a esquerda e entrou em uma estradinha vicinal, que mais parecia uma montanha russa, tamanha era a quantidade de buracos e irregularidades. Isso já nos dava um indicativo que ali estava o caminho do tal sítio, já que é comum na região Alto Uruguai, as estradas rurais serem boas, leia-se transitáveis, somente onde o agronegócio precisa transitar com seu mausoléu tecnológico de máquinas veneníferas. Andamos mais uns poucos quilômetros e chegamos num reduto da natureza. Eu estava encantada, como poderia ter aquele oásis em meio aquele mar de soja e milho? Eu queria saber!

Chegando no sítio, fomos recebidos por duas jovens sacerdotisas, dois adoráveis seres da floresta. Recebemos as instruções do ritual e nos dirigimos para o local onde seria realizada a cerimônia. No local, debaixo de uma grande árvore, uma roda estava montada. Sob a luz das velas e do fogo do caldeirão que ficava mais ou menos no centro da roda, cruzei o portal da entrada e me acomodei sentando no chão.

A energia tomou parte do meu ser e eu me sentia a própria terra que deslazo eu pisava, o vento que batia suave no meu rosto, o fogo que laborava e em poucos segundo eu estava totalmente imersa naquela mágica experiência de saudar o Deus Sol em sua máxima manifestação. Fizemos o ritual, dançamos, cantamos, saudando a chegada do verão. Em círculo o masculino e feminino, os duas pernas, o povo de pedra, o povo árvore, o povo vento, em estado de plena comunhão dentro daquela roda compartilhamos e honramos o Deus Sol. O *prana* tomava conta de nós, nosso espírito se manifestava em louvor a abundância e a plenitude.

Após essa lindo compartilhar, partilhamos de um jantar vegetariano no quintal do sítio, acompanhados pelo brilhar das estrelas. Finalizado esse momento de comunhão com o divino, pegamos a estrada para voltar para nossos lares materiais. A alegria era o estado que meu espírito alcançará naquela noite. Em meio a êxtase eu me perguntava: como um lugar daqueles, poderia (re)existir em meio aos monocultivos? Eu estava determinada em desvendar, esse que para mim, era um mistério.

E foi assim que tive a ideia – nada convencional para uma bióloga que há nove anos se dedicava ao estudo da ecologia de grupos faunísticos não- humanos – de investigar que movimento era aquele que retornava ao rural para realizar práticas espirituais vinculadas as antigas tradições e comungar com a natureza. Vários porquês tomaram conta do meu curioso ser. Examinei, dentro das minhas possibilidades e lá fui eu em janeiro de 2016 conversar com o meu orientador que prontamente me apoiou nessa nova temática. Pronto, eu estava enfiada numa enrascada criada por mim mesma.

Durante o ano de 2016, segui com as disciplinas do doutorado, pouco pensei sobre a enrascada que tinha me enfiado. As ligações e práticas bruxescas começaram a tomar uma

dimensão vasta do meu ser e do meu cotidiano. Nesse meio tempo, o doutorado veio a se tornar uma das maiores frustrações vivenciadas nessa minha sutil encarnação. Eu me sentia presa, num lugar que parecia não acreditar mais. Achei que sucumbiria a minha existência, da mesmo forma que muitos colegas pesquisadores sucumbiram. Do meu corpo já ecoavam gritos desesperados de “me tira desse lugar”. Eis que mais uma vez, entre tantas subidas e descidas ao fundo do poço, quando eu já estava uns 90% imersa no desalento existencial, vejo uma chamada de um simpósio. Entendo hoje que, era a centelha da luz divina me chamando mais uma vez pra vida!

Eis que era o *XI Simpósio Brasileiro de Etnobiologia e Etnoecologia Feira + 20: Bem-viver e Pós-Desenvolvimento*, que se realizaria em novembro de 2016, na cidade de Feira de Santana/BA. Mesmo com uma leve dose de ânimo, sorratamente eu vinha esquecendo que era uma doutoranda e a única coisa em que eu acreditava quando pensava na universidade é que aquele lugar havia se transformado nos episódios do famoso filme “Jogos Mortais” e o que eu via nos corredores era um misto de “Deus salve o rei” com “Salve-se quem puder”.

O tempo foi passando, eu me afastei temporariamente do ambiente universitário, e passei a ocupar meu tempo com o feitiço de uns artesanatos aqui, outros acolá. Sobrevivi mais um temporal da existência. Quando chegou novembro, embarquei feliz e animada pra Bahia de todos os Santos, para participar do simpósio.

E que simpósio! Lá me deparei com espaços maravilhosamente instigantes, que me fizeram lembrar que o encantamento pela pesquisa acadêmica ainda pulsava por entre minhas veias e artérias e vibrava no meu espírito. Em meio a tantos espaços participei de uma mesa redonda intitulada “Plantas de poder: ayahuasca e bem- viver”, a mesa era composta pelo professor Carlos Teodoro Irigaray e o professor Juracy Marques. Assisti ainda, outra palestra, que não me recordo aqui do título, proferida pelo professor colombiano Álvaro Sepúlveda Varón e tive a honra de participar também de um minicurso “Plantas Psicoativas: Usos tradicionais com ênfase na Coca e na Cannabis” ministrado pelo querido e grande etnoecólogo José Geraldo Marques. Esses espaços proporcionaram elementos decisivos para a mudança da minha temática de tese, a partir de suas abordagens sobre ayahuasca, pude conhecer um sentido nunca antes visto por mim: ayahuasca e pós- desenvolvimento. Que leitura magnífica!

Ao findar do simpósio, fui passar alguns dias em Imbassá/BA, onde iniciei uma série de reflexões que foram anotadas cuidadosamente em meu famoso caderninho azul. Entre as anotações tive a ideia de ao invés de estudar o retorno alicerçado pelas antigas tradições de um modo mais amplo, poderia eu, estudar o retorno baseado nas experiências enteógenas com ayahuasca. Como uma boa taurina com ascendente em touro que sou, há alguns meses da

qualificação do doutorado (mais precisamente, dois meses), mudo de novo a temática dessa tese, era a quarta vez que isso acontecia.

Na segunda quinzena de janeiro de 2017, fui pra Santa Maria/RS, conversar com o Clayton. A essa altura do campeonato, com a ponta do pé no prazo máximo da qualificação, além de estar mais enrolada que “cobra em festa de minhoca”, eu estava querendo trocar mais uma vez de tema. Jurei que meu orientador, fosse redigir um documento pedindo minha interdição acadêmica, alegando (in)sanidade, pra não dizer aqui falta de responsabilidade e noção de perigo. No entanto, Clayton que considero pela graça de Deus não sofrer de normose, prontamente disse, “ok, vamos lá!”

Agora eu era oficialmente uma bricolada acadêmica. Correndo contra o tempo para escrever a bendita qualificação que eu não tinha a mínima ideia de por onde começar, já que minha trajetória até então era dentro do biologismo<sup>3</sup> e do agrarismo, e a obra mais diferente que eu tinha lido até o presente momento era “A ecologia do espírito”, de autoria do Juracy Marques.

Em meio ao fato de não ter acúmulo teórico, eu precisava ainda organizar os trâmites burocráticos, abertura de processo de qualificação, ver uma banca e o mais complexo, arranjar um grupo de pessoas que se encaixassem dentro da minha nova temática, dialogar com elas e esperar para ver se aceitavam a entrada dessa forasteira. Por intermédio de uma amiga, contatei uma comunidade próxima a Santa Maria/RS, inicialmente eles toparam minha entrada na comunidade. Tudo certo? Não! No segundo contato que fiz para combinar minha ida até lá, o vácuo foi a resposta. Mesmo diante da minha insistência, nada.

Desolada e sem saber o que fazer, através das redes sociais vi que em Erechim/RS havia um grupo que chamavam de Choupana do Gavião e que um tal Lobo Dourado era quem organizava os trabalhos. Através de amigos, garimpei informações para tentar descobrir quem era o tal Lobo Dourado, ou então quem fazia parte do grupo. Uma ex- colega da agronomia me falou, “olha o professor [tal], eu sei que ele anda com essa galera aí que bebe um chá, fala com ele”. Com essa dica em mãos, tratei logo de mandar uma mensagem para o tal professor, que se tratava de Guerreiro das Folhas. Marquei uma conversa com ele dias depois do primeiro contato que fiz via *facebook*. Fraternalmente recebida, compartilhei minhas ideias que estavam esboçadas em uma caderneta. Guerreiro com atenção me escutou e disse que levaria minha proposta ao coletivo para ser apreciada. Além desse intermédio com o grupo, me colocou em contato com Lobo Dourado, que era quem estava mais à frente dos trabalhos naquele momento.

---

<sup>3</sup> Termo empregado por Morin (1988) para se referir ao fato de que por muito tempo as ciências naturais refutaram a ideia do ser humano como um ser social, reduzindo-o a um conjunto de moléculas químicas e biológicas.

Alguns dias depois, Guerreiro retornou com a resposta positiva, o grupo havia acolhido minha proposta de pesquisa. Agora era correr contra o tempo, desenvolver minha fé nos deuses e deusas, porque eu ia ter que operar um milagre: ter um projeto de qualificação em dois meses, isso mesmo, que você leu, dois meses! .

Mas como a “tragédia grega” da minha vida, ainda não poderia me dar o ar da graça de conviver apenas com a fatídica corrida contra o tempo instituído pelo calendário gregoriano, em meio ao processo de escrita, eis que na Lua Nova de março de 2017 Átropos se manifesta e corta o fio da existência terrena da minha vó, a matriarca, a feiticeira mor! Junto ao desencarne de minha amada vó, vai um fragmento da minha alma. E agora? O que faria eu? a) rezaria; b) abandonaria tudo ou d) NDA. Opção escolhida foi a alternativa a + vai escrever!

Lá fui eu escrever, com o auxílio da *MamaCoca (Erythroxylum coca)*, um pouco eu lia, outro tanto eu escrevia e por vezes pedia pra que Deus derramasse sobre os corações dos avaliadores muito amor e em mim discernimento e firmeza para que conseguisse da melhor maneira possível cumprir o prazo estabelecido e ter minimamente uma ideia coerente alicerçada. Aos 23 dias do mês de maio de 2017, me submeti a qualificação, que teve valorosas contribuições que me auxiliaram e auxiliam nesse caminhar de desconstruções e construções, sobre mim mesma enquanto ser humano e pesquisadora e sobre essa tese que tenho o prazer de descrever nas entrelinhas que se sucederão por entre as páginas desse arcabouço diferente de tudo que já fiz na minha vida acadêmica.

om̐ saha nāvavatu | saha nau bhunaktu | saha vīryaṅkaravāvahai | tejasvi  
nāvadhītamastu | mā vidviṣāvahai || om̐ śāntiḥ śāntiḥ śāntiḥ || om̐ ||

Que você e eu estejamos protegidos [pela Presença Ilimitada]. Que ela nos alimente. Que trabalhemos juntos com energia e vigor. Que nosso conhecimento seja realizador. Que nunca confundamos os nossos papéis.

Que haja paz (em cada um, entre nós e no mundo). Om̐.



## A PERGUNTA (DES) NORTEADORA

**Quais são os novos olhares que vêm sendo construídos para o rural contemporâneo a partir das experiências espirituais e religiosas vinculadas ao uso de substâncias enteógenas?**

Na tentativa de elucidar apontamentos que, ao final possam nos conduzir, se não a uma resposta para o questionamento acima, a caminhos para seguir na busca de constructos que deem conta de nos aproximar de como se engendram esses novos olhares, entre 2017 a 2019 realizei um ensaio etnográfico da Choupana do Gavião.

Me utilizando de estratégias metodológicas, tais como a observação participante, entrevistas em profundidade e aplicação de questionário, objetivei compreender quais os novos olhares, na diversidade de nuances, vem sendo assumidos para o espaço rural tendo como base a trajetória de vida do grupo, de seu fundador e de parte de seus integrantes.

Inspirada centralmente por trabalhos desenvolvidos pela antropóloga Beatriz Caiuby Labate, uma das principais referências em estudos envolvendo os usos humanos de substâncias psicoativas no Brasil e no mundo, estruturei essa tese em três capítulos.

O primeiro capítulo é composto por uma leitura etnográfica do rural que, entrelaçando teorias assumidas no campo dos estudos rurais a minha própria trajetória de vida, direcionam para a pertinência da noção da multifuncionalidade na tessitura das novas vocações para esse espaço. Num segundo momento, apresento os entendimentos do que é o rural para os integrantes entrevistados.

No segundo capítulo, faço um breve resgate histórico dos usos humanos das plantas enteógenas. Junto à isso, contextualizo o universo ayahuasqueiro, abordando a ayahuasca em sua dimensão etimológica, farmacológica, espiritual e ritual. Na sequência, são apresentadas as religiões ayahuasqueiras brasileiras, os processos de legalização e internacionalização da ayahuasca e, para finalizar, apresento uma nota sobre o fenômeno Nova Era, onde entendo que se situam as vertentes expansionistas das religiões ayahuasqueiras e a Choupana do Gavião.

No terceiro capítulo, inicio pela narrativa do fundador Lobo Dourado a respeito de sua biografia pessoal e da constituição histórica dos trabalhos do grupo. Em seguida, são descritas as características atuais do grupo e a cosmologia de seus rituais. Por fim, são contemplados os achados etnográficos sobre a trajetória de vida de alguns dos seus integrantes: Poeira Estelar, Flor da Rainha, Cabocla das Ervas e Guerreiro das Folhas. Na abertura de cada construção etnográfica, desses participantes, um hino é apresentado. Os hinos, escolhidos por eles, por

entre suas linhas e palavras, versam sobre os sentimentos dos seus caminhares pela Choupana do Gavião. Torna –se fundamental, ressaltar que essa sessão foi construída coletivamente com as pessoas que, para além de mim, fazem essa tese existir na materialidade. Os comentários e adições realizados no corpo da tese pelos integrantes vem identificados através de destaques sublinhados ao longo do texto e em incorporações, mais ao final das sessões, indicando o autor. Ressalto que todas as adequações, supressões e inserções solicitadas pelo grupo foram acolhidas por mim.

À guisa de fechamento desse trabalho, apresento considerações que versam sobre minha experiência enquanto pesquisadora inserida em uma nova área de conhecimento, seguido pelas considerações finais desse estudo.

Boa leitura, felicidades a todos nós.



# 1 CAPÍTULO I – APROXIMAÇÕES ETNOGRÁFICAS COM O RURAL

## 1.1 A COLÔNIA: *TCHACOLANDO* SOBRE O RURAL

Uma das tarefas mais complexas, no meu entendimento, é produzir palavras que dão conta de expressar as diferentes compreensões acerca do “espaço físico” que é ocupado pelas vidas, em suas variadas manifestações e refletido no imaginário social.

Entre essas compreensões, está o rural, espaço físico no qual se desenvolvem parte das elucubrações desse estudo. Um dos primeiros questionamentos que me vem à mente é: o que é o rural? Uma pergunta simples, dentro de uma complexidade de sentidos e significações, que tentarei desvelar a partir do entrelaçar da minha própria trajetória de vida e de algumas marcações teóricas, que considero pertinentes para a construção de um possível entendimento do que seria o rural.

Tal atitude é desenvolvida dessa maneira, pois parto do pressuposto de que o campo teórico de estudos rurais, assim como outros tantos, vive em constante disputa e elucida teorias a partir das mais diversas aspirações, intensões e interesses. Nessa adjacente, penso que esse constructo – história pessoal e teorias, se torna uma ferramenta potencial, para que “os de fora” - leitores, consigam visualizar de modo mais claro o horizonte o qual vislumbro o rural.

Embora, os acontecimentos entre minha crônica de vida e os *feedbacks* teóricos, não resguardem com exatidão relações temporais, sabemos que a história não se dilui em sua totalidade no tempo e os mecanismos estruturantes se perpetuam por gerações, fazendo com que constantemente nos ocupemos em criar “novos” esforços teóricos para sanar velhos problemas. Assim, inicio a tecer os pequenos retalhos que ao final, exprimem por entre as linhas, qual é a minha compreensão e quais são as vertentes teóricas que mais se aproximam com o que cogito ser o rural.

Minha primeira aproximação com o que seria o rural, se constrói dentro da ideia do rural como “um pedacinho da terra na Terra” (MARQUES, 2016, p. 26) e primado da natureza (FROEHLICH, 2002; FROEHLICH e MONTEIRO, 2004). Essa aproximação se iniciou logo na minha primeira infância, a partir do convívio com minha avó, uma benzedeira, colona<sup>4</sup> de descendência italiana. Aprendi com ela que o rural, se chamava colônia e se tratava de um lugar em meio a natureza, onde as pessoas tinham um lotezinho em que moravam, plantavam sua comida, criavam uns bichinhos, tiravam seu sustento, conviviam e socializavam com a vizinhança. Um lugar por vezes sofrido, de poucos ou quase nenhuns recursos materiais, cheio

---

<sup>4</sup> Termo utilizado para se referir aos imigrantes italianos, alemães e poloneses.

de mato, um lugar onde as pessoas acordavam “ainda escuro”, iam para a roça, debaixo de geada, de chuva, sol de rachar, sujeito as várias intempéries climáticas. Minha vó sempre contava do tempo, considerado por ela difícil, em que colhia arroz com água gelada até a cintura, mas dizia– “não morri e tô viva até hoje”. Me contava que os bebês, desde cedo já iam para as lavouras e ficavam dentro de um cesto, confeccionado de palha de trigo, na sombra do mato enquanto os pais trabalhavam no roçado – “e assim se criavam”. Era uma maneira de me mostrar, embora eu pouco entendesse, que o processo de colonização não fora nenhuma maravilha e que a “terra prometida”, a *Mérica* (América), não era um *un bel mazzolino di fior* (um belo ramallete de flores) como diz a canção da *Mérica*, *Mérica* (1875), que compõe o cancionário do folclore italiano.

Mesmo assim, diante de tantos “sofrimentos”, a alegria e o contentamento, permeavam quase que a totalidade de seus relatos de vida. Com semblante alegre e em meio a risos, ela contava o outro lado da colônia – o lado, que implica nas formas de identificação e companheirismo (TSING, 2015).

Segundo ela, o dia de carneação (abate de animais para consumo) era dia de festa. A família toda se reunia, os vizinhos vinham para auxiliar nos trabalhos. A carne, ao final dos trabalhos, era dividida com a vizinhança. Lembrava aos risos, dos filós, uma espécie de jantar festivo, onde a gringaiada se reunia na casa de algum vizinho para tomar *brodo* (caldo feito com galinha caipira), *thacolar* (conversar), *bestemar* (falar palavrão) e cantar. Me contava das benzedeiças, dos diversos chás, preparados e simpatias usados para curar os mais diversos casos: sapinho (candidíase), nervo fora do lugar, bicha (vermes), sol na cabeça (insolação, dor de cabeça), susto (em bebês), quebrante (inveja, olho gordo), amarelão (anemia), entre outros tantos. Não há o que não podia ser benzido e curado com alguma poção “mágica”. Desde o chazinho de poejo (*Mentha pulegium*) até a moela da galinha, tudo era remédio!

Me deu a entender que a colônia, era um lugar familiar, um espaço produzido por todos os seres, humanos ou não, onde se iniciava a apreciação das interações multiespécies, onde aprendemos “não só sobre relações ecológicas em geral, mas também sobre o acaso nas histórias naturais que permitiram que certas espécies e associações de espécies pudessem ocorrer em certos locais” (TSING, 2015, p.181).

Nesse quesito, interação multiespécies, minha vó fez questão de enfatizar por meio dos seus ensinamentos e praticados, como isso se configurava. Conversar com árvores, era algo natural e ainda cedo ela me ensinou a importância de se respeitar as vidas não humanas. Um dos ensinamentos que ficaram registrados na minha memória, era a importância da postura cordial que se deveria ter com a Aroeira (*Schinus terebinthifolius*) e o Bugre (*Casearia sylvestris*).

Toda vez que você cruzasse com uma dessas espécies arbóreas, era preciso cumprimentá-las. Se não o fizesse, era certo que pegava uma alergia severa. Era como se a planta estivesse te ensinando sobre a importância da obediência.

Para além das plantas, tive a oportunidade de ver como se estabelecia um trabalho “interespecies cooperativo”. Benzedeira ancestral, a dona Barata (assim chamada pelos seus consulentes, em alusão ao sobrenome), contava com as formigas para que o processo da cura do amarelão tivesse êxito. Obviamente, tais atitudes me faziam rir e por várias vezes eu pensava que a velha estava “fora do juízo”.

Mas talvez, a mais estranha de todas as relações interespecies que ela mantinha, era seu trato com o fenômeno da natureza mais temido, por ela: o temporal. Na minha memória olfativa, tenho ainda registrado, o cheiro do “olivo bento” (*Olea europaea*) sendo queimado. Ela tinha convicção, que ao oferecer essa defumação com galhos de oliveira, seguido de algumas rezas, a tormenta se acalmava. Esse é pra mim, um dos grandes mistérios das suas práticas, como poderia “acalmar” um fenômeno desse? Sigo sem respostas, única constatação era que a mandinga funcionava!

E assim, entre uma e outra história de um mundo mesclado de sofrimentos, alegrias, empatias, simpatias, magias e bruxarias, a dona Honorina, também mostrava que a colônia, daquele tempo era um local seguro: as portas e janelas, sequer tinham trancas! Minha vó, nunca se desligou da colônia, mesmo quando fora morar no “urbano”, por um bom tempo (antes da crescente urbanização da cidade e do advento das políticas sanitárias) mantivera os mesmos hábitos, desde a criação de animais, auxílio mútuo entre vizinhos, relações interespecies e até o cultivo das ervas, que na minha tenra infância chamava carinhosamente de “os saravás”.

Desse jeito, eu passei a minha meninice, imaginando a colônia como um outro local, um lugar distante, que eu precisaria viajar quilômetros para chegar, mas era onde eu seria livre e viveria sem regras (inocente!). No meu imaginário infantil, era um lugar construído dentro da simplicidade, onde as pessoas apesar das asperezas do coexistir humano, eram felizes, se alicerçavam por laços de confiança e reciprocidade, conviviam em certa harmonia com a natureza, que alimentava e curava o corpo e acalentava a alma, uma ideia bem próxima da origem etimológica do rural que o remetia com a qualidade campestre (FROEHLICH, 2002). Em síntese, poderia dizer que esse meu primeiro entendimento do rural, dava conta de que “lá” era um local de expressão de sentimentos e comunhão com a natureza, um espaço onde a “natureza humana era uma relação entre espécies” (TSING, 2015).

No entanto, como bem se sabe, essa ideia de natureza humana foi apropriada pelos conservadores para endossar sistemas autocráticos. Tão logo na minha adolescência, eu

comecei a ver, ainda sem entender, como o poder é capaz de segregar tudo e todos, estigmatizar e controlar um tanto de situações e seres vivos, através de mecanismos de repressão, muitas vezes fantasiados em “pele de cordeiro”.

Na escola, eu não tenho nítida a lembrança de como isso começou, eu aprendi a refutar a colônia, tão admirada por mim quando criança, e a exaltar o urbano – o moderno, o habitável. Agora o rural não fazia mais parte do meu “sonho de verão”, eu sentia vergonha de ser de uma família descendente de colonos italianos, o dialeto era um tabu e eu não queria de maneira alguma ter aquele sotaque e falar nos “ére”. Os que tinham essa pronúncia eram ridicularizados e excluídos dos “grupinhos”. Ninguém queria andar com aqueles colegas que moravam no “interior”, o lugar atrasado, que ficava lá nos cafundós onde “Judas perdeu as botas”. Eles não se vestiam de acordo com a moda vigente, tinham hábitos alimentares fora do padrão urbano, ora como não levavam bolachas recheadas – industrializadas e cancerígenas – pro recreio? A dicotomia rural e urbano ao mesmo tempo que era enfática chegava via sutil.

Sem clareza, minhas atitudes refletiam os resquícios da herança deixada pelo desenvolvimento econômico, que muito antes de eu nascer, cunhou nas sociedades do mundo inteiro, sistemas opressores, que visavam através da segregação social e posterior padronização, reprimir o *modus operanti* das sociedades tradicionais, já que esse ia na contramão do desejável pelas sociedades urbanas – industriais. Imergido nessa lógica, o rural, com o advento da modernização, sustentada pela racionalização e o utilitarismo impostos pela lógica capitalista, passou a ser visto como um local, atrasado, fatalista, supersticioso e que deveria ser modernizado, já que para a episteme moderna, o rural tradicional era visto como uma travanca a ideia eurocêntrica de progresso e desenvolvimento (WEBSTER, 1991; FROEHLICH, 2002; FROEHLICH e MONTEIRO, 2004). Assim, o rural durante o século XIX e XX deixou de ser um espaço onde os habitantes do campo mantinham interrelações com a natureza e passou a ser vislumbrado e tratado como um ramo da indústria capitalista.

Dentro dessa visão promulgada pela modernização conservadora da agricultura, mais tardar, durante a minha graduação em Biologia, tive a oportunidade de conviver intensamente no espaço rural, ora pelos trabalhos de campo, ora pela vivência na casa de amiga. Nessa experiência vivencial, pude ver como essa modernização se operacionalizava na prática cotidiana. Minha amiga pertencia a uma família de agricultores “médios”<sup>5</sup> (assim eles se denominam), capitalizados e com um considerável aparato tecnológico, produziam soja dentro dos moldes do que chamamos nas agrárias de agricultura convencional.

---

<sup>5</sup> Para a configuração agrária da região são considerados latifundiários.

Durante o tempo que frequentei assiduamente esse espaço pude perceber que o rural, como apontado por Froehlich e Monteiro (2004), havia se transformado em um meio social caracterizado por atividades produtivas agropecuárias- florestais-mineradoras. A modernização da propriedade era operada dentro da lógica difusionista *la* Everett Rogers<sup>6</sup> A floresta, abrigo de tantas vidas, era passivo ambiental e a cada safra “um vendaval” abria uma clareira e dava espaço para lavoura avançar um pouco mais. O campo era dividido entre grandes, médios e pequenos agricultores. O grande, seguido do médio, ditavam as regras. O pequeno agricultor, era descapitalizado e sem muitas alternativas restavam-lhe entrar na “roleta russa” do capital, e correr o risco de perder o pouco que tinha para os bancos (ou para o vizinho “maior”) ao final da safra, já que a produção de *commodities* não se adequa a realidade de quem tem “meio palmo de terra”, e/ou virar um agricultor pluriativo<sup>7</sup>. Não era raro de ouvir sobre o endividamento das pequenas famílias e ver a situação lastimável em que se encontravam. Conheci famílias em situação de extrema pobreza material, as margens do sistema e das estradas também, vivendo em condições precárias e desumanas. Ali sobressaltavam aos meus olhos, como a industrialização do campo desenrolou um dos processos de mudanças que mais afetou o mundo rural ao longo do tempo (DURÁN, 1998; PIRES, 2004).

O desenvolvimentismo, parecia não ter dado tão certo daquele “lado de cá” e o que eu via, era um reflexo do que vinha se engendrando desde o pós- Segunda Guerra Mundial. O modelo de sociedade hegemônica, vinha apresentando restrições que evidenciavam uma crise de legitimidade (DURÁN, 1998; PIRES, 2004). Essa crise ocasionou não só a deterioração ambiental, econômica, social e política em todo o mundo, principalmente nos países periféricos, como os latino-americanos, mas a deterioração do ser humano, que colapsado emocionalmente, psicologicamente e espiritualmente, se afastou de sua própria humanidade (MORIN, 1988; FERNANDES- PINTO, 2017).

E isso era o que via refletido naquele cenário e que eu viria a compreender de maneira mais clara, como se instrumentalizava/caracterizava, no doutorado através da investigação teórica direcionada.

Destarte, pude compreender que as ciências– naturais, sociais, humanas, exatas – que no iluminismo, foram fortemente compartimentadas em suas particularidades e “pareciam desenvolver entre si relações de concorrência para o monopólio da compreensão da condição humana e dos comportamentos sociais” (PIRES e CRAVEIRO, 2014, p. 60), no adentrar do século XX, se mostraram incapazes de ler e interpretar as novas mudanças nos valores e

---

<sup>6</sup> cf. ROGERS, E.M. *Diffusion of innovations*, 2003.

<sup>7</sup> Combinam atividades agrícolas e não- agrícolas como estratégia de reprodução econômica e social.

configurações sociais, humanas e ambientais, que se constituíram a partir dessa crise antropocêntrica (WAUTIER, 2003).

No campo das ciências agrárias, onde se insere ainda majoritariamente os debates do rural, a ideia que durante anos pautou os estudos no campo da Sociologia Rural e permitiu a reificação de uma imagem de oposição entre cidade e campo, foi se esvaziando em seu sentido instrumental e tecnocrático. Esse processo de “falência” teórica, fez com que nos anos 90, aflorasse a necessidade de se estabelecer novas reflexões sobre a ruralidade brasileira que fossem capazes de galgar para além da era *tecnozoica*<sup>8</sup> e propor novas demandas e visões que dessem conta de atribuir novos sentidos e significados ao rural que incluíssem as dimensões culturais, simbólicas e ambientais (WANDERLEY, 2012, GUIMARÃES et al., 2015).

No bojo dessa questão, diversos estudos vêm sendo desenvolvidos e apontam para o estreitamento das distâncias entre o rural e o urbano e a diluição de muitas diferenças percebidas no passado (GUIMARÃES et al., 2015). Entre eles, teremos os estudos pautados pelo conceito de pluriatividade – que endossam as discussões sobre a capacidade dos agricultores, principalmente familiares, diversificar o trabalho através da combinação de atividades agrícolas e não agrícolas dentro e fora da propriedade, como estratégia de sobrevivência e reprodução das famílias frente ao avanço do “agro é pop” (VILLWOCK; SANTOS; PERONDI, 2015).

Sob outro ângulo, disporemos das reflexões que partem do pressuposto de que os novos sentidos sobre o rural contemporâneo nascem em consonância com suas transformações internas e da evolução do olhar da sociedade global sobre ela mesma, tendo como principal fonte aglutinadora de signos, a natureza (CARNEIRO, 2012; FROEHLICH, 2002). Nesse sentido, essa ideia de rural, está envolta de todo um aparato simbólico de rusticidade, autenticidade, sociabilidade e qualidade de vida, que é capaz de satisfazer as diversas finalidades, desempenhar as mais variadas funções e servir de suporte para heterogêneas atividades. O rural vai deixando de representar o local de produção e passa a ser um espaço de contemplação, sendo valorizado pelas suas características subjetivas e imateriais (CARNEIRO, 2012). Esse processo proporciona a construção social de novos e múltiplos sentidos para o espaço rural que se manifestam num plano geral, pela produção de bens simbólicos, que passam a compor uma nova dinâmica econômica e social, que pode ser analisada a partir da noção de multifuncionalidade do rural (CARNEIRO, 2012; FROEHLICH e MONTEIRO, 2004; FROEHLICH, 2002).

---

<sup>8</sup> Termo utilizado por Leonardo Boff, para se referir a essa era que estamos até hoje vivendo, onde a ciência e a tecnologia, exploram cada vez mais rápido pessoas e a natureza, em benefício da minoria poderosa, enquanto a maior fatia da população fica à mercê do sistema opressor e desigual.

A multifuncionalidade do rural, vem sendo apontada como uma noção pertinente para dar conta dos múltiplos interesses – materiais e simbólicos- que circulam nas novas construções do rural contemporâneo (FROEHLICH, 2002). Essa nova formação discursiva, sublinha outras funções para o rural, que perpassam o agrícola e o produtor de matéria prima para a indústria, o exportador de mão- de- obra, apresentando novas significações entre o campo e a cidade, dando destaque especial para a valorização da natureza (LOSSE e NIEDERLE, 2014). Ou seja, a multifuncionalidade do rural, aponta para a defesa de novas vocações para o espaço rural, como as funções social, ambiental, patrimonial, estética e recreativa/pedagógica, que podem ser acessadas através do consumo de bens simbólicos, como turismo, terapias, religiosidades, espiritualidade, esportes radicais, moradia de neorurais, entre outros.

Trata-se portando, de uma visão abrangente do rural, que proporciona novos caminhos de desenvolvimento, que podem inspirar novas reflexões que busquem minimizar os processos de degradação dos recursos naturais. Essa perspectiva se vincula a uma percepção diferenciada que crescentes parcelas da população vêm adquirindo sobre o papel social do rural, que deriva de uma mudança cultural e de valores sociais vinculados a demanda ecológicas e a busca da natureza (GEDIEL, 2006).

Logo, o rural, estigmatizado pela modernidade, na contemporaneidade ganha novos sentidos “alegria, amizade, ar puro, calma, lazer, liberdade, natureza, paz, saúde, renda, respeito, segurança, sossego, vida” (FROEHLICH, 2002, p.137). Junto a essas transformações semânticas e

Ao lado das funções e atividades tradicionais do rural, em geral vinculadas à agropecuária, emergem hoje outras, como o lazer e o esporte, a recreação e o turismo, residência, comércio, agroindústria, serviços, parques ecológicos e áreas de preservação etc. (FROEHLICH, 2002, p.183).

Além da espetacularização, dos jogos, da reinvenção da tradição, através da ampliação dos espaços de consumo e lazer, se visualiza também uma ascensão da oferta de práticas terapêuticas nos espaços rurais. Gediel (2006), analisando como se processavam as multifuncionalidades do rural, a partir da oferta de práticas terapêuticas na região Central do RS, encontrou na área de abrangência de seu estudo, espaços destinados a reabilitação e reinserção social de dependentes químicos, centros de equoterapia e espaços vinculados as práticas esotéricas. De acordo com a autora, esses espaços usam o ambiente rural para práticas terapêuticas, a partir da construção de valores simbólicos que tem na natureza motor principal. Essa característica, faz com que o rural assuma papel múltiplo que aponta para “mudanças

advindas dos modos de ver e se relacionar com a natureza, e da construção social de imaginários e crenças que a cultura contemporânea produz” (FROEHLICH; GEDIEL; SOARES, 2008, p. 18).

Dessa maneira, se percebe que as transformações do rural na contemporaneidade não são apenas vinculadas aos subterfúgios da modernização do campo ou ainda, exclusivamente materiais. Ao contrário, vêm surgindo, cada dia mais através das “metamorfoses” incitadas no plano simbólico. Almeida (2009) estudando as áreas rurais circunvizinhas da cidade de Viçosa/MG, observou em sua pesquisa que as mudanças no mundo rural viçosense vêm sendo produzidas, em boa medida, pelo universo simbólico das religiosidades. De acordo com o autor, o campo religioso vem dando origem a novas práticas e formas de ação, que cada vez mais atraem pessoas que buscam no rural, “novas formas de se relacionar com a natureza através de práticas de cultivos alternativos [...] da introdução de templos e novas práticas religiosas[...]” (ALMEIDA, 2009, p.97).

Essa ligação entre ruralidade e religião –em geral correlacionadas ao movimento Nova Era – também foram observadas na região serrana do Rio de Janeiro. Carneiro e Teixeira (2012), afirmam que cada vez mais indivíduos, principalmente de origem urbana, vêm se deslocando para a região serrana do RJ, atraídos não só pelo turismo, mas também pelas qualidades ambientais e as “sobrenaturais”. Motivados pela busca de um “refúgio contra o *stress* provocado pelo cotidiano dos grandes centros urbanos ou um contato mais íntimo com a natureza” (p.68), esses novos “frequentadores” do espaço rural, provenientes dos mais distintos universos sociais e culturais, acabam “estimulando a conformação de uma nova paisagem física e social” (p.67).

A paisagem para Ingold (2000) é “a própria condição do ser no mundo” (TONIOL E STEIL, 2010, p. 10). E é nessa tentativa de compreender como a paisagem se relaciona com os sujeitos que Toniol e Steil (2010) estudaram peregrinos, que por quilômetros caminham em estradas rurais em busca do elo perdido<sup>9</sup>. Isso porque nesse espaço a sensibilização a determinados elementos da natureza, faz emergir a valorização do encontro com o eu-verdadeiro, que tem na natureza a fonte por excelência de energias e lugar de manifestação do sagrado. Nessa perspectiva a paisagem rural – que tem em sua composição paisagística mais elementos naturais, vamos dizer assim – acaba por compor um paradigma ecológico, que entrelaça cultura, natureza e sujeito, desencadeando processos de individuação<sup>10</sup> (TONIOL e STEIL, 2010; CARVALHO e STEIL, 2008).

---

<sup>9</sup> c.f. Fernandes- Pinto (2017).

<sup>10</sup> Termo junguiano para se referir ao caminho do si- mesmo. cf. JUNG, C. G. **Liber Novus**.



Apontando também para a emergência da temática ecológica atrelada a uma busca pelo autoconhecimento, Borges (2015) analisando grupos místicos – ecológicos na Bahia (grupo de yogis, Fundação Terra- Mirim) e em Minas Gerais (Figueira/MG), que se utilizam do espaço rural para o desenvolvimento de suas práticas e vivências, traz para a reflexão como o imbricamento entre a espiritualidade e a ecologia (também no seu sentido subjetivo e sacralizado), envidam a ações coletivas que insuflam o espírito de cidadania planetária, solidariedade, dignidade e o bem comum, podendo ser uma potencial fonte de transformação da sociedade.

E é justamente nessa busca pelo retorno a um arquétipo de vida desejável, onde o vínculo com a natureza, seria capaz de proporcionar uma qualidade de vida, resgatando a identidade coletiva e/ou individual, que se manifestam no rural uma diversidade de novos sentidos e significados, tão presentes na lógica cultural contemporânea (DURÁN, 1998, FROEHLICH, 2002; PIRES, 2004). Operacionalizada pela diversidade social e pela multifuncionalidade, a ressemantização do rural parece nos indicar um terreno fértil para se pensar novas concepções de desenvolvimento rural, que sejam capazes de contribuir para a “construção de uma nova ética, fundamentada na reconexão do ser humano com a natureza e no resgate da solidariedade entre as culturas planetárias” (FERNANDES- PINTO, 2017, p. 47).

Esse olhar subjetivo que é dado para o rural, quando se olha para ele para além da racionalidade (no sentido puramente cartesiano), não se trata de fazer “vista grossa” para as diversas problemáticas que envolvem o espaço rural e de subestimar a magnitude agrícola brasileira:

A atenção crescente dada ao rural e ao seu ambiente, não significa a apartação do rural como um tipo de santuário inviolável, de “reserva de patrimônio natural” e do “patrimônio cultural”, mas justamente traduz uma interação e uma pressão crescentes da sociedade global sobre o espaço rural e suas amenidades (vinculada a uma natureza idealizada como repousante, saudável e acolhedora (FROEHLICH, 2002, p.18).

Isso significa que aportar para o fato de que as múltiplas funções do rural contemporâneo também nascem da ânsia em que o rural satisfaça as necessidades vitais de convivência, reciprocidade, relações primárias, ar puro e paisagem, pode configurar novos sentidos e formas de conceber o rural, que possam expressar um caráter estratégico que o rural pode assumir diante das perspectivas de futuro e na tessitura presente das sociedades contemporâneas (FROEHLICH, 2002; CARNEIRO, 2012).

## 1.2 O RURAL DOS FILHOS DA AVE DE ODÉ

Em minhas entrevistas com parte dos integrantes da Choupana do Gavião, questionei-os o que era o rural para eles. Com diversas compreensões, baseados em suas trajetórias de vida, as respostas apresentaram uma diversidade de elementos, que expressados através de poucas palavras ou de elaborações mais complexas, apontam para a complexidade que é tecer em palavras o significado de um termo criado por nós humanos.

Assim, dentro dos mais variados escopos, gostos, cores e amores, abaixo apresento o que é o rural, pelos pilares nos quais se edificam as tessituras dessa tese. Sem julgar, nem classificar teoricamente, as linhas que seguem são, como em outras partes desse texto, a voz dos filhos da ave (gavião) de Odé (Oxóssi),

O meio rural é totalmente a natureza. (PE,2018)

Eu talvez traduza em lugar da produção e da reprodução de relações. Seja de relação de produção de alimentos, relações de vizinhança de compadrinagem, de, acho que tudo. É um lugar onde se produzem e reproduzem relações (FR, 2018).

Então eu acho que é o viver, porque é autonomia, é estar integrado, tu ser parte daquilo acho que é isso (C.E.2018).

É um espaço histórico que alguns procuram, vários, procuram delimitar e teorizar e conjugar [...] esse espaço geográfico ele nunca foi distribuído e com processo de urbanização [...] ficou na mão de poucos, porque liberta os escravizados e aprisiona a terra, desde 1850 e aí esse espaço campo, rural é esse espaço onde algo ainda pode vir a ser. De preferência [...] um espaço como qualquer outro espaço que [...] as pessoas tivessem acesso aos bens produzidos pela humanidade [...] Talvez aí reside o fato das pessoas procurarem fugir um pouco desse processo de urbanização, desse massacre [referindo-se a ideia de que o rural possa vir a ser algo a mais do que é hoje] Agora como fugir? Você tem que ter dinheiro para comprar terra. Terra nunca foi democratizada no Brasil. Então o espaço rural está aí, muitos latifúndios, muita terra na mão de poucos, 1% dos grandes proprietários detém mais de 50% da terra no Brasil. Tem muita terra devoluta que é dos Estados, dos municípios ou mesmo do governo federal e não atende as especificidades constantes na constituição que diz que a terra precisa cumprir a sua função social. Então tem muito espaço assim para esse rural [...] que seja um rural dentro da agroecologia, dentro de uma proposta de uma produção da existência humana mais justa, mais solidária, emancipatória, mais progressista, seja lá o nome que a gente queira dar, na relação ser humano – ser humano, ser humano – natureza. Eu acho que o rural carrega esse algo que possa vir a ser e tomara que seja, assim sem idealismo né ou otimismo exacerbado, que seja esse espaço [de produção da existência humana mais justa] ele está aberto para isso [...] quando grande parte dessas contradições se resolverem, grande parte delas né, não precisa resolver tudo e eu espero que se resolva, pra ampliar o prazo de validade do planeta do qual nós fazemos parte, aí me parece que cessa essa dicotomia entre o urbano e o rural e também essa questão geográfica Brasil e restante das Nações, o planeta é um só [...] o que a gente vê [...] são pessoas que já tem uma condição econômica mais satisfatória em termos ter dinheiro e acabam adquirindo terras pra descanso, pra lazer e não saberia dizer assim se grande parte desses espaços produziria alimento pro auto sustento e condições mais ou menos coerente, com as questões ambientais, eu acho

que é muito mais essa coisa de “ah vou comprar um pedaço de terra aqui pra construir um quiosque, pra botar um som, descansar” que eu acho que faz parte também, mas seria mais interessante se fosse para um número mais abrangente de pessoas, mas aí precisa mudar o próprio modo de produção que a gente vive. Por isso agroecologia carrega essa questão de mudança do modo de produção e renovo que a espiritualidade ela está intrinsecamente aliada com a questão da agroecologia, é uma coisa que eu não tinha essa percepção, se eu escrever isso, podem até dizer o cara ficou doido, que que uma coisa tem a ver com a outra? Olha, tem tudo a ver! Mas grande partes das pessoas têm esses espaços como um espaços individualizado, pra lazer, pra descanso, mas não pra uma correspondência mais ampliada, seja em relação à agroecologia ou a construção de uma sociedade mais igualitária (GF, 2018).





## 2 CAPÍTULO II – USOS HUMANOS DAS PLANTAS DE PODER

### 2.1 PLANTAS ENTEÓGENAS <sup>11</sup>: BREVE HISTÓRICO

O consumo de plantas enteógenas tem sido difundido há milênios, por quase todas as sociedades humanas, exceto as comunidades que vivem na zona ártica, onde os cultivos de espécies vegetais foram limitados em virtude das condições climáticas (WEIL, 1996, p.25). De acordo com Escotado (1998), o consumo de plantas enteógenas foi um dos fatores determinantes para o sucesso da espécie humana em tempos remotos, pois foi a partir do consumo de plantas estimulantes, a exemplo, da coca (*Erythroxylum coca*), que o ser humano foi capaz de tolerar as adversidades do ambiente em que vivia, suportando episódios de fome e fadiga.

Nas civilizações da Crescente Fértil, o “berço das civilizações”, a uso de plantas, como cânhamo (*Cannabis* sp.), mandrágora (*Mandragora officinarum*) datura (*Datura stramonium*) e papoula (*Papaver* sp.), tiveram seu consumo descrito, sendo envolto a finalidades médicas, profanas e espirituais, sob a crença de que os deuses através das plantas lhes conferissem força e sabedoria (ESCOHOTADO, 1998).

Na América do Norte, o vinho sagrado produzido através da *Ipomea* sp. e da *Turbina* sp., a tequila produzida pelo Ágave azul (*Tequilana weber*), o peiote (*Lophophora williamsii*) e a coca (*Erythroxylum coca*), sempre estiveram presentes no cotidiano de suas civilizações tradicionais, com propósitos distintos para cada povo, mas que mantinham relações com rituais de purificação e êxtase (ESCOHOTADO, 1998).

Nas populações amazônicas, o uso religioso de substâncias enteógenas, como o yopo (*Anandenathera peregrina*), a jurema (*Mimosa* sp.), a epena (*Virola theiodora*), jagube ou caapi (*Banisteriopsis caapi*), a chacrona ou rainha (*Psychotria viridis*) e o tabaco (*Nicotiana* sp.), foram descritos no que concerne o uso ritual atrelado aos poderes telepáticos, divinatórios e lustrais dos pajés e xamãs (ESCOHOTADO, 1998).

Apesar das plantas enteógenas estarem arraigadas nas culturas humanas milenarmente, sob diversas formas, sejam elas sacramentais, terapêuticas ou festivas, o seu uso historicamente fora visto com maus olhos. A literatura aborda evidências de que com a chegada predatória dos exploradores e colonizadores europeus em meados do século XVI, a utilização de plantas enteógenas, desencadeou uma reação severa e punitiva por partes dos colonizadores, sobretudo

---

<sup>11</sup> Do grego: *entheos* – inspirado ou possuído por um deus; *-geno*: “geração, produção de algo (WASON, et al. 1969; MACRAE, 1992).

nas regiões tropicais das Américas do Norte e do Sul (ADOVASIO e FRY, 1976; TAUSSING, 1987 apud GROB, 2002).

Essa repressão ao uso de plantas enteógenas, foi desencadeada após os colonizadores ibéricos, observarem que o uso dessas plantas induziam estados incomuns de consciência e tinham papel central na cultura e na ritualística dos povos tradicionais. Na esfera do pensamento dos colonizadores, o uso dessas plantas depravava os sentidos e através delas os nativos se comunicavam com o diabo. Essa ideia fica evidente em um dos primeiros relatos da utilização da ayahuasca por povos nativos da Amazônia, feito por padres jesuítas, que descreveram a existência de “poções diabólicas”, preparadas com os cipós da floresta pelos indígenas do Peru. Diante desse cenário recriminatório e pejorativo, o uso de plantas enteógenas, só conseguiu sobreviver a Santa Inquisição, porque se manteve camuflado diante da cultura europeia que o hostilizava (GROB, 2002; METZNER, 2002).

Atualmente, o debate que cerceia o uso ritual de plantas enteógenas, tem se configurado como uma categoria de problema social, e apesar das substâncias psicoativas já terem articulado de diversas formas, a produção cultural (religiões, artes, etc.), o seu uso ainda é vinculado a ideia pejorativa e depreciativa, veiculada pelos colonizadores nos séculos passados. Isso se deve, ao fato de que os estereótipos vinculados ao uso ritual de plantas enteógenas, ainda são em partes significativas ditados pela sociedade hegemônica que de poder da *mass media*, difama e reduz a importância das plantas enteógenas não levando em consideração que as descobertas de substâncias psicoativas, são um capítulo relevante na história das religiões e da medicina (ESCOHOTADO, 1998; LABATE, FIORE e GOULART, 2008).

## 2.2. CONTEXTUALIZAÇÃO DO UNIVERSO AYAHUASQUEIRO

### 2.2.1 O doce mel que vem do florestal

A palavra ayahuasca é um termo de origem Inca pré-colombiana quéchua, cuja **etimologia** é dada como: *aya-* persona, alma, *espíritu muerto*, *wasca:* corda, liana, enredadeira (LUNA, 1986). Essa terminologia, em geral, é utilizada no meio acadêmico para se referir à bebida enteógena que é preparada comumente<sup>12</sup> através da decocção de duas plantas – espíritos, de origem amazônica: o cipó mariri ou jagube - *Banisteriopsis caapi* (*B. caapi*) (Figura 1) e as folhas da árvore chacrona ou rainha - *Psychotria viridis* (*P. viridis*) (Figura 2).

Figura 1– Caule do cipó *Banisteriopsis caapi*.

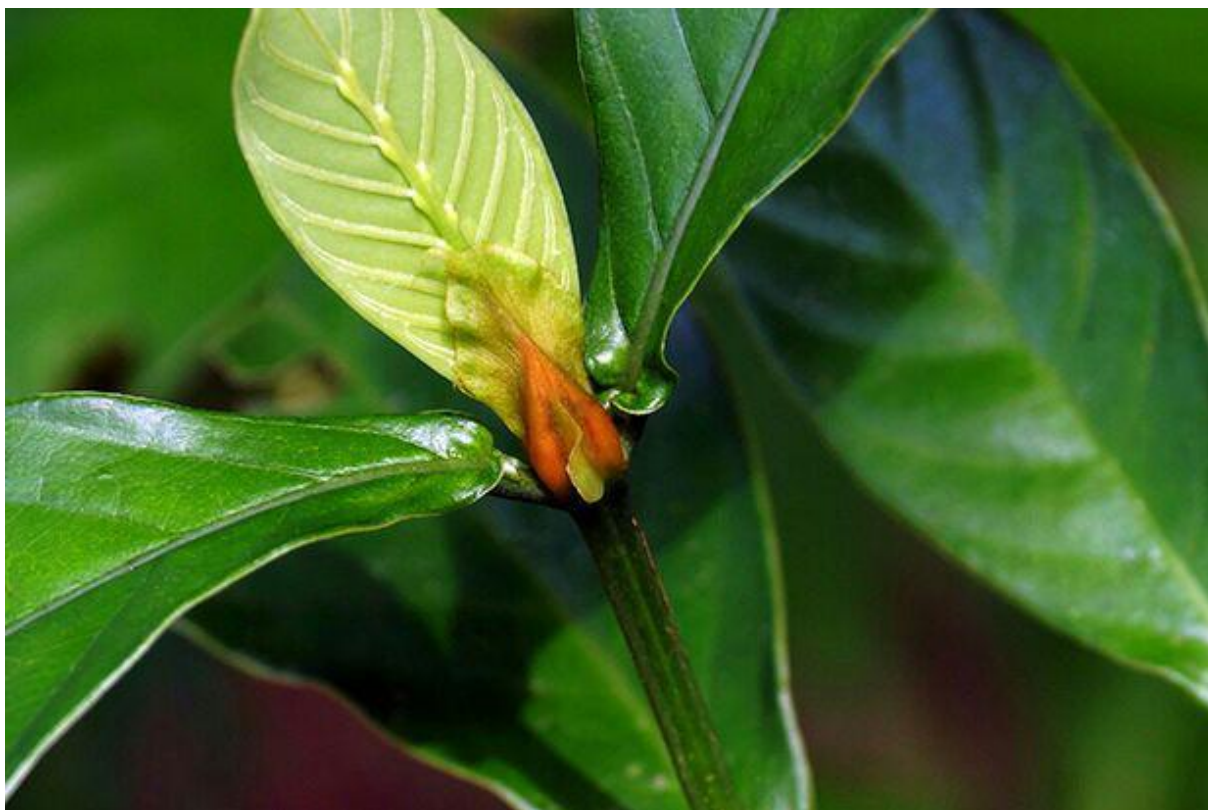


Fonte: DMC, Núcleo Bom Jardineiro, 2019.

---

<sup>12</sup>Outros tipos de preparos são descritos por Naranjo (2015), a saber: mastigação das raízes e casca do *B.caapi* e maceração da casca do *B.Caapi* e posterior imersão em água fria.

Figura 2 – Folhas e broto da árvore *Psycotria viridis*.



Fonte: Sérgio Polignano, 2017, internet.

No entanto, existem diversas outras denominações que são utilizadas de acordo com a cosmologia de cada grupo. No universo indígena, são utilizados os seguintes nomes – *caapi*<sup>13</sup>, *natéma*<sup>14</sup>, *mihi*, *yagé*<sup>15</sup>, *hananeroca*<sup>16</sup>, *pindes*<sup>17</sup>, *iyona*<sup>18</sup>, *nishi*<sup>19</sup> (METZNER, 2002, NARANJO, 2015). Já nas religiões ayahuasqueiras e no universo neo-ayahuasqueiros<sup>20</sup>, são utilizadas as seguintes expressões: vegetal ou hoasca (UDV) e daime (Daime, Santo Daime, Barquinha e neo-ayahuasqueiros).

Do ponto de vista **farmacológico**, a ayahuasca produz efeitos psicoativos através da ação combinada da N, N- dimetiltriptamina (DMT) e de harmalinas. A *P. viridis*, é rica em DMT, uma molécula semelhante a serotonina, neurotransmissor responsável pela sensação de

<sup>13</sup> Povos que falam arawak - origem tupi- guarani.

<sup>14</sup> Jíbaro

<sup>15</sup> Tucano

<sup>16</sup> Asháninka

<sup>17</sup> Cayapa

<sup>18</sup> Záparo

<sup>19</sup> Shipido

<sup>20</sup> Terminologia desenvolvida e estudada pela antropóloga Beatriz Caiuby Labate.



bem-estar. A DMT, quando administrada por via oral, é degradada pelas enzimas monoaminaoxidase (MAO), presentes no trato gastrointestinal. Aqui, teremos então a sabedoria dos povos ameríndios que, através da sua sensibilidade, uniram as folhas da *P. viridis* com o cipó *B. caapi*, que contém beta-carbolinas, entre elas a harmalina e a harmina, que são inibidores da MAO. A presença dessas beta-carbolinas impede que a DMT seja completamente degradada, permitindo que chegue à corrente sanguínea, ultrapassando a barreira hematocefálica e fazendo com que seus efeitos cheguem no sistema nervoso central, principalmente nas áreas frontais e paralímbicas. Essa perfeita união da *P. viridis* e do *B. caapi* produz diversos efeitos benéficos e curativos para a saúde humana, já conhecidos há muitos anos pelos povos ameríndios e, recentemente estudados por diversos pesquisadores<sup>21</sup>, que vem comprovando cientificamente os benefícios do uso dessa bebida enteógena no controle de quadros depressivos, na recuperação de dependentes químicos, no tratamento das doenças de Alzheimer e Parkinson e na capacidade de proliferação de neurônios.

\*\*\*

Considerada o “vinho das almas” por aproximar o mundo **espiritual** (MANDARINO, 2010) e facilitar a expansão da consciência, permitindo o acesso a outras dimensões e aos diversos estados sagrados, os relatos envolvendo o consumo da ayahuasca variam de acordo com a cosmologia de cada tradição e religião.

Entre os indígenas, onde se originou a prática religiosa com a ingestão da ayahuasca, há uma multiplicidade de formas de uso que vão desde uso medicinal até o uso religioso (FACUNDES, 2011). Nesse contexto, os indígenas creem que sob os efeitos psicoativos da ayahuasca é possível a interpretação de muitos mundos para além do que estamos inseridos cotidianamente. Sendo assim, durante a “jornada”<sup>22</sup>, é possível penetrar nas realidades não-ordinárias, em busca do conhecimento e do poder de cura próprio dos espíritos que habitam os diferentes mundos. Além dessa transcendência, com o uso ritual é possível estabelecer processos de adivinhações, contatos e transformações em animais e outros reinos normalmente

<sup>21</sup> cf. DAKIC, V. et al. *Short term changes in the proteome of human cerebral organoid induced by 5-MeO-DMT*. *Scientific Reports*, 2017.

\_\_\_\_\_. *Harmine stimulates proliferation of human neural progenitors*. *PeerJ* 4: e2727, 2016.

OSÓRIO, F.L. et al. *Antidepressant effects of a single dose of ayahuasca in patients with current depression: a preliminary report*. *Rev. Bras. Psiquiatr*, v.37, n. 1, jan. /mar.2015.

SCHENBERG, E. et al. *Acute Biphasic Effects of Ayahuasca*. *PlosOne*: e0137202, v.10, n. 9, 2015.

<sup>22</sup>“Jornada” se refere a metáfora preferida das sociedades xamanísticas para denominar aquilo que a psicologia chama de “estado alterado de consciência” (METZNER, 2002, p.14).

invisíveis subjacentes à realidade ordinária e visitas ao tempo primordial onde os seres humanos e os animais adquiriram suas formas atuais (METZNER, 2002).

No uso doutrinário feito pelas religiões ayahuasqueiras, apesar das particularidades de cada uma das três correntes doutrinárias<sup>23</sup>, as mesmas conseguiram ao longo das décadas manterem a característica formidável verificada no uso indígena: a ayahuasca como ritual, como elemento do sagrado que agrega, que integra o humano ao seu meio, ao seu grupo (FACUNDES, 2011).

Nesse viés, a ayahuasca tem contribuído profundamente no aprimoramento do ser humano no sentido do desenvolvimento de suas virtudes morais, intelectuais e espirituais (BERNARDINO-COSTA e SILVA, 2011). Esse aprimoramento é alcançado uma vez que sob o efeito da beberagem é possível estabelecer para além de uma (re) conexão com a natureza, uma viagem para dentro de si mesmo, de modo a estabelecer um processo de aprendizado e cura. A cura para além de algo meramente físico reorienta o indivíduo e promove transformações em seus hábitos e conseqüentemente em sua vida

Sobre esse processo introspectivo de (re) conexão com o “eu”, Metzner (2002), afirma que através do uso de substâncias enteógenas, como a ayahuasca,

o indivíduo obtém uma visão terapêutica de suas neuroses, dos seus padrões de comportamentos e da dinâmica emocional dos seus vícios, além de questionar seus próprios conceitos e entendimentos da realidade, tornando-se capaz de transcendê-los nos seus fundamentos (METZNER, 2002, p.22).

Nesse sentido, através do uso da ayahuasca se enseja uma reflexão sobre o humano e sua relação com a natureza e a sociedade, permitindo-lhe o aprendizado de saberes e o desenvolvimento de habilidades (ALBUQUERQUE, 2011). De acordo com Groismam (1999, p.51), a abertura de percepção proporcionada pela beberagem do chá possibilita “uma espécie de reinterpretação analógica dos significados da vida, reorganizando sua visão de mundo”.

Em suma, a expansão de consciência proporcionada pela experiência enteógena com o uso ritual ayahuasca está envolta por encanto, mistério, crença e cultura, fazendo com que através da realidade física mediada pelo engenho da alma humana seja possível fortalecer e criar novas identidades e novos sentidos, ter novas perspectivas do mundo e de si mesmo (FACUNDES, 2011).

Embora as origens do uso da ayahuasca estejam diluídas no tempo, de modo que não é possível descrever com precisão quando é que se iniciaram as **práticas rituais** envolvendo o

---

<sup>23</sup> c.f. Tópico 2.3 Religiões ayahuasqueiras.

uso dessa bebida enteógena, alguns estudos já desenvolvidos nos auxiliam a seguir uma direção, que por vezes auxilia nossa compreensão material.

De acordo com METZER (2012), o uso ritual da ayahuasca é datado de milhares de anos. Os primeiros indícios de seu uso, de acordo com estudos arqueológicos e etnográficos, datam de 1500- 2000 a.C. Em 1851, o botânico inglês Richard Spruce, em uma expedição pela floresta amazônica brasileira, se deparou com índios da tribo Tucano do Rio Uápes fazendo a bebida da ayahuasca. Essa observação feita por Spruce, foi oficialmente divulgada em 1908 com a publicação de seu relato nas “*Notes of a Botanist on the Amazon and Andes*”, sendo considerada uma das primeiras narrativas científicas envolvendo o consumo da ayahuasca.

Posterior aos relatos de Spruce, diversos etnógrafos e exploradores continuaram relatando seus encontros com tribos indígenas na Amazônia que faziam o uso ritual da ayahuasca. No entanto, por não terem coletado evidências consideradas científicas, como por exemplo, materiais botânicos, os relatos desses etnógrafos e exploradores foram considerados de pouca importância histórica (RIVET, 1905; KOCH- GRÜBERG, 1909 apud MCKENNA, 2002).

Na segunda metade do século XX, os estudos científicos iniciais sobre a ayahuasca tiveram uma rápida ascensão. Nesse período, de acordo com McKenna (2002), foram projetadas as primeiras pesquisas sobre as fontes botânicas da ayahuasca, com a finalidade de conhecer seus constituintes ativos. Entre esses trabalhos pode-se citar as pesquisas sobre a química da ayahuasca (DEULOFEU, 1967), a etnografia de sua preparação e dos seus usos (TAYLOR, 1967), a psicofarmacologia humana das beta-carbolinas da ayahuasca (NARANJO, 1967) e os estudos interdisciplinares sobre a composição da ayahuasca (RIVER e LINDGREN, 1972) (MCKENNA, 2002). No final do século XX, foram incorporados ao debate internacional sobre a ayahuasca as investigações de McKenna (1984) que, com base nas bebidas de ayahuasqueiros peruanos, produziram informações químicas, etnobotânicas e farmacológicas sobre a ayahuasca e seus componentes. Nesse período, ensejaram ainda nos debates os estudos do antropólogo Luis Eduardo Luna<sup>24</sup>, que foi um dos primeiros estudiosos a chamar a atenção para as práticas rituais seguidos por xamãs (MCKENNA, 2002).

Em 2009, OGALDE; ARRIZA; SOTO, publicaram a primeira evidência científica direta de práticas rituais envolvendo o uso de plantas enteógenas e medicinais. Os autores comprovaram por meio de análises de cromatografia gasosa/espectrometria de massa que corpos humanos mumificados pertencentes à região do Vale do Azapa, norte do Chile,

---

<sup>24</sup> Luna foi o primeiro pesquisador a relatar o conceito de “plantas mestras” - plantas que ensinam, termo comumente utilizado em estudos envolvendo plantas de poder, como a ayahuasca (MCKENNA, 2002).

continham traços de DMT, inferindo que essas populações provavelmente faziam o uso da ayahuasca.

Atualmente o uso da ayahuasca em rituais varia de acordo com o contexto, podendo variar do uso indígena associado ao xamanismo, uso pelo vegetalismo<sup>25</sup> até o uso por religiões ayahuasqueiras. Em alguns países da América Latina, como Colômbia, Bolívia, Peru, Venezuela e Equador, o consumo da ayahuasca é feito tradicionalmente por xamãs e vegetelistas. No Brasil, além dos usos indígenas se desenvolveram religiões que atrelam antigas tradições de sistemas locais com a influência do cristianismo (LABATE, [201?]), denominadas religiões ayahuasqueiras. Essas religiões se desenvolveram a partir do século XX, através do contato de imigrantes nordestinos com a bebida, tendo se expandido por todo o território brasileiro e em alguns países estrangeiros como: Austrália, Argentina, Bélgica, Canadá, Colômbia, Chile, Dinamarca, Espanha, Estados Unidos, Holanda, Irlanda, Itália, Peru, Portugal, Uruguai, Reino Unido, Holanda, República Tcheca e Suíça.

---

<sup>25</sup> Forma de medicina popular a base de vegetais, cantos e dietas, praticado por *mestizos* (termo usado para designar uma categoria social e cultural, semelhante ao termo caboclo na Amazônia brasileira. “O vegetalismo é uma espécie de xamanismo pan-indígena que mescla elementos de diversas tradições étnicas com influências coloniais” (LABATE, C.B., 2011, p.19).

## 2.3 RELIGIÕES AYAHUASQUEIRAS

### 2.3.1 O Daime de Mestre Irineu<sup>26</sup>

Figura 3 – Mestre Irineu Serra.



Fonte: Arquivos do CICLU, disponível em: [www.mestreirineu.org](http://www.mestreirineu.org)

Dai-me força, Dai-me amor  
(Hino 44, Hinário Mestre Irineu)

A primeira religião ayahuasqueira foi fundada em 1930, por um negro de “dois metros de altura”, descendente de escravos, de temperamento alegre e hospitaleiro, chamado Raimundo Irineu Serra. Nascido em 15 de dezembro de 1892, na cidade de São Vicente de Ferré/MA, Raimundo Irineu cresceu dentro de uma família humilde e devota da igreja católica. Da sua infância, pouco se sabe.

O que se tem conhecimento, através de estudos realizados principalmente pelo antropólogo Edward MacRae e em acordo com as informações oralizadas que circulam pelo

<sup>26</sup> Tópico construído com base nas pesquisas realizadas por MACRAE (1992); GOULART (2004); LABATE (2004); ALBUQUERQUE (2007); MOREIRA e MACRAE (2011) e BOMFIN (2016).

meio daimista, é que Raimundo Irineu, seguindo o fluxo migratório de nordestinos que seguiam para a Região Amazônica para trabalhar na busca do ouro branco, mudou-se para Brasília/ AC no ano de 1912.

O jovem negro trabalhou por um tempo na extração de látex e foi dentro dos seringais que aprendeu a ler e escrever seu nome. Foi nesse tempo, trabalhando na Floresta Amazônica, pelas bandas fronteiriças do Brasil com o Peru e Bolívia, que em 1914, Raimundo Irineu teve seu primeiro contato com a ayahuasca. De acordo com MacRae (1992), Raimundo Irineu, acompanhado de seus conterrâneos, os irmãos André e Antônio Costa, bebeu a ayahuasca pelas mãos de um ayahuasqueiro peruano conhecido como Dom Crescêncio Pizango, tido a época como um rei inca, chamado Huascar, na região de Cobija na Bolívia.

Ao ingerir a beberagem sagrada, Raimundo ouviu uma voz que ordenou que ele se submetesse a um retiro de oito dias na floresta, onde deveria evitar contato com outras pessoas, especialmente com mulheres, se alimentar exclusivamente de mandioca sem sal e beber o líquido poderoso. Durante esse resguardo na floresta, teve uma miração<sup>27</sup>, onde via a lua chegando com uma águia no centro e na medida em que a lua ia se aproximando dele, viu então uma mulher. A mulher se tratava da Virgem da Conceição ou Rainha da Floresta e vinha lhe conceder a missão de ser um curador. A Rainha da Floresta disse a ele: “o que você está vendo ninguém jamais viu, só tu”. Foi assim que a Rainha da Floresta concedeu o título de Chefe do Império Juramidã e passou a lhe entregar os fundamentos essenciais da doutrina e revelar os mistérios dela, através dos hinos.

O primeiro hino recebido pelo então Chefe do Império Juramidã- Mestre Irineu, foi o hino Lua Branca:

Deus te salve, oh! Lua Branca  
Da luz tão prateada  
Tu sois minha protetora  
De Deus tu sois estimada

Oh! Mãe Divina do coração  
Lá nas alturas onde estás  
Minha mãe, lá no céu  
Dai-me o perdão

Das flores do meu país  
Tu sois a mais delicada  
De todo meu coração  
Tu sois de Deus estimada

Oh! Mãe Divina do coração[...]

---

<sup>27</sup> Miração é o processo de visualização de imagens mentais espontâneas experienciado durante o uso ritual da ayahuasca (MERCANTE, 2016).

Tu sois a flor mais bela  
 Aonde Deus pôs a mão  
 Tu sois Minha Advogada  
 Oh! Virgem da Conceição

Oh! Mãe Divina do coração[...]

Estrela do Universo  
 Que me parece um jardim  
 Assim como sois brilhante  
 Quero que brilhes a mim

Oh! Mãe Divina do coração[...]  
 (Hinário Cruzeiro Universal- Mestre Irineu)

Esse Hino, que é tido como uma valsa, saúda a Lua Branca, que também pode ser entendida como a Virgem Maria e marca o rito de iniciação do Mestre Irineu, trazendo um simbolismo cósmico que revela a forte ligação que a doutrina de Juramidã tem com a natureza e o cosmo.

Após essa iniciação, Mestre Irineu seguiu por um tempo frequentando o Círculo de Regeneração e Fé<sup>28</sup> (CRF), que era comandado pelos irmãos Costa. Embora pouco se saiba sobre esse período, especulações que circulam pelo universo ayahuasqueiro relatam que Mestre Irineu e Antônio Costa tiveram desentendimentos que geraram uma disputa pelo comando efetivo do CRF. Em virtude dessa disputa, por volta de 1920, Mestre Irineu se desvinculou do CRF e mudou-se para Rio Branco/AC.

Em 26 de maio de 1930, no bairro de Vila Ivonete na capital acreana, Mestre Irineu realizou a primeira sessão pública com a ayahuasca, bebida sagrada que rebatizou de daime, em alusão ao verbo dar: dai-me força, dai- me luz, dai-me- amor.

Inicialmente, sua clientela era composta pela comunidade negra da pequena localidade de Vila Ivonete. Com o passar do tempo, suas sessões foram ganhando outra dimensão e pessoas de diversos grupos passaram a frequentar os trabalhos do Daime.

De acordo com João das Neves, primeiro discípulo do Mestre Irineu, o mestre nunca convidou alguém para participar do Daime, dizia que “quem quer, vai”. As sessões eram de concentração, onde se bebia o daime e se ficava em silêncio durante uma hora e meia. Durante esse ritual, homens e mulheres eram separados no salão e Mestre Irineu fazia os “chamados”,

---

<sup>28</sup>O CRF (1916-1943) pode ser compreendido como uma espécie de centro espírita de orientação cristã que fazia o uso sacramental da ayahuasca. Suas sessões tinham forte caráter espírita, onde se recebiam comunicações de entidades (semelhantes a psicografias) que se identificam com títulos de nobreza (reis, rainhas, princesas, príncipes) e patentes militares (marechal, generais, tenentes, etc). Nas sessões era possível ainda realizar consultas com as entidades. Frequentado em sua maioria por negros, estigmatizado como um agremiado de negros curandeiros usando substância venenosa e feitiçaria, era alvo constante de perseguição policial, motivo este que se acredita estar envolto o encerramento de suas atividades em 1943 (MOREIRA e MACRAE, 2011).

que eram entoados em tom de voz baixo, através de melodias assoviadas ou cantadas solo, e tinham por objetivo invocar seres espirituais para resolver questões urgentes, como a cura de doenças. Os chamados eram feitos apenas pelo Mestre Irineu, pois se tratavam de uma ferramenta muito poderosa, não podendo ser feita por qualquer pessoa e tão pouco atoa. O uso inadequado dos chamados poderia acarretar em punição das entidades para a pessoa. O Mestre Irineu só ensinou os chamados a uma pessoa, Dona Percília Ribeiro, para que ela zelasse por esse conhecimento.

Dona Percília, em vida, zelou pelos chamados e conforme a orientação do Mestre Irineu, não os passou para ninguém. Segundo Moreira e MacRae (2011), o mestre orientava para os antigos discípulos que cada um executasse seus chamados, desde que recebidos do astral e aprovados por ele ou por dona Percília.

Em 27 de outubro de 2004, com a passagem de dona Percília, se perdeu a memória dos chamados. Embora alguns discípulos tivessem mesmo que fragmentariamente alguma memória dos chamados, o caráter reservado dificultou a difusão intergeracional entre seus seguidores.

Além dos chamados, nas sessões guiadas pelo Mestre Irineu era comum o uso de tabaco<sup>29</sup>. De acordo com levantamentos históricos realizados por Moreira e MacRae (2011), Mestre Irineu usava o “daime curado”, em que ele assoprava fumaça de tabaco na bebida e oferecia a pessoa que necessitava algum tipo de cura. Usava ainda a fumaça do tabaco, para tirar “afluído”<sup>30</sup> forte: “Quando a gente tava mirando muito, ele tirava a miração. Ele acendia um charuto e soprava fumaça na cabeça e passava a mão” – Depoimento de Otília Serra (MOREIRA e MACRAE, 2011, p. 140).

Os ensinamentos dessa prática envolvendo o uso ritual do tabaco e suas especificidades não foram repassados pelo Mestre Irineu aos seus discípulos. Além disso, antigos discípulos relataram o uso de outras cinco substâncias vegetais que eram usadas junto ao ritual do daime, sendo elas: chá de erva cidreira, charutos e cigarros de tabaco bruto, rapé<sup>31</sup>, cáissuma<sup>32</sup> e macaxeira insossa<sup>33</sup>.

Nessa, que podemos entender como uma fase Inicial da doutrina do Daime pode-se perceber diversos elementos que deixam transparecer traços da influência indígena nos

<sup>29</sup> O uso de tabaco em conjunto com a ayahuasca era uma prática comum entre o vegetalismo e o xamanismo.

<sup>30</sup> Embora seja difícil explicar com palavras o que seja o afluído, pode-se entender que é o processo de ampliação da consciência que é proporcionada pela ingestão da bebida enteógena ayahuasca.

<sup>31</sup> Preparado de origem indígena, tendo como base principal o tabaco macerado em forma de pó. Geralmente são acrescentados outros compostos vegetais, como: sementes de imburana (*Amburana cearenses*), cravo (*Syzygium aromaticum*), entre outros.

<sup>32</sup> Bebida fermentada feita de mandioca (*Manihot* sp.), erva-doce (*Pimpinella anisum*) e gengibre (*Zingiber officinale*).

<sup>33</sup> Mandioca (*Manihot* sp.) sem condimentos (sal, açúcar, temperos).



trabalhos realizados por Mestre Irineu. Mais tarde, começa a se observar mudanças na doutrina que vai cedendo espaço para elementos da cultura nacional dominante.

As concentrações voltadas à cura sempre estiveram presentes na doutrina daimista comandado pelo Chefe do Império Juramidã. Mesmo quando outros elementos começaram a ser introduzidos na doutrina, como os hinários e as missas, os trabalhos de cura realizados por Mestre Irineu, sempre reuniram vários adeptos e foram responsáveis por agregar em torno de si uma comunidade de seguidores.

A cura se operava nos mais diversos aspectos: físico, emocional e espiritual. Junto ao tema da cura, uma das principais forças da doutrina ensinada pelo Mestre Irineu era a da disciplina. Em um ambiente inóspito, tanto em termos físicos quanto sociais em que vivia a população da época, em sua maioria imigrantes recém saídos do isolamento da floresta e muitas vezes sem o mínimo de recursos básicos para viver, a doutrina do Daime oferecia a essas pessoas “um sentimento de pertença comunitária, uma crença comum e a disciplina necessária para viver em sociedade” (MOREIRA e MACRAE, 2011, p.159). Foi através da cura e da disciplina que Mestre Irineu foi moldando a doutrina daimista. Assim, no período de 1935 até próximo de sua passagem em 1971, Mestre Irineu foi realizando ajustes e modificações e dando novos contornos ao ritual.

Uma das primeiras modificações no ritual se desencadeou no ano de 1935, quando Mestre Irineu começou a realizar sessões de concentração para cura nas quartas- feiras e aos sábados os trabalhos eram dedicados a irmandade. Na mesma época surgiram os primeiros trabalhos de hinário. Os trabalhos de hinário eram espirituais, no qual todos os participantes cantavam os hinos. Os hinos, que compunham e compõe ainda hoje o Cruzeiro<sup>34</sup> - davam conotação a uma natureza coletiva e em sua maioria se direcionam para uma matriz mais cristã e são tidos dentro da cosmologia daimista, como um livro sagrado, aonde estão contidos todos os códigos morais e sociais a serem cumpridos.

Dentro dos trabalhos do hinário, Mestre Irineu inseriu ainda as missas<sup>35</sup>. Elas eram trabalhos de hinário realizados em dias fúnebres ou no dia dos Finados (2 de novembro).

Mais tardar, em meados de 1938-1940, a ritualística daimista recebeu novas configurações. Nessa época não se sabe precisamente a data, Mestre Irineu introduziu o símbolo tido como central do Daime - a cruz de Caravaca<sup>36</sup> ou Cruzeiro. Junto a introdução do Cruzeiro,

---

<sup>34</sup> Composto por 129 hinos, recebidos pelo Mestre Irineu.

<sup>35</sup> Hinário composto por 10 hinos.

<sup>36</sup> A Cruz de Caravaca, composta por dois braços, pode ser entendida como uma referência a cristianização, comumente observada nas religiões ayahuasqueiras. Essa cruz foi introduzida pelos sacerdotes ibéricos no período

Mestre Irineu propôs a adoção da farda, que na época seguia o modelo das vestes militares (Figura 4).

Figura 4- Mestre Irineu e a irmandade de Vila Ivonete fardada, ano de 1930.



Fonte: Moreira e Macrae (2011.p.186).

Nessa época, introduziu também um novo formato no ritual para as sessões de festejo: o baile. Ele foi constituído por 3 passos: marcha, valsa e a meia valsa, que eram bailados junto às cantorias dos hinários com o auxílio do maracá.

Em 15 de maio de 1945, mesma semana em que a Segunda Guerra Mundial acabou oficialmente, Mestre Irineu deixou Vila Ivonete e se mudou para a Colônia Custódio Freire, na Colocação Espalhado. Essa mudança em acordo com material reunido por Moreira e MacRae (2011) na obra “Eu venho de longe: Mestre Irineu e seus companheiros” foi motivada pelas situações de intensa represália as religiões afro-brasileiras e africanas<sup>37</sup> e por situações internas a comunidade como desavenças motivadas por alcoolismo e ciúmes.

A Colocação Espalhado contava com aproximadamente 500 hectares e possibilitou que Mestre Irineu desenvolvesse práticas agrícolas de subsistência, acolhesse novos seguidores que

---

colonial e ainda hoje, encontramos sua presença em locais que foram marcos de colonização, como em São Miguel das Missões/RS (MOREIRA e MACRAE, 2011).

<sup>37</sup>A lei vigente da época já era redigida sobre um viés proibicionista e considerava crime a prática de curandeirismo, magia e uso de substâncias enteógenas. Além disso, estava em curso o Estado Novo e se pregava pelo país os ideais eurocêntricos de valores, ordem, cientificismo e eugenia branqueadora (MOREIRA e MACRAE, 2011).

não tinham terra e ainda ter certa liberdade na realização dos seus trabalhos que necessitavam certa privacidade. A essa nova área, Mestre Irineu passou a chamar de Alto da Santa Cruz - hoje Alto Santo ou Centro de Iluminação Cristã Luz Universal<sup>38</sup> (CICLU).

Durante a presença encarnada de Mestre Irineu no Alto Santo, ele seguiu realizando mudanças e incorporando novos elementos a cosmologia daimista. Entre 1958-1960, trouxe novamente mudanças na farda, realizou modificações nos bailados e inseriu os “trabalhos de mesa” (que eram trabalhos usados para enxotar maus espíritos, encostos, entre outros). Foram várias as mudanças operacionalizadas pelo líder daimista ao longo de sua estadia terrena. Moreira e MacRae (2011) atribuem essas mudanças a uma espécie de dinâmica cultural de erros e acertos, a qual Mestre Irineu se utilizava ora para tentar reforçar a ordem e respaldar a hierarquia comunitária, ora para quem sabe buscar uma legitimação social (baseada em valores semelhantes às da instituição militar). Em outros momentos, porém quem sabe as mudanças se operacionalizavam para imprimir um sentimento de igualdade entre os adeptos, já que desde a época de Mestre Irineu a comunidade era marcada por disputas e desavenças.

Assim, logo depois que Mestre Irineu fez sua passagem em 6 julho de 1971, alguns desentendimentos, principalmente em fase a disputa pela herança espiritual do líder, atingiram seu ápice e muitas pessoas se afastaram do CICLU fundando novos centros<sup>39</sup>, conhecidos como dissidências do Daime.

Nessa época, o comando do CICLU já estava a cargo de Leôncio Gomes que havia recebido tal função de Mestre Irineu tempo antes de fazer sua passagem, sendo alertado que iria receber a incumbência de dirigir o CICLU, “mas que não quisesse ser chefe, porque a chefia ainda continuaria com ele no astral” (MOREIRA e MACRAE, 2011, p. 383). Leôncio ficou no cargo de direção até fazer sua passagem em 1980, quando o cargo foi para Francisco Fernandez Filho, conhecida como Tetéo. Logo em 1981, Tetéo se desentendeu com a viúva Dona Peregrina, que o expulsou do CICLU. Após esse episódio, que é responsável por um dos principais embates pela herança espiritual da denominação CICLU, Raimundo Gomes assumiu a função de direção até sua passagem em 1986, quando o CICLU passou a ser dirigido apenas pela dignitária Peregrina Gomes da Serra e assim é até os dias atuais.

A Madrinha Peregrina, à frente da direção do CICLU, se posicionou através de carta aberta, que pode ser consultada no site da CICLU, mostrando seu descontentamento com processo expansionista com que a doutrina do Mestre Irineu vem sofrendo, afirmando que,

---

<sup>38</sup> Nome adotado oficialmente em 1971, quando o centro obteve seu registro “legal”.

<sup>39</sup>cf. “Eu venho de longe: Mestre Irineu e seus companheiros” Moreira e MacRae (2011)

[...] muitos se deixaram dominar pelo egoísmo e passaram a cultivar substâncias e elementos doutrinários de origens diversas em profundo desalinho com a essência da doutrina que conheceram enquanto estiveram com Raimundo Irineu Serra[...] O **Daime do Mestre Irineu**, o Daime pelo qual ele se responsabiliza eternamente, continua sendo preparado e servido no CICLU-ALTO SANTO no rigor do ritual deixado por ele, a partir do cozimento de apenas três substâncias: **água, folha e jagube**.[...] Eu compreendo a legião de dissidentes do centro fundado pelo Mestre Raimundo Irineu Serra: é mais fácil se retirar e passar a se organizar como bem entendem do que se adequar à **disciplina** que lhes era exigida no CICLU-ALTO SANTO. [...]Portanto, a todos aqueles que transformaram a **ayahuasca em mercadoria e usurpam a doutrina do Mestre Raimundo Irineu Serra**, devo dizer-lhes: cada um responderá por seus atos, pois "**a Justiça de Deus é reta, no mundo e no astral**". Quando a Rainha da Floresta entregou ao Mestre Raimundo Irineu Serra a missão de replantar a doutrina de Jesus Cristo, ela o avisou que ele não ganharia dinheiro com isso. Sem o **fanatismo que tem imperado**, nós vamos continuar a seguir na missão de Raimundo Irineu Serra. Os ensinamentos e as preleções do Mestre estarão sempre a nos guiar. Alto Santo, 8 de março de 2006. Peregrina Gomes Serra (CICLU, 2017, grifos meus).

Nessa mesma carta, Madrinha Peregrina reconhece como legítimo apenas o trabalho de Daniel Pereira Mattos, trabalho que, segundo ela, foi edificado “sem que fosse necessário surrupiar nada de outra casa. É por isso que os laços de admiração e respeito mútuos permanecem até hoje entre os dois centros” (CICLU, 2017).

Ela segue firme com seus 81 anos de vida à frente dos trabalhos do CICLU, “trabalhando, para seguir nesta missão” de zelar pelos ensinamentos do Chefe Juramidã. O Alto Santo, além de resguardar os ensinamentos de Mestre Irineu, faz parte do Patrimônio Histórico e Cultural do Acre, desde setembro de 2006, quando por um decreto do governador Jorge Viana e do prefeito de Rio Branco Raimundo Angelim, foram tombadas as edificações construídas na década de 40, relacionadas à origem da Doutrina religiosa do Daime. Um passo importante para o reconhecimento e legitimidade das religiões ayahuasqueiras no cenário nacional e internacional.

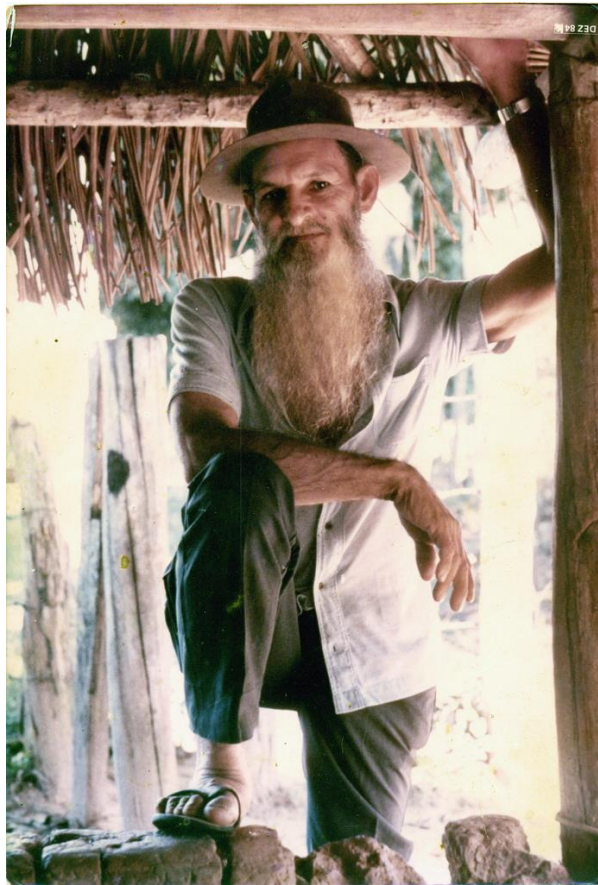
### 2.3.1.1 Dissidências do Daime

A doutrina criada por Mestre Irineu é a que mais sofreu modificações ao longo da sua história, sendo envolta por diversos conflitos ligados principalmente a disputa pelo seu comando e pela herança religiosa. A doutrina conta hoje com diversas ramificações, denominadas no universo acadêmico como dissidências.

Entre as inúmeras dissidências que compõe o simbolismo daimista, darei destaque nesse trabalho ao CEFLURIS e ao CICEBRIS. A primeira, por ser a maior ramificação e a responsável pela expansão daimista no cenário nacional e internacional e a segunda, por fazer parte do constructo histórico da Choupana do Gavião.

#### 2.3.1.1.1 O Santo Daime do Padrinho Sebastião<sup>40</sup>

Figura 5– Padrinho Sebastião Mota de Melo.



Fonte: Arquivos CEFLURIS, disponível em: [www.santodaime.org](http://www.santodaime.org)

<sup>40</sup> Tópico construído com base nas informações coletadas no site institucional da CEFLURIS e nos trabalhos de MORTIMER (2000) e ASSIS (2017).

Sou eu, sou eu, sou eu  
Eu posso afirmar  
O Mestre me chamou  
Para eu me declarar  
(Hino 28- Hinário o Justiceiro, Padrinho Sebastião)

O Centro Eclético da Fluente Luz Universal Raimundo Irineu Serra (CEFLURIS) dissidência de grande importância dentro do universo místico- simbólico daimista, foi fundada pelo nortista Sebastião Mota de Melo. Nascido em 07 de outubro de 1920, no seringal Monte Lígia, região do Alto Juruá, Amazonas, Sebastião foi criado dentro da floresta amazônica e desde cedo aprendeu a respeitar a natureza e seus mistérios. Na juventude, assim como boa parte das populações florestais, foi trabalhar como soldado da borracha e foi dentro dos seringais que iniciou seu desenvolvimento espiritual com auxílio de Mestre Osvaldo, um negro, conhecido na região como grande curador.

Trabalhando dentro da linha do espiritismo kardecista, recebia o médico Bezerra de Menezes e o guia curador professor Antônio Jorge. Em meados de 1960, se mudou para a Colônia Cinco Mil, seguindo seus trabalhos com as sessões espíritas. Em 1964, com a saúde debilitada e desenganada pela medicina ocidental, resolveu procurar o tal Irineu Serra que, conforme circulava pela região, era um mestre que fazia curas com um chá feito de cipó. Em busca da cura, Sebastião seguiu até Alto Santo. Recebido por Mestre Irineu, Sebastião bebeu o daime dentro de um trabalho de cura. Mortimer (2000) relata que na miração, Sebastião, como um espectador, viu colocarem seu corpo sobre uma mesa, onde uma equipe cirúrgica tirava seu fígado e extraía dele três larvas do tamanho de uma polegada. Após esse procedimento, Sebastião se sentia curado e em estado de profundo agradecimento pela graça recebida. Não demorou muito tempo para que Sebastião e seus familiares logo se tornassem membros do Alto Santo e seguidores do Mestre Irineu.

Em 1968, em virtude de sua dedicação e entrega para os trabalhos com o Daime, Sebastião recebeu a autorização do Mestre Irineu para realizar trabalhos de concentração e cura na Colônia Cinco Mil.

Nesse tempo, Sebastião começou a receber hinos, em que ele se apresentava como São João Batista, louvava ao Santo Daime como um Ser Divino e ao Mestre Irineu como reencarnação de Cristo. De acordo com relatos apresentados por Assis (2017), aos poucos Sebastião foi ganhando o carisma e a confiança do Mestre Irineu, ascendendo rapidamente dentro do Alto Santo. Essa ascensão despertou conflitos entre Sebastião e alguns membros do Daime, que o consideravam um novato pretensioso. Em 1971, após a passagem de Mestre Irineu, a disputa pela sucessão do comando do Daime e por sua herança religiosa acirrou de tal

forma que, em 1974, Sebastião se desligou do Alto Santo levando consigo mais de uma centena de fardados.

Esse movimento de ramificação da doutrina daimista, executado por Sebastião, causou grande repercussão a nível macrossocial e reverbera até hoje na construção e representação do Daime perante a sociedade a nível nacional e internacional.

Nesse ensejo, em 7 de outubro de 1974, aniversário do então Padrinho Sebastião, foi fundado na Colônia dos Cinco Mil, o CEFLURIS.

Aos poucos o Padrinho Sebastião foi construindo uma comunidade daimista, onde colocava em prática um dos seus principais ideais - a vida comunitária, estabelecendo dessa maneira, desde os primórdios da CEFLURIS o caráter coletivista da doutrina (CEFLURIS, 2018). A Colônia Cinco Mil se configurava como uma comunidade bastante aberta e receptiva a novos visitantes e adeptos. Nesse contexto, por volta de 1975 - período do *boom New Age* e do experimentalismo contracultura entre jovens de classe média - começaram a chegar à comunidade os primeiros visitantes. Eram em sua maioria mochileiros, *hippies*, pesquisadores, andarilhos e estrangeiros que, ao saber da existência de um local na floresta amazônica que fazia o uso de um chá que proporcionava experiências de alteração de consciência, acabaram indo conhecer a experiência e se integrando a comunidade. Esse movimento de intensa chegada de novas pessoas se estendeu até a segunda metade da década de 1970 e foi responsável pelos primeiros passos da expansão daimista.

No final de 1970, a colônia já contava com cerca de 400 adeptos sob regime de mutirões, que funcionavam com divisão sexual do trabalho, onde o “setor importante da força de trabalho feminino era o doméstico” e o masculino era responsável por trabalhos de roçado (facão). A comunidade ia aumentando e incorporando novos adeptos a religião. A incorporação de adeptos, junto aos seus diversos estilos e modos de vida, abria novos caminhos e agregava novidades dentro da doutrina do Santo Daime. Uma dessas novidades, que é envolta de polêmica - é a inserção do uso ritual da *Cannabis*. Trazida para dentro da Colônia Cinco mil por *hippies*, como Lúcio Mortimer, o uso ritual da *Cannabis* fora aprovado pelo Padrinho Sebastião que tratava dessa inserção como uma revelação, em que a *Cannabis*, chamada de Santa Maria dentro do universo simbólico daimista estaria ligada a Virgem Mãe – a energia feminina –, enquanto o daime estaria ligado ao Pai – energia masculina.

Essa inserção da Santa Maria<sup>41</sup>, a ritualística do Santo Daime, frente à política antidrogas e sua constante represália, em conjunto com a expansão urbana de Rio Branco que vinha encurralando a Colônia Cinco Mil, fez com que em 1980, Padrinho Sebastião mudasse a comunidade para o Rio do Ouro, próximo ao afluente de Trena, no Amazonas. Essa mudança ocorreu ao mesmo tempo que a expansão do Santo Daime iniciava no sudeste.

Assim, Padrinho Sebastião e seus adeptos ficaram por volta de 2 anos no Rio do Ouro, quando tiveram que se mudar em virtude de uma suposta grilagem da terra. No dia 2 de janeiro de 1983, se mudaram então para nova uma área<sup>42</sup> cedida pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), próximo ao Igarapé Mapiá, afluente do Rio Purus, no município de Pauini/AM. Lá, Padrinho Sebastião e a comunidade se estabeleceram dando origem a vila Céu do Mapiá, hoje o segundo maior assentamento urbano do país, com aproximadamente 1000 moradores.

O Padrinho Sebastião, conduziu a doutrina do Santo Daime, cultuando os ensinamentos do Mestre Irineu e também moldando novas configurações a ela, que dão o caráter eclético ao Santo Daime, através da incorporação de novos elementos simbólicos oriundos do espiritismo, umbanda, esoterismo, até sua passagem em 20 de janeiro de 1990.

Após a passagem do Padrinho Sebastião, o comando da vila ficou sob responsabilidade de seu segundo filho, Alfredo Gregório de Melo, conhecido como Padrinho Alfredo e assim é até hoje.

Em 1997, em virtude do *boom* expansionista do Santo Daime, que inicialmente se deu através dos Estados do Rio de Janeiro e Distrito Federal, ainda na presença encarnada do Pradinho Sebastião, e posteriormente para as demais regiões do país e do mundo, foi realizado uma ampla reforma institucional que separou a esfera religiosa e doutrinária da administrativa. A igreja do Santo Daime passou a ser chamada de Igreja do Culto Eclético da Fluente Luz Universal Patrono Sebastião Mota de Melo (ICEFLU) e ficou responsável pelo feitio do daime e a sua distribuição para suas filiais. No mesmo ano foi criado o Instituto CEFLURIS, que tem caráter ambiental e social e é encarregado de organizar o quadro associativo.

---

<sup>41</sup> Em outubro de 1981, a Polícia Federal invadiu a Colônia 5 mil e acabou com todo o plantio de Santa Maria na comunidade. Algumas pessoas, como o próprio Padrinho Sebastião, foram indiciadas e as perseguições aos ayahuasqueiros, novamente, entraram em cena e o uso da ayahuasca foi proibido em todo país, ficando por um tempo como substância proscrita. Em fase a isso a comunidade Céu do Mapiá, suspendeu o uso da Santa Maria e incentivou seus seguidores a fazerem o mesmo. Hoje, se sabe através de relatos orais que o uso de Santa Maria, ainda é realizado por algumas igrejas daimistas durante seus rituais, fato esse mantém as relações conflituosas entre o Alto Santo e o Céu do Mapiá.

<sup>42</sup> A área hoje faz parte da Floresta Nacional do Purus, criada em 1989.



Atualmente a doutrina do Padrinho Sebastião - Santo Daime - conta com aproximadamente seis mil adeptos, distribuídos em cinquenta filiais no Brasil e sessenta filiais no exterior, também sendo uma das dissidências mais conhecidas no universo daimista e cuja estudada no meio acadêmico. Envoltas em diversos conflitos, críticas e constante ataque dos setores conservadores brasileiros, a “doutrina da floresta”, assim como o beija-flor, segue voando em todas as direções.

#### 2.3.1.1.2 A Estrela Brilhante de Padrinho Daniel Serra<sup>43</sup>

Figura 6– Padrinho Daniel Serra.



Fonte: Arquivos CICEBRIS, disponível em: [www.cicebris.esy.es](http://www.cicebris.esy.es).

O Centro de Iluminação Cristã Estrela Brilhante Raimundo Irineu Serra (CICEBRIS) – primeira igreja registrada do Santo Daime no Maranhão – foi fundado pelo maranhense, sobrinho de Mestre Irineu, Daniel Arcelino Serra. Nascido em 27 de março de 1939, no povoado de Santa Teresa em São Vicente de Ferrer, na Baixada maranhense, Daniel era filho de Maria

---

<sup>43</sup> Os dados sobre a CICEBRIS apresentados aqui, foram redigidos com base na pesquisa realizada por TRINDADE (2013).

Mattos – Dona Cota, irmã mais nova de Irineu Serra. Assim, como seu tio Irineu, Daniel fora criado dentro dos preceitos católicos.

Em 1957, quando Irineu Serra, após 45 anos, retornar ao Maranhão para visitar parentes, convidou o sobrinho Daniel para ir até Rio Branco/AC. Sem ter conhecimento do que o aguardava na capital acreana, em relato colhido por TRINDADE (2013), Daniel conta que seu tio convidou ele e os demais familiares para irem trabalhar no Acre. Como Daniel na época, era jovem, “ameninado”, ele nem pensava em muita coisa: “eu queria era viver mesmo, eu tinha 17 anos” (Entrevista dada por Daniel em novembro de 2010 em Paço de Lumiar/MA, coletada por TRINDADE, 2013, p. 60). Logo, sua ida para o Acre com o tio, “não tinha um objetivo específico e nem mesmo projetava como seria sua vida por lá” (TRINDADE, 2013, p. 60).

Sendo assim, em 13 de fevereiro de 1958, chegaram ao Acre, Irineu e seus sobrinhos Daniel, Ezequias e João. Ao chegarem na comunidade daimista em Custódio de Freire, Irineu foi recebido pelos seus adeptos com o seu hino chamado “Centenário”:

Traí, traí, traí, trá.  
 Traí, traí, traí, trá.  
 Trá, trá.  
 Chamo e sei, eu chamo e sei  
 Chamo e sei quem te mandou.  
 Te recebo, te recebo  
 Te recebo é com amor.  
 Com a força do meu Pai  
 Do Poder Superior  
 Completei um centenário  
 No cruzeiro universal.  
 Cada um que está comigo  
 Capriche e venha se apresentar

Hino 97- Hinário Cruzeiro Universal -Mestre Irineu

Daniel, relata que ficou assustado com tamanha recepção, mas maior ainda foi seu estranhamento quando participou do primeiro ritual da religião de seu tio, na qual ficou sabendo da existência da bebida daime.

Muito embora, nesse primeiro trabalho ele e seus primos só tenham ficado observando, pois seu tio não deu daime para eles beberem, Daniel se sentiu instigado a beber o chá e chegou a procurar seu tio, questionando-o do porquê não havia servido a bebida para ele e seus primos. Mestre Irineu teria dito ao sobrinho que o chá era “diferente” e quem tem que querer beber é a pessoa. Daniel prontamente respondeu o tio dizendo que queria. Logo adiante, em um trabalho de cura, que acontecia às quartas-feiras, Mestre Irineu serviu o daime pela primeira vez para Daniel. A experiência de Daniel foi tranquila e daquele momento em diante passou a participar dos trabalhos da doutrina do Daime.

Dois anos depois de chegar a comunidade daimista, Mestre Irineu entregou a farda ao sobrinho. Daniel viria a se tornar um membro importante no CICLU.

Durante os quinze anos de convivência com seu tio, auxiliou na comunidade de diversas maneiras, desde trabalhos no roçado até auxílios nos rituais, onde chegou a ocupar o cargo de Comandante Geral do Salão, em que coordenava a fiscalização.

Após a passagem de seu tio, o clima de disputa se instaurou abertamente no Alto Santo e as desavenças chegaram ao seu ápice. Sobre esse momento de tensão pelo que vinha passando a comunidade, Daniel conta que procurou não se envolver nas disputas e seguiu prestando seus serviços no Alto Santo, fazendo parte do chamado Estado-Maior.

Na década de 1980, passou a trabalhar em repartições públicas e assim o fez até se aposentar. Durante esse período em que esteve empregado fora do Alto Santo, seguiu frequentando o CICLU e auxiliando a viúva madrinha Peregrina até retornar para sua terra natal – Maranhão.

Em uma das suas visitas ao Maranhão, tomou consciência de que não havia no Estado nenhuma igreja formal do Daime. Depois de dois sonhos, que entendeu como premonitórios, em 2005 se mudou definitivamente para o Maranhão com a missão de fundar o próprio centro.

Em 2007, fixou residência no bairro Pirâmide, no município de Raposa/MA. Seus primeiros trabalhos com o Daime eram realizados de maneira itinerante e contavam com o auxílio de várias pessoas, como o jornalista Mivan Gideon e o pai Cláudio Moreno, líder do terreiro de umbanda Templo da Suprema Luz Divina.

Foi no terreiro de Pai Cláudio que Daniel realizou seus primeiros trabalhos do Santo Daime e por lá seguiu durante aproximadamente um ano realizando as sessões daimistas. Essa parceria já dava conotações de como seriam realizados os trabalhos de sua igreja.

Em fevereiro de 2008, a família Serra recebeu a doação de um terreno em Paço do Lumiar/MA, onde seria construída então a igreja do CICEBRIS. Nesse mesmo ano, se iniciou a construção da igreja, que foi erguida graças à colaboração de várias egrégoras daimistas do Brasil<sup>44</sup>. Ainda, com objetivo principal de angariar recursos para a construção da Igreja, em setembro de 2008, foi realizado o II Encontro de Músicos da doutrina. Esse encontro contou com a participação de fardados e simpatizantes de várias regiões do País e do exterior (Canadá e Venezuela).

---

<sup>44</sup>De acordo com Trindade (2013), Daniel Serra, foi convidado a participar da comitiva de Chester Gontijo, dirigente da Igreja Céu das Águas/MA, que viajava pelo Brasil realizando trabalhos com daime. Durante esse *tour* Daniel conseguiu vários recursos para a construção de sua Igreja.

No dia 27 de março de 2009, foi inaugurado o CICEBRIS e Daniel foi oficialmente denominado de padrinho. O festejo reuniu comunidades daimistas de diversas localidades, marcando a “fundação do Santo Daime na terra do Mestre” (TRINDADE, 2013, p. 88).

Após a inauguração da igreja, foi instituído no calendário ritual do CICEBRIS o Festival Ecumênico Estrela Brilhante, que teve sua primeira edição em 2010 e contou com a participação de diversas igrejas e comunidades, entre elas a comunidade Altéia (*Althaea officinalis*), que é sediada em Itaara/RS e é de onde partem as heranças iniciáticas da Choupana do Gavião. O festival que ocorre anualmente em março festeja o aniversário do Padrinho Daniel e a fundação da Estrela Brilhante e busca fortalecer a doutrina do Mestre Irineu através da união da diversidade cultural ayahuasqueira.

Essa busca pela união da diversidade cultural ayahuasqueira é uma característica bem marcada na trajetória da CICEBRIS. Padrinho Daniel desde o início dos seus trabalhos procurou reconhecer e acolher as diferentes vertentes doutrinárias, sejam elas daimistas, umbandistas, xamânicas, dentre outras e fazia isso aliado aos ensinamentos transmitidos pelo seu tio, Mestre Irineu. Trindade (2013) relata em sua pesquisa que Padrinho Daniel afirmava que se Mestre Irineu estive encarnado, estaria recebendo todos os seus adeptos independentes das linhas que se formaram, pois desde que o Mestre começou seus trabalhos com o daime, “não deixava de receber ninguém, recebia até evangélicos em sua casa, alguns pediam para realizarem seus cultos e ele cedia (Entrevista Daniel Serra, 2011, Paço do Lumiar/MA)” (p. 92).

Assim, com seu jeito sereno e amoroso, aberto as mais diversas formas de manifestações sagradas, reunindo esforços para preservar a doutrina do mestre Irineu e promover a harmonia no campo religioso ayahuasqueiro, Padrinho Daniel seguiu seu curso por essa vida, até na madrugada de 19 de outubro de 2011 no Hospital Português, em São Luís do Maranhão/MA, “pisar na terra fria e entregar a matéria a terra e o seu espírito ao divino”<sup>45</sup>.

Após sua passagem, assim como no Alto Santo, houveram disputas pelo comando da Estrela Brilhante. No entanto, o comando da CICEBRIS ficou a cargo da família Serra e assim é até hoje.

---

<sup>45</sup>Em referência ao hino 129 Pisei na terra fria - Hinário O Cruzeiro – Mestre Irineu.

### 2.3.2 O Livro Azul do Frei Daniel<sup>46</sup>

Figura 7– Frei Daniel Pereira de Matos.



Fonte: Arquivos CEFLURIS, disponível em: [www.santodaime.org](http://www.santodaime.org).

A Capelinha de São Francisco, hoje Centro Espírita e Culto de Oração Casa de Jesus Fonte de Luz (1959), popular Barquinha, foi fundada em meados de 1945 pelo maranhense Daniel Pereira de Matos. Nascido em 13 de julho de 1888, na Vila São Sebastião da Vargem Grande em São Luiz do Maranhão/MA, poucas informações sobre sua infância e vida são encontradas na literatura.

Dentro do compilado de informações que foram levantadas por pesquisadores como Araújo (1999), Mercante (2009, 2015), Magalhães (2013), Goulart (2004), Santos (2017), se tem registros que apontam que Daniel, quando criança estudou na escola da Marinha como grumete. Foi lá que desenvolveu 12 habilidades, muito bem quistas e comentadas pelos seus

---

<sup>46</sup> Esse tópico foi construído tendo como base as pesquisas desenvolvidas por GOULART (2004); ARAÚJO (1999); MERCANTE (2009, 2015) e SANTOS (2017).

adeptos: construtor naval, carpinteiro, pedreiro, marceneiro, cozinheiro, músico, poeta, artesão, sapateiro, padeiro, barbeiro e alfaiate.

Daniel chegou ao Acre pela primeira vez a bordo de um navio de guerra da Marinha Brasileira, que estava de passagem por Rio Branco e rumava para a Europa e Jerusalém. Dois anos depois, em 1907, o navio retornou ao Acre. Daniel então teria dado baixa na Marinha e fixado residência em Rio Branco/AC. Na capital acreana, desenvolveu algumas de suas 12 habilidades, entre elas a de barbeiro – durante o dia e de poeta e músico – durante a noite.

No início de sua estadia no Acre, relatos descritos por Araújo (1999) e Goulart (2004) dão conta de exprimir que Daniel era um boêmio de primeira qualidade. Certa vez, não se sabe exatamente a data, Daniel retornava, alcoolizado, de mais uma de suas noitadas. Deitado a beirado Rio Acre, num lugar conhecido como “poço das cobras”, quase inconsciente, o boêmio teve a visão de dois anjos que descendo do céu entregaram - no um livro de cor azul - pedindo que ele largasse o vício do álcool. Daniel na ocasião chegou a jogar no Rio Acre a garrafa de cachaça que o acompanhava, mas logo em seguida voltou a beber e pouca importância deu para o acontecido.

Em 1936<sup>47</sup> a saúde de Daniel começou a apresentar limitações e ele acabou desenvolvendo problemas hepáticos, em virtude do alcoolismo. Com a saúde debilitada, em certa ocasião, Daniel, que ainda atuava como barbeiro na época, recebeu de um cliente o convite para tratar sua saúde. O cliente da barbearia era Irineu Serra, já conhecido nos arredores pelos trabalhos de cura que desenvolvia com o auxílio de um chá, daime.

Daniel aceitou o convite para fazer um tratamento com o daime e ficou durante um tempo residindo na Vila Ivonete, na comunidade liderada por Mestre Irineu. Entre melhoras e recaídas, em 1945, Daniel sob a “luz do daime”, mais uma vez teve contato com os anjos, ou entidades de luz, e o Livro Azul. Dessa vez, Daniel teria compreendido que através do Livro Azul estava recebendo a missão de fundar uma doutrina religiosa, diferente da que estava frequentando. Segundo Goulart (2004, p.117), Francisco Hipólito de Araújo, relatou em entrevista dada a autora que a entidade teria dito a Daniel, que sua missão era uma outra linha de trabalho, diferente da linha do daime de Irineu. Na miração, ainda foi instruído de comunicar Mestre Irineu sobre essa incumbência.

Com apoio do Mestre Irineu, ainda em 1945, Daniel foi morar cerca de dois quilômetros de onde residia o Chefe do Império Juramidã. Em um terreno cedido em Vila Ivonete, deu início a sua missão. Erguendo uma capelinha de taipa, ao lado de sua casa, começou a receber

---

<sup>47</sup> De acordo com Goulart (2004) não há um consenso sobre essa data. A data utilizada aqui se refere a data descrita por Araújo (1999).

caçadores, viajantes, crianças, dentre outros e em pouco tempo ficou conhecido nas redondezas como um grande rezador.

No início de seus trabalhos ele apenas “rezava” as pessoas e o daime foi sendo introduzido gradualmente dentro de seus trabalhos, sendo que a bebida sagrada era fornecida pelo próprio Mestre Irineu, que garantiu que daria daime a Daniel até que ele mesmo fosse capaz de produzir seu próprio sacramento.

A capelinha de taipa, Daniel batizou Capelinha de São Francisco e foi nesse espaço que Daniel estruturou sua doutrina que tem como base principal até os dias atuais, as obras de caridade. Assim, sob as orientações recebidas no “Livro Azul, que continha toda a organização da missão, com todo o hinário e toda a estrutura de sua doutrina” (GOULART, 2004, p. 117), Daniel foi dando formato aos rituais da capelinha.

A doutrina de Daniel, assim como no Daime, é marcada por simbolismos ligados ao militarismo. Logo, o panteão da Barquinha é constituído por “categorias militares, como guarnições, forças armadas, tropas, oficiais” (GOULART, 2004, p.118).

A cosmologia da Barquinha é marcada para além do universo simbólico militar, por elementos oriundos das mais variadas vertentes cristãs. Teremos a presença da psicografia e mesa, prática comum dentro do espiritismo; da música, através da entoação melódica dos salmos<sup>48</sup>; do transe de incorporação, legitimado pelas religiões afro; de romarias e orações, como ave-maria, pai-nosso, salve-rainha, creio-em-deus-pai, comumente utilizada pelo catolicismo. Nos cultos instituídos por Daniel o desenvolvimento mediúnico, através do processo de incorporação, era constituinte central e fazia parte do requisito de ingresso na doutrina. Os trabalhos eram organizados em dois tipos (ainda hoje seguem essa lógica): trabalho de concentração, as quartas- feiras, voltado ao desenvolvimento mediúnico da irmandade e trabalho de caridade, aos sábados, voltado à comunidade em geral, onde era possível se consultar com as entidades e receber passes. Uma característica que diferencia a linha doutrinária da Barquinha das demais religiões ayahuasqueiras é que tomar o daime, não era e não é uma condição imprescindível para se frequentar o culto.

É possível observar ainda, que dentro do universo simbólico da Barquinha, semelhante ao Daime, se faz a separação de homens e mulheres dentro da igreja e se orienta a prática da “dieta”, que consiste na abstinência sexual e alcoólica, como forma de penitência, em preparação a alguns trabalhos realizados pela doutrina, como as romarias.

---

<sup>48</sup> A entoação dos salmos, era e é feita por duas vozes: o dirigente do ritual, líder do grupo, canta as primeiras estrofes e depois o coro da irmandade entoa as demais estrofes. Quando encarnado era Daniel quem cantava e tocava os salmos (GOULART, 2004).

Em suma, foi dentro desses moldes, descritos de maneira sintética acima, que Daniel, com as orientações constantes no Livro Azul, foi estruturando sua linha doutrinária até fazer sua passagem em 1958. Vítima de um trabalho feito pela sua ex- mulher Maria Ferrugem, Daniel em 1957 apresentou um carcinoma pulmonar que, segundo Mestre Irineu, fora resultado de uma flechada do guia de Maria Ferrugem. Essa causa mística teria ocasionado um tumor na região da garganta, fazendo com que em 8 de setembro de 1958, Daniel, o Frei, “embarcasse na barca e fosse navegar pelo mar da eternidade”.

Após sua passagem, se deu início a uma série de desentendimentos e disputas pelo comando da sua linha doutrinária. Dois meses após seu desencarne, as ondas serenaram e a maioria irmandade da Capelinha reivindicou o nome do cearense, ex- soldado da borracha, Antônio Geraldo, para dirigir a Barquinha.

Antônio Geraldo, comandou a Barquinha até 1978 e introduziu diversas novidades nos rituais dentro da linha doutrinária. Uma dessas novidades que, de acordo com Goulart (2004), merece destaque é a própria noção de Barquinha, termo utilizado para designar a linha doutrinária de Frei Daniel e que surge durante a presidência de Antônio Geraldo. Em entrevista feita com o próprio Antônio Geraldo por Sandra Goulart, em 1994, apud Goulart (2004), o dirigente relata que dentro dos trabalhos foi recebendo comunicações que foram mostrando como ele deveria organizar tudo. Dentro dessas comunicações teve uma miração com um barquinho todo enfeitado que, no entendimento de Antônio Geraldo, seria um sinal para realizar os bailados (GOULART, 2004, p. 131). O barquinho, recebido em miração por ele, serviu de modelo para a construção do parque ou terreiro. O parque ou terreiro, é um espaço externo, inspirado num barco, composto por 12 colunas, em formato circular, que tem acima uma imagem de barco e na parte posterior uma cruz, em cujos braços estão escritos: Amor, Verdade e Justiça. É nesse espaço que, até hoje, são realizados os bailados. O bailado da Barquinha, diferente do daimista, é composto por danças semelhantes as giras da Umbanda, onde se entoam hinos - pontos e ocorrem em geral, no final de romarias e nas comemorações. Outra novidade trazida por Antônio Geraldo é a farda, que lembra o fardamento utilizado pela Marinha.

Foi também no período comandando por Antônio Geraldo, que a Barquinha foi institucionalizada Centro Espírita e Culto de Oração Casa de Jesus Fonte de Luz, no ano de 1959, após episódios de perseguição das autoridades judiciárias locais. Antônio, ficou à frente do comando da Barquinha até 1979, quando houve uma disputa ferrenha pela presidência da Igreja, entre ele e o vice- presidente Manuel Hipólito de Araújo. Na época Manuel Hipólito, assumiu a liderança da Barquinha e Antônio Geraldo se retirou da Igreja fundando o Centro Espírita Daniel Pereira de Mattos, a poucos metros de onde estava sediada o CJFL.



Manuel Hipólito de Araújo permaneceu no comando do Centro Espírita e Culto de Oração Casa de Jesus Fonte de Luz até sua passagem em 2000. Após seu desencarne, a liderança dos trabalhos da Igreja ficou sob responsabilidade de seu filho Francisco Hipólito de Araújo – que não reconhece a linha doutrinária de Daniel com o nome de Barquinha (MAGALHÃES, 2013) – que permanece até hoje no comando do CJFJ.

Em suma, o que se observa é que transcorridos os anos desde a sua fundação pelo Frei Daniel, em 1945, até os dias atuais, a Barquinha, assim como o Daime, sofreu diversas cisões, resultando em algumas dissidências localizadas no Acre, Amapá e Rio de Janeiro. Nota-se também que, assim como o CICLU, a Barquinha parece não ter adentrado no processo expansionista e de internacionalização a qual vem desde os anos 80 sendo desenhado no campo ayahuasqueiro brasileiro. Embora não se tenha dados precisos de quantos adeptos estariam vinculados a essa doutrina<sup>49</sup>, estima-se que de 150 a 170 adeptos (MAGALHÃES, 2013), o que posso afirmar com base em levantamentos bibliográficos e em conversas informais que tive com amigos que já frequentaram os cultos da doutrina do Frei Daniel, é de que a Barquinha possui o menor número de adeptos entre as três matrizes doutrinárias ayahuasqueiras.

---

<sup>49</sup> Goulart (2004), estima que haviam cerca de 500 adeptos entorno da linha doutrinária da Barquinha, contando com o CJFL e suas dissidências.

### 2.3.3 O Tesouro de Mestre Gabriel <sup>50</sup>

Figura 8– Mestre José Gabriel da Costa.



Fonte: Foto de Cicero Alexandre Lopes, Arquivos UDV, disponível em: [www.udv.org](http://www.udv.org)

O Símbolo da União é Luz, Paz e Amor  
(Mestre Gabriel)

O Centro Espírita Beneficente União do Vegetal foi recriado em 22 de julho de 1961, pelo baiano José Gabriel da Costa, conhecido por Mestre Gabriel. Filho de Prima Feliciano da Costa e Manoel Gabriel da Costa, José Gabriel, o oitavo entre os quatorze filhos do casal sertanejo, nasceu em 10 de fevereiro de 1922, em Coração de Maria, próximo a Feira de Santana/BA. De família humilde e católica, o menino Zé desde pequeno chamava atenção dos familiares e vizinhos pelas suas habilidades diferenciadas para uma criança. Sabia ler e escrever, era bem humorado, fazia repentes e com seus cordéis espalhava alegria por onde passava.

---

<sup>50</sup> Tópico construído com base em informações coletadas no site institucional do CEBUDV, em pesquisas realizadas por BERNARDINO- COSTA (2011), NETTO (2017); (FABIANO, 2012) e nas experiências vivenciadas no âmbito da UDV por mim, a autora.

Em relatos descritos por Netto (2017), os irmãos de Mestre Gabriel contam que seu Manoel tinha problemas respiratórios e por conta disso por vezes passava a noite acordado, o que fazia com que seu humor pela manhã nem sempre fosse agradável. Certa vez, após várias tentativas falhas de acordar José, seu Manoel pegou um chicote que havia feito de couro de vaca preta (e utilizava para afastar os animais que ficavam no terreiro quando estes queriam entrar em casa) e deu uma lapada no lombo do menino Zé, que rapidamente acordou e cantou “o couro da vaca preta é um couro excelente. Acorda quem está dormindo e alegra quem está doente” (NETTO, 2017, p.411).

Era com essa alegria e disposição que o menino Zé convivia no sertão baiano, trabalhando na roça, brincando de montar cavalo, subir em árvores, correr, jogar capoeira, entre outros. Um menino que, desde cedo, mostrou que a verdadeira felicidade está na simplicidade. E foi assim que o pequeno Zé foi cativando os sertanejos daquela pequena localidade, onde passou sua infância e parte de sua juventude.

Por volta de 1942, aos 20 anos, ele partiu para Salvador, onde trabalhou no comércio e como condutor de bonde. Da sua vivência na capital baiana, poucas informações ainda se têm. O que se sabe, através de estudos que vem sendo desenvolvidos no âmbito da UDV, é que em Salvador José Gabriel frequentou terreiros de candomblé e se destacou enquanto capoeirista, chegando a ser conhecido como Zé Bahia.

Bem quisto por onde passava, de índole amorosa e comportamento pacífico, em meados de 1944, o baiano seguiu para a floresta amazônica em busca de um tesouro. A bordo do navio Pará do Lloyd Brasileiro, José Gabriel, compondo o exército dos 50 mil braços que seguiram em direção a “vida nova na Amazônia”, seguiu de Salvador/BA até Belém/PA. De Belém/ PA, com navios-gaiola, José e os demais trabalhadores foram levados até o porto de Tapanã em Manaus/AM. Nessa cidade, José Gabriel permaneceu por um tempo para fazer a adaptação e de lá seguiu para Porto Velho/RO. Em seguida, o rapaz seguiu para os seringais Bom Futuro e Triunfo, onde permaneceu até 1946, chegando a ser tuxaua<sup>51</sup>. Depois de sair fugido do Seringal Triunfo<sup>52</sup>, ele voltou para Porto Velho/RO, onde trabalhou na Estrada de Ferro Madeira Mamoré e também como auxiliar de enfermagem no Hospital São José (NETTO,2017).

Em 1946, trabalhando no hospital, José Gabriel conheceu Raimunda Ferreira da Costa, conhecida como Pequenina, com quem se casou em 1947. Por volta de 1950, ele e Pequenina se mudaram para o território de Guaporé, atual estado de Rondônia. Nessa época ele já comentava com a companheira que estava em busca de um tesouro.

---

<sup>51</sup>Tuxaua era uma expressão usada para denominar seringueiros que tinham alto rendimento na colheita da seringa.

<sup>52</sup>cf. “O exemplo da vida de quem prega: uma análise do CEBUDV a partir de seus sócios” Netto, 2017.

Com determinação e coragem, frente a todos as mazelas que era viver no ambiente inóspito dos seringais – que como exposto pelo ex-seringueiro e mestre da UDV, hoje já desencarnado, Florêncio Siqueira de Carvalho “era trabalho escravo [...] sair do seringal só se fosse fugido ou se o patrão matasse [...]” (NETTO, 2017, p.427) – José Gabriel não esmoreceu e batalhou até se reencontrar com o tesouro.

Em 1º de abril de 1959, na Colocação Capinzal, seringal Guarapari, residência de José Gabriel, ele reencontra com o tesouro que procurava. Recebe então, pelas mãos do seringueiro Chico Lourenço, seu primeiro copo de vegetal – o grande tesouro – nessa missão.

Em 22 de julho de 1961, no meio da Floresta Amazônica, no seringal Sunta, Fronteira do Brasil com a Bolívia, o então Mestre Gabriel anuncia a recriação da União do Vegetal - religião cristã e reencarnacionista que tem como sacramento o vegetal<sup>53</sup> ou hoasca e objetiva “fazer uma paz no mundo” (UDV, 2019).

No final de 1964, Mestre Gabriel e sua família se instalam em Porto Velho/RO, trazendo a UDV da floresta para a cidade. Em outubro de 1967, após incidente que levou o Mestre da UDV a prisão para averiguações em virtude do uso de uma substância desconhecida pelas autoridades locais, a religião udevista foi registrada em cartório como Associação Beneficente União do Vegetal (ABUDV) (BERNARDINO-COSTA; SILVA, 2011).

Em 1970, novamente houve intensa perseguição e represália por parte das autoridades do Território Federal de Rondônia, que não reconheciam o uso ritual do vegetal, esse fato ensejou na transformação da ABUDV em Centro Espírita Beneficente União do Vegetal (CEBUDV), denominação utilizada até os dias atuais por essa sociedade religiosa. Em 24 de setembro de 1971, na capital do Brasil, Mestre Gabriel fez sua passagem “[...] cumprindo sua missão, Deus segurou na sua mão, fazendo com que o mestre deixasse o plano terreno, clareando a união [...]”. Logo após a passagem do Mestre Gabriel, ainda em 1971, o CEBUDV foi oficialmente registrado “com documentos que declaravam explicitamente o uso do chá Hoasca em suas práticas religiosas” (SOARES; MOURA, 2011, p.155).

Torna-se importante ressaltar que, durante o período que esteve frente aos trabalhos da UDV (1961- 1971), Mestre Gabriel trabalhou para organizar os fundamentos a respeito da estruturação da sociedade religiosa, sua ritualística e formar dirigentes, que seriam os responsáveis pelo prosseguimento da religião após sua passagem. Ao todo Mestre Gabriel formou 23 dirigentes, destes quatro ainda estão encarnados e seguem trabalhando pela UDV (BERNARDINO- COSTA; SILVA, 2011).

---

<sup>53</sup>Termo utilizado dentro da cosmologia udevista para denominar o chá ayahuasca.

Dentro da estrutura organizativa, Mestre Gabriel criou o Quadro de Mestres<sup>54</sup>, Corpo do Conselho, Corpo Instrutivo e Quadro de Sócios. Todos os lugares são posições abertas e todos podem chegar a ocupar qualquer um dos graus hierárquicos de acordo com o que se chama na cosmologia udevista, graus de memória, que podem ser entendidos como a capacidade do discípulo aprender os ensinamentos que são oralizados, examiná-los e colocá-los em prática.

A ritualística também instituída pelo Mestre Gabriel é composta por rituais chamados de sessões, que são divididas em sessões de escala, com duração de até quatro horas e quinze minutos; sessões instrutivas, voltadas para discípulos do corpo instrutivo e sessões extras, que são sessões realizadas a critério do mestre responsável pelo núcleo<sup>55</sup>, ambas com duração variável. Dentro das sessões extras, se têm as sessões de adventícios, que são sessões realizadas para receber novatos que queiram conhecer a UDV. Durante as sessões, que ocorrem dentro do templo no espaço, chamado salão do vegetal, se bebe a hoasca para efeito de concentração mental. No seguimento da ritualística são entoados cânticos, denominados de chamadas, são compartilhados ensinamentos ligados a Jesus e a outros personagens reconhecidos pelo Mestre Gabriel como manifestações do divino, “que vieram ao mundo em cumprimento de missão, como Adão, Jó, Noé, Santa Ana, João Batista, Cosme e Damião”, Iansã e Janaína, entre outros (UDV, 2019). Músicas também são utilizadas como ferramentas de ensino e frequentemente são ouvidas no salão. As sessões são conduzidas por um mestre dirigente e sua dinâmica funciona através de perguntas e respostas, tudo dentro de uma simplicidade, como ensinou o Mestre Gabriel. Os sócios vestem uniformes e permanecem sentados em cadeiras. Homens e mulheres, diferente das demais religiões ayahuasqueiras, não são separados no salão.

Todo o formato institucional do CEBUDV se estrutura de maneira a dar um suporte material, adaptável, com fins de promover a união organizada de esforços humanos em prol de um objetivo maior: a paz (BERNARDINO- COSTA; SILVA, 2011, p. 36). Além disso, a UDV se utiliza de mecanismos, desde seu início, descentralizados, a fim de evitar a concentração de poder decisório ou conhecimento espiritual, de modo a evitar possíveis abusos de poder. Para melhor eficácia desse preceito, os cargos da UDV não são vitalícios, sendo que a direção é eleita a cada três anos. Todos os discípulos, independente dos lugares que ocupam dentro da hierarquia do centro estão sujeitos a afastamentos e penalidades, no caso de descumprimento do que preceitua as leis que regem o CEBUDV, sendo que quanto “maior” o grau hierárquico

---

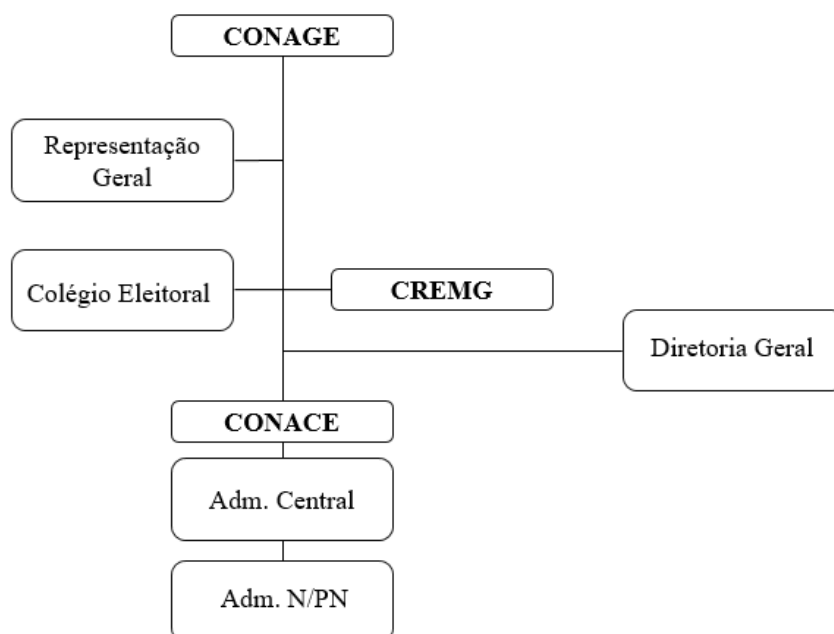
<sup>54</sup> A única mulher que chegou a ocupar o lugar de mestre, foi Mestre Pequeninina. Esse lugar é reservado para homens, por motivos que compõem o imaginário udevista e que, em face ao cumprimento ético e respeito da pesquisadora pelo caráter oralizado da doutrina, não serão detalhados nesse compêndio.

<sup>55</sup> Termo utilizado em referência as sedes físicas

ocupado pelo sócio, mais deveres e responsabilidades o mesmo possui. Ainda como forma de resguardar a instituição religiosa, por instrução do seu mestre, todos os sócios, independentemente do grau hierárquico, são coparticipantes na construção do CEBUDV e devem exercer as funções de forma voluntária (BERNARDINO- COSTA; SILVA, 2011, p.24). Os únicos sócios que recebem algum tipo de remuneração e não ocupam lugares eletivos no centro, são 11 funcionários<sup>56</sup> contratados que desenvolvem, de forma técnica, trabalhos específicos no Escritório da UDV em Brasília/DF (UDV, 2019).

Um dos grandes diferenciais do CEBUDV, em relação ao observado em outras religiões ayahuasqueiras, é sua minuciosa organização. Hoje a UDV conta com duas grandes estruturas organizativas: o Conselho da Administração Geral (CONAGE), órgão legislativo, executivo e supervisor das leis do centro (Figura 9), e a Diretoria Geral, que fica responsável pelos aspectos materiais, sociais, culturais, assistências e educacionais (Figura 10) (BERNARDINO- COSTA; SILVA, 2011, p. 31-32; UDV, 2019).

Figura 9– Organograma do Conselho da Administração Geral – atual estrutura administrativa em sua dimensão espiritual – do Centro Espírita Beneficente União do Vegetal.

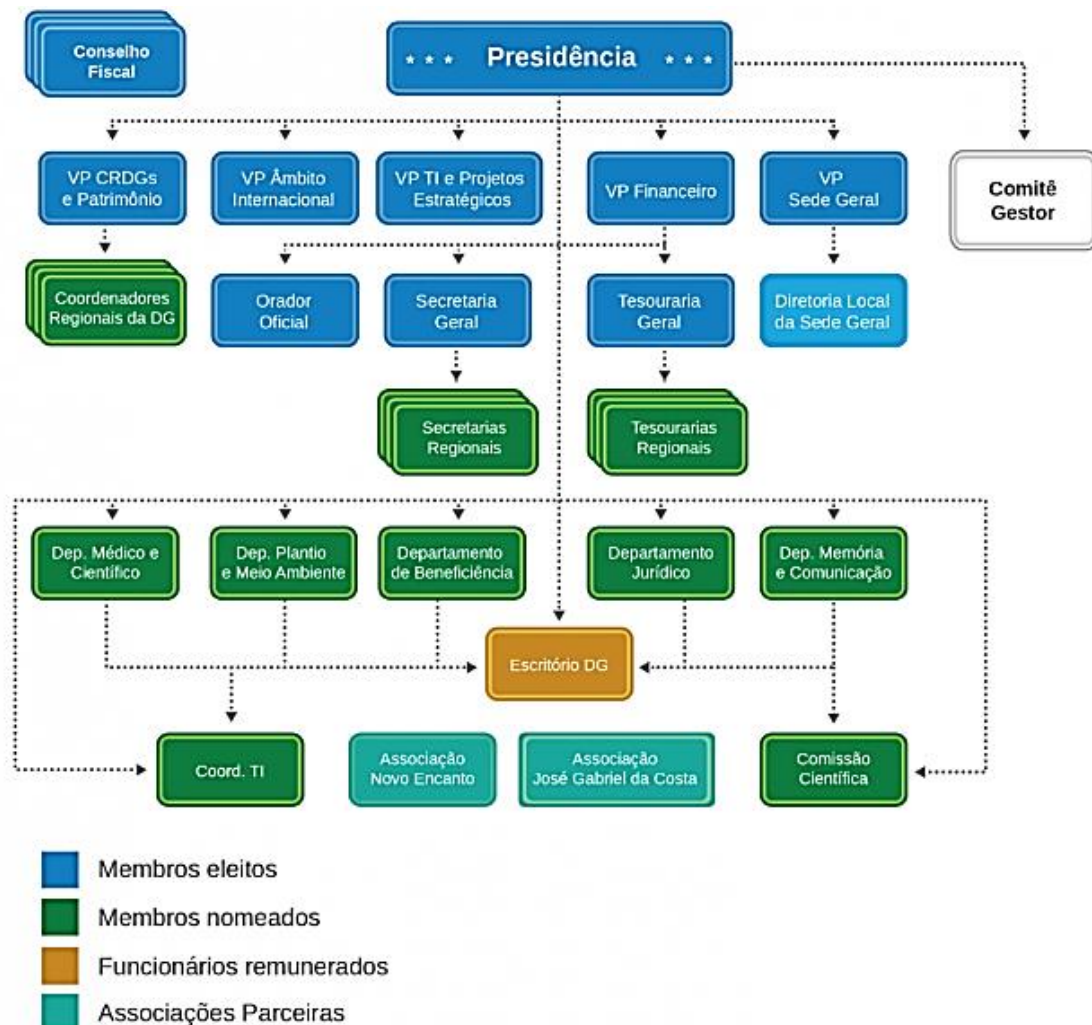


Fonte: BERNARDINO- COSTA; SILVA (2011). Adaptado pela autora.

Legenda: CONAGE- Conselho de Administração Geral; CREMG – Conselho de Recordação dos Ensinos do Mestre Gabriel; CONACE- Conselho de Administração Central; Adm- Administração, N/PN- Núcleo/Pré-Núcleo.

<sup>56</sup> Essas contratações foram necessárias em virtude da expansão do CEBUDV.

Figura 10– Organograma Diretoria Geral do Centro Espírita Beneficente União do Vegetal.



Fonte: Site Institucional CEBUDV, disponível em: <http://udv.org.br/organizacao/diretoria-geral-da-udv/>

Legenda: VP- Vice-presidência, CRDG- Coordenação Regional da Diretoria Geral; TI- Tecnologia de Informação; Dep. Departamento; DG- Diretoria Geral; Coord- Coordenação.

Esse desenho institucional que orienta e caracteriza o CEBUDV, enseja seu comprometimento ético e moral, frente a sua irmandade e aos canais legais no Brasil e no exterior. Essa postura contribuiu para a conquista do título de utilidade pública federal, reconhecimento legal como religião e garantia do direito de usar o vegetal como sacramento religioso.

Assim, dentro da simplicidade cabocla trazida pelo Mestre Gabriel, o CEBUDV caminha zelando e “contribuindo para o desenvolvimento espiritual do ser humano, para o aprimoramento de suas qualidades intelectuais e de suas virtudes morais, sem distinção de raça, sexo, credo, condição social ou nacionalidade” (UDV, 2019). Hoje a UDV é a religião

ayahuasqueira com maior número de adeptos. Com mais de 21.490 sócios<sup>57</sup>, 206 núcleos e Distribuições Autorizadas de Vegetal, distribuídos por todos os estados brasileiros e em dez países: Estados Unidos, Canadá, Peru, Portugal, Espanha, Reino Unido, Suíça, Itália, Holanda e Austrália. O CEBUDV, confirmando a palavra do seu Mestre fundador, que ainda dentro dos seringais afirmou o destino universal dessa religião, segue se expandindo e ultrapassando as fronteiras do nosso país (UDV, 2019).

---

<sup>57</sup> Dados de 01/10/2019. Sócios na UDV são pessoas maiores de 18 anos. Não estão inclusos nesses números crianças e jovens.



## 2.4 A JUDICILIAZAÇÃO DA NATUREZA: O PROCESSO DE “LEGALIZAÇÃO” DO USO RELIGIOSO DA AYAHUASCA

O uso da ayahuasca, seja no contexto religioso ou terapêutico, sofreu uma crescente expansão nas últimas décadas, incitando dessa forma os debates sobre a regulamentação ou proibição do uso dessa bebida enteógena. Desde 2004, a Comissão Internacional de Controle de Narcóticos das Nações Unidas (ONU), recomenda a flexibilização das leis em todos os países do mundo, informando que a ayahuasca e as espécies que compõem o chá não são objeto de controle internacional. Essa orientação faz com que cada país lide de maneira diferente com o uso da ayahuasca, seja ele ritual ou terapêutico.

### 2.4.1 O processo de legalização da ayahuasca no Brasil

No Brasil, o processo de legalização da ayahuasca se ensejou no entorno das religiosidades caboclas, tendo como pioneira a UDV. Diante desse viés histórico, a luta pela legalização desse chá enteógeno começou a se configurar a partir de 1967, quando depois da prisão do fundador da UDV, Mestre Gabriel, o grupo udevista sentiu a necessidade de formalizar a instituição em cartório para resguardar o direito de fazer o uso da ayahuasca em suas práticas rituais. Desse modo, em 1968, Mestre Gabriel formalizou frente às autoridades brasileiras a ABUDV, dando o indicativo do uso religioso da ayahuasca.

Em 1970, após novo episódio de perseguição e repressão policial<sup>58</sup>, sob acusação de charlatanismo, uso de entorpecente e ameaça de fechamento da UDV, Mestre Gabriel, com o auxílio do Mestre Raimundo Monteiro de Souza, aciona pela primeira vez um advogado para intervir em defesa dessa religião. Logo, através de orientação jurídica, Mestre Gabriel e os demais sócios redigiram um novo estatuto e transformaram a ABUDV em CEBUDV. Nesse novo estatuto, explicitaram claramente que o CEBUDV se constituía de uma instituição religiosa que comungava o chá ayahuasca em suas sessões (SOARES e MOURA, 2001). Em 1971, atendendo a recomendação do juiz de Direito do Território Federal de Rondônia, Antônio Alberto Pacca, a UDV registra seu estatuto passando a ser oficialmente denominada CEBUDV.

---

<sup>58</sup>Nessa época se vivia sob regime ditatorial e diversos grupos, como já mencionado na descrição das religiões ayahuasqueiras, sofreram perseguições e repressões sob as mais diversas alegações que se misturam com questões políticas, econômicas e espirituais (SOARES e MOURA, 2011, p.153), demonstrando a constante intolerância religiosa que historicamente se desvela em nosso país.

Ciente de que os ataques as entidades que utilizavam religiosamente o chá ayahuasca eram provenientes da falta de conhecimento por parte de uma gama da sociedade, em 1977 a UDV em publicação no jornal porto velhense “O Guaporé”, faz seu primeiro convite para que pesquisas científicas fossem realizadas no âmbito do centro (UDV, 2010).

Mais tardar, em 1984, o uso religioso da ayahuasca mais uma vez sofreu tentativa de proibição. Dessa vez, por parte da Divisão Nacional de Vigilância Sanitária de Medicamentos (DIMED), que de maneira arbitrária<sup>59</sup>, resolveu incluir o cipó *Banisteropsis caapi* na lista de psicotrópicos de uso proibido no país. Novamente a UDV faz uma intervenção judiciária em defesa do direito de comungar o sacramento ayahuasca no âmbito religioso. Assim, em 24 de junho de 1985, a UDV, através do seu representante legal, Luis Felipe Belmonte dos Santos, encaminhou ao Conselho Federal de Entorpecentes (CONFEN) o pedido para que o cipó *Banisteropsis caapi* fosse excluído da lista de substâncias consideradas como drogas pela DIMED. Diante desse fato e atendendo à solicitação da UDV, o CONFEN criou uma equipe multidisciplinar de estudos para investigar a produção e o consumo da ayahuasca. Em 1986, o CONFEN, baseado no direito constitucional de liberdade religiosa, exclui o *Banisteropsis caapi* da lista de substâncias proibidas no Brasil. Essa decisão permitiu legalmente que a UDV, assim como as outras religiões ayahuasqueiras, seguissem praticando seus rituais com a beberagem da ayahuasca. No entanto, embora as autoridades regimentais brasileiras tivessem dado respaldo para a utilização da ayahuasca em rituais de alguns grupos, essa permissão era provisória e estava sujeita a revisões (UDV, 2010; SOARES e MOURA, 2011).

Motivada por esse cenário de instabilidades, frente às ações por parte de instituições governamentais, que ora permitiam o uso ritual da ayahuasca e ora proibiam, em 1991, a UDV, através do seu setor de Estudos Médicos<sup>60</sup>, organizou uma conferência sobre estudos da Hoasca em São Paulo. Essa conferência foi organizada por médicos, psiquiatras e demais profissionais da saúde que faziam parte do quadro de sócios da UDV e tinha por intento satisfazer a curiosidade científica a respeito da farmacologia humana da ayahuasca e principalmente para demonstrar às autoridades brasileiras que o uso ritual da ayahuasca era seguro e não causava qualquer tipo de dependência, nem outras reações adversas (MCKENNA, 2002; SOARES e MOURA, 2011).

Para tanto, foram convidados diversos pesquisadores renomados, no que tange os estudos envolvendo a ayahuasca, como o antropólogo Luis Eduardo Luna e o

---

<sup>59</sup>A inclusão foi baseada na alegação errônea de que o cipó *B.caapi* possuía DMT, substância presente nas folhas da árvore *P. viridis*.

<sup>60</sup> Criado em 1986, atual DEMEC.

etnofarmacologista Dennis Jon McKenna. Após a conferência, McKenna, esboçou o projeto que ficou conhecido como Projeto Hoasca. O projeto Hoasca foi financiado pela organização sem fins lucrativos *Botanical Dimensions*, que se dedicava a estudos de etnomedicina. Para dar vazão ao projeto, formou-se uma equipe internacional e multidisciplinar, composta por pesquisadores da Universidade da Califórnia, da Universidade de Miami, Universidade de Kuopio, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Universidade de Campinas, Escola Paulista de Medicina, Universidade Federal da Amazônia, Instituto Nacional de Pesquisa da Amazônia e Sociedade Brasileira de Psiquiatria. Em 1993, os cientistas iniciaram a fase prática do estudo, que consistiu em investigações farmacológicas, psicológicas, físicas, bioquímicas e médicas, em sócios do CEBUDV (MCKENNA, 2002, PARANAYBA, 2011). Ao final da pesquisa, que se desenvolveu entre 1991 a 1996, os cientistas constataram que o uso da ayahuasca dentro do contexto ritualístico era seguro e não apresentava a longo prazo nenhuma toxicidade adversa. Além disso, chegaram a inferências de que o uso da ayahuasca exercia influência positiva sobre a saúde física e mental (MCKENNA, 2002).

Após o término do Projeto Hoasca, considerado um estudo piloto no contexto ayahuasqueiro no Brasil, no que diz respeito a estudos laboratoriais e clínicos, diversas investigações científicas surgiram. Ainda que as pesquisas envolvendo o uso desse enteógeno estivessem em ascensão nesse período, a falta de erudição, seja da sociedade civil ou de órgãos governamentais, fazia com que frequentemente as religiões ayahuasqueiras fossem estigmatizadas e tivessem seu sacramento vinculado a drogas alucinógenas. Essa falta de clareza fez com que em 1995, o CONFEN, baseado na queixa da mãe de um adolescente que frequentava uma entidade ayahuasqueira, proibisse o uso da ayahuasca por menores de 18 anos.

Frente a essa interdição legal envolvendo adolescentes, em 1996 a UDV entrou, mais uma vez, com pedido no CONFEN solicitando nesta oportunidade o reexame da proibição do uso da ayahuasca por menores de 18 anos<sup>61</sup> (MCKENNA, 2002; MACHADO, 2011; SANTOS, 2011; SOARES e MOURA, 2011).

Porém, esse pedido ficou de lado quando em 1998 o CONFEN foi extinto para a criação do Conselho Nacional Antidrogas (CONAD)<sup>62</sup> e sua secretaria executiva, Secretaria Nacional Antidrogas (SENAD). No entanto, os representantes da UDV, seguiram insistindo pelo seu

---

<sup>61</sup> Tradicionalmente, nas religiões ayahuasqueiras menores de 18 anos, faziam a ingestão do chá da ayahuasca em quantidades menores que os adultos e sob supervisão de seus pais.

<sup>62</sup> Em 11 de abril de 2019, o desgoverno brasileiro assinou o decreto nº 9.759, onde retira a participação da sociedade civil, incluindo os pesquisadores e especialistas no assunto, do CONAD. O colegiado passou a ser composto apenas por membros indicados pelo do desgoverno. Mais um dos tantos retrocessos e atentados a jovem democracia brasileira.

direito ao livre exercício religioso, sempre se apoiando em seus estudos científicos, que comprovam que a ayahuasca é inofensiva para a saúde (MACHADO, 2011; SANTOS, 2011; SOARES e MOURA, 2011).

Perante essa conjuntura, que parecia não ser favorável a liberação do uso religioso da ayahuasca para adolescentes, em 1999, a UDV acolheu o pedido da Universidade da Califórnia (UCLA) que tinha como proposta de pesquisa científica, realizar um estudo para identificar o perfil dos menores de idade usuários de ayahuasca na instituição. Durante a execução e até o término dessa pesquisa, conduzida pela UCLA, a UDV manteve o CONAD e o Ministério Público informados sobre as ações e os resultados dessa investigação<sup>63</sup>. Nove anos depois da proibição gerida pelo extinto CONFEN, em 17 de agosto de 2004, o conselho do CONAD aprovou através da Resolução 5/2005 o direito de menores de idade e mulheres grávidas ingerirem o chá ayahuasca em rituais religiosos. Nessa mesma Resolução, o CONAD instituiu o Grupo Multidisciplinar de trabalho (GMT) para levantamento e acompanhamento do uso religioso da ayahuasca (MACHADO, 2011; SANTOS, 2011; SOARES e MOURA, 2011).

Em 2006, o GMT foi instalado e através do trabalho realizado pela equipe, composta por seis pesquisadores de diferentes áreas do conhecimento e seis representantes das entidades ayahuasqueiras, produziu um relatório que foi aprovado por unanimidade no mesmo ano, confirmando a liberação do uso ritual da ayahuasca (UDV, 2010).

Em 2008, as entidades ayahuasqueiras dão mais um passo em direção ao reconhecimento de sua bebida sagrada. Em uma audiência no Acre/AC, representantes da UDV, juntamente com o CICLU - Alto Santo, CJFJ, Fundação Garibaldi Brasil e Fundação Elias Mansour entregaram ao então ministro da Cultura na época, Gilberto Gil, um documento solicitando ao governo brasileiro que a ayahuasca fosse reconhecida como patrimônio imaterial da cultura brasileira<sup>64</sup> (UDV, 2010, IPHAN, 2017).

Em 2010, o relatório final do GMT é publicado no Diário Oficial da União (Resolução CONAD 01/2005) e detalha aspectos importantes do uso responsável da ayahuasca e aprova os princípios deontológicos para o seu uso religioso, a saber:

1. O chá da Ayahuasca é o produto da decocção do cipó *Banisteropsis caapi* e da folha *Psychotria viridis* e seu uso **é restrito a rituais religiosos**, em locais autorizados pelas respectivas direções das entidades usuárias, **vedado o seu uso a substâncias**

---

<sup>63</sup> Os primeiros resultados dessa pesquisa foram publicados por DOERING- SILVEIRA, et al. no ano de 2005, no *Journal of Psychoactive Drugs*.

<sup>64</sup> Em conversa que tive com funcionários do IPHAN, no Congresso Internacional de Etnoecologia em 2018, os mesmos me informaram que o processo estava na fase de inventário. No entanto, em detrimento ao cenário político atual, a escassez de recursos e consequente sucateamento das instituições públicas, o inventário, bem como os demais trâmites para reconhecimento da ayahuasca como patrimônio imaterial estavam parados.

**psicoativas ilícitas;**

2. Todo o processo de **produção e armazenamento, distribuição e consumo** da ayahuasca integra o **uso religioso** da bebida, sendo **vedada a comercialização e ou a percepção de qualquer vantagem**, em espécie ou in natura, a título de pagamento, quer seja pela produção, quer seja pelo consumo, ressalvando-se as contribuições destinadas à manutenção e ao regular funcionamento de cada entidade, de acordo com a sua tradição ou disposições estatutárias;
3. O uso responsável da ayahuasca pressupõe que a extração das espécies vegetais sagradas integre o ritual religioso. Cada entidade constituída deverá buscar a **auto sustentabilidade** em prazo razoável, desenvolvendo seu **próprio cultivo**, capaz de atender suas necessidades e **evitar a depredação de espécies florestais nativas**. A extração das espécies vegetais da floresta nativa deverá observar as normas ambientais;
4. As entidades devem **evitar** o oferecimento de **pacotes turísticos associados à propaganda dos efeitos da ayahuasca**, ressalvando intercâmbios legítimos dos membros das entidades religiosas com suas comunidades de referência;
5. Ressalvado o direito constitucional a informação, recomenda-se que as entidades evitem propaganda da ayahuasca, devendo em suas manifestações públicas orientar-se sempre pela discricção e moderação do uso e na difusão de suas propriedades;
6. A prática de curandeirismo é proibida pela legislação brasileira. As propriedades curativas e medicinais da ayahuasca – que as entidades conhecem e atestam – requerem uso responsável e devem ser compreendidas do ponto de vista espiritual, evitando-se toda e qualquer propaganda que possa induzir a opinião pública a as autoridades a equívocos;
7. Recomenda-se aos grupos que fazem o uso religioso da ayahuasca que se constituam em organizações jurídicas, sob a condução de pessoas responsáveis com experiência no reconhecimento e cultivo das espécies vegetais sagradas, na preparação e uso da ayahuasca e na condução dos ritos;
8. Compete a cada entidade religiosa exercer rigoroso controle sobre o sistema de ingresso de novos adeptos, devendo proceder a entrevista dos interessados na ingestão da ayahuasca, a fim de **evitar que ela seja ministrada a pessoas com históricos de transtornos mentais, bem como a pessoas sob efeitos de bebidas alcoólicas ou outras substâncias psicoativas**;
9. Recomenda-se ainda **manter ficha cadastral com dados do participante e informá-lo** sobre os princípios do **ritual**, horários, normas, incluindo a necessidade de permanência no local até o término do ritual e dos **efeitos da ayahuasca**;
10. Observados os princípios deontológicos aqui definidos, cabe a **cada entidade** e seus membros indistintamente, no relacionamento institucional, religioso ou social que venham a manter umas com as outras, em qualquer instância, **zelar pela ética e pelo respeito mútuo** (CONAD, 2010, p. 59 apud SOARES e MOURA, 2011, p. 159-160, grifos meus).

O relatório final da GMT, juntamente com a Resolução do CONAD 5/2004 e 01/2010, assegura o direito das religiões ayahuasqueiras seguirem fazendo o uso ayahuasca em seus rituais religiosos, sendo considerada uma vitória de longa batalha pelo direito constitucional de liberdade religiosa.

#### 2.4.2 Internacionalização

O período entre o final da década de 80 e início dos anos 90 foi marcado pela abertura da diáspora das religiões ayahuasqueiras, CEFLURIS e UDV. Desde lá, até os dias atuais, esse

processo de expansão internacional é cerceado por diversos inconvenientes, que recaem principalmente na dificuldade que essas entidades têm de se legitimar enquanto proposta religiosa<sup>65</sup>. Essa objeção endossa os episódios de violência simbólica e estigmatização, que colocam o sacramento fundador dessas doutrinas – a ayahuasca – dentro das listas de substâncias proscritas, que devem ser repreendidas e controladas pela política antidrogas de cada país. Esse fator fez com que em alguns países, o fenômeno ayahuasca culminasse em ações que resultaram em aplicação do controle social por vias da justiça criminal.

Nesse contexto de criminalização<sup>66</sup>, diversos ayahuasqueiros já foram presos acusados de tráfico internacional de drogas, crime organizado, entre outras sanções judiciais. Visto que inúmeros casos não chegam ao conhecimento público, não é possível precisar o número exato de pessoas que já foram detidas e condenadas nesse cenário. A advogada espanhola coordenadora do Fundo em Defesa da Ayahuasca (ADF) da *International Center for Ethnobotanical Education Research e Service (ICEERS)* Constansza Sanchés afirma que pelo menos setenta prisões foram registradas no período de 2011 - 2017 por porte de ayahuasca em diversos países<sup>67</sup>.

Uma das prisões mais recentes em território internacional <sup>65</sup> e que ganhou visibilidade mundial, foi a do pesquisador e terapeuta holístico brasileiro Eduardo Chianca. Detido em 31 de agosto de 2016 pela polícia alfandegária no aeroporto de Moscou na Rússia, o brasileiro foi acusado de tráfico internacional de drogas por estar transportando cerca de seis litros de ayahuasca. Em maio de 2017, Chianca foi julgado pelo tribunal de justiça da cidade de Domodedovo/RUS e condenado, inicialmente, a seis anos e meio de reclusão, tendo posteriormente a sentença reduzida para três anos. Em 2018, depois de muita negociação com o governo russo, somado aos esforços do advogado de defesa, do Ministério de Relações Exteriores e da Embaixada Brasileira, Eduardo Chianca ganhou o direito de cumprir o restante da pena no Brasil. O terapeuta retornou ao país em 6 de dezembro de 2018, tendo sido submetido no dia seguinte (07) a novo julgamento, dessa vez pela Justiça Federal em Pernambuco, que concedeu liberdade condicional ao terapeuta.

O caso de Chianca é só mais um dos outros tantos confrontos judiciais que compõe o campo fértil da Guerra Antidrogas a nível mundial, onde a ayahuasca, em geral, é considerada

---

<sup>65</sup>Olhando sob lentes complexas, é importante pontuar aqui que o fenômeno religioso ayahuasqueiro opera em sentido inverso do que observado historicamente no Brasil, onde coercitivamente o processo colonizador impôs suas religiosidades eurocêntricas. Nesse novo movimento, as religiões caboclas da floresta “batem à porta” dos epicentros econômicos com todo seu aparato cosmológico, requerendo o direito ao livre exercício de sua crença.

<sup>66</sup>Dados coletados em notícias variadas veiculadas na *internet*.

<sup>67</sup>Informações disponíveis em: <<https://www.redebrasilatual.com.br/revistas/2017/01/do-preconceito-a-criminalizacao-6598/>>

uma droga ilícita. Esse posicionamento se fundamenta principalmente na Convenção sobre Substâncias Psicotrópicas (CSP), de 1971, da Organização das Nações Unidas (ONU). Nessa convenção a DMT, princípio ativo presente nas folhas da árvore *Psycotria viridis*, um dos componentes principais da ayahuasca, foi colocada na lista de substâncias proscritas. Ao lado do LSD, do MDMA (base do ecstasy) e da mescalina, a CSP colocou a DMT na Classe I, considerando-a uma droga com níveis sérios de implicações para a saúde pública e com potencial terapêutico limitado ou inexistente.

Esse fato, aliado ao crescimento internacional da CEFLURIS e da UDV, ensejou múltiplos enfrentamentos na esfera jurídica em diversos países. Esses conflitos, de maneira sucinta, são pleiteados de um lado pelos proibicionistas, que “há séculos exorcizam o transe e os estados alterados de consciência” (ARAÚJO, 2011, p.05) e de outro, pelo movimento antiproibicionista, que busca através de redes coletivas garantir os direitos dos ayahuasqueiros em âmbito mundial.

Embora composto por uma heterogeneidade de entendimentos da dimensão que retrata o direito ao uso da ayahuasca – há grupos que defendem o direito ao uso estritamente religioso, outros defendem o uso irrestrito – o movimento identificado com diretrizes antiproibicionistas, tem empreendido conquistas valorosas ao longo da diáspora ayahuasqueira.

Entre esses feitos, está a exitosa batalha jurídica da UDV, iniciada no final dos anos 90 nos Estados Unidos (EUA). Em 21 de maio de 1999, depois de 12 anos de trabalhos da UDV nos EUA, agentes da polícia alfandegária e do Departamento Federal da Investigação realizaram uma operação no escritório do estadunidense, mestre responsável pela UDV no país, Jeffrey Bronnman. Durante aproximadamente 8 horas, o imóvel que também servia no momento de sede do pré-Núcleo Santa Fé, foi revistado por cerca de 30 polícias da SWAT (*Special Weapons And Tactics*), na tentativa de encontrar provas que incriminassem Bronnman e a UDV. Na ocasião, os agentes confiscaram computadores, mais de 40 mil documentos pessoais e certo volume de ayahuasca. Após essa apreensão, o governo norte americano iniciou uma investigação contra a religião no país (BRONNMAN, 2007, 2010).

Após 18 meses de tentativas frustradas de reaver a ayahuasca apreendida e o direito ao livre exercício religioso, a UDV entrou com uma ação judicial nos EUA. No litígio, a instituição religiosa solicitou o reconhecimento legal ao pleno direito dos seus filiados fazerem o uso da ayahuasca em seus rituais religiosos. Em 12 de agosto de 2002, o chefe de Justiça do Distrito Federal do Novo México, juiz Parker, concedeu parecer favorável a UDV. Em 2004, sob alegação que se deveria aplicar uniformemente a lei de repressão do uso de drogas, o governo

norte-americano recorreu em última instância a Suprema Corte Federal dos EUA (BRONNFMAN, 2007, 2010).

No dia 1 de novembro de 2006, a Suprema Corte promoveu uma audiência para julgar a sentença. Baseada em “pesquisas científicas e comportamentais minuciosas quanto à doutrina espiritual e aos fundamentos teológicos da UDV”, em decisão épica, a Suprema Corte decidiu por unanimidade pelo direito da UDV exercer o livre exercício religioso nos EUA<sup>68</sup>, vindo a publicar essa decisão em 21 de fevereiro de 2007 (BRONNFMAN, 2007, 2010; UDV, 2010).

Enquanto se elucidava a caso no continente norte americano, na Europa episódios de criminalização da ayahuasca começavam a eclodir. Em abril de 2000, duas lideranças do Santo Daime foram detidas em Madrid transportando dez litros de ayahuasca. Indiciados por tráfico internacional de drogas, introdução de substância nociva a saúde pública em território espanhol e formação de quadrilha, Chico Corrente e Fernando Ribeiro ficaram presos por 54 dias. Em 20 de outubro de 2000, a juíza Maria Tereza Palácios, com base em análises toxicológicas realizadas pela Polícia Científica espanhola, que concluiu que a quantidade de DMT encontrada na ayahuasca apreendida não tipificava o tráfico de drogas e sob justificativa de que a perpetração do crime não foi apresentada, emitiu um auto de arquivamento do processo aberto contra os líderes daimistas (ARAÚJO, 2011; PRADES e MARÍN, 2011). Após esse incidente a igreja do Santo Daime da Espanha entrou com um pedido de inscrição junto Registro de Entidades Religiosas (RER), órgão do Ministério da Justiça espanhola, que reconhece e regulamenta as entidades religiosas. A solicitação foi indeferida por duas vezes e, somente em 2003, o Santo Daime teve seu registro efetivado. Em 2001, a UDV requereu sua inscrição junto ao RER, e assim como o Santo Daime, teve sua requisição denegada por duas vezes. Isso fez com que em 2006, a instituição udevista acionasse recurso judicial, como forma de garantir seus direitos enquanto religião no território espanhol. Em 19 de junho de 2008, a inscrição do CEBUDV no RER foi efetivada, reconhecendo assim o caráter religioso e a personalidade jurídica civil da entidade (PRADES e MARÍN, 2011).

Em 2001, foi a vez da Holanda sentenciar delito de narcotráfico envolvendo a ayahuasca. Em 23 de março de 2001, a dirigente daimista na Holanda, Gerladine Fijneman, foi acusada por tráfico de drogas e intimada a comparecer na corte em Amsterdã para esclarecimentos. O tribunal holandês ouviu na oportunidade pesquisadores e políticos (Tião

---

<sup>68</sup>Importante salientar que a ayahuasca não é legalizada nos EUA. A DMT no Estado americano, é proscrita dentro da Classe I, ao lado de drogas ilícitas consideradas de alta periculosidade para a saúde e segurança pública. A UDV tem uma “espécie” de licença que concede o direito de exportar a ayahuasca e fazer o uso do chá em seus rituais religiosos.



Viana e Marina Silva), que relataram que o Santo Daime se tratava de uma religião brasileira que fazia o uso sacramental da ayahuasca, substância psicoativa inofensiva a saúde humana. O tribunal acolheu as declarações feitas e examinando sob a perspectiva do livre exercício religioso, conforme preceitua a *European Convention on Human Rights*(ECHR), emitiu parecer favorável ao Santo Daime, alegando que não poderia interferir no direito constitucional a liberdade religiosa (PRADES e MARÍN, 2011; ASSIS e LABATE, 2014).

Em 2004 o Conselho Internacional de Controle de Narcóticos (INCB) da ONU, baseado no crescente número de eventos envolvendo ayahuasqueiros e informações científicas, recomendou a flexibilização das leis em todos os países, informando que a ayahuasca e as espécies que compõe o chá não são objeto de controle internacional, não estando, dessa forma, sujeitas a nenhum dos artigos da Convenção de 1971 (UDV, 2010).

Esse entendimento da INCB, parece ter sido fator considerado no julgamento do caso italiano envolvendo adeptos do Santo Daime. Em 2004, vinte e uma pessoas foram presas pela polícia alfandegária no aeroporto de Perugia, Itália. Na ocasião vinte e sete litros de ayahuasca foram apreendidos pela polícia. Nessa ocorrência, alguns adeptos do Santo Daime ficaram encarcerados por sete dias, outros foram submetidos a prisão domiciliar por até quatro meses. A investigação da justiça italiana acabou não encontrando nenhum nível de toxicidade na ayahuasca, o que resultou no arquivamento do processo e na absolvição dos daimistas. Em 2010, o Ministério de Saúde italiano, publicou uma nota afirmando que mesmo contendo DMT, as plantas que compõe o chá não estão sob controle do país, dando a entender que o consumo da ayahuasca é permitido. No entanto, o governo italiano não demonstrou qualquer garantia de proteção legal do seu uso enquanto fator religioso ou mesmo cultural (MENOZZI, 2011).

Embora o continente europeu tenha a ECRH, que prevê a liberdade religiosa e mesmo a INCB, solicitando aos países a flexibilização das leis envolvendo a ayahuasca, os países seguem tendo autonomia na regulamentação do enteógeno, seja para efeitos de uso religioso ou não. De posse desse poder estatal, a França após episódio que apreendeu em 2004 seis pessoas ligadas ao Santo Daime<sup>69</sup>, sob acusação de tráfico de drogas e crime organizado, emitiu um decreto em 2005. Nesse documento a França proíbe o uso da ayahuasca e de seus componentes – *Banisteriopsis caapi* e *Psycotria viridis*. Essa regulamentação fez da França o primeiro país no mundo a proibir explicitamente o uso da ayahuasca. Seguindo as prerrogativas da vizinha França, a Alemanha, embora não tenha uma regulamentação específica como a francesa,

---

<sup>69</sup> Todos foram absolvidos.

também adotou posturas rígidas, proibindo o uso de substâncias que contenham DMT em seu território (PRADES e MARÍN, 2011).

Esses são, de maneira lacônica, alguns dos acontecimentos cruciais que se desenrolam no campo ayahuasqueiro internacional e que longe de cessarem, tendem a ser mais corriqueiros à medida que a ayahuasca vai circulando o mundo. É fundamental explicitar que os relatos descritos aqui não dão conta de contemplar a complexidade da realidade em que se desenvolvem os conflitos, polêmicas midiáticas e disputas judiciais que circundam a diáspora ayahuasca.

No entanto, esses relatos conduzem a algumas análises, mesmo que tímidas, que dão indicativos da falta de conhecimento, e por que não de interesse das autoridades em reconhecer e tratar a ayahuasca dentro da sua sacralidade que imerge através de suas variáveis culturais. Ensejam ainda, os mecanismos de perpetuação de modelos repressores, contra substâncias consideradas drogas, aparelhados em boa medida pelos países de “primeiro mundo”, como mecanismos de manutenção do seu *status quo*, o poder.

Ademais, apontam para um fator relevante no processo de organização, adaptação e construção de novos significados dentro do contexto das religiões ayahuasqueiras (ASSIS e LABATE, 2014). Já que existe a necessidade eminente da UDV e do Santo Daime se adaptarem ao amplo e diferenciado aparato estatal de controle legal de cada país, buscando garantir o direito do uso de seu sacramento e o seu reconhecimento enquanto religiosidade latino - americana.

## 2.5 NOTA SOBRE A NOVA ERA

Se retrocedermos na história da nossa sociedade, lembraremos que o século XX foi um dos mais agitados em termos de transformações históricas, culturais, religiosas e sociais. Esse período, principalmente entre as décadas de 60 e 70, reuniu os jovens inconformados, que movidos por ideias libertárias que se opunham as ortodoxias, ao autoritarismo e ao individualismo utilitário, ensejaram mudanças significativas em boa parte dos setores da vida social. Esses aglomerados juvenis irressignados, produziram movimentos costumeiramente chamados de alternativos, dentro do qual se insere o contracultura<sup>70</sup>.

Foi nos anos da contracultura que as magias, processos divinatórios, ocultismo, esoterismo, etc, que séculos antes haviam sido, em grande parte, queimados nas fogueiras acessas pelo cristianocentrismo e cientificismo, ressurgiram. Saindo dos porões da clandestinidade, as práticas místico- esotéricas se revigoraram, inspirando boa parte da juventude da época a vivenciar e experienciar novos modos de viver e se comportar (TAVARES, DUARTE e COGNALATO, 2010). Dentro desse “vivenciar e experienciar” o “novo”, se engendra uma das correntes de pensamento que afirma que o Movimento<sup>71</sup> Nova Era (MNE), surgiu a partir do Movimento Contracultura americano e europeu, que ligado ao Movimento Novo Pensamento, aspirava a vida comunitária como uma real possibilidade de enfrentar as crises, econômica, social, ambiental e humana, instauradas pelo ímpeto capitalista.

Em concordância com a pauta crítica da sociedade desencantada, outra vertente de pensamento sobre o MNE se elucidou. Concatenada com uma ideia oriunda de clássicos da literatura ocultista do final do século XIX e início do século XX, essa corrente acreditava em transformações nas sociedades mundiais tracejada pela mudança de eras astrológicas. Nesse ideário, deixaríamos a Era de Peixes, caracterizada pelo dualismo, materialismo e dissociação do mundo espiritual e material e entraríamos na apocalíptica Era de Aquário (BORGES, 2015; GUERRIERO et al. 2016). Na Era de Aquário, adentraríamos em uma Nova Era (NE) pautada pela visão unitarista, onde Deus e ser humano, desfrutavam da mesma essência. (GUERRIERO, et al. 2016). Nessa NE o feminino renasceria como centro de poder, os saberes ancestrais se religariam, as religiões institucionalizadas entrariam em derrocata e a natureza começaria a se afastar da ideia iluminista que a acorrentou as vontades egóicas do *homo faber* e passaria a ser vislumbrada com sacralidade. Ademais a vida comunitária, assim como na outra corrente de

---

<sup>70</sup> No Brasil esse movimento ficou conhecido como *Underground* e teve como principal expoente o jornalista Luiz Carlos Maciel, “o guru da contracultura no Brasil” (TAVARES, DUARTE e COGNALATO, 2010).

<sup>71</sup> Fenômeno ou apenas Nova Era.

pensamento, seria resgatada, sendo uma das principais conquistas da humanidade (BORGES, 2015).

Em síntese, é em meio a um “universo de luta, contestação e controvérsia” que em ambas as elucubrações teóricas, o nascimento do MNE costuma estar associado (BORGES, 2015, p. 30). É dentro desse universo NE, que afloraram as experiências espirituais, difundidas sob a égide do autoconhecimento, que pautadas em figuras emblemáticas como, Aldous Huxley, Carlos Castañeda, Juddit Krishnamurti, Osho, Paramahansa Yogananda, Srila Prabhupada, inspiraram uma legião de jovens por todo o mundo (BORGES, 2015; TAVARES, DUARTE e COGNALATO, 2010).

Do experimentalismo enteógeno ao Hare Krishna, esse movimento complexo está longe de ser consensual e para tanto não se guia por uma única matriz teórica ortotóxica. Essa falta de consenso, tanto em relação ao seu surgimento quanto sua configuração estrutural, está atrelada ao seu dinamismo e fluidez, que faz com que a NE se molde constantemente em face da necessidade de se adaptar a diversidade de culturas locais.

Camurça (1996, p.3) afirma que o MNE é caracterizado de um lado pelo holismo, fundamentado na ideia de que “tudo é um” e de outro pelo místico, na ideia de que “o espírito é interior de todas as coisas”.

Toniol e Steil (2010), vão dizer que no desenrolar da NE, o espaço ocupado por Deus antes localizado do lado de fora do mundo, passa para dentro do mundo, onde ele é acessado a partir das experiências particulares de caráter místico e energético. Para Steil (2004, p. 13), “o encontro com a divindade torna-se um encontro com seu verdadeiro ‘eu’”, ou seja, as experiências religiosas passam a ocorrer no plano da intimidade das pessoas. Isso significa dizer, que na NE não são mais as normas religiosas institucionalizadas que certificam a verdade, mas sim a pessoa, que passa a ser sua própria geradora de autenticidade da relação que estabelece com o sagrado (TONIOL e STEIL, 2010; STEIL, 2004).

Frigeiro (2013, p. 55 e 56), em seu estudo sobre a NE lationamericana, propõe três núcleos de ideias que nos permitem compreender o marco interpretativo que subjacente ao MNE permitem entender suas lógicas de apropriação (ou não) de distintas tradições espirituais. O primeiro é o *self* sagrado, que se baseia na ideia da existência de uma centelha divina ou um “eu” sagrado dentro de cada pessoa. É através do desenvolvimento espiritual que se entra em contato com esse “eu”, eliminando as barreiras do ego. Quanto mais eliminamos essas barreiras, mais nos aproximamos desse *self* sagrado, que ao se relacionar com a natureza e o cosmos, proporciona uma transformação na pessoa, que afeta positivamente os demais.

O segundo núcleo interpretativo proposto pelo autor, é a circulação permanente que explica os elementos organizacionais da NE, que não é somente valorizada positivamente como também atua como um requisito indispensável para o desenvolvimento espiritual. Nesse ponto a afirmação da autonomia do sujeito é expressa na valorização da circulação permanente por diversas práticas e grupos. Aliada a essa peregrinação, Frigeiro (2013, p.57), diz que o contínuo estabelecimento de relações efêmeras e mutáveis e a concessão a elas de uma papel central na transformação positiva, individual e coletiva, se configuram como característica fundamental desse movimento. Logo, é essa circulação que torna a NE tão difícil de conceituar. Não é apenas uma religião do *self* porque tenta desenvolver ou manifestar uma centelha interior divina, mas também porque o indivíduo (e não o grupo determinado) é quem decide ao final as práticas que funcionam para ele. Essa ênfase na especificidade individual e a multiplicidade de caminhos é uma característica facilmente percebida que pode nos auxiliar a identificar quais grupos podem compor o MNE e quais não. O autor traz como exemplo, o caso de alguns grupos praticantes de religiões orientais presentes no ocidente e que por vezes parecem ter uma “pegada” NE. Esses grupos, quando observados de perto, conforme comenta Frigeiro(2013), exibem um *modus operandi* baseado na adesão confessional, onde aos crentes somente é admitida a participação no grupo, que é liderado por um único guru. Essa característica vai na contramão do que se propõe a NE – uma mobilidade de pertenças bricoladas (HERVIEU- LÉGER, 2015).

O terceiro e derradeiro núcleo, do qual propõe Frigeiro (2013, p.59), é o da valorização das alteridades. Isso quer dizer que na NE há uma valorização da supressão das hierarquias de poder estabelecidas ou sua inversão e a valorização da natureza e do papel da conexão do indivíduo com ela. Ambas as características atuam como motores da evolução individual e da transformação positiva da humanidade.

Além da proposição desses três núcleos interpretativos sobre o MNE, Frigeiro (2013), levanta uma questão extremamente pertinente para o cenário contemporâneo da NE. O autor defende a ideia que o movimento NE deve incorporar em sua cosmovisão as culturais locais e regionais, como a exemplo as religiões afroamericanas, o culto ao santos populares e as tradições indígenas. Para esse autor, o circuito da NE deve ser composto por quaisquer práticas ou religiões, que provoquem algum tipo de transformação espiritual. Em outras palavras, que levem a pessoa a uma qualidade espiritual em novo ou maior nível que ela se encontrava.

É dentro da proposta de Frigeiro(2013), que consigo visualizar de maneira mais clara, o lugar ocupado pela Choupana do Gavião dentro do universo NE. Com esse nota não tenho pretensão de empreender um aprofundamento teórico sobre o MNE, mas sim de maneira sucinta e objetiva, permitir ao leitor uma aproximação com as principais teorias que estão no invólucro

novaerista. É importante dizer, que a NE não se limita as tessituras que realizei aqui, ao contrário vão muito além e ao infinito.





Ave de Rapina

“Ave de rapina,  
Grande guardião,  
Protege a casa,  
Que avistar nesse chão.

Guerreiro dos ventos,  
Campo de visão,  
Voa sobre o tempo,  
E transforma-se em clarão.

Na sua rajada em espiral,  
Vem descendo,  
O seu grito ecoa,  
Debaixo da terra.

Tudo frutifica, semeia e cresce e nasce,  
Aos olhos do gavião.

Ave de rapina  
Protege com sua visão  
Ela é quem vigia o caminho,  
Da iluminação,  
Ave de Odé,  
Caçador de outra dimensão,  
Sobre a sua guia,  
Caminha o meu coração.

Hino recebido pelo integrante Pássaro do Entardecer, indígena da etnia Xukuru- Kariri



### 3 CAPÍTULO III – APROXIMAÇÕES ETNOGRÁFICAS COM A CHOUPANA DO GAVIÃO

#### 3.1 NA TOCA DO LOBO: EU, A BIÓLOGA, IMPELIDA PELOS MEUS IDEAIS

Em fevereiro de 2017, quando tomei contato pela primeira vez com um integrante da Choupana do Gavião e compartilhei, ainda que de maneira esboçada e muito mais no campo das ideias do que na concretude do papel, minha proposta de tese, Guerreiro das Folhas, além de me passar informações e apontar para uma provável possibilidade de desenvolver minha pesquisa com o grupo, me colocou em contato com quem até o momento estava mais à frente dos “trabalhos”. Esta pessoa poderia, de acordo com seu relato, me auxiliar na compreensão de como surgiu a Choupana do Gavião, assim como, repassar informações mais detalhadas sobre o que eu estava almejando saber naquele momento.

Por intermédio de Guerreiro das Folhas, fui colocada em contato com Lobo Dourado, figura um tanto quanto mítica para mim, já que eu havia visto esse nome envolvido em eventos “bruxescos” o qual eu acompanhava curiosamente pelas redes sociais. A primeira associação que fiz com esse nome, Lobo, foi na estereotipagem veiculada nos desenhos animados do tipo “Os três porquinhos”, onde o Lobo é um ser rude e de voz grossa. Contrariando minhas expectativas de associação infantil, logo ao entrar em contato com o tal Lobo Dourado, percebi logo de cara, que aquele Lobo que estava mediando o grupo da Choupana, tinha características relacionadas a figura do Lobo que Sams e Carson (2000), no livro *Cartas Xamânicas*, apontam como sendo o “professor, Mestre, Desbravador de caminhos [...] o precursor de novas ideias”.

A gentileza e a empatia com que Lobo recebeu minha mensagem, que num primeiro momento fora via *inbox* do *facebook*, me encheu de alegria e inflou minha “alma pesquisadora”, me dando forças para seguir nessa proposta de pesquisa nada convencional para uma bióloga. Após o contato, combinamos de conversar pessoalmente durante um evento de Educação do Campo que aconteceria em Erechim/RS, entre os dias 29 à 31 de março de 2017 e onde a Choupana estaria expondo seus artesanatos e medicinas (sabonetes, tinturas de ervas, aromatizadores).

Na data do evento, eu estava lá participando do simpósio, já que se tratava de uma temática relevante para uma futura doutora em Extensão Rural, e (nem tão) pronta para me lançar na carreira de “aprendiz de bio-antropóloga”. No dia 29 de março de 2017, conheci algumas pessoas da Choupana. Com uma dificuldade considerável de comunicação (acreditem!), aos poucos fui me aproximando do estande do grupo, cada passo em direção ao local, era um *pranayama* (“técnica respiratória”) de socorro que eu fazia, até que tomei

coragem, me aproximei e me apresentei. O pessoal já estava sabendo da minha existência, por conta do trabalho e do meu desejo de estudar o grupo, pois desde o início me foi indicado por Guerreiro das Folhas que ele iria levar o pedido ao grupo para apreciação do mesmo. Fiquei boa parte da tarde por lá, conversando com algumas pessoas do grupo, que tentavam entender mais sobre minha proposta de trabalho (eu também estava fazendo esse movimento!). Naquele momento, Lobo não estava presente pois estava atendendo as demandas profissionais e de organicidade do evento. Combinei então de passar no outro dia por lá novamente, que era quando Lobo teria um tempo livre para conversarmos.

No dia 30 de março de 2017, enquanto eu e minha amiga Tansagem (*Plantago major*), nos organizávamos para ir ao local do evento que estava sendo realizado no Parque da Associação Comercial Cultural e Industrial de Erechim (ACCIE), fui chamada pelo meu gato Mipou. Um felino de cor branca e preta. Cheio dos trejeitos e de uma personalidade peculiar, Mipou me chamou como quem dissesse: entra nesse quarto agora! Eu, que nunca ousei em desobedecer esse gato-onça, rapidamente entrei no quarto onde minha avó materna fazia morada há alguns bons meses. Logo que entrei no quarto, me deparei com uma situação diferente da que eu havia programado para aquela tarde. Sem possibilidades de escolhas, tive que atender a demanda urgente do plano espiritual que me incumbia naquele instante de acompanhar a passagem da matriarca da família. Pronto, agora eu estava envolvida em outra lida e a conversa com o Lobo teria que ser adiada e assim foi. Alguns dias, após minimamente me recompor do luto e já nos “4 minutos da prorrogação do segundo tempo” da qualificação, fui obrigada a me centrar novamente na pesquisa, já que o sistema imediatista onde se inserem os deveres dxs pós-graduandxs no Brasil, poucas vezes (pra não dizer nenhuma vez) permite outras escolhas que não sejam, terminar o trabalho ou desistir! Por volta de 18 abril de 2017 fiz contato com Lobo Dourado e agendamos nossa primeira conversa pessoalmente.

Eu tinha pouca, pra não dizer nenhuma, experiência em métodos qualitativos (quem dirá em etnográficos então!) não sabia muito o que perguntar, se é que era para perguntar algo. Pensei, “bom, vou (tentar) seguir o que fazem os estudos que já li envolvendo o campo ayahuasqueiro!<sup>72</sup>”. Lá me fui para o campo, só que dessa vez não era para coletar roedores ou colêmbolos (animais do solo), era para coletar palavras, impressões, visões, sentimentos e tudo mais que minha experiência de principiante conseguisse.

---

<sup>72</sup> Eu já tinha lido diversos estudos desenvolvidos pela antropóloga Beatriz Labate, uma das principais referências a qual me baseei na tese.

De posse de um pequeno mapa, enviado por Lobo via *inbox*, na manhã de 21 de abril de 2017, sai em viagem para tentar compreender de maneira mais detalhada como se deu o processo de constituição da Choupana do Gavião.

Dirigi por aproximadamente 240 quilômetros pelas rodovias asfaltadas que ligam o município de Erechim/RS a cidade gaúcha de Ijuí, localizada mais a noroeste do estado do RS. Após rodar boa parte em estradas de asfalto, entre o município de Bozano/RS e Ijuí/RS, avistei o ponto de referência que me foi passado por Lobo. Nesse ponto, deveria entrar em uma estrada de terra e andar cerca de um quilômetro. Com olhar atento no hodômetro, andei um quilômetro e nada. Resolvi seguir em frente. Andei mais um tanto, em meio àquela paisagem marcadamente agrícola, que em tons marrom palha, num primeiro momento parecia morta, mas quando observada mais cuidadosamente, eu via pequenos brotos verdinhos que pareciam se erguer em direção ao céu, na tentativa de fugir, se assim o pudessem, de dentro daqueles solos quase desnudos e envenenados. Essa paisagem que parecia ilustrada por uma paleta de cores frias, indicava que a safra da soja havia se findado e logo as cultivares de inverno se alastrariam sob aqueles solos tristonhos.

Andando em velocidade baixa, uns 20 km talvez, a cerca de 200 metros de distância avistei um pequeno capão. Esse fragmento florestal solitário, em meio a imponente paisagem agrícola que parecia querer engolir o pequenino florestal, me mostrava o valor de resistir. Ao me aproximar dele, vi na sua entrada um portão de ferro, que era meu ponto de referência principal. Pensei, só pode ser aqui!

Cruzei o portão, que mais me pareceu um portal com ligação direta para a natureza quase que intocada. Segui por uma marcação de trilhos onde as poáceas (gramíneas) com seus entrelaçamentos cobriam parte do chão e as frondosas árvores, com seus “braços bailantes” pareciam fazer uma espécie de túnel verde. Guiada por esses seres florestais, nesse caminho até então desconhecido por mim, aproximadamente cinquenta metros depois, avistei uma casa rústica, que se mesclava as cores outonais. No seu entorno pessoas se movimentavam, pareciam estar envolvidas com algum trabalho.

Estacionei o carro, desci e fui recebida pela companheira de Lobo, Guardiã da Casa de Oxum, que naquele momento gestava o primogênito do casal. Após apresentações, ela me falou que estava acontecendo um mutirão. Logo, o movimento que eu via ao redor da casa, era consequência do trabalho coletivo que estava sendo realizado pela irmandade daquele local, com propósitos de construir um templo, que abrigaria um novo “ponto de medicina”. No momento que cheguei, Lobo estava envolvido com os reparos do banheiro seco da casa e mais além iria me atender.

Enquanto não me atendia, andei pelo terreno e observei as atividades que estavam sendo desenvolvidas e os elementos que compunham aquele cenário. A direita da casa, em uma área aberta, onde o chão era compactado, havia uma estrutura, que lembrava uma Tipi (tenda indígena em formato cônico). A estrutura coberta por plástico, era adornada por pedras, com cores diversas: rosa, verde, azul, transparente, que me pareciam se correlacionar com os *chackras* (grafia inglesa). *Chackras*, em sânscrito: *Çacra*, “roda de luz”, é um sistema de componentes arquetípicos da consciência. Originário nos Vedas, o sistema dos *chackras*, foi difundido no Ocidente em 1919, a partir da tradução dos textos tântricos feitos por Arthur Avalon no livro “*The serpente Power*”. Muito utilizado na bricolagem intrínseca da Nova Era, acredita-se que os *chakras*, (sete pequenas rodas de luz) são espalhados pelo nosso corpo e se comportam como centros organizadores para recepção, assimilação e transmissão das energias vitais, funcionando como centros energéticos que fazem a interseção entre corpo, mente e espírito (JUDITH, 2010).

Ainda nessa mesma estrutura, em suas paredes internas, observei mais elementos que remetiam as tradições orientais. Cangas, que são tecidos de algodão com estampas, estavam penduradas e rememoravam aos deuses Hindus, *Krishna*, *Radha* e *Ganesha*. Para além dos elementos, que entendo ter relação com o espiritualismo oriental, penas, que pareciam ter pertencido a uma coruja, balançavam ao vento que entrava pela porta do pequeno templo improvisado. Penas ou outras partes de animais, como ossos, dentes, bicos, etc, tem importância central dentro da ritualística Xamânica, sendo considerados objetos de poder. Nesses objetos, estão contidos espíritos auxiliares que, através da sua energia mágica, conferem proteção, cura e sabedoria ao caminhante dessa linha (MATTHEWS, 2002). O simbolismo contido nesses adornos, no meu entendimento, estariam indicando a possível adesão do grupo as pluralidades, seja religiosa ou espiritual, que engendram o universo da Nova Era.

Segui, observando, conversando com algumas pessoas enquanto trabalhavam. As pessoas ali envolvidas eram residentes de cidades próximas e todas conheceram os trabalhos com ayahuasca participando de cerimônias na comunidade Altéia em Itaara/RS. Entre uma conversa e outra, a Guardiã da Casa de Oxum nos chamou para o almoço. Conheci então o famoso Lobo, dono de cabelos longos, o guardião da Choupana, era alegre e simpático. Conversamos rapidamente antes da refeição. A alimentação naquele dia compunha um cardápio composto por uma dieta vegetariana.

Marcamos de conversar após o almoço, naquela estrutura estilo Tipi, que no momento servia de templo improvisado. Entrei no pequeno templo e logo em seguida, Lobo chegou. De posse de uma bolsa estilo xamânica, sentou-se em uma cadeira e tirou de dentro da bolseta, uma

chanupa, espécie de cachimbo, comumente utilizada por adeptos do xamanismo. A chanupa ou cachimbo, considerada também um instrumento de poder, representa a união do feminino (fornilho) e o do masculino (tubo) de todas as formas de vida. É utilizada para enviar preces, agradecer ao Grande Mistério – Deus, e para simbolizar a paz entre todas as nações. É usada em momentos sagrados, como em rodas de conselho, meditações, buscas, curas e rezos. No fornilho, que representa o feminino se coloca tabaco, uma planta de poder, de origem indígena.

Entre uma pitada e outra da chanupa, íamos conversando. Nesse dia, por falta de coragem em pedir se poderia utilizar um gravador, me utilizei apenas de uma caderneta – diário de campo, aonde ia anotando informações que eu julgava relevante. Na ânsia de observar cada detalhe que compunha o cenário, a paisagem, que nas etnografias que havia lido eram de uma riqueza peculiar, e atrelada ao fato de não ter nenhuma experiência prévia com observação ou ainda escrita etnográfica, acabei me “perdendo”. Confusa pelas milhares de informações novas na cabeça, estava de um lado deslumbrada com as composições visuais que sobressaltavam aos meus olhos e de outro **impelida pelos meus ideais** biologistas. Esse confronto, fez com que as informações compartilhadas nesse primeiro diálogo com Lobo, fossem reduzidas a pequenas frases frias de subjetividades.

Essa falta de familiaridade com o método de pesquisa e o excesso de “fluído cartesiano nas veias”, fez com que eu dispusesse de algumas informações iniciais que até me permitiram escrever sobre a comunidade na minha qualificação, mas não me possibilitaram profundidade alguma para uma imersão. Esse fato, aliado com a necessidade de coletar sobre a trajetória do fundador do grupo, fez com que em 18 de dezembro de 2018, eu retornasse ao sítio *Arandu y Abate*<sup>73</sup> e coletasse novamente essas informações.

Neste retorno, em 18 de dezembro de 2018, fui acompanhada de uma integrante da Choupana do Gavião, Flor da Rainha. Saímos cedo de Erechim/RS, em direção ao sítio de Lobo. As cenas que compunham o caminho eram outras, a cor palha que envolvia toda a paisagem em abril de 2017, havia sido substituída pelo ilusionista verdejante balançar das folhas de soja, que compunham o “deserto verde” e indicavam que a safra de verão estava aberta. Andando pela estradinha de terra, acompanhadas pela chuva, logo avistamos o pequeno capão, que ainda estava por lá, resistindo à pressão que o agronegócio exerce na região. Ao chegarmos no portão, percebi que ele havia ganho pequenas placas informativas, pintadas a mão e uma campanha. Flor da Rainha, familiarizada com o local, desceu do carro e abriu o portão e me disse que seguiria até a casa andando. Segui naquele caminho de poáceas e árvores dançarinas. Logo

---

<sup>73</sup> Tradução: Fonte de sabedoria da verdadeira humanidade. LD, 2019.

percebi que o pequeno caminho, tinha ganho ramificações e identificação: uma placa apontava em direção a casa e a outra direcionava para o templo. Segui a placa que apontava para a casa. Nos aproximamos do local, eu mais à frente de carro e Flor de Rainha, um pouco mais atrás andando. Debaixo das gotas refrescantes da chuva de verão, avistei Lobo que sinalizava, com tom de voz suave, que Jasmim- dos- Poetas, filho de Lobo e Guardiã da Casa de Oxum, estava em seu sono tardal, era adequado fazer silêncio para que o pequeno pudesse descansar. Desci do carro, encontrei com Lobo e Flor, peguei um guarda-chuva e então Lobo nos orientou a irmos até o templo. Entramos em uma trilha mais fechada e nos dirigimos até o Templo Dourado Oxum e Xangô da Mata (TDOXM).

Naquele caminhar em meio as árvores e o sub-bosque do pequeno florestal até o templo, uma caminhada curta, entre algumas trocas de palavras, meus *vrttis* (agitações) se aquietaram e algumas reflexões sobre minhas incursões ao *Arandu y Abate* vieram à tona. Na minha primeira ida até Ijuí/RS, a energia do oeste “Como eu penso”, que se manifesta no outono se fazia presente: no meu trabalho que dava seus primeiros e amedrontados passos, na natureza que iniciava seu momento de recolhimento, no bebê que estava sendo gestado, no templo que aos pouquinhos procurava seu espaço no meio daquela natureza exuberante. Na segunda incursão, no verão, o sentir era latente, aflorando e conformado mudanças significativas: o trabalho já se encaminhava para vias de inferências, a natureza estava florando, o bebê já dava seus primeiros passos e o templo agora era maior e maior seria. Mostrando que a roda da vida, em perene movimento, está sempre nos trazendo novas lições e novas verdades a medida que avançamos no caminho!

Ao final dessa curta caminhada, a nossa direita, lá estava ele, o templo. Uma construção de madeira, em formato retangular, em uma área de clareira na mata, a fim de se evitar quaisquer manejos agressivos a natureza.

Ao adentrar no templo, senti um singelo acolhimento, um lugar perfumado, possivelmente pela prática de defumações com ervas e uso de incensos, com um altar composto por objetos simbólicos que compõe a cosmologia da Umbanda, do xamanismo e do Santo Daime. Todo esse universo sincrético, me parece ser fator fundamental e estruturante na trajetória de Lobo Dourado e tem ligações intrínsecas ao modo como se constituem seus trabalhos e como se deu o nascimento da Choupana.

Dessa vez, mais encorajada perguntei se poderia fazer a gravação da entrevista. Lobo prontamente me deu autorização e logo nos sentamos e iniciamos nosso diálogo. A conversa iniciou com uma breve rememoração do que já havíamos conversado em outrora e seguiu percorrendo um caminho temporal que remete a trajetória de vida de Lobo, a constituição da

Choupana, seu afastamento geográfico e depois físico do grupo e mais ao final, as relações com o grupo no novo cenário.

### **3.1.1 O Dourado do Lobo, da Águia e do Guardião: trajetória do fundador da Choupana do Gavião**

Já no início da nossa conversa Lobo me contou que desde cedo, criança ainda, a espiritualidade começou a se manifestar através da mediunidade. Criado no seio de uma família católica, “daquelas de preparar liturgia, meu pai toca gaita na igreja, minha mãe é ministra” (LD, 2018), foi submetido a todos os ritos iniciáticos do catolicismo: batizado, eucarística e crisma. Quando criança ouvia vozes, tinha visões, sem entender do que se tratava em certa ocasião, ao ver um senhor velho sentado em cima da cama, assustado aos prantos Lobo foi levado ao hospital sob suspeita de surto febril. Teve inúmeros episódios de manifestações de fenômenos mediúnicos e só viria a entender que as vozes que acreditava que saíam da parede eram na verdade entidades espirituais, por volta dos 18 anos, quando se aproximou de um centro espiritualista na cidade de Ijuí/RS.

O centro espiritualista trabalhava com os mestres ascencionados e linha kardecista, fazia trabalhos de caridade através de passes, encaminhamento de almas, aconselhamentos, curas, etc. Foi sob comando da Mestra Reiki Anis- Estrelado que o jovem Lobo Dourado, iniciou seu desenvolvimento mediúnico e tão logo sua iniciação no Reiki,

um trabalho bem diferente do que a gente está fazendo hoje né, mas ali que começou tudo né, então a Anis-Estrelado eu tenho ela como uma grande mestra assim também, porque foi quem me acolheu naquele momento, que era um turbilhão de coisas mediúnicas acontecendo e que eu não dava conta de nada, estava descontrolado. Então ela me ensinou, trabalhou, me ensinou a desenvolver a mediunidade (LD, 2018).

Foi no espaço de Anis que teve contato com sua primeira entidade de Umbanda, o preto velho Pai Sebastião. Embora esse centro espiritualista, não trabalhasse com a linha doutrinária da Umbanda, “o grupo não era fechado para outras formas de manifestação de entidades, então recebiam pretos velhos, se via que a era uma energia boa, que tinha uma mensagem boa [...] permitiam chegar” (LD, 2018).

Foi trabalhando com Pai Sebastião, entidade que acompanhou Lobo por mais de 10 anos<sup>74</sup>, que sua ligação com Erechim/RS começou a se desenhar ainda no campo da

---

<sup>74</sup> Recentemente Lobo foi informado por Pai Sebastião que ele estava se preparando para encarnar e por isso a parceria entre ele e Lobo, por hora cessaria.

espiritualidade. Cerca de um ano ou dois anos depois de iniciar os trabalhos com Pai Sebastião, o preto velho que fazia o uso de cachimbo para,

[...]trabalhar com os quatro elementos da natureza, o fogo do braseiro, a terra que é o tabaco, o ar que é a fumaça né e a água que é saliva [...] quebrou o cachimbo, ele rachou, todo cachimbo rachou, e aí uma pessoa que era o cambone [...] o cambone dele o Alfredo, um irmão muito querido até hoje, segue no grupo ali [referindo-se ao centro espiritualista], ele deu pro Alfredo e falou “isso aqui agora quebrou foi alguma coisa que estou trabalhando”, não me lembro que palavras ele usou, mas tu vai enterrar num pé de uma árvore. Alfredo tem parentes lá vizinhos de Erechim né, a mãe dele mora lá, eu nem sabia que Erechim existia no mapa e ele enterro lá, beirando Erechim ali próximo de Capôere, o cachimbo do Preto Velho, só que isso há muitos anos antes de eu saber, nunca imaginei, que um dia ia morar lá em Erechim né, então eu vejo que já havia parte de um plano assim, de tudo isso, de toda essa rota, desses grupos, dessas pessoas chegando né, então a espiritualidade eu tenho certeza que já sabia de tudo isso né (LD, 2018).

Depois de Pai Sebastião, começaram a chegar outros caboclos e Lobo começou então a receber seus guias de umbanda,

antes mesmo de saber o que era umbanda, pra mim umbanda era [energia negativa], não quero nem saber, eu era católico né, já estava demais dentro do espiritualismo ((risos)), dentro do espiritismo né, então não queria saber de umbanda assim, de jeito nenhum, por falta de esclarecimento né, depois eu fui ver que era um trabalho lindíssimo (LD, 2018).

Em busca de maior entendimento sobre quem eram os caboclos, que inicialmente entendia como índios, Lobo começou a estudar assuntos ligados ao xamanismo e foi nesses estudos que teve seu primeiro contato com a palavra ayahuasca,

mas a mestra ali na época disse: “não, a gente não precisa disso, não precisa tomar um chá para entrar em contato com a espiritualidade, a gente entra aqui através da mediunidade”, bueno morreu ali então, ficou aquilo ali, eu nunca fui atrás” (LD, 2018).

Tempos depois, Lobo foi fazer um curso de especialização em Medicina Tradicional Chinesa na cidade de Santa Maria/RS, onde conheceu o artesão Urso Branco. Em um bate papo na Saldanha Marinho, praça central da cidade, o artesão comentou da Altéia, comunidade que trabalhava com xamanismo e ayahuasca. Com desejo de conhecer a experiência do grupo, cerca de um ano depois, Lobo e um casal de amigos, resolveram ir em busca da tal Altéia. Com a indicação de onde mais ou menos ficava a comunidade, já que na época não era uma coisa tão aberta, não tinha redes sociais com localização, grupos de *whatsapp* para caronas, andaram de um lado pro outro, pelas estradas de terra do interior de Itaara/RS e não encontravam o tal lugar.



Quase desistindo, Lobo pediu uma orientação, “eu pedi pro Sebastião, ‘bueno se é pra mim chegar nesse lugar que me mostre assim, senão nós vamos desistir’” (LD, 2018). Nesse momento, sentiu o lugar, pararam, bateram palmas num portão, que não dava muito indício de que havia alguma coisa, recebidos por uma pessoa tiveram a comprovação de que estavam no lugar certo. Conheceram o pessoal que estava por lá e também o líder da comunidade, Calistemo (*Callistemon imperialis*), que os atendeu e permitiu que participassem do trabalho que seria feito naquele momento. Nessa cerimônia, que era a última antes da descida dos buscadores da visão<sup>75</sup> da montanha, Lobo consagrou pela primeira vez a ayahuasca,

aí eu tomei daime, pela primeira vez, foi fortíssimo assim ((risos)) aquela coisa toda da primeira toma, muito forte assim, a minha sensibilidade era muito grande mediunicamente, imagina tomando um copão de medicina, então fui pra lua e voltei, aconteceram mil coisa ((risos)) e aí veio a jiboia falou comigo, eu não entendia como, porque do que eu tinha estudado espírito de animal não vinha conversar contigo né ((risos)) e aí a jiboia conversou comigo, se enrolou em mim, me engoliu, aquele processo lindíssimo tudo, cerimônia muito forte (LD, 2018).

Essas experiências relatadas acima por Lobo, são conhecida no universos ayahuasqueiro como mirações<sup>76</sup> ou visões. Essas mirações e/ou visões, vem sempre aliada como meio de revelação espiritual, sendo que sua interpretação está ligada a cosmologia de cada linha (LABATE, 2004)

Após essa vivência, retornou para Ijuí/RS seguiu indo ao centro espiritualista que vinha frequentando e por um bom tempo acreditou que não iria mais retornar para a Altéia. Tempo depois, Lobo se mudou a trabalho para Panambi/RS. Na pequena cidade gaúcha, Lobo trabalhava como professor de física e nas horas vagas atendia o público: aplicava reiki, fazia acupuntura e trabalhos mediúnicos de caridade. Num certo dia enquanto repousava na maca da sala de atendimentos, olhando para a janela viu um gavião que,

deu umas voltas assim na janela e virou de certa forma pra janela e nisso, não ouvi com o ouvido mas ouvi com o espírito sabe? Eu ouvi a voz do [Calistemo]– que eu conheci rapidamente lá [referência a Altéia] – no gavião falando que eu tinha que volta pra [Altéia], me falou aquilo do gavião, que eu tinha um caminho pra percorrer lá ainda que não tinha sido só naquela cerimônia que eu tinha que voltar e aí me pilhei de voltar, me chamou muita atenção aquilo, porque segunda vez que um animal tinha

<sup>75</sup> Buscadores da Visão, conforme me foi, explicado por Lobo Dourado, são pessoas que se submetem a um rito xamânico, onde sobem para uma montanha e jejuam alimentos, água, palavras, etc. Nesse processo vivenciam curas emocionais, espirituais, mentais. A cada Busca, que pode ser de quatro até treze dias ou mais, dependendo da cosmologia adotada por cada grupo, são galgados degraus na caminhada espiritual.

\*Importante ressaltar que essa explicação descrita acima, que se refere ao que seria a busca da visão, está descrita de maneira simples, de modo a permitir que pessoas sem proximidade com esses rituais, possam compreender meramente do que se trata esse rito. Isso quer dizer que a Busca da Visão não se reduz a essa explicação objetiva.

<sup>76</sup> c.f. Item 2.3.1.

conversado comigo, a primeira foi a jiboia, eu tinha ficado bem inquieto com aquilo, [...] o que que tem aí né (LD, 2018).

Após esse ocorrido, Lobo voltou para a Altéia e se integrou as atividades desenvolvidas na comunidade. Regularmente viajava de Panambi/RS até Itaara/RS para participar das diversas ações realizadas por lá: mutirões, terapias alternativas, cerimônias, etc. Nesse meio tempo, o contrato de trabalho em Panambi se findou e Lobo então decidiu se mudar para Santa Maria/RS, para ficar mais próximo da comunidade e se inserir mais facilmente ao cotidiano da mesma.

Nesse momento em que Lobo Dourado sai de Panambi, mudanças significativas se desvelam em sua trajetória de vida. Ele deixa de ser o professor do ensino formal e na Boca do Monte, se consolida profissionalmente como terapeuta holístico. Além dessa mudança a nível profissional, Lobo acabou se aproximando ainda mais da vida comunitária da Altéia e por essas vias, novas demandas energéticas e espirituais se apresentaram, fazendo com que o então Lobo Dourado, nome recebido do Fogo logo no início de sua trajetória na Altéia, recebesse um incremento de energia,

aquele momento que eu te falei que eu sai de Panambi que eu fui morar lá [Santa Maria] [...] eu senti que era hora de me batizar novamente, veio o nome de Águia Dourada, dourado também, então o dourado sempre acompanhou de certa forma [...] <sup>77</sup> (LD, 2018).

O Lobo e a águia, dentro da tradição xamânica, andam sempre aliados. O Lobo traz a energia do professor, aquele que ensina e compartilha os conhecimentos adquiridos, enquanto que a águia representa o espírito em sua manifestação máxima, permitindo que se viva a esfera espiritual, ao passo que os pés fiquem firmes no chão, equilibrando à vida na Terra. Quando se acessa a energia da Águia, voamos para além da dimensão mundana da consciência, e nos preparamos para embarcar em novas aventuras.

Com o pulsar entrelaçado das energias do Lobo e da Águia, as novas aventuras se manifestaram tão logo. Seis meses após estabelecer morada na Boca do Monte, em 2014 Lobo é chamado em um concurso público na cidade de Erechim/RS. Novos desafios estavam lançados tanto a nível profissional, quanto a nível espiritual, parece que o cachimbo de Pai

---

<sup>77</sup> “Depois [2016] na minha busca de nove [dias], eu recebi direto do daime esse nome Guardiã da Luz Dourada, eu estava na busca eu tive uma passagem muito forte aonde eu acessei a energia desse nome, Guardiã da Luz Dourada e senti que era o nome de batizar novamente, então na minha busca de nove dias né. Mas eu sigo sendo esses três nomes, que são os mesmos, só com algumas características e formas de trabalho um pouco diferentes, mas a gente segue levando o Lobo, Guardiã e a Águia Dourada” (LD, 2018).

Sebastião, enterrado nas terras argilosas da região Alto Uruguai, como uma centelha espiritual, estava a atrair o Dourado para cumprir com desígnios espirituais naquele território.

Naquele momento, Lobo se preparava para empreender uma excursão pela América Latina com Calistemo, líder da comunidade Altéia. Calistemo costuma viajar todos os anos pelo Brasil e alguns países latino americanos, partilhando seu conhecimento através de condução de cerimônias com plantas enteógenas (ayahuasca, São Pedro, rapé, cogumelos, etc) e buscas de visão. Confuso e sem saber o que fazer Lobo pensou, “vou não vou, Erechim? não sei nem pra onde fica né ((risos)), vou não vou, não conheço ninguém, não conheço nada e aí resolvi, bueno, vou” (LD, 2018).

Juntou seus pertences, colocou-os no carro e foi para Erechim/RS. Chegando na até então desconhecida Erechim “Capital da Amizade”, após se instalar, Lobo sentiu a necessidade de buscar por algum lugar que trabalhasse com xamanismo e espiritualidade. Um dia, no seu trabalho, viu um estudante com auriculoterapia e conversando sobre a técnica, que ele mesmo trabalha e ministra cursos de formação, se sentiu a vontade de perguntar se o mesmo não conhecia algum lugar na cidade que trabalhasse com xamanismo, o estudante indicou então o espaço terapêutico Gervão (*Stachytarpheta cayennensis*), que fica localizado na cidade de Erechim/RS.

Entrando em contato com Manacá, uma das proprietárias do espaço Gervão, Lobo logo sentiu empatia pela senhora e começou a frequentar atividades que eram desenvolvidas no local. Desse convívio com Manacá, surgiu a demanda de realizar uma cerimônia com ayahuasca. Assim em 13 de dezembro de 2014, veio se realizar a primeira cerimônia “mais aberta da região”<sup>78</sup>, fazendo o uso ritual da ayahuasca. A cerimônia conduzida por Calistemo foi realizado na extensão do espaço terapêutico do Gervão, um sítio localizado no rural da cidadela de Gaurama/RS e contou com a participação de 50 a 60 pessoas, “foi uma cerimônia muito bonita, forte[...] foi uma alegria enorme, todo um movimento” (LD, 2018).

Depois dessa cerimônia, Lobo participou de um retiro de final de ano nesse mesmo sítio. Nessa imersão, teve uma experiência transcendental que viria a incitar novas transformações em sua caminhada enquanto buscador. Em uma manhã, quando saiu do espaço físico do dormitório, Lobo viu em cima de uma construção, em formato de Geodésica, um gavião,

---

<sup>78</sup>A primeira religião ayahuasqueira a se instalar em Erechim/RS, foi a Ordem do Templo Universal de Salomão(OTUS), em 2001. Instituição religiosa que em 2003, se fundiu com a UDV. No campo de estudos ayahuasqueiros, se costuma caracterizar a UDV como uma religião mais fechada para receber novas pessoas. Isso se deve ao fato do CEBUDV, possuir um ritual próprio para novatos. Esse ritual, chamado de sessão de adventícios, costuma ser realizado esporadicamente de em acordo com a necessidade de cada localidade, em que o centro se faz presente.

ele cantou em cima da geodésica e eu já tinha aquela coisa com o gavião né [...] ele voo e pousou em cima do cavalo, aquilo pra mim foi muito significativo [...] eu fiquei bobo de ver aquilo sabe, tem alguma coisa especial acontecendo e dito e feito na dança ali, na meditação ativa, foi muito forte pra mim assim sabe, eu chorava assim do transe, um choro, eu não conseguia parar de chorar, de gratidão pela criação, pelo universo, pela planta, pelas flor, e aí o gavião, naquele processo que tinha uma areazinha assim pra fora, a gente dançava lá, e girava lá dentro, eu saía pra fora e ficava tudo mais bonito, quando eu saía e estava me acalmando daquele choro, que era um choro gutural, assim um choro muito forte , no tanto que fala “o choro q ecoa no vale da montanha é um choro profundo do coração do mundo” no hino fala, e aí quando eu tentava acalmar aquele choro assim, eu via uma flor, aí aquela flor era a coisa mais bela do mundo sabe, eu chorava de gratidão a Deus por ter feito a criação, uma energia muito boa assim, mas era um transe [...] eu estava em outro plano, chorava muito, quando eu ia me acalmar o gavião cantava em cima de mim, chorava mais pela criação, eu olhava a montanha assim, nossa! Eu era assim e aí fala “o pio do gavião é canto de louvor por toda criação eterna gratidão” [...] estava pleno de gratidão, numa forma que eu nunca estive antes (LD, 2018).

### **Hino 30- Nas asas do Gavião**

O voo que eu entrei  
Foi o do gavião,  
Eu tomei consciência  
De toda a criação

A folha tá no galho  
A flor que tá no chão  
Tem o toque divino  
De toda a criação

O choro que ecoa  
No Vale da montanha  
É um choro profundo  
Do coração do mundo

A nuvem que é a água  
De outra dimensão  
Forma um rio de choro  
Que vem do coração

Senhora Aparecida  
Senhora Conceição  
Oxum é mãe das aves  
É mãe do Gavião

Suas Asas Divinas  
Me levam a voar  
Enxergo lá de cima  
Onde eu tenho que pousar

O pio do gavião  
É o canto de louvor  
Por toda a criação  
Eterna gratidão

\*\*\*

Os hinos, comuns ao universo Nova Era, se expressam através do fenômeno mediúnic no qual mensagens recebidas do Astral trazem orientações e ensinamentos e “de certa forma representa ou condensa a trajetória de seu dono, sobretudo no que diz respeito a suas vivências espirituais” (LABATE, 2004, p. 218).

### 3.1.2 Nas asas do Gavião: os primeiros voos da Choupana do Gavião

Depois de entrar no “voo do gavião”, Lobo sentiu a necessidade de sair da cidade, do urbano e empreender morada “no meio do mato”, no rural. Na busca por esse lugar que proporcionasse um contato mais próximo com a natureza, se utilizando das facilidades de comunicação garantidas pelas redes sociais, anunciou em sua *time line* no *facebook* que estava procurando um sítio para alugar. Na sequência, Cabocla das Ervas, que havia conhecido Lobo nos trabalhos do espaço terapêutico Gervão, entrou em contato informando que havia uma propriedade rural ao lado do seu sítio *Moukondo* disponível para aluguel. Feitos os trâmites burocráticos, Lobo se mudou para o sítio localizado na área rural do pequeno município de Áurea/RS. Áurea, conhecida como a capital polonesa do Brasil, por ter quase a totalidade de sua população de descendência polonesa, é caracterizada por ter sua dinâmica econômica centrada na agricultura de subsistência, fator comumente encontrado nas cidades vizinhas a Erechim/RS que figura como sendo um polo central nessa região.

O sítio, que seria a nova morada de Lobo, estava em situação de abandono há aproximadamente um ano, pois fazia parte de uma herança familiar e os herdeiros não tinham acordo em relação aos fins que gostariam de dar para a propriedade. Esse fator, de os herdeiros não terem um entendimento “comercial” quanto ao bem, de certa forma animou o locatário, que viu a possibilidade de morar por um bom tempo na casa.

Quando entrou na casa pela primeira vez, segundo relato de Lobo, a situação era periclitante: havia muita sujeira (em todos os níveis: físico e energético) e objetos de uso pessoal (e alguns intransferíveis) dos antigos moradores, já habitantes do plano espiritual. Na função de limpar o espaço com fins de torná-lo habitável, se deparou com um sinal do astral. Ao entrar em um cômodo da casa, que parecia ter servido um dia como garagem, encontrou uma seringueira (*Hevea brasiliensis*) plantada,

naquela peça era um salão, um salão grande maior que esse aqui [referindo-se ao TDOXM], e eu vi aquela seringueira e me veio isso na cabeça, olha que isso aqui vai ser um lugar pra cerimônia, essa seringueira, aí me veio a intuição, seringueira, Mestre Irineu (LD, 2018).

Logo, aquele espaço que no início mais parecia umbral, “com muitos seres que habitavam lá, espíritos difíceis (LD, 2018)” – e que só depois que Lobo firmou uma tronqueira, um ponto dos Exus, fluiu energias boas – começou a receber, inicialmente, pessoas que haviam participado da cerimônia realizada no sítio do Gervão. Essas pessoas – algumas delas inclusive hoje estão à frente de outros grupos ayahuasqueiros que surgiram em Erechim/RS, após o fenômeno Choupana – se identificaram com o trabalho e solicitaram ao Lobo, que seguissem,

se reunindo pra ensaiar os hinos, sem compromisso nenhum, simplesmente pra cantar os hinos porque gostavam de cantar os hinos. Eu também adorava cantar os hinos pra mim era muito saudoso e muito bom e a gente se reunia e cantava (LD, 2018).

Nessa fase inicial da Choupana, Lobo ainda estava sendo preparado pela Altéia para ser um “homem medicina”, que é como chamam as pessoas que recebem o ensino de conduzir cerimônias sob a luz da medicina da floresta, ayahuasca. Por esse condicionante, ele não dispunha de ayahuasca para realizar trabalhos abertos. Desse modo, as pessoas se dirigiam até a casa para ensaiar os hinos,

por um bom tempo a gente se reuniu e cantava os hinos do mestre assim sem daime, sem nada, e subia a força, sem daime sem nada, começava a cantar subia a força era impressionante, a palavra, era muito forte subia só no vigor assim dá vontade de ter um trabalho [...] só na vontade, só na força, de ter a medicina (LD, 2018).

A notícia de que havia um centro espírita que realizava um trabalho diferente de outros que até então existiam na região, foi circulando e despertando curiosidade entre os frequentadores da universidade, espaço no qual Lobo estava inserido. Logo, pessoas vinculadas ao meio acadêmico, de *habitus* investigativo, foram transpondo seus pré-conceitos e sua resistência principalmente com o fato da casa trabalhar com umbanda – que para muitos era uma religião vinculada a energias negativas – e foram se aproximando, “[...] logo assim entraram [...]sentiram de estar conosco lá [...]tinham vários professores ali que eram da corrente né, hoje alunos também[...]

(LD, 2018). Assim, o dirigente da casa que “no início eu era o cabeludo, professor de física meio louco assim né [...] aí aos poucos eles foram vendo que era bem estranho, tomava daime ((risos)), que pra eles no início era um absurdo [...] (LD, 2018)”, aos poucos foi angariando a confiança dos recém chegados, que ansiavam conhecer a medicina da floresta, ayahuasca. Frente a essa demanda, que vinha numa crescente, Lobo em parceria com a Altéia, organizou uma nova cerimônia, a segunda de caráter “nova erista” na região. A Altéia, nessa época exercia

uma função de apadrinhamento da Choupana fornecendo o daime<sup>79</sup> e dispondo de pessoas aptas a conduzir cerimônias com o uso do enteógeno voltadas para grupos maiores e heterogêneos, já que Lobo ainda estava em fase de preparação para mais à frente chegar no lugar de poder dirigir trabalhos abertos com a ayahuasca.

Nesse tempo o grupo ligado ao Gervão, ainda frequentava a casa e os trabalhos que vinham sendo desenvolvidos pela Choupana. Porém, em determinada situação, Manacá e Canto Alegre, hoje ex-integrante da Altéia, tiveram desentendimentos relacionados as visões destoantes no modo de organização dos trabalhos. Embora, essa situação, tenha sido restrita aos dois, Canto Alegre e a Manacá, o fato do grupo ser naquele momento apadrinhado pela Altéia, fez com que a terapeuta Manacá e seus pupilos mais próximos, rompessem com Lobo. As rupturas entre grupos ligados a Nova Era, são comuns e em geral acabam por estimular a criação de novas identidades grupais. Conforme observado por Labate (2014), em geral após as rupturas os grupos se reconfiguram gerando identidades bem distintas das até então observadas. Esse processo, foi vivenciado pela Choupana, já que após a ruptura com o grupo do Gervão, outras pessoas sem ligação com outros grupos holísticos, foram se chegando,

foi chegando o povo que era o povo dali mesmo, que antes a gente tinha o povo ali tinha o pessoal [do Gervão] que vinha de vez em quando né, foi formando o povo dali que não tinha outra ligação com outros grupos né, foram chegando e sentindo o chamado de tá ali perto né (LD, 2018).

Assim o grupo ia tomando jeitos e formas, construindo sua identidade. Diante disso, surgiu a necessidade de se ter um nome para o lugar em que estavam sendo realizados os trabalhos, “a gente precisa de um nome aqui né [...] até pra reza pelo lugar” (LD, 2018). Nessa busca por um nome, que identificasse o novo “ponto de medicina” que estava se configurando na região Alto Uruguai, Lobo intuiu a denominação Choupana do Gavião,

primeiro me veio o nome da mente né, Choupana do Gavião, mas ‘bah é tão sério o nome de um lugar’, assim pra mim era muito sério, será que é né, aí fui dormi com aquele sentimento eu vou pedir uma confirmação se é assim, pode ser que eu sonhe alguma coisa né, aí fui dormir não sonhei nada né e aquele pensamento forte na cabeça ainda ‘ah esse nome’, aí eu fui tomar um café num lugar assim numa mesa que tinha né, fui tomar o café, fortemente imbricado assim naquele sentimento do nome, eu enxerguei um gavião pela janela, de novo o gavião, ele deu duas voltas e pousou em cima da casa, eu pensei ‘não, pra que confirmação maior que essa’, eu estava com aquele nome né, então a gente pensou ‘é Choupana do Gavião’[...] como fosse a casa do gavião [...] e realmente tinha muitos gaviões por lá, depois a gente começou observar assim tinha muito gavião assim pelas araucárias [*Araucaria angustifolia*], ao

---

<sup>79</sup> A Altéia nessa época (hoje já não posso afirmar com certeza que segue desse modo) dispunha de daime através do CICEBRIS.

redor né, e aí foi através do animal mesmo a confirmação de que o nome era Choupana do Gavião [...] e era o espírito do gavião muito forte ali (LD, 2018).

Com o nome do grupo definido, os trabalhos iam acontecendo. Num primeiro momento a Altéia fornecia uma quantidade de daime para que os integrantes da Choupana consagassem entre a corrente,

a gente consagrava um pouquinho assim porque sabia da responsabilidade que era, eu ainda não tinha terminado minhas buscas né que era uma forma de preparação pra servir as medicinas, as buscas de visão eu ainda estava fazendo, mas já estava fazendo trabalhos, a gente fazia trabalhos com umbanda, xamânicos já com a medicina (LD, 2018).

Nesse período, da fase inicial da Choupana, o grupo realizava encontros com propósito de estudar os ensinamentos da umbanda, xamanismo e a doutrina do Mestre Irineu. Esses estudos tinham por objetivo preparar a corrente, já que parte significativa das pessoas que compunham o grupo naquele momento, estavam tendo sua primeira aproximação com temáticas que considerassem o ser humano um ser dotado de espírito. Ademais, quase que a totalidade do grupo estava experienciando pela primeira vez o uso da ayahuasca. Por esses motivos, esses encontros, que foram realizados duas vezes na semana por quase um ano, com hora certa para iniciar e sem hora para concluir,

viravam trabalhos né, tinha muita coisa pra se trabalhar e virava trabalho, então a gente fez um ano de duas vezes por semana, se encontrando assim então foi assim um intensivão assim de preparação e eu nem imagina que era porque dali a pouco eu ia sair ((risos)) então foi muito bom porque preparou esse pessoal ali, fez pela necessidade né, foi feito pela necessidade de preparo do pessoal né e aí na verdade serviu de preparação né pro pessoal que ficou (LD, 2018).

### **3.1.3 O afastamento geográfico de Lobo**

Quando conversei em fevereiro de 2017 com Guerreiro das Folhas, ele me informou que Lobo não residia mais em Erechim/RS, estava morando em Ijuí/RS e o grupo, me pareceu estar se reorganizando em uma nova fase. Na minha primeira ida a Ijuí/RS em abril de 2017, muita coisa passou despercebida pela minha atenção e, naquele momento, meus olhares estavam focados em captar os detalhes paisagísticos e compreender como se formou a Choupana do Gavião. Na minha incursão em dezembro de 2018, com algumas reflexões mais amadurecidas, eu estava disposta em saber como se deu o afastamento, geográfico e físico, de Lobo e como isso se refletiu no funcionamento e organicidade do grupo.



Naquela tarde de 18 de dezembro de 2018, em que lá fora uma garoa fina de verão alegrava os verdejantes do pequeno capão, dentro do templo conversávamos sobre a trajetória de vida de Lobo, quando seu celular tocou. Era Guardiã da Casa de Oxum, pedindo que Lobo fosse até a casa porque ela teria uma agenda a cumprir na cidade e o pequeno Jasmim-dos-Poetas, ainda estava dormindo.

Nossa conversa então mudou de local. Descemos em direção a casa, pelas trilhas molhadas que ligavam a casa ao templo. Chegando lá nos acomodamos no sofá e em tom de voz baixa, de modo a não atrapalhar o sono do pequeno, seguimos nossa conversa. Retornando o último assunto que Lobo estava me contando no templo, que se referia a sua saída repentina do sítio onde até então aconteciam os trabalhos da Choupana do Gavião,

a gente começou fazer os trabalhos lá e estava tudo fluindo bem, estava correndo os trabalhos, já tinha uma corrente de trabalho né, a gente já tinha medicina, a [referindo-se a irmandade da Altéia] seguia indo, fazendo trabalho, assim cerimônias abertas onde a gente recebia pessoas novas né (LD, 2018).

Nesse tempo o grupo já tinha cerca de dez a doze pessoas que compunham a corrente e participavam ativamente dos encontros de estudos e trabalhos espirituais. Algumas dessas pessoas, como Brisa da Gaia, já estavam trabalhando com seu guia e estavam firmes, o que mostrava que o grupo vinha se desenvolvendo de uma maneira positiva e estavam intencionados a seguir se desenvolvendo nos estudos de si e da espiritualidade. Os trabalhos iam fluindo, Lobo seguia orientando a irmandade que aos poucos ia se configurando e sequer imaginava que o sítio, por ele alugado e que naquele momento ganhava os contornos de um novo “ponto de medicina”, seria vendido tão logo. No ano de 2016,

a casa [...] que era alugada, era herança de vários irmãos assim, se não me engano eram dez irmãos, e era uma coisa que parecia que eles tinham, que a gente soube assim indiretamente, que eles tinham uns desacordos em relação a herança e tudo mais, aquela coisa. E eu achei que nunca ia ser vendida né. Tanto que ela [pessoa que alugou] me dizia ‘nunca vão conseguir vender isso aqui, porque nunca eles chegam em um consenso, do que vão fazer, pra quem que vão vender, pra quem que vai’. Aquela coisa toda de herança e aí de repente ela me ligou dizendo que tinham vendido a casa né, que eu ia ter que sair (LD, 2018).

Surpreendido por essa nova condição “habitacional”, sem saber o que fazer e como agir, Lobo tinha apenas uma certeza, “pra cidade nem pensar que queria voltar, eu não queria voltar, eu queria ficar no campo” (LD, 2018).

A região de abrangência de Erechim/RS, tem sua área rural caracterizada em sua maioria por agricultores familiares e “meia dúzia” de latifundiários, que possuem grandes áreas

de terra na região Alto Uruguai e costumam estender seu patrimônio em áreas localizadas nos estados da Bahia, principalmente na região de Barreiro e Paulo Afonso, e na região do Mato Grosso. Embora, seja uma região onde o meio rural seja empobrecido e tenha tido uma forte influência do êxodo rural a maioria das famílias ainda resiste no campo, se valendo de atividades pluriativas. Nesse cenário, raramente se encontram imóveis rurais para alugar nessa região. Lobo estava ciente disso, “vou atrás de outro sítio pra alugar? Não é fácil, aquilo ali foi muito uma inspiração divina. Aparecer um sítio pra alugar com uma casa já, com um salão já para os trabalhos né, eu sabia que não ia ser fácil achar outro lugar pra alugar” (LD, 2018).

Sem uma estratégia concreta definida, Lobo levantou a hipótese de ir embora para Ijuí/RS, onde sua família consanguínea residia e também teria possibilidade de cursar o doutorado (que já fazia parte de seus planos), já que a universidade comunitária dessa cidade, dispõe de um renomado programa de pós-graduação na área da educação. Um dia acordou e intuitivamente sentiu, “vou pra Ijuí, vou embora, vou embora pra Ijuí, vou embora pra Ijuí, me veio fortemente isso, vou embora pra Ijuí” (LD, 2018). Informando a companheira e a família – que num primeiro momento pouco entenderam o que estava acontecendo –, “como assim? tu é louco né, está trabalhando em Erechim, morando em Erechim, botar tudo no carro e vim embora pra Ijuí? [referência a fala da Guardiã da Casa de Oxum]” (LD, 2018). Em aproximadamente dois dias, carregou partes de seus pertences materiais num caminhão e outra, no carro e foi para casa da família em Ijuí.

Uma nova fase se iniciava na vida do fundador da Choupana do Gavião. Chegando em Ijuí/RS, ele e Guardiã da Casa de Oxum, descobriram que estavam grávidos, essa nova configuração traria transformações significativas na vida do casal e também da Choupana, que já havia ficado sem seu espaço físico e com a notícia da paternidade do fundador, novas demandas estavam sendo requisitadas,

de uma certa forma foi o [Jasmim- dos- Poetas], meu filho, que fez a gente voltar mais rapidamente, de uma certa forma, não diretamente, porque a gente não sabia, mas indiretamente, eu acho que era parte assim do dedinho dele ajustando as coisas [...] Então foi uma rede de sincronia (LD, 2018).

Distante de Erechim/RS, sem espaço físico para os trabalhos e com a boa nova da paternidade, Lobo e Guardiã da Casa de Oxum, tinham novas decisões a tomar: onde iriam fixar morada, já que agora seriam três. Anos antes, Lobo havia adquirido uma propriedade na área rural de Ijuí/RS - o pequeno florestal,

um dia eu sabia que eu ia voltar [...] a gente sabia através dos guias, que tinha um trabalho espiritual pra se abrir aqui e que a gente era convocado né, então nós aqui a Guardiã da Luz Azul, o Puma Vermelho, toda uma rede de pessoas que hoje estão aí né, a gente estava convocado e sabia fortemente que um dia se abriria. Então eu tinha comprado aqui, as terras né, mas não sabia quando se ia ser um ano dois anos, não sabia quando [...] mas não tinha nada aqui, luz, água, casa nenhuma [...]. E aí eu falei bueno vou pra lá, eu sabia que não ia ficar ali na mãe, não queria ficar na cidade (LD, 2018).

Em meio ao fervor de transformações, Lobo e Guardiã da Casa de Oxum, decidem construir sua nova morada no pequeno florestal. Contrataram um empreiteira, decidiram o local que iria ser construído o imóvel,

e aí a gente fez em cima dessa rocha aqui, porque a gente não queria desmatar, era ao único lugar que tinha uma clareira, porque aqui é uma grande rocha, uma laje, não nasce árvore né, a gente pensou “vamos fazer em cima da rocha”. Tem como fazer? Tem! (LD, 2018)

Com a empreiteira contratada, as obras iniciadas, Lobo e Guardiã da Casa de Oxum, foram para a Altéia, já que Lobo estava a poucos dias de subir a montanha para fechar o ciclo dos treze dias de busca da visão e acessar o Portal da Integridade que confere ao buscador o conhecimento necessário para, entre outros, conduzir rituais com consagração da ayahuasca. A busca da visão é um dos mais antigos instrumentos usados pelos povos ancestrais para buscar uma direção na vida. Para isso, o buscador segue para um local remoto, em meio a natureza, onde por dias jejua e reza, buscando no silêncio o contato com seu interior, sua verdade, suas habilidades, sua serenidade, para que pacifique seu “eu” e seja capaz de se harmonizar com o mundo exterior (SAMS, 1993). Assim, Lobo subiu a montanha e Guardiã da Casa de Oxum ficou no chamado apoio. Concluída a busca, retornaram para Ijuí/RS, onde a nova morada estava pronta e iniciaram a organização para abrir um novo ponto de medicina no RS, “montamos logo aquela coisa de taquara e lona que tu chegou a ver [estrutura semelhante a uma Tipi indígena], ali a gente começou fazer os primeiros trabalhos né e aí foi indo uma coisa atrás da outra” (LD, 2018).

### **3.1.4 Lobo Dourado e o afastamento físico**

Instalado no interior (rural) de Ijuí/RS, Lobo viajava alguns dias da semana para Erechim/RS, em cumprimento de suas atribuições profissionais e o contato, pessoalmente, com os integrantes da corrente, acabou ficando restrito a alguns desses momentos. Essa nova configuração de cenário, angustiava o fundador que pensava como ficariam essas pessoas,

porque a gente sabe que não é uma coisa assim que tu planta, que tu faz e que depois simplesmente deixa ‘a deus dar’ porque tem toda uma responsabilidade astral espiritual, mas eu fui buscando muito conselho assim nos guias, nos hinos né, de como fazer (LD, 2018).

Com o auxílio vindo dos guias e dos hinos, Lobo buscou ainda consolo no fato de que, “estava lá ainda, eu trabalhava lá, então eu estava lá [...] querendo ou não, as vezes eu não podia estar nos trabalhos, mas seguido eu estava [...] convivendo ali com as pessoas, conversando, encontrado um, encontrando o outro [...]então no início ficou mais assim” (LD, 2018).

Aos poucos conforme vinham as orientações do astral, o fundador da Choupana começou a fazer um levantamento das pessoas que faziam parte da corrente: Brisa da Gaia, Guerreiro das Folhas, Cabocla das Ervas, Flor da Rainha,

cada um com uma função, uma capacidade, um dom muito específico pra dar. Após esse levantamento, se apresentaram duas possibilidades [...] fecha a casa, se transfere o lugar né, que fica mais difícil, por exemplo, eu venho pra cá, a Choupana do Gavião vem pra cá, o nome [...] vem a egrégora, todo o processo né, vem a Choupana pra cá, vocês tem que fazer esses deslocamentos, essa viagem que não é tão perto, mas também não é muito longe, se tu vai pensar, quando eu estava em Erechim eu seguia indo na Altéia, muito mais longe de Erechim a Santa Maria, eu seguia indo lá fazer meu trabalho, era uma possibilidade, eu vim pra cá com essa situação, o pessoal vindo pra cá, posa, passa uma semana, um trabalho no coletivo, mas a outra possibilidade é o grupo seguir (LD, 2018).

O grupo que já apresentava uma identidade coletivista e um desejo de seguir “nas asas divinas do Gavião”, escolheu dar seguimento aos trabalhos em Erechim/RS, tendo como orientador, Lobo Dourado. Diante desse querer do coletivo, Lobo então orientou Brisa da Gaia,

que ficasse como uma referência assim de coordenação, pelas vivências que ela tem assim, pela vivência no coletivo assim né e pela capacidade assim da gestão das pessoas né, por essa vivência assim, pela coerência né que ela tem, então por vários motivos assim né e pelo espiritualidade mesmo , já está trabalhando com a preta velha, então a gente confia muito quando tem um guia assim né, que tu vê que está bem ancorado e trabalhando bem, a gente confia muito né, então foi orientado a Brisa da Gaia (LD, 2018).

Brisa da Gaia então assumiu por aproximadamente um ano a função de coordenação do grupo, sob orientação e aconselhamentos de Lobo, que ocasionalmente seguia indo até Erechim/RS a trabalho, “então eu ia seguido e seguido a gente sentava e conversava, tirava um tempinho, ela me dizia como que estavam sendo os processos, eu explicava um pouco pra ela né, algumas coisas, outras nem precisava” (LD, 2018). Nessas idas a Erechim/RS, Lobo ficava hospedado na casa de Flor da Rainha, local que já acolheu diversos outros professores

universitários, e isso permitia que ele ainda mantivesse o contato mais próximo a irmandade da Choupana.

No entanto, novos desafios que requisitariam firmeza no grupo, estavam por vir. Em 2017, Lobo foi aprovado no doutorado e com a licença do afastamento para qualificação acadêmica já aprovada pela instituição de ensino superior (IES) no qual era docente, o fundador da Choupana cessou por tempo determinado suas idas a Erechim/RS, “o afastamento, foi gradual, no momento que tinha que ser, no momento certo que eles estavam prontos, que eles estavam tranquilos, nessa hora que é agora que a gente tá vivendo” (LD, 2018).

Mais uma vez, o grupo precisou se organizar estreitando ainda mais os laços entre a irmandade local e procurando dentro das suas possibilidades seguir construindo a Choupana. Para que isso se concretizasse, os integrantes da como-unidade, foram se alinhando com as orientações dos seus guias espirituais e com os ensinamentos passados por Lobo,

aquele intensivo<sup>80</sup>, era cada dia um trabalho diferente né ((risos)) [...]eu passei tudo que eu podia passar, assim eu fui passando o ensinamento [...] o que de certa forma eram os guias preparando esse grupo que ficou né [...] confio muito nas pessoas que ficaram porque passaram por um processo forte de preparação também pra isso (LD, 2018).

Assim, diante da nova cena que se apresentava na trajetória da Choupana – sem a constância do seu fundador – o grupo foi (e vem) buscando se fortalecer dentro do “pio do Gavião”.

### **3.1.5 A Choupana do Gavião sem a constância de seu fundador**

Durante nossa conversa na casa, que contava com a participação alegre do Jasmim – dos- Poetas, que hora brincava com a Flor da Rainha e ora requisitava a atenção do pai, perguntei a Lobo qual era sua percepção do grupo depois de seu afastamento, ele prontamente me respondeu,

“foi a melhor coisa, eu sempre digo que a melhor coisa pra Choupana foi eu ter saído porque aí teve uma grande força coletiva, porque antes era a ponta eu, esperavam muito de mim e daí lá eles tiveram que esperar de todos, então foi muito bom pra Choupana, eles ter que tocar esse trabalho [...] eles viram uma motivação grande ‘bueno então temos uma oportunidade de fazer um trabalho coletivo aqui então vamos puxar pra isso assim né’ viram como um oportunidade de conseguir fazer o trabalho assim, eu acho que foi bem legal assim isso né, despertou os dons né, exigiu um comprometimento maior, mais ainda do que quando eu estava lá, ‘bueno queremos

---

<sup>80</sup> c.f. Item 3.1.2.

fazer' está todo mundo aqui vindo no encontro, cantando, ensaiando, eu acho que foi positivo assim né" (LD, 2018).

Através da vontade do coletivo em seguir com os trabalhos e aconselhando a coordenadora Brisa da Gaia o grupo vem aos poucos construindo sua identidade única, que é um fato que desde o início me chamou atenção. O grupo tem uma organização coletivista e durante todo o contato recebia respostas e orientações que vinham de decisões coletivas. Essa característica vai muito ao encontro do perfil dos seus integrantes, como a coordenadora que, como relatado por Lobo e em acordo com minhas observações, tem uma longa trajetória com movimentos sociais e vivência coletiva. Essa característica particular do grupo, se manifesta de diferentes formas, Brisa da Gaia ficou na coordenação por um tempo, mas em virtude de seu doutoramento em 2018 pediu para se afastar dessa função. Para suprir a nova demanda do grupo, o mesmo se organizou em uma nova espécie de coordenação que era composta por quatro pessoas (como será descrito no item 3.2.3). Logo as decisões eram tomadas em coletivo e essas pessoas eram responsáveis pela organicidade do grupo e repasse de informações, até contatos mais diretos com o fundador Lobo, pessoa a qual eles decidiram por livre arbítrio manter uma relação de aconselhamento e orientação espiritual.

Sobre essa livre escolha de ter o fundador como uma referência, Lobo durante nossas conversas sempre procurou deixar claro que em nenhum momento impôs qualquer condição ao grupo, sempre encorajou que seguissem o sentimento de seus corações e fizessem os trabalhos em acordo com o que decidissem no coletivo, além disso afirmou que a Choupana tem liberdade de escolher seus caminhos e suas relações com outros grupos, "se querem seguir indo na Altéia, se querem seguir outro grupo, se querem fortalecer enquanto grupo, se querem fazer essa aliança, isso é livre [...]"(LD, 2018) . Esse intercâmbio entre grupos, é natural na bricolagem religiosa da Nova Era. Sendo que os intercâmbios realizados entre grupos, por vezes servem como um aparato de apoio aos iniciantes e fomenta uma rede de trocas solidárias reforçando a característica de ascensão de um *modus operandi* que resgata os valores coletivistas, tão pautados na Era de Aquário.

Nesse viés, nova erista, é comum encontrar grupos que iniciam sua caminhada tendo como referência uma pessoa, que em geral possui uma caminhada a mais tempo dentro da espiritualidade, que por vezes se figura como "central" no processo de iniciação espiritual. Na Choupana não parece se constituir de forma diferente, Lobo mesmo tendo que se afastar fisicamente, foi acolhido pela corrente como sendo a figura oriental, que aconselha, que assume uma posição,

na orientação espiritual do tempo de caminhada diferente né, temos um tempo de caminhada diferente isso é fato né, então tem experiências diferentes[...] então é uma troca [...]até porque se eu fosse pensar eu não tenho tempo hábil de estar lá orientando, tocando mais um grupo né, mas dessa maneira que está, está tranquilo assim né, então eles estão tocando espiritualmente né[...] quem toca a casa lá são eles, são eles que estão fazendo o trabalho né, eu sou só uma referência no sentido de um conselho, quando eles pedem assim né, então eu nunca fico ‘ah o que está acontecendo aí, que jeito que está o trabalho’, porque confio nesse grupo que tá ali. Então nesse intensivão eu passei tudo que eu podia passar assim, eu fui passando o ensinamento (LD, 2018).

Lobo deixa claro também que ele,

é uma referência que eles mesmos criaram assim, por essa história de eu ter fundado, por eu estar com eles antes lá né, orientar, então ficou essa referência assim né, que eles quiseram manter, mas que foi uma coisa natural que surgiu muito mais deles[...] são tantos guias e a energia mesmo vai dizendo assim, mas foi se consolidando isso, eles mesmos dizem isso assim né, querem manter esse laço comigo, conosco aqui e a gente mantém, eu gosto muito de todos, eu amo muito todos lá (LD, 2018).

## 3.2 CHOUPANA DO GAVIÃO

### 3.2.1 O que é?

Conceitualizar experiências humanas e não-humanas, me faz lembrar de um ensinamento do caboclo José Gabriel da Costa, que diz “todo cuidado reunido no mundo, ainda é pouco”. E é com o pensamento ligado nesse ensino, que tentarei tricotar algumas palavras que podem dar um indicativo do que é a Choupana do Gavião.

Quando me aproximei pela primeira vez da Choupana do Gavião, chamava ela de comunidade. Comunidade, é um conceito disputado por diversas áreas do conhecimento – naturais, exatas, humanas – ganhando dentro de cada uma delas, sentidos e significações diferentes que endossam os interesses particulares de cada setor. Para mim, a palavra comunidade era mais facilmente compreendida com o auxílio do primeiro conceito que aprendi nas ciências naturais “comunidade inclui todas as populações que ocupam determinada área” (ODUM, 1988, p.6). Penso que sim, as comunidades podem ser vislumbradas por esse conceito desenvolvido por Odum, (e por quaisquer outros que atendam a compreensão de cada pessoa) e por boa parte da minha trajetória acadêmica, até o mestrado, ele foi explorado em minhas pesquisas, internalizado e amado pelo meu ego, a ponto de ser considerado verdade absoluta. Em 2016, conheci por meio dos escritos do ecólogo humano Juracy Marques a Ecologia Humana e refleti que a minha verdade não era absoluta, era relativa. Se é relativo é porque muda e dentro dessa mudança, com o auxílio das leituras sobre ecologia humana, tenho a compreensão, ainda em fase de construção, que comunidade é o agrupamento de todos os seres, humanos e não-humanos, que coabitam nosso Cosmo formando uma como-unidade.

Sendo assim, eu poderia dizer que a Choupana é uma como-unidade. Sim, ela pode ser, mas não quero correr o risco (embora já esteja!) eminente de “rotular” a Choupana, única e exclusivamente através do meu entendimento. Por isso, ninguém melhor do que seus integrantes para nos responder esse questionamento: o que é a Choupana do Gavião?

A Choupana do Gavião é música, corpo, cor e som... é a casa do Gavião! Uma casa, hoje, “itinerante” (LD, 2018), que para uns é “uma comunidade dentro de uma linha espiritual” (FR, 2018), para outros “uma família, uma irmandade” (CE, 2018). E para todos é,

um grupo composto de trabalhadores/as e estudantes [...] com a intenção de promover encontros vinculados à troca de experiências e conhecimentos em diversas dimensões de desenvolvimento humano e coletivo. Temos como pressupostos o desenvolvimento espiritual em uma perspectiva universalista, regulado pelos princípios da caridade, fraternidade e diálogo. Para isso temos primado pela experimentação de novas



relações entre as pessoas, com a terra e com os seres da natureza (CHOUPANA DO GAVIÃO, 2018).

Baseados na “na cultura popular, buscando reconhecer e valorizar os saberes e valores ancestrais” (Memorial descritivo, 2018), o grupo protegido pela ave de Odé, iniciou seus trabalhos em 2014. Em sua fase inicial, os trabalhos eram desenvolvidos no rural do município de Áurea/RS e mais tardar em 2017, passaram a acontecer de maneira itinerante nos lares de seus integrantes, localizados em Erechim/RS e nas áreas rurais circunvizinhas.

A dimensão simbólica da Choupana do Gavião, desde sua fundação é pautada pela bricolagem de diversas tradições religiosas e espirituais, característica comum ao movimento Nova Era. Nesse bricolagem, o grupo incorpora em seus estudos e trabalhos espirituais, elementos da umbanda, do xamanismo, do Santo Daime e mais recentemente, vem inserindo elementos da tradição juremeira. Todos os trabalhos espirituais são desenvolvidos em ritualísticas como cerimônias, rodas de cura, giras, etc. O grupo costuma realizar encontros semanais, na casa de algum integrante, para estudos teóricos e desenvolvimento mediúnico. Com certa regularidade se encontra também nos finais de semana, para realizar atividades de estudos, ensaios de hinos e pontos, mutirões para manejar o Sistema Agroflorestal (SAF) em fase implementação no sítio de Cabocla das Ervas e produzir produtos naturais e medicinais, como: sabonetes, tinturas (preparados de plantas medicinais), rapé, entre outros.

A dinâmica de encontros é organizada de forma a atender o amplo espectro de disponibilidade de seus integrantes, pois como pontuado por Lobo Dourado, uma das características do grupo é que,

a gente não vive do daime, a gente não vive do trabalho espiritual né, a gente trabalha, faz faculdade, faz doutorado [...] todos os outros membros da corrente tem outras atividades, seu ganha pão. A gente não vive só disso aqui. O grupo da [Altéia] é um grupo diferente, algumas pessoas vivem só pro trabalho espiritual ali, então da conta de fazer algumas outras coisas que a gente vai devagarinho, na humildade assim né, o caminho que a gente acha que dá pra fazer (LD, 2018).

Dentro dessa perspectiva, o cronograma de atividades da Choupana do Gavião é construído pelo coletivo de maneira que se por ventura algum integrante não consiga participar durante a semana, tem a possibilidade de se fazer presente nos finais de semana e vice-versa.

Para além dos trabalhos espirituais o grupo que atua em “rede”, estabelecendo parcerias e colaborações com outros grupos<sup>81</sup> que se orientam pelos mesmos princípios filosóficos, éticos

---

<sup>81</sup> Grupos parceiros: Comunidade Ipomeia (*Ipomeia cairica*) (Maquiné/RS) e Sítio Arandu Y Abaete (Ijuí/RS) (também desenvolvem trabalhos espirituais utilizando ayahuasca) e Sítio Agroecológico Moukondo (Áurea/RS).

e políticos/sociais” (CHOUPANA DO GAVIÃO, 2018), participa de feiras de economia solidária e promove atividades como: oficinas de artesanatos, plantas medicinais, aromáticas, alimentícias e produtos naturais, práticas terapêuticas e holísticas, briques. etc. Ademais, a Choupana do Gavião, em parceria com a UFFS – *Campus* Erechim, tem contribuído voluntariamente em atividades de extensão e cultura, tendo atuado nos seguintes projetos: Projeto Cultural desenvolvido na Aldeia *Arandú Verá*, na Terra Indígena Guarani Mato Preto; Projeto de Extensão “Organização produtiva de mulheres e promoção de autonomia por meio do estímulo à prática agroecológica” voltado as mulheres do Movimento Sem Terra (MST), do Movimento das Mulheres Camponesas (MMC), da Federação dos Trabalhadores na Agricultura Familiar na Região Sul (Fetraf-SUL) e equipes de técnicas ligadas a Assistência Técnica Rural (ATER) e Projeto da Pró- Reitoria de Extensão e Cultura ministrando Oficinas de práticas orientais como Tai Chi Chuan e Qigong.

### 3.2.2 Quem compõe?

De acordo com seu Memorial Descritivo (2018), a Choupana do Gavião, desenvolve suas atividades regidas pelos “princípios do acolhimento e respeito à diversidade, não restringindo a participação de nenhuma pessoa”.

Nesse viés e na tentativa de esboçar um perfil da irmandade que compõe o grupo, inspirada no trabalho desenvolvido por Brissac (1999) e Labate (2014), apliquei um questionário de nuances quantitativas, em que os participantes, de maneira voluntária e anônima puderam responder on-line, algumas perguntas pontuais (ANEXO A).

Dessa maneira, o questionário que foi respondido por 10 dos 14 integrantes da chamada corrente<sup>82</sup>, tem por objetivo possibilitar que o leitor venha a ter alguma ideia de quem são as pessoas que compõe a Choupana do Gavião. É fundamental ressaltar que, compactuo com o exposto por Brissac (1999, p. 45) em sua etnografia sobre a UDV. Eu, assim como Sérgio Brissac, não pretendo utilizar esse questionário para “construir um quadro estatístico rigoroso” (BRISSAC, 1999, p. 45).

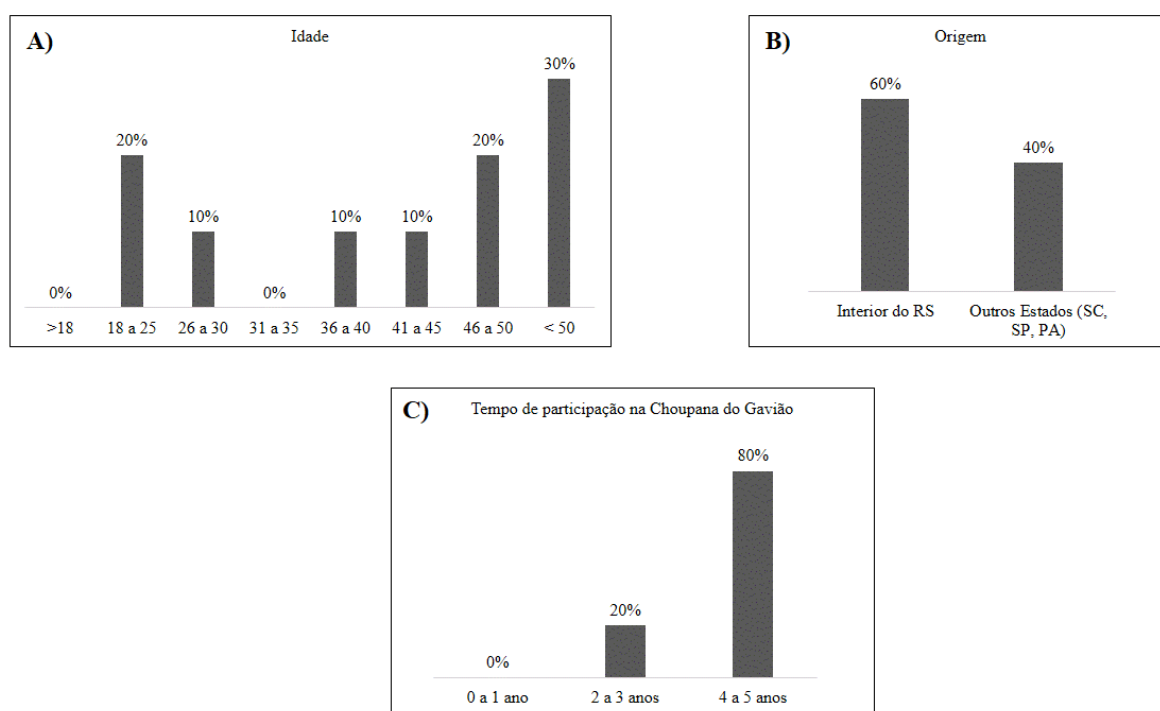
A Choupana do Gavião, com base na amostra acima referida, é composta predominantemente por mulheres (80%). A faixa etária dos integrantes é composta por maioria de pessoas maduras, com 70% de seus integrantes ocupando a faixa etária que vai dos 36 anos até < 50 anos (Figura 12A). Os integrantes são oriundos de cidades do interior do RS (60%), e

---

<sup>82</sup> Corrente é um termo utilizado para caracterizar os adeptos que assumem um compromisso espiritual de estudar, se dedicar e se desenvolver espiritualmente dentro daquela linha religiosa e/ou espiritual.

de outros estados, (40%) a saber: interior de Santa Catarina (20%), interior de São Paulo (10%) e da capital Paraense (10%). Todos possuem residência fixa na região Alto Uruguai, sendo 90% em Erechim/RS e 10% em Áurea/RS (Figura 12B). Em sua maioria (80%), participam da corrente a  $\geq 4$  anos (Figura 12C) e foi nos trabalhos do grupo que tiveram (100%) contato com a ayahuasca pela primeira vez.

Figura 11– A) Idade; B) Origem e C) Tempo de participação dos integrantes da Choupana do Gavião.

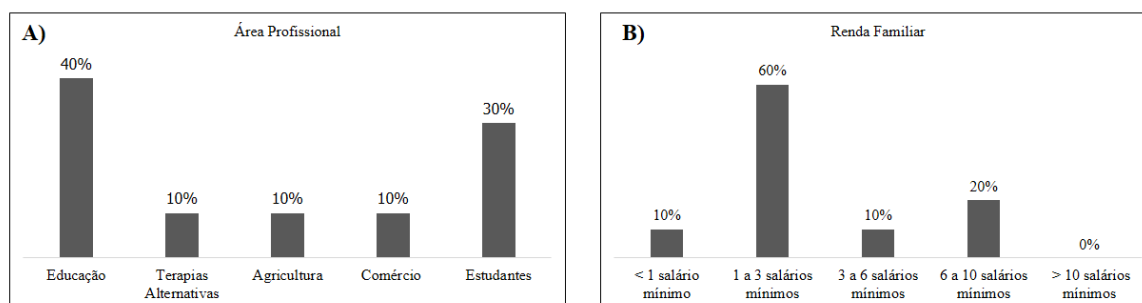


Fonte: Coghetto, F., 2019.

São professores, universitários (20%) e de ensino básico (20%), agricultora (10%), psicoterapeuta (10%), comerciária (10%) e estudantes (30%), com alto grau de escolaridade (Figura 13A), dado correntemente encontrado em trabalhos<sup>83</sup> envolvendo grupos ligados ao universo ayahuasqueiro. Em relação ao nível sócio econômico, a maior parte dos integrantes possuem renda familiar entre 1 a 3 salários mínimos, (60%) e apenas 20% dos integrantes tem uma renda entre 6 a 10 salários mínimos nacionais (Figura 13B).

83 c.f. Labate (2004), Brissac (1999).

Figura 12– A) Área profissional e B) Renda Familiar dos integrantes da Choupana do Gavião.



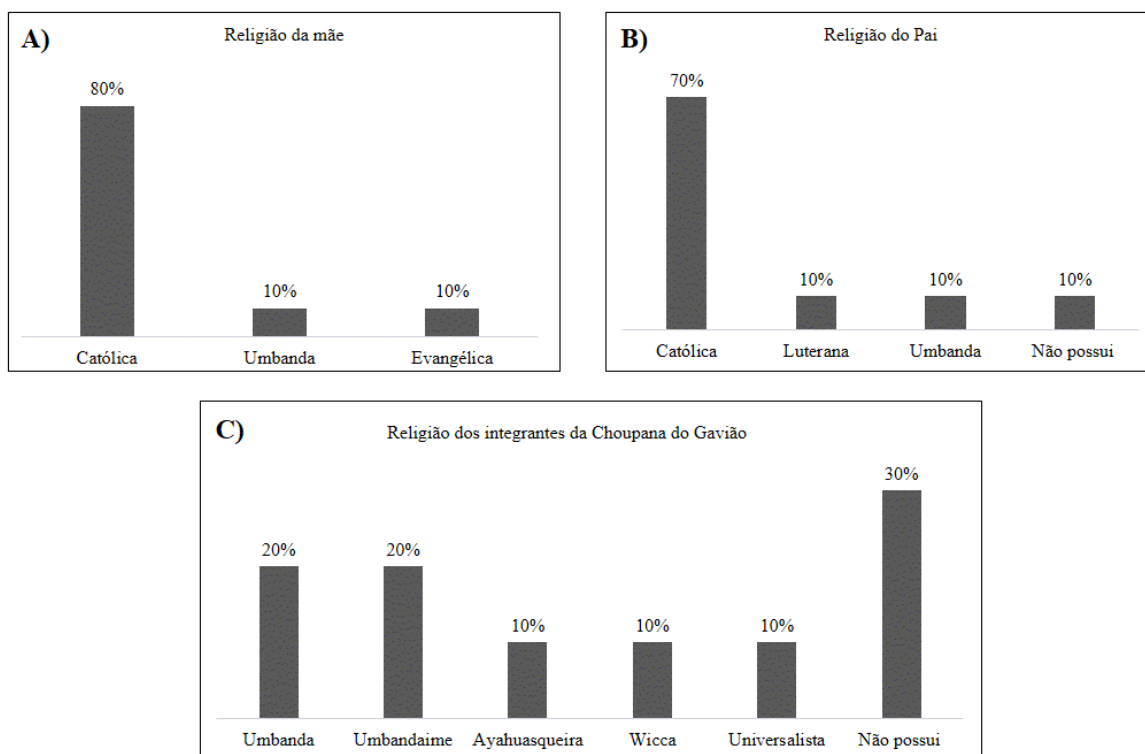
Fonte: Coghetto, F., 2019.

Esse dado se difere do encontrado em estudos como de Brissac (1999) e Labate (2004). Ambos os pesquisadores apontaram que nos grupos estudados, majoritariamente haviam pessoas pertencentes a camadas privilegiadas da sociedade, com renda mensal chegando a ultrapassar 30 salários mínimos<sup>84</sup>. Essa característica de estar a posto nas classes média e alta, é intrínseca ao processo de expansão da ayahuasca para os centros urbanos. Ambas as doutrinas expansionistas, Santo daime e UDV, foram levadas da floresta, num primeiro momento, para os centros urbanos do sudeste brasileiro, por uma juventude elitizada, que no *boom* do experimentalismo psicodélico da década de 90, foram para a região amazônica em busca do chá misterioso. Logo, os dados observados nesse trabalho, podem estar apontando para possíveis novas configurações no cenário ayahuasqueiro, onde pessoas das camadas populares, realizam movimentos para acessar essa tradição religiosa, que historicamente parece ter sido reservada a uma gama da elite brasileira.

Em sua maioria filhos de mães (80%) e pais (70%) católicos (Figura 14A e 14B). Quando questionados sobre sua religião, 30% afirmam não pertencer a nenhuma, enquanto os outros 70% se identificam com variadas manifestações religiosas, conforme se observa na Figura 14C.

<sup>84</sup> Dado especificamente encontrado por Brissac (1999).

Figura 13– A) e B) Religião dos pais e C) Religião dos Integrantes da Choupana no Gavião.



Fonte: Coghetto, F., 2019.

Se indicariam para outras pessoas o trabalho da Choupana do Gavião, a resposta foi majoritariamente positiva, sobre a compreensão de que a experiência com o daime é benção, autoconhecimento, conhecimento (gnose), clareza, renascer, profundidade, transformadora, expansão de consciência, amor e consciência.

*Eu sinto ayahuasca como a guardiã das memórias e dissipa a ideia de tempo e espaço, abrindo outras dimensões, onde tudo se expande e conecta de uma forma simples e sagrada (Cânfora, 2018).*

### 3.2.3 Como se organizam?

Numa tarde ensolarada de final de verão, enquanto entrevistava Flor da Rainha, entre uma prosa e outra, ela me disse,

nós estamos sem teto né, mas nós não desistimos de continuar nos encontrando, seguimos nessa lógica de nos identificarmos muito com a questão da terra, da natureza, seja animal, vegetal, espiritual né, então continuamos dentro dos mesmos propósitos [...] nossos propósitos não mudaram (FR, 2018).

Propósito, de acordo com o dicionário da língua portuguesa significa “grande vontade de realizar ou alcançar alguma coisa; o que se quer alcançar; aquilo que se busca, objetivo”.

Entendo que o grande propósito da Choupana do Gavião está ligado ao desejo do ideal de vida comunitária, onde seus integrantes possam apostar “no cuidado de si para a vida nas florestas sociais humanas” (MARQUES, 2016, p. 26). Para chegar nesse propósito, o grupo consciente do “mundo com suas tensões, com suas cores e sabores” (MARQUES, 2016, p.26), baseia seu *modus operandi*, em caráter ainda que experimental, nos preceitos da autogestão.

Para se aproximar de processos autogestionados, o grupo conta com o auxílio de integrantes com experiência nesse modo de “gestar”. Esse fator, foi fundamental para as novas configurações que o grupo precisou assumir após o afastamento físico de Lobo Dourado, “eu orientei que a Brisa da Gaia fizesse a articulação entre eles assim, a gente chamou de coordenação” (LD, 2018).

Nesse cenário, Brisa da Gaia ficou um tempo como coordenadora, fazendo as articulações necessárias no grupo e orientando algumas situações que demandassem,

[...] então foi orientado a Brisa da Gaia[...]ela me ajuda muito em outros tipos de experiências porque ela tem muitas vivências assim com os movimentos [...] então é uma troca assim né [...] no sentido de se ajudar, mas nunca no sentido assim de façam isso, façam aquilo, mas no sentido de tranquiliza todos os processos das relações que eu sei que sempre acontecem né, que é difícil num grupo assim, ainda mais tomando o daime ou antes de uma cerimônia que tudo fica mais intenso né, então geralmente a gente troca alguma coisa nesse sentido, mas nunca faz isso, faz aquilo né, deixo pra eles decidirem bem no coletivo e tá sendo muito legal assim (LD, 2018).

Com o auxílio de Lobo Dourado, Brisa da Gaia ficou por praticamente um ano mediando as situações do grupo, até que em 2018 pediu afastamento para dar atenção a seu doutoramento. Nesse momento, o grupo passou a ter uma coordenação composta por quatro pessoas: Cabocla das Ervas, Guerreiro das Folhas, Pássaro do Entardecer e Rosa dos Ventos.

Em 2019, a coordenação passou por uma reorganização. Brisa da Gaia voltou a compor a coordenação e com o auxílio de Cabocla das Ervas, Pássaro do Entardecer e Rosa dos Ventos, facilitam a organização da agenda de trabalhos e mediam conflitos existentes, antes de discutir no grande grupo. As trocas, de coordenação, se dão por necessidade de afastamento (os afastamentos até o momento se deram em função de compromissos profissionais), de qualquer membro, sendo que o afastado indica alguém para assumir (GF, 2019).

Assim sendo, a coordenação, serve como um oriente para a Choupana,

mesmo tendo uma coordenação, é muito coletivo o trabalho da Choupana, é muito do grupo assim mesmo [...] a gente senta, faz conselhos, então não é decidido assim de uma maneira impositiva, então a gente conversa tudo muito no coletivo, então estamos vivendo essa experiência agora, porque a gente **viu que não é caminho assim tendo um caminho piramidal, assim uma pessoa né**, então ao mesmo tempo é super desafiador fazer essa caminho de círculo assim né, de roda, muito desafiante, então são dois formatos, os dois tem seus prós e seus contras, mas eu acho que no sentido espiritual das relações que é o que realmente fica depois de tudo, eu acho que o círculo ele é mais eficaz assim que o piramidal, com hierarquias e tal, a gente não está mais trabalhando muito nessa lógica assim ( LD, 2018).

A partir desta configuração circular que já discutíamos ao final de 2017, entendemos que todos integrantes têm ou poderiam desenvolver determinadas atividades com maior desenvoltura. Assim, no mesmo tempo em que desenvolvem processos com maior e melhor profundidade, assumindo trazer novos aprendizados aos demais integrantes, num processo contínuo de trocas. Aqui reside o fato a partir do entendimento de não haver necessidade em se ter um ou uma dirigente que decida sozinho, ao final (GF, 2019).

Esse modo de funcionamento em forma de “círculo”, como coloca Lobo Dourado, é uma característica particular da Choupana e se difere de outros casos encontrados na literatura. Labate (2004), em sua pesquisa sobre a reinvenção do uso da ayahuasca nos centros urbanos, demonstrou que o grupo observado por ela, se estruturava a partir de um figura central. O terapeuta Janderson, hoje conhecido como Prem Baba, liderava, de acordo com seus anseios e ideias, um grupo de aproximadamente cento e vinte pessoas. O líder era quem definia a cosmologia de seu grupo. Da mesma maneira Borges (2015), estudando o movimento místico-ecológico, aborda três grupos: Professores de yoga, Fundação Terra Mirim e Figueira, todos estruturados de alguma maneira em normas regidas pelo formato “piramidal”. Esse comando verticalizado no “cardápio” da Nova Era, não é novidade para ninguém e expõe a cada dia mais, que o *Zen Foods*, é campo fértil para disputa e abuso de poder.

Se a Choupana do Gavião, vai manter vívido o diferencial que vem delineando, não sei! Só o tempo, “compositor de destinos”<sup>85</sup>, poderá arquitetar. Por hora o que me foi relatado e o

<sup>85</sup> Oração ao tempo, Caetano Veloso.

que vi nos momentos de convivência com o grupo, apontam para um constructo grupal que passa longe da incorporação de estruturas dogmáticas rígidas, de proselitismo ou mesmo idolatrias. Vejo que o grupo vem permitindo investimentos individuais variados, onde os integrantes podem produzir por si, elementos de sua própria existência através da diversidade das situações experimentadas em função de seus próprios recursos e disposições (HERVIEU-LÉGER, 2015).

Não basta dizer ‘ah eu não quero isso’ [referindo-se a dirigente], mas o que a gente faz então pra construir uma nova relação entre as pessoas. Bem a gente parte do entendimento que as pessoas são diferentes e que a vida inteira vão ser diferentes. Mas que as pessoas dominam, em algum momento de sua vida determinados aspectos, em termos de processos e em questões que envolvem a materialização de determinada atividade e que o nosso grupo é esse aprendizado assim, que gira mais entorno dos membros, não tem um figura que dirige, uma figura que domina, vamos dizer assim, tanto no sentido construtivo quanto pejorativo, não domina a especificidade vamos dizer de um determinado processo. Embora a gente verifique também que é difícil tu não ter um dirigente, mas a gente está aí nesse processo “bem não queremos um dirigente ou uma dirigente”, fazemos uma rotatividade dessa “dirigência” mas é fato que em algum momento algumas pessoas vão se apropriando mais, vão se interessando mais, por exemplo, sobre um feitio de um rapé ou sobre um feitio de uma jurema, ou sobre qualquer outra questão, sobre uma construção, sobre uma habilidade de artesanato e a gente vai ao mesmo tempo que possibilita o desenvolvimento desses processos pelos membros, também em tese, vamos dizer assim, se reflete também em instituir oficinas onde a gente vai aprendendo essas questões que alguém domina mais, em determinado momento. Então veja não é botar fora assim a necessidade de dirigência. Como tu bem colocou. Mas a gente não se orienta por uma questão de ter um dirigente, então nós temos assim essa rotatividade. Claro, que lá na frente pode ser que a gente entenda que é necessário ter, mas por enquanto a gente está nesse processo e tem colhido frutos interessantes.

Guerreiro das Folhas, via whatsapp em 09 de julho de 2019.



### 3.2.4 Espaço ritual

Quando iniciei a pesquisa com a Choupana do Gavião no ano de 2017, o grupo planejava erguer seu templo em um espaço de terra cedido por Cabocla das Ervas em seu sítio. Em 7 de setembro deste mesmo ano, quando estive pela primeira vez no *Moukondo*, na ocasião para apresentar o projeto da tese, o grupo já havia realizado a limpeza dessa área, iniciado o manejo para a implementação de SAF e afixado os cinco pilares que dariam a sustentação principal ao templo.

Nessa oportunidade, pude conhecer a planta arquitetônica do espaço físico da Choupana do Gavião, que havia sido desenhada por uma estudante de arquitetura e urbanismo, na época próxima ao grupo. A planta, ainda em fase de análise, previa a construção de um salão ritual e de uma área anexa, com cozinha e quartos. A ideia da área anexa, era proporcionar que os integrantes, para além dos dias de cerimônias, usufríssem do espaço cotidianamente. Com isso seria possível, vivenciar uma aproximação do “(com)viver coletivo” e experienciar a agroecologia, já que o templo seria circundado pelo SAF.

No entanto, no final desse mesmo ano, dois mil e dezessete, a Choupana viria atravessar “dificuldades assim no coletivo” (FR, 2018). As dificuldades no coletivo, geraram algumas discordâncias em relação a determinadas questões internas ao grupo. Essas discordâncias são inerentes a condição humana, já que somos seres históricos com distintos entendimentos baseados em nossas diversas trajetórias de vidas, não sendo portanto uma exclusividade do grupo. Muito além disso, a manifestação de diferentes compreensões que por vezes geram conflitos passíveis de rupturas, parecem constituir engrenagens principais do desvelar do cenário nova erista. Essa tendência opera, no meu entendimento, como motor principal nas novas configurações experimentadas por esses movimentos religiosos e espirituais, que construídos sobre estruturas menos rígidas, oferecem um *fast food* espiritual (BORGES, 2015, p. 50), onde aos “crentes bricoladores”, é permitido escolher suas linhagens de fé, “a partir de suas experiências e expectativas pessoais”, de maneira que possam se valer da liberdade de escolha individual, retendo para si as práticas e crenças que lhe convém, “que dão sentido à sua existência” (HERVIEU- LIÉGER, 2015).

Diante dessa situação, o grupo, que já vinha tendo algumas discordâncias em relação a construção do templo, refletiu coletivamente sobre esse assunto e optou por “suspender essa construção [templo] por curto e médio prazo” (FR, 2018). Essa decisão de paralisar a construção do templo, parte de um entendimento do todo, que é ilustrado pelas falas das integrantes, Cabocla das Ervas; “O local externo é claro é importante mas não é a essência [...] isso acontece

quando tem uma boa base, que a gente tá construindo assim tá, afirmando entre nós e aí depois a gente vê como que vai se colocar [referindo-se ao templo]” e Flor da Rainha,

que bom se a gente um dia ainda conseguir ter um espaço assim que a gente possa chamar assim, da nossa comunidade né. Mas a gente tem clareza assim, que também não adianta ter um espaço físico, se nós não temos a fortaleza do nosso conhecimento, da nossa força, da nossa união, né. Adianta ter nosso espaço físico se nós não nos entendemos enquanto grupo? (FR, 2018).

Nesse ínterim, sem um espaço físico fixo, a Choupana do Gavião, assume uma identidade, “itinerante, está em todas as casas” (LD, 2018). Todas as casas, significa dizer que pra além de circular nos lares de seus integrantes, com destaque especial para aqueles localizados junto ao espaço rural, a Choupana conta com o auxílio da sua “casa irmã” (LD, 2018), Templo Dourado Oxum e Xangô da Mata (Ijuí/RS). É no TDOXM que vem sendo, em geral, realizadas as cerimônias de consagração da ayahuasca.

#### 3.2.4.1 *Rituais*

Victor Witter Turner, um dos mais proeminentes antropólogos especialistas em rituais, definiu ritual como sendo “comportamento formal prescrito para ocasiões não entregues à rotina tecnológica, tendo referência a crenças em seres e poderes místicos” (DEFLEM, 1991, p. 5, tradução minha).

Os rituais, na perspectiva de Turner (1967, 1968), se compunham de uma sequência de atividades, performances, que se utilizavam da manipulação de símbolos relacionados a crenças religiosas. Os símbolos, eram as “unidades de armazenamento”, que continham vasta quantidade de informações que resguardavam as propriedades específicas do ritual. Eram objetos, atividades, palavras, relacionamentos, eventos, gestos ou unidades espaciais, que revelam valores sociais e religiosos cruciais. Para além disso, o manuseio de símbolos nos rituais atuavam (precisamente por causa de sua referência ao sobrenatural) como transformadores das atitudes e comportamentos das pessoas envolvidas (DEFLEM, 1991, p. 5, tradução minha).

Logo, os rituais teriam o efeito a longo prazo de salientar de maneira mais decisiva as definições sociais do grupo (TURNER, 1974, p. 207), sendo capazes de revelar os valores no seu nível mais profundo, fazendo com que as pessoas expressassem aquilo que toca mais intensamente, revelando os valores do grupo (WILSON apud TURNER, 1974).

Para entender o funcionamento dos rituais, que são chaves essenciais<sup>86</sup> para compreender a constituição de um grupo, é preciso ir pra além das entrevistas com seus integrantes, é preciso se aproximar e se inserir dentro de suas práticas cerimônias.

Nessa busca de compreender mais sobre a cosmologia do grupo e seu funcionamento, entre 2017 e 2019, realizei algumas incursões aos rituais da Choupana do Gavião.

#### 3.2.4.1.1 Ayahuasca

Em 19 de agosto de 2017 participei do primeiro trabalho espiritual da Choupana do Gavião, uma cerimônia, denominada por eles de xamânica.

A cerimônia tinha caráter aberto, isso quer dizer que pessoas que não eram da corrente, como eu, poderiam participar. Seria realizado no sítio Cambuí (*Myrciaria tenella*), localizado no interior de Erechim/RS e conduzido pela irmandade da Choupana em parceria com a comunidade Altéia de Itaara/RS.

Os trâmites para participar da cerimônia começaram semanas antes, durante minhas aulas de yoga no espaço do Gervão. Na ocasião, duas colegas do yoga, mãe e filha, eram integrantes da Choupana. A filha, Nigela (*Nigella sativa*) em conjunto com Ágata Turquesa, estava à frente da divulgação e inscrições do evento, que contava com o auxílio das redes sociais. Quando fui informada que o evento seria realizado, solicitei por intermédio de Nigela a permissão do grupo para participar da cerimônia na condição de pesquisadora. Tendo minha solicitação aprovada, acertei com Nigela o valor da cerimônia que era de R\$ 100,00. Valor que seria usado para custear as despesas referentes a locação do local da cerimônia, ao deslocamento da irmandade da Altéia e do daime, que era até então fornecido pelo Estrela Brilhante (CICEBRIS).

De “inscrição” feita, Nigela me passou algumas orientações, que estavam disponíveis também no evento criado no *facebook* (Figura 15).

---

<sup>86</sup> TURNER, 1974.

Figura 14– Informações do evento divulgado via *facebook* sobre Cerimônia Xamânica da Choupana do Gavião, data 19/08/2017.



> Cerimônia Xamânica

Fotos da publicação de

em Cerimônia

salve hermanxs! para participar observe atentamente as seguintes orientações: - Abster-se de cigarros ou drogas de todo tipo. - Aqueles que vierem por primeira vez devem chegar com uma hora e meia de antecedência para entrevista ou, de preferência, e em caso de estar com medicação psiquiátrica ou outra medicação forte consultar-nos previamente.

O que levar:

- CADEIRA DE ABRIR E/OU ALMOFADA
- Agasalho; casacos; mantas; luvas; etc;
- Rolo de papel higiênico;
- Objetos de poder (opcional) como Cachimbo (se for consagrado) e Tabaco consagrado;
- Caneca para suco/chá
- Um prato de alimento para compartilhar, priorizar alimentos orgânicos/naturais (frutas, pão, bolo, bolacha, etc)

O que vestir:

- Preferencia por roupas confortáveis, largas;
- Homens de calça comprida;
- Mulheres de saia comprida;
- Evitar preto e vermelho;

Valores de troca:

É necessário realizar a confirmação mediante o pagamento do valor de contribuição até no máximo o dia 15 de agosto, com Cristal da Estrela ( )

e Loba da Lua ( )

- Valor de troca: R\$ 100,00

Fonte: *Facebook*, 2017.

Para além dessas informações Nigela me passou via *whatsapp* mais recomendações, tais como: “resguardo sexual de no mínimo dois dias; não comer com duas horas de antecedência da cerimônia”.

De orientações e recomendações conhecidas, só faltava a organização do deslocamento do urbano para o rural. Para isso, Ágata Turquesa já tinha organizado uma lista de quem estaria oferecendo carona e quem estaria precisando. Eu nesse dia, me encaixava nas pessoas que buscavam por uma carona.

Um dia antes da cerimônia acontecer Ágata Turquesa entrou em contato via *inbox* do *facebook*, informando que o ponto de encontro das caronas seria no Seminário Nossa Senhora de Fátima às 17 horas.

No dia, lá me fui eu, vestida a caráter, cheia de casacos, carregando minha cadeira e obviamente uma coberta. Afinal, ninguém em sã consciência sairia num dia de inverno, de cor cinzenta, em Erechim/RS, desprevenido não é mesmo? Como uma boa ansiosa que sou, cheguei com algum tempo de antecedência, uns 40 minutos antes. Quando desci do carro, tinha pego uma carona com meu irmão, me senti como que entrando numa máquina de raio X de aeroporto. As pessoas, que estavam por lá tomando um mate e “focando” (o seminário é utilizado pelos erexinenses como um espaço de lazer) quando me avistaram, arregalaram seus olhares de

juízo sobre meu *style*. Aqueles olhares podem intimidar alguém que desconheça a dinâmica da cidade, mas a mim que desde os três anos de idade, desfilo pelas largas avenidas da “Capital da Amizade”, aqueles olhares eram como penas de jacu (*Penelope obscura*), me fazendo cócegas, me controlei para não rir.

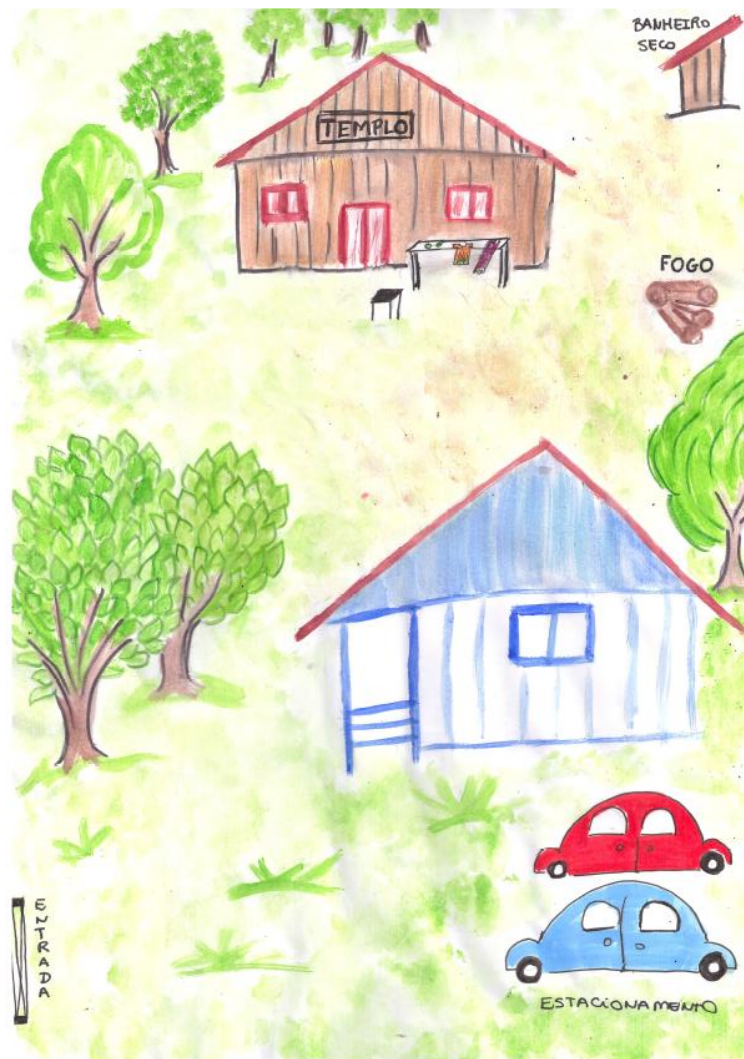
Passados alguns minutos a mais, outras pessoas foram chegando, identifiquei que elas faziam parte do grupo que iria para a cerimônia, pela mesma ótica que fui “escaneada”: seus aparatos vestimentares. contei um grupo de quinze pessoas. Logo, alguém me chama pelo nome, era uma outra colega do yoga. Ela e a filha de vinte e tantos anos, iriam para a cerimônia. Era a primeira vez delas com a ayahuasca. A mãe estava apreensiva, a filha tranquila. Enquanto esperávamos os demais participantes chegar ali, no ponto de encontro, elas me contaram que pesquisaram sobre a ayahuasca na *internet* para saber do que se tratava a tal medicina da floresta e que estavam indo ao evento por curiosidade porque tinham sido convidadas por pessoas em quem confiavam, Nigela e sua mãe, Lunária (*Soldanella alpina*).

Por volta das 17 horas e 30 minutos, quando Ágata Turquesa acomodou todos em suas caronas, seguimos em comboio até o sítio Cambuí. Eu fui com minha colega yogini e sua filha. Na mesma carona, estava a jovem Poeira Estelar e Guardiã das *Abuelas Piedras*, ambas fazem parte da corrente A viagem até o sítio durou uns 30 minutos e a maior parte do trajeto era de estrada de terra. O tempo estava nublado, a temperatura até que estava amena para a estação.

Chegando ao sítio, no local já havia um grupo de pessoas: os proprietários, a irmandade da Choupana e cinco irmãos da Altéia, entre eles um menino de uns 6 anos.

Minha visão do sítio, foi desenhada na caderneta que carregava comigo (Figura 16).

Figura 15– Minha visão da entrada do sítio Cambuí, data 19/08/2017.



Fonte: Coghetto, F., 2017.

Desci do carro e avistei Guerreiro das Folhas e Brisa da Gaia, cumprimentei-os e segui em direção a entrada do templo. Ao passar a casa azul com branca, que marcava como que a entrada do terreno, encontrei Nigela e sua mãe Lunária, cumprimentei-as e segui com minha “bagagem” em direção ao templo.

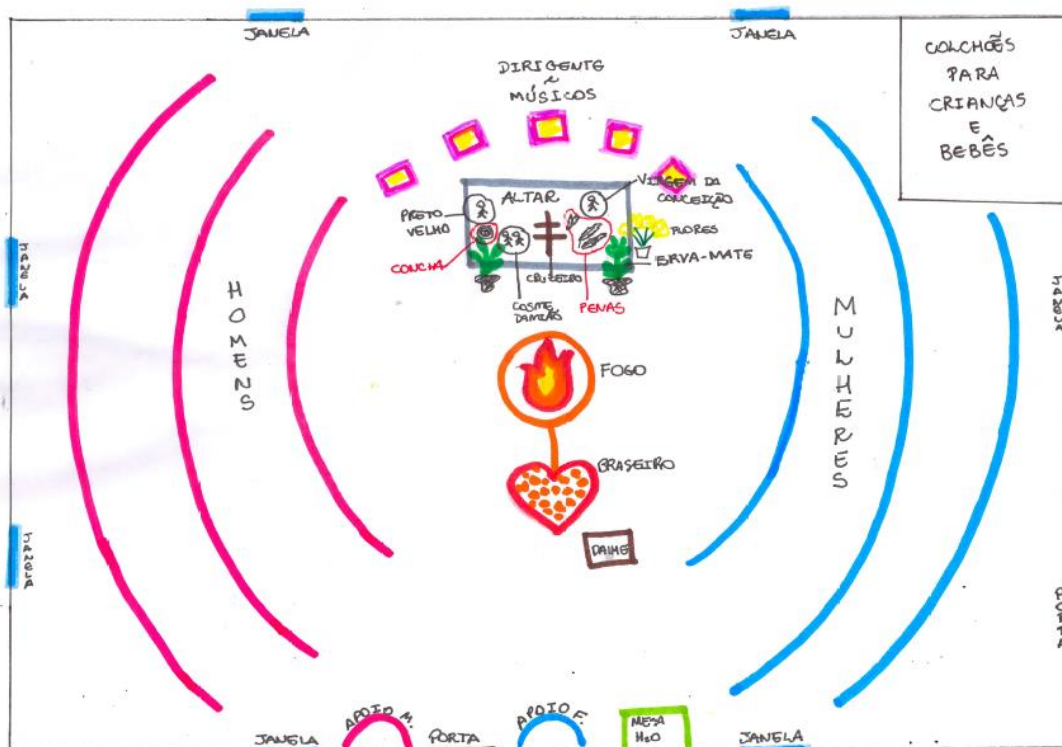
A direita da entrada do templo, tinha uma mesa com produtos para venda, eram sabonetes, camisetas, cangas, elixires, pomadas, tudo artesanal. Mais próximo a porta havia uma mesa menor, onde estava Flor da Rainha, até então desconhecida para mim.

Flor da Rainha estava ali acertando os valores de troca e entregando uma ficha de anamnese (ANEXO B). Ao me aproximar da mesinha, ela perguntou qual era meu nome, respondi: Franciele. Ela conferiu na lista de pagamentos, eu estava “quite com a tesouraria”.

Então ela prosseguiu: “é a primeira vez que você consagra daime?”, respondi que já havia bebido ayahuasca outras vezes e perguntei se ela poderia, da mesma forma me dar uma ficha de anamnese para que eu pudesse anexar em meu trabalho. De imediato, ela exclamou “ahhh, você é aquela pesquisadora!”. Nesse momento meu coração quase parou, eu desejei que o chão se abrisse e eu pudesse adentrar nele como um tatu-canastra<sup>87</sup> (*Priodontes maximus*). A palavra “pesquisadora” não caiu bem aos meus ouvidos. Para contribuir com o meu mal-estar motivado pela timidez, logo atrás da minha pessoa, uma fila me olhava com olhos arregalados, como quem pensasse “ela vai ficar nos observando até amanhã de manhã quando raiar o dia!”. Recuperada do baque, respondi com meu sorriso angelical “sou apenas uma estudante!”.

Depois desse episódio que deve ter durado no máximo cinco minutos, mas que para mim pareceu uma eternidade, com os olhares atentos, cruzei a porta da entrada e tentando captar o máximo de detalhes, fiz anotações, que ao chegar em casa comporam uma espécie de croqui (Figura 17).

Figura 16– Minha visão do interior do templo do Sítio Cambuí, data 19/08/2017.



Fonte: Coghetto, F., 2017.

<sup>87</sup> Espécie em risco de extinção.

Assim, eu seguia anotando e anotando, eu sabia bem a importância de anotar tudo direitinho antes de entrar na força! Labate (2004, p.50), pontua que participar de rituais envolvendo o uso da ayahuasca, ou de outras substâncias psicoativas, produzem um efeito “intenso sobre a sensibilidade e sobre a razão- precisamente na ocasião em que supostamente o pesquisador deve ser o observador”. Essa fato, segundo a autora, leva a técnica de observação participante a um ponto em que ela se desmonta: não há mais observador e participação, há participação integral que afeta consideravelmente a natureza da observação (LABATE, 2004, p.50).

Dispostos a esquerda da porta de entrada, tinham dezesseis homens. A direita, vinte e seis mulheres, duas crianças de uns cinco, seis anos e dois bebês de colo.

Sol do Amanhecer, na época irmão ligado a Altéia, hoje da comunidade Ipomeia (*Ipomeia cairica*), cerca de uma hora antes de iniciar a cerimônia fez uma breve apresentação dos trabalhos desenvolvidos pela Altéia, falando que eles trabalhavam em três linhas: umbanda, Santo Daime e xamanismo. Após isso, passou as orientações para o bom andamento do trabalho, os quais anotei em minha caderneta de campo, a saber: homens não passam do lado das mulheres, mulheres não passam para o lado dos homens; evitar saídas do templo, em caso de necessidade, levantar a mão para o apoiador/ fiscal auxiliar; saídas são acompanhadas pelo apoio; assumir o compromisso de ficar até o final da cerimônia, pois o daime é uma medicina “é como o mar, pode estar calmo ou com tempestade. Estamos juntos e seguimos juntos” (SL, 2017); é importante saber o propósito, ter sempre claro o que procura, se concentrar no propósito; não interagir com o companheiro ao lado, não tocar, não conversar, para evitar tirar a pessoa da sua cura ou pegar algo dela, tem apoios para auxiliar nas situações; consagrações de daime, tabaco e rapé, durante todo o trabalho são dentro do templo; água é uma medicina, daime é fogo, água apaga o fogo, assim só se deve tomar água se necessário, usar o bom senso (a água que tínhamos conosco foi recolhida pelos fiscais e colocada sob uma mesa próximo a entrada, no caso de precisar bebê-la tinha que solicitar aos fiscais); durante os hinos não se levantar, só em casos de emergência. Além dessas orientações, Sol do Amanhecer falou sobre as limpezas, explicando que a limpeza física, tira as impurezas, por isso a limpeza é boa. Solicitou ainda que utilizássemos o papel higiênico com consciência ambiental, evitando desperdícios e descartando-o em local adequado.

Seguiu ainda falando que a cerimônia é uma corrente, por isso estávamos sentados em círculo e assim deveríamos permanecer, dentro do possível. Precisávamos ainda prestar atenção no que estaria acontecendo, nos conectando com o movimentos, com os hinos, com os rezos “com concentração a força eleva, se ficar muito aéreo, divagando o trabalho não flui, a energia



fica pesada” (SL, 2017). Para finalizar a fala de abertura, Sol do Amanhecer, deu a dica que se a força estive muito forte, era para olhar para o fogo. Após comunicar as orientações, Sol do Amanhecer, perguntou quem estava consagrando o daime pela primeira vez, nesse momento onze pessoas se manifestaram. Além do daime, cinco pessoas que se faziam presentes não haviam utilizado rapé. Após o questionamento, o dirigente da cerimônia, explicou que o rapé que seria utilizado era composto de tabaco, pau- pereira (*Platygyamus regnellii*) e cravo-da-índia (*Syzygium aromaticum*) e que serviria para despertar nossa mente e limpar de obsessores. Após ter o corpo limpo, se poderia beber o daime, que seria servido, a princípio em duas tomas<sup>88</sup>. Explicou ainda que teríamos um fogo cerimonial, que seria acesso do lado de fora do templo, virado em direção ao leste e que deste fogo, que é uma manifestação do Grande Espírito (Deus), seriam retiradas as brasas que alimentariam o braseiro em formato de coração que ficava no centro do templo. Como o tempo estava para chuva, salientou que em caso de chuva o fogo seria então transferido para dentro do templo.

Após as orientações, às 19 horas e 34 minutos, deram inícios os trabalhos daquele noite. Nos deslocamos para fora do templo para fazer a consagração do rapé. Ao som dos hinos e sob a luz da fogueira que, em forma de seta, apontava para a direção leste, formamos um círculo ao redor dela. Três pessoas estavam aplicando o rapé, entre elas Guerreiro das Folhas. Fui até ele, me ajoelhei, fiz meu rezo e ele fez o sopro do rapé. Me levantei e fui para um local mais retirado para fazer minha limpeza. O rapé promove diversos tipos de limpezas que podem ser acessadas através do vômitos, evacuações e excreções de mucos do sistema respiratório e digestivo. Após o processo de limpeza me aproximei novamente da roda e fiquei observando o prosseguir dos trabalhos. O apoio estava atento a todos os movimentos e acompanhava de perto quem estava fazendo o uso do rapé pela primeira vez.

Às 20 horas e 4 minutos a aplicação do rapé finalizou e nos dirigimos para o interior do templo. Uma roda de cachimbo foi aberta, para se realizar os rezos e as preces que seriam intencionadas naquela cerimônia. Nesse momento observei que a ayahuasca, dentro de um jarro de vidro, estava próximo ao coração braseiro, sobre uma mesa coberta com uma toalha branca. Finalizados os rezos e as preces, que pediam proteção, agradeciam, pediam curas, entre outros, iniciou a toma. A ayahuasca era servida pelo homem-medicina aos homens e pela mulher-medicina às mulheres. Primeiro, consagraram a ayahuasca os integrantes da corrente e na sequência os demais, obedecendo a ordem das fileiras que estávamos sentados. Ao som da flauta doce, do violão e do chocalho, a ayahuasca pouco a pouco ia sendo servida. Quando

---

<sup>88</sup> Toma é o termo utilizado para indicar o momento que a ayahuasca é oferecida para beber.

chegou minha vez me dirigi a mulher-medicina, apoiei o joelho esquerdo no chão, fiz meu rezo, mentalmente e peguei o pequeno copo com a bebida sagrada e a ingeri. A bebida tem gosto amargo, as vezes doce, às vezes nenhum. O gosto, assim como a experiência, é indescritível. Retornando ao meu lugar, sentei no chão, com a coluna ereta e segui observando os movimentos e fazendo anotações. Todos beberam a ayahuasca, incluindo as crianças, que correram alegres para receber seu quinhão, e os bebês.

Após finalizar o despacho da medicina, se iniciaram os cantos,

São João acende a fogueira na escuridão, São João, São João, São João, Abrindo os caminhos do meu coração, São João, São João, São João, Não nos deixes cair em desilusão, São João, São João, São João Acende a fogueira no meu coração, São João era poeta, saía pra trabalhar, Ele ia buscar as almas para Jesus encaminhar, São João acende a fogueira na escuridão (Hino de Apolo Quetzal e Canto Alegre, [20--?]).

Me lembro ainda que chamaram Juramidã, que na cosmologia daimista é o Mestre Irineu. Depois disso, houve uma pausa e em silêncio concentrávamos para esperar a força se apresentar.

Nesse momento, larguei minha caderneta do lado e pensei “segura na mão de Deus e vai”. A força chegou, chegando, comecei a mirar, eram mandalas rosa com verde que se abriam e fechavam, círculos, espirais, um composto de figuras geométricas super coloridas. Eu estava absorta, era a primeira vez que eu via os coloridos abstratos, tão comentados pelos ayahuasqueiros e estampadas nas pinturas de Pablo Amaringo. Eu estava em êxtase. Uma voz me dizia, “viu só, tu estava dizendo que nunca tinha visto e queria ver, estão aí os coloridos”. O tempo se movia em outra perspectiva, eu estava em outras dimensão, meu corpo físico ia se dissolvendo naquele emaranhado de cores vivas, que iam e vinham. A alegria permeava meu ser. Ao fundo eu ouvia o som doce da flauta, que me embalava na outra dimensão. Meu espírito dançava livre. De repente pus-me a voar. Era um voo rápido, eu via uma estrada abaixo e sobrevoava por ela, eu sentia a brisa tocar no meu rosto. Era magnífico, meu corpo estava sentado no templo do Cambuí, mas meu espírito voava por alguma autoestrada em alguma parte do mundo, me sentia como a música composta pelo gaúcho Humberto Gessinger<sup>89</sup> “Estamos sós e nenhum de nós, sabe onde vai parar, estamos vivos, sem motivos, que motivos temos pra estar? Atrás de palavras escondidas, nas entrelinhas do horizonte dessa *highway*, silenciosa *highway*, infinita *highway*”.

---

<sup>89</sup> Música Infinita *Highway*. Lançada em 1987 no disco “A revolta dos Dândis”, Engenheiros do Havaí. *Highway*, a estrada da vida, foi inspirada em profundas reflexões existencialistas baseadas em Sartre e Camus.

Ao mesmo tempo que viajava minha mente manifesta dizia: “ei, abra os olhos, você está aqui para observar a cerimônia”. Eu pensava, trata-se de uma observação. Porém por alguns instantes cedi a mente e abri os olhos. Olhei para o imponente fogo que bailava, de lá para cá, de cima para baixo, em todas as direções. Seu movimento ressoava no meu interior. Espiei as pessoas ao meu redor, umas pareciam estar em estado de graça, outras faziam suas limpezas. O pessoal do apoio, sentado nas pontas das fileiras, observava com atenção o que transcorria na cerimônia.

A noite seguia embalada pelos hinos e pela força da ayahuasca. Lá fora relampeava. Lá dentro, eu observava os reflexos azulados, mesclados em lilás e prateado do relampejar pelas frestas do templo de madeira. O vento começou a uivar, as árvores lá fora esvoaçavam. Ele, o vento, batia a porta do templo, como quem quisesse entrar. Minha audição estava ampliada, o que é comum nessa experiência sob a luz da ayahuasca já que a percepção fica aguçada. Entre o veloz vento e o trovejar, a tempestade se fez presente. Dentro do templo, as chamas do fogo iluminavam o ambiente.

Chamei o apoio para ir até o banheiro seco que ficava a alguns metros do templo. A orientação ambientalista nesses grupos vai além do simbolismo, por vezes se materializa, como o caso do banheiro seco. Debaixo de um guarda-chuva, Guardiã da Mina de Ouro, me acompanhou até lá. A noite estava radiante, estava interessante ficar lá fora, mas não dava, a orientação era clara, tínhamos que permanecer no templo, lá era onde havia se firmado uma energia de proteção. Voltei, me acomodei no meu lugar e lá me fui. Dessa vez fui dar um passeio por dentro das minhas vísceras. Andando por dentro de meus órgãos, cheguei no meu intestino. Que lugar horrendo! Parecia um vulcão em erupção ou um animal em decomposição. Estive andando por lá por um tempo, até compreender, que era preciso dar atenção a minha alimentação. Não é à toa que o antropólogo Luís Eduardo Luna, chamou as plantas que compõe a ayahuasca de professoras. Lá estavam elas tentando me ensinar que o excesso de açúcar refinado me decompunha da pele pra dentro.

A cerimônia ia se desenrolando, outra aplicação de rapé foi aberta. Em seguida outra toma de daime. A cantoria dos hinos se seguia. Sentada em meu lugar, me deitei. O apoio veio até mim e pediu que sentasse. Já tinham transcorrido, aproximadamente, sete horas de cerimônia e meu corpo físico já cansado, ia adormecendo. Acredito ter dormido por alguns instantes, o tempo na força não é o mesmo do *tic tac* do relógio. Acordada por um suave vento em meu rosto, abri os olhos. Jurema da Mata, dançava e girava, com asas de coruja nas mãos, ela abanava as pessoas, enquanto os músicos entoavam o hino,

A Lua no céu brilhou Mãe estrela abençoou, Na escuridão da noite o seu pio é um louvor, É caçador, é caçador, que foi nas trevas e te pegou, As trevas é Mãe divina da onde brota a Luz, Foi assim que Deus criou das Trevas tudo ele tirou, Mas tem espírito confuso que nas Trevas busca morada, Se esconde de si mesmo caindo sempre na mesma cilada, Mas quem procura acha, mas quem procura acha, Mãe Coruja abençoada, Rastreado a noite buscando sempre a sua caça, E quem procura acha, e quem procura acha, Mãe Coruja abençoada, Vem do alto e te pega em cheio pra te revirar do avesso, Convertendo o mal em bem, espírito que sempre tem (Hino de Guardiã da noite, [20--]?).

Depois desse despertar pela Mãe coruja, sombreada<sup>90</sup>, me dei por conta que lá fora as primeiras réstias do clarear do dia vinham suavemente se aproximando. A cerimônia se encaminhava para vias de fechamento, mas o pedido aos Orixás e a força seguia,

Eu chamo a força, eu chamo a força  
eu chamo a força  
força das pedras para me firmar  
Eu chamo a terra, eu chamo a terra  
eu chamo a terra  
eu chamo a terra para me enraizar

Eu chamo o vento, eu chamo o vento  
eu chamo o vento  
eu chamo o vento vem me elevar  
Eu chamo o fogo, eu chamo o fogo  
eu chamo o fogo  
eu chamo o fogo para me purificar

Eu chamo a Lua, chamo o Sol, chamo as estrelas  
Chamo o universo para me iluminar  
Eu chamo a água, chamo a chuva e chamo o rio  
Eu chamo todos para me lavar

Eu chamo o raio, o relâmpago e o trovão  
Eu chamo todo o poder da criação  
Eu chamo o mar, chamo o céu e o infinito  
Eu chamo todos para nos libertar

Eu chamo Cristo, eu chamo Budha,  
eu chamo Krishna  
Eu chamo a força de todos orixás  
Eu chamo todos com suas forças divinas  
Eu quero ver o universo iluminar

Eu agradeço pela vida e a coragem  
Ao universo pela oportunidade  
E a minha vida eu dedico com amor  
Ao sonho vivo da nossa humanidade

Sou mensageiro, sou cometa, eu sou indígena  
Eu sou filho da nação do Arco Íris  
Com meus irmãos eu vou ser mais um guerreiro  
Na nobre causa do Inka Redentor

---

<sup>90</sup> Efeito mais “suave” proporcionado pela ayahuasca após a ingestão.

Eu sou guerreiro, eu sou guerreiro e vou lutando  
 A minha espada é a palavra do amor  
 O meu escudo é a bondade no meu peito  
 E o meu elmo são os dons do meu senhor

Eu agradeço a nossa Mãe e ao nosso Pai  
 E aos meus irmãos por todos me ajudar  
 A minha glória para todos eu entrego  
 Porque nós todos somos um nesta união

Ñdarei a sã, ñdarei a sã, ñdarei a sã  
 Desde o princípio todos nós somos irmãos!  
 Orei ou'á, Orei ou'á, Orei ou'á  
 Viva o Poder de todo o universo!  
 (Guerreiro da Paz Apolo 25/04/2005 em homenagem a Tetê, o Falcão dedicado à  
 Madrinha Conceição)

Eram quase 7 horas da manhã quando a cerimônia foi fechada. Compartilhamos alguns alimentos, conversamos e rimos. Assim o gavião voltou pra sua choupana e eu para minha!

#### 3.2.4.1.2 Roda de rapé

Em 28 de abril de 2018 participei da primeira roda de rapé “aberta” da Choupana do Gavião. Primeira, porque seria conduzida pela irmandade, sem a presença de Lobo Dourado. Aberta, porque como já comentado, são trabalhos aonde os *outsiders* podem participar. Eu, era uma *outsider* observadora e nós todos, eu e os outros, *outsiders* experimentadores.

Toda vez que ia a Erechim/RS, fazia contato com o pessoal. Dessa vez, já com a informação do evento ritualístico, entrei em contato com Flor da Rainha e solicitei minha participação. Ela levou ao conhecimento do grupo, que mais uma vez, me autorizou a participar. De resposta positiva, Flor me passou os horários e as orientações. O trabalho seria realizado no Quintal de *Nanã Borukê*<sup>91</sup>, residência de Brisa da Gaia e Guerreiro das Folhas, localizado em um pequeno distrito rural de Erechim/RS.

Foi nesse pequeno distrito que tive minhas maiores aproximações com o rural. As memórias afetivas desse lugar são vividas na minha trajetória de vida e por isso nutro um carinho por aquele espaço e por uma família de produtores de soja na vida mercantil e produtores de bons sentimentos na vida pessoal. Aproveitei para passar o dia na casa dessa minha segunda família. Por volta das 17 horas minha amiga-irmã me levou até ao Quintal de *Nanã Borukê*. Eu não sabia exatamente onde ficava, mas ela sim. Pois foi através de sua indicação para Ágata Turquesa que Brisa e Guerreiro ficaram sabendo da propriedade que

---

<sup>91</sup> *Nanã Borukê* é avó de todos os Orixás. No sincretismo religioso é representada por Senhora Sant'Ana, mãe da Virgem Maria.

estava à venda. O interessante de construir com palavras acontecimentos já vivenciados, é que você acaba percebendo que os fatos se interligam e interagem entre si de alguma forma, mostrando que tudo faz parte de um único fio da espiral. Seguindo...

O tempo estava preparando pra chover (sim, de novo!) e assim quando chegamos em frente ao meu destino daquele dia, os céus desaguaram uma chuvarada. Esperei alguns minutos dentro do carro a chuva se acalmar e quando ela se aquietou desci. Bati palmas, um jovem de cabelos coloridos, abriu o portão. Entrei e fui recebida pelos anfitriões, Brisa e Guerreiro, sempre gentis e receptivos. Era minha primeira vez por lá. Me acomodei em uma cadeira e logo as pessoas foram chegando. Algumas não conhecia, outras eram figuras emblemáticas, já conhecidas, como meu colega de xamanismo, o AnarcAranha. Essas horas são sempre “questionadoramente” engraçadas: “Que tu tá fazendo aqui? ((risos))”, perguntamos um ao outro. No universo novaerista erexinense, a todo momento você pode se encontrar com algum parente ou amigo! Isso reforça minha hipótese de que esses movimentos tecem novos olhares! Em frente...

A realização da roda estava prevista para acontecer no pátio do Quintal, que aos fundos abriga uma agrofloresta em crescimento. As chuvas esparsas durante o dia haviam deixado o terreno embarrado, mas isso não foi impeditivo e o grupo resolveu realizar a roda em saudação a Ogum, na área externa.

A roda já estava montada. Tocos de madeira desenhavam seu formato circular e serviram de assentos. Ao fundo da roda, havia uma capelinha com São Jorge, figura sincrética de Ogum. Quando todos participantes chegaram, nos deslocamos até a roda e aos poucos fomos nos acomodando. Éramos dezenove pessoas. Brisa da Gaia e Guerreio sentaram um de cada lado da capelinha. Eles seriam os mensageiros da medicina do rapé naquele trabalho.

Acomodados na roda, Brisa proferiu algumas palavras sobre o funcionamento do trabalho, perguntou quem estava consagrando rapé pela primeira vez (uma pessoa) e na sequência o integrante Pássaro do Entardecer, que pertence a etnia indígena Xukuru- Kariri, explicou o que era o rapé e para que servia.

Orientações e explicações devidamente comunicadas, deram início os rezos. Sempre na abertura dos trabalhos são realizados rezos, que seriam como preces, aonde são colocadas intenções, são feitos pedidos e agradecimentos ao Grande Espírito, com diz Guerreiro das Folhas “Rezar é inerente a condição humana!”. Rezos intencionados, deu-se início a consagração do rapé e a entonação dos hinos. Inicialmente Guerreiro aplicou em Brisa e Brisa em Guerreiro. Esse praticado é feito para que a pessoa que vai realizar o sopro já esteja limpa,

livre de *panema*. Isso porque a energia do soprador interfere no campo energético de quem vai receber a medicina.

Aos poucos as pessoas iam se aproximando e recendo o rapé. As idas não seguiam uma ordem, quem sentia o chamado se levantava e se direcionava até os sopradores. Os jovens choupaneiros, com auxílio de tambores, maracás e violão, puxavam os hinos.

Em determinado momento me levantei e fui até Guerreiro das Folhas, apoie meu joelho no chão, pedi um rapé mais suave. Suave não quer dizer fraco. Existem preparados de rapé para diversas ocasiões e situações, desde rapés apenas para limpeza de mucos do sistema respiratório até rapés que levam a processos de adivinhação, muito usado por indígenas durante suas jornadas espirituais. Ademais, estamos falando aqui de plantas de poder, plantas mestras, que ensinam, ou seja, o espírito divinal da planta sabe o que cada um precisa aprender no momento.

Guerreiro das Folhas, realizou o sopro, agradei, me levantei e fui para meu lugar. Quando me sentei, meu corpo ficou dormente, tive a impressão que ai desmaiar. Girei com os pés para fora da roda, levantei a mão, Brisa veio me apoiar. Falei: “Acho que vou desmaiar”. Fechei os olhos e tudo escureceu, controlando a respiração, tive um *insight*. Virei com os pés para dentro da roda, tirei as sandálias e coloquei os pés na terra molhada. Senti o enraizar dos meus pés, era como se tivessem criado raízes que me conectavam com *Pachamama*. No mesmo instante me equilibrei. Brisa retornou ao seu lugar. A roda seguia. Fechei novamente meus olhos e me concentrava nas palavras entrelaçadas dos hinos, que falavam de caboclos, orixás e da cobra-coral.

No seguimento da roda, Guerreiro das Folhas comunicou que estaria fazendo a aplicação de sananga<sup>92</sup> para quem sentisse. Eu conhecia sananga por nome e por experiências de pessoas próximas. Não tinha feito aplicação dela ainda, por medo da ardência. Quando Guerreiro passou, falei que tinha medo e que gostaria de observar as reações dos demais. Como ninguém esperneou, resolvi agradar a minha curiosidade e pedi que Guerreiro fizesse a aplicação. Pronto, sobrevivi! Realmente a sananga proporcionava as benesses relatadas: minha visão se abriu, era como se um véu tivesse sido retirado dos meus olhos. As cores eram mais vividas, o brilho da lua era mais intenso.

Depois da aplicação da sananga, os trabalhos foram transferidos para dentro da casa. Iria se realizar uma gira para Ogum. Me levantei e andando descalço e devagar, ao lado de Flor da Rainha, senti que precisava fazer uma limpeza. Me agachei e limpei parte dos meus sentimentos não tão bons acumulados na semana nada boa que tinha atravessado. Flor ficou me

---

<sup>92</sup> Colírio produzido a partir da extração do sumo da planta amazônica *Tabernaemontana sananho*. Utilizado pelos indígenas para se obter uma visão refinada do mundo espiritual.

aguardando. Senti que precisava ficar mais um tempo do lado de fora. Brisa gentilmente me trouxe uma cadeira e me sentei próximo a um gramado. A noite estava linda, o céu tinha se aberto, a lua quase cheia, prateava o Quintal de *Nanã Borukê*. Fiquei por ali observando, refletindo. De repente, senti um gosto forte de erva-mate (*Ilex paraguariensis*) na boca. Minutos depois alguém toca no meu ombro e diz: “Bebe, vai te fazer bem”. Era uma tintura de erva-mate, preparado com marafo<sup>93</sup>. A receita aprendida com os índios guarani, é uma medicina poderosa para curas relacionadas principalmente ao emocional, ao *chakra* cardíaco, pois trabalha a energia das relações e da comunhão.<sup>94</sup> Bebi dessa medicina de erva-mate, fiquei mais um tempo do lado de fora.

Eu tentava me recompor e observar melhor o que estava acontecendo. Eu pensava: “Vamos, se mexa!” Mas meu corpo estava entregue. Eu estava ali na condição de pesquisadora, mas antes de tudo eu era um espírito encarnado sujeito as coisas terrenas, buscando a cura e a evolução. O *rapézito* sagrado, ensinava sobre minha pequinês diante da imensidão da natureza divina. Me ensinava que nada nesse mundo me pertence. Humildemente, cessei por hora, a minha batalha, contra os egos apegados que ainda queriam me dominar, entrei para dentro da casa e sentei na roda. Diante dos meus olhos, em gira, caboclos e orixás trabalhavam. Na penumbra da luz das velas e na melodia dos tambores, eles tinham descido pra agradecer nossa noite. E agraciada eu fui quando um caboclo se aproximou, me fez uma limpeza e disse: “Se firma minha fia!” .

Os trabalhos se seguiram por mais um tempo, já era adiantado da noite, os trabalhos foram fechados, assim como quando foram abertos, com rezos. Eu estava mais firme no meu corpo carnal. Pude então interagir com as pessoas presentes. Foi interagindo que conversei com Guerreiro das Folhas e fiquei sabendo de seu estudo com a jurema (*Mimosa* sp.).

---

<sup>93</sup> Bebida à base de cana-de-açúcar (*Saccharum* sp.) de uso ritual.

<sup>94</sup> Erva-mate (*Ilex paraguariensis*), é uma planta de poder entre os indígenas guaranis, sendo utilizada em momentos de rezos, conselhos, e para curas. A erva-mate dentro da cuia de porongo (*Lagenaria* sp.), é conhecida também como cachimbo d'água, onde a cuia representa o feminino e a bomba, o masculino (Informações LD, 2018).



### 3.2.4.1.3 Jurema

Em todas as minhas idas para Erechim/RS entre os anos de 2017 e 2019, entrava em contato com algum integrante da Choupana para saber da programação da semana. Em dezembro de 2018, não foi diferente, mandei uma mensagem para Flor da Rainha, perguntando se teria alguma atividade do grupo e em caso positivo se eu poderia participar. Logo em seguida, ela me comunicou que teria um ensaio de hinos e que estava sendo convidada a participar.

Na tarde de 16 de dezembro de 2018, por volta das 13 horas, peguei uma carona com Flor da Rainha e outros três integrantes da Choupana e nos deslocamos até o Quintal de *Nanã Borukê*.

Era um dia quente e abafado, fomos as primeiras pessoas a chegar na morada de Brisa e Guerreiro. Logo em seguida começaram a chegar os demais integrantes. Quando todos chegaram, foi decidido que iria se ensaiar os hinos na parte externa do pátio, debaixo da sombra das árvores nos fundos do terreno.

Fomos até lá e cada um se acomodou confortavelmente, alguns sentados no chão, outros em cadeiras e bancos. A minha frente tinha uma capelinha que abrigava uma imagem de Santo Expedito, imagem sincrética de Ogum. Guerreiro das Folhas, colocou uma garrafa de vidro escuro próxima a capelinha, num primeiro momento pensei que pudesse ser ayahuasca.

Antes de iniciar o ensaio dos hinos, rezos foram invocados e rapé consagrado. Nesse dia não me senti disposta a consagrar o rapé. O calor altera meu humor e minha disposição consideravelmente. Após todos consagrarem o rapé e findar seus processos meditativos e de cura, o ensaio se iniciou.

Seguíamos tarde a dentro, ao som da encantadora flauta transversal que era tocada por Pássaro do Entardecer. O ressoar doce da flauta se mesclava aos sons do violão, dos tambores, das maracás, dos chocalhos e das vozes, que concentradas na letra dos hinos compunham a paisagem daquela tarde no Quintal de Nana.

Eu só observava. Em determinado momento, uma pausa é dada. Guerreiro pega a garrafa de vidro escuro que estava em frente ao altar e pede quem gostaria de consagrar jurema. Era a primeira vez que eu via ao vivo e a cores o vinho da jurema. As pessoas bebiam um quantidade considerável, semelhante ao que bebemos de ayahuasca na UDV. O líquido de cor meio acastanhada com avermelhado, me causava um misto de curiosidade e medo. Virei pro lado e perguntei a uma integrante: “Jurema dá miração igual ao daime?”. Eu havia bebido ayahuasca no dia anterior e fiquei receosa dos efeitos da jurema serem potencializados. Ela me disse, “não,

é bem tranquilo, pode beber!”<sup>95</sup>. Guerreiro foi servindo a jurema, seguindo a roda. Quando chegou minha vez, ele me perguntou se eu queria experimentar. Eu perguntei mais uma vez por garantia: “Dá miração?”. Ele disse, “tem que beber uma boa quantidade pra isso”. Pedi então que me servisse um pouco. Bebi. O gosto, assim como da ayahuasca é indecifrável. Não sabia o que me esperava, fiquei em silêncio, procurando me concentrar pra ver quais eram as sensações.

Um tempo depois, a integrante do meu lado fez uma limpeza, a sua frente Pássaro do Entardecer também. Eu, parecia não sentir nada. Quando me dei por conta, eu me sentia introspectiva, eu queria me recolher nas entranhas do meu corpo e ficar ali, em silêncio, sozinha, sem ninguém para me chamar. Eu não queria interação, mesmo estando em meio a onze pessoas. A onda da introspecção cresceu e serenou, foi estranho.

O ensaio finalizou e fomos então compartilhar de um lanche. Entre uma conversa ali e outra acolá, conversei com Guerreiro que me contou que vinha se dedicando aos estudos da jurema. Ele e Brisa participaram de um vivência com um grupo juremeiro em João Pessoa/PA. Guerreiro se afeiçoou a tradição religiosa juremeira e começou então essa aproximação com os estudos e com o feitio do vinho da jurema. A jurema que bebemos nesse dia, havia sido preparada por ele.

Flor da Rainha, me chamou para voltarmos para nossos lares. Nos despedimos dos que ficaram e seguimos para a cidade (urbano). No meio do caminho, a onda da introspecção se apresentou de novo... Entre “sins, não, uhuns, é’s”, minha boca se comunicava com Flor e os demais caroneiros- Cânfora e seu companheiro, enquanto minha alma divagava pelos porões do meu ser.



---

<sup>95</sup> O fato desse relato apontar para uma experiência enteógena “mais branda”, se deve ao modo como a bebida foi preparada. Nesse caso em específico, o feitio foi realizado através da imersão da casca da árvore (*Mimosa tenuiflora*) em água, deixando por um tempo em repouso. Tradicionalmente o preparado é feito de maneira semelhante à da ayahuasca, através da decocção de partes (casca e raízes) da planta *Mimosa tenuiflora* combinada com algum inibidor da MAO, como a Arruda –da- Síria (*Peganum Harmala*).

## 3.3 TRAJETÓRIAS DE VIDA

# HEY MEU SÃO MIGUEL

(Lobo Dourado)

Hey meu São Miguel  
Arcanjo do amor  
Hey meu São Miguel  
É disciplinado

Hey meu São Miguel  
Santo batalhador  
Oh meu São Miguel  
Daime o seu amor  
Hey meu São Miguel  
Mensageiro de Deus  
Para ter seu brilho de amor  
É cumprir o que prometeu

Hey meu São Miguel  
Fortaleza do céu  
Livrai-me dos dragões do ego  
Retirai-me todo ven

### 3.3.1 Poeira Estelar: o doce caminhar da juventude

Alegre, de sorriso fácil, voz doce, com olhos claros e profundos, Poeira Estelar é uma jovem de vinte e um anos. Ayahuasqueira desde os dezessete anos, prefere resguardar essa identidade, “as vezes com quem eu tenho mais intimidade eu falo assim conto das minhas experiências, mas eu acho que não são todas as pessoas que são abertas assim pra isso” (PE, 2018).

Adepta do veganismo, está quase se formando em Ciências Biológicas. Acredita “fielmente assim na teoria da evolução e toda essa parte científica” (PE, 2018), mas não nega a importância da espiritualidade em sua vida,

pra mim é uma coisa que sempre esteve presente entende [...] eu não acho que deva ter esse conflito ciência e espiritualidade, pra mim assim é uma coisa que eu consigo conciliar muito bem assim porque [...] tá tudo ligado as sensações e eu sinto realmente essa presença de algo maior assim (PE, 2018).

Citadina de nascença, passou boa parte da sua vida residindo na cidade, quando aos 15 anos se mudou com a família para um sítio localizado na área rural circunvizinha de Erechim/RS. Um mês antes da nossa entrevista (21/08/2018), voltou a morar no urbano, “eu me mudei pra cidade por questões de facilidade porque eu estou trabalhando aqui daí ficava muito complicado os deslocamentos” (PE, 2018).



Nosso primeiro contato se deu em 19 de agosto de 2017, quando compartilhamos da mesma carona para ir até o Sítio Cambuí, onde aconteceria uma cerimônia da Choupana do Gavião. Naquela ocasião, enquanto seguíamos para o sítio, que ficava no rural de Erechim/RS, onde se realizaria o trabalho de consagração de Santo Daime, Poeira relatou que após o término da cerimônia, que duraria até a manhã do dia seguinte, iria fazer o Kambô. Kambô é uma prática indígena amazônica que saiu da floresta em direção aos centros urbanos carregada pelo expansionismo da Nova Era. Conhecida no meio místico como “vacina do sapo”, seus benefícios estão ligados ao aumento da imunidade e a cura de diversas doenças, tanto a nível mental, como espiritual e físico. Sua aplicação é feita de maneira rudimentar em que o aplicador, com o auxílio de um graveto de madeira em brasa, provoca pequenos ferimentos (semelhantes a pontos) através da queimadura da epiderme, camada superficial da pele, de quem vai ser vacinado. Nesses pontos são colocados pequenos pedaços do preparado resinoso

extraído da perereca *Phyllomedusa bicolor*, fazendo com que a toxina do animal entre em contato direto com a corrente sanguínea. O efeito é imediato, todos os anticorpos começam a se manifestar na tentativa de atacar o veneno que atua como um corpo estranho. A pele se irriga de maneira rápida, ganhando uma coloração avermelhada, o suor intensifica, é possível sentir o pulsar do sangue em todo o corpo, principalmente na cabeça. Em seguida a pressão arterial tende a diminuir, podendo causar enjoos, limpezas e tonturas. O efeito do Kambô cessa no instante que o aplicador retira a resina dos pontos e os efeitos benéficos da vacina já começam a ser desfrutados.

Além de comentar sobre o uso do Kambô, conversamos outros assuntos relacionados a biologia, já que tínhamos em comum a instituição de formação. Após essa ocasião voltei a ter contato com Poeira Estelar, em 21 de abril de 2018, quando marcamos uma entrevista. Na manhã do dia 21, fomos até o Seminário Nossa Senhora de Fátima, um local conhecido pelos erexinenses, não só pelos ritos católicos que ocorrem por lá, mas por ser um utilizado como espaço de lazer nos finais de dia e de semana. Por volta das 10 horas da manhã chegamos no seminário e procuramos um local silencioso para conversar. Sentamos então em um meio-fio próximo a uma garagem e a parte do prédio onde funcionou por alguns anos a Universidade Federal da Fronteira Sul. O lugar escolhido era silencioso, sem trânsito de pessoas e ainda batia uma réstia de sol. Fiz a proposta para que Poeira me contasse sua trajetória de vida, como chegou na Choupana e outros assuntos que sentisse que gostaria de compartilhar.

Iniciamos nossa conversa com a jovem aspirante a bióloga me falando o seu nome de registro oficial e sua idade. Na sequência da conversa, Poeira iniciou o compartilhar de sua trajetória relatando que ela e a família são batizados na igreja católica, “mas a gente não é frequentante de igreja etc. e meu pai gosta bastante de espiritismo e etc mas não frequentam” (PE, 2018). Embora tenha sido iniciada no catolicismo, desde criança sentiu atração pelas práticas holísticas, interesse que ela não sabe precisar de onde surgiu já que, “nunca tive nenhuma referência na família ou amigos próximos que tinham essa linha espiritual, foi uma busca assim bem de mim mesma” (PE, 2018). O fato de afirmar ser uma escolha pessoal essa busca por uma “linha espiritual”, parece se correlacionar com as mudanças engendradas no panorama religioso contemporâneo, onde a família, antes associada a “fervorosa obrigação de transmitir” uma fé religiosa aos filhos, na atualidade encontra dificuldades nessa operação (HERVIEU- LÉGER, 2015). Hervieu- Léger (2015, p.60), afirma que a dúvida manifesta pelos pais, quanto “aos fundamentos da transmissão religiosa em um universo cultural em que opções religiosas e espirituais são vistas como escolhas privadas”, faz com que, de modo implícito ou explícito, os mesmos, permitam, em certos números de casos, que os filhos tenham liberdade

de escolher sua crença religiosa ou espiritual, se julgarem necessário, em função de suas afinidades e interesses pessoais.

Empoderada dessa possibilidade de escolha individual, aos 14 anos, Poeira Estelar iniciou a prática de meditação com Manacá, figura já citada nesse compêndio, “a [Manacá] foi tipo assim minha base assim, não só pro caminho holístico mas pra minha vida assim” (PE, 2018). Foi no espaço do Gervão que Poeira conheceu e se aproximou de Lobo Dourado. O primeiro convite feito pelo até então, dirigente espiritual da Choupana, foi para que ela participasse de uma roda de rapé no sítio no interior de Áurea/RS. Depois de participar da roda de rapé, participou da sua primeira cerimônia com ayahuasca, que foi realizada no espaço físico da Choupana na época. Poeira não me deu datas exatas e essas não me pareceram ter importância na vida da jovem

Sobre a primeira cerimônia ela me contou extasiada, evocando diferentes entonações de voz, que carregadas de sentimentos e emoções, estabeleciam uma comunicação cinésica que parecia rememorar a experiência,

a primeira cerimônia pra mim ela foi, foi digamos bem assustadora assim, o meu primeiro contato que eu tive, porque várias pessoas passaram muito mal assim, foi bem assustador e eu tive mirações assim e eu vi a minha vó, que ela já morreu minha vó né e eu entrei tipo numa caverna assim e eu vi uma, tipo uma chama preta assim e na hora eu reconheci como sendo minha vó e daí eu entrei num desespero total porque parecia que no lugar que eu estava era um inferno sabe, e daí nossa foi bem tenso assim, porque daí parecia que minha vó estava naquela situação. Aí eu acho que essa foi, esse primeiro contato que eu tive com a cerimônia, foi, foi meio assustador assim digamos (PE, 2018).

As mirações são o ápice da experiência com ayahuasca, sendo um dos elementos centrais dentro da cosmovisão ayahuasqueira. Através do mirar (do latim *mirare*- admirar) a pessoa tem a possibilidade de comungar com o divino, ter uma ascensão ao mundo espiritual e “mergulhar para dentro das suas entranhas” em busca de se melhorar. Quando a “molécula do espírito” adentra nos nossos corpos a consciência se expande de tal maneira que não é raro de ouvir relatos de ayahuasqueiros que tiveram vivências extracorpóreas. No entanto por se tratar de uma força estranha, é comum que as primeiras sensações e visões experimentadas com o uso da ayahuasca, sejam para alguns, assustadora, como relatado por Poeira. Grof (2000), afirma que nos estados alterados da consciência, vivenciamos uma diversidade de sentidos, que envolvem todo o nosso sistema sensorial. No campo da visão, ele destaca que podem imergir diversas imagens e situações que tem ligação direta com nossa história pessoal, podendo inclusive se manifestar o inconsciente coletivo. Logo, é na miração que se faz o estudo de si, é onde acessamos nosso inconsciente – nosso guia incomparável – que contém a sabedoria e a

experiência de incontáveis eras, e buscamos nos harmonizar (JUNG, 2015). A medida que nos aproximamos dessa harmonização, que reside no fato de desvendarmos quem verdadeiramente somos, acessamos o saber coração, aquele que nasce em nós “como grão verde em terra preta” (JUNG, 2015, p. 121).

As experiências com a ayahuasca possibilitam a abertura da porta do sentir, facilitando a harmonização do si- mesmo<sup>96</sup>. Sob a luz da ayahuasca, nos aproximamos do nosso coração e podemos desfrutar dos bons sentimentos e sensações. Poeira Estelar, já no primeiro contato com o chá, pode vivenciar esse sentir,

a cerimônia aconteceu no final de semana e no dia seguinte tipo na segunda eu estava me sentindo super bem, e eu estava com uma sensação assim, apesar de ter todos aqueles medos assim, eu me senti extremamente protegida assim, tipo uma proteção surreal, nunca tinha sentido aquilo parecia que estava tudo bem sabe, eu estava muito protegida [...] me sentindo ótima (PE, 2018).

Embora o sentimento de bem- estar estivesse aflorado, Poeira Estelar se confrontou com o seu pensar,

eu sempre fui uma pessoa muito cética, tipo apesar de ter essa tendência sempre pro lado espiritual, eu sempre mantenho os pés firmes no chão né até pela questão tipo “ah será que sou eu que estou pensando isso, ou será que realmente está acontecendo?”, então eu busco sempre manter os pés no chão, mas daí conforme eu fui seguindo com o daime, eu fui vendo que tem coisas que não, que realmente acontecem entende e que não é tipo não sei, talvez às vezes a gente pensa talvez é da nossa mente, talvez não. Eu tento ser bem racional assim nisso (PE, 2018).

Esse estranhamento de ora sentir-se entregue a plenitude da experiência de mirar e ora questionar a realidade dela, é frequente em experiências envolvendo uso de enteógenos como a ayahuasca. Penso que essa frequência tem ligação direta com nosso “ego societário”, já que desde o século XVII, (con)vivemos sob a égide da era da razão e do ceticismo, que por vezes parece ter perdido força no adentrar no século XX, por outras parece seguir ditando as regras e se manifestando de maneira fervorosa, encarceirando as almas e espíritos em “celas sem luz”, nos alienando espiritualmente. Essa falta de consciência sobre nossa natureza espiritual, por vezes nos impele de ver “quando a tampa do tempo destampa o tempo”.<sup>97</sup>

No entanto, Poeira Estelar, sentiu de entrar “na roda do tempo” e passou a crer na existência do espírito, “antes eu era meio assim, ‘ah será que existe será que não existe’, mas

<sup>96</sup> c.f. JUNG, C. Livro vermelho.

<sup>97</sup> Referência a canção de Juraildes da Cruz “A porta do tempo”.

agora eu acredito, acredito” (PE, 2018). Se aproximou da corrente, procurando conhecer mais os processos proporcionados pelas experiências enteógenas,

após essa cerimônia, assim eu segui os trabalhos espirituais e agora inclusive eu estou na corrente, então eu auxilio nos trabalhos espirituais também, eu já participei, eu acredito de eu acho, que de umas sete sessões de consagração da ayahuasca (PE, 2018).

No universo ayahuasqueiro a prática de se envolver nos trabalhos dos grupos a que se pertence, faz com que o adepto tenha mais firmeza e estabeleça um compromisso com o Astral. Além do mais, nas religiões ayahuasqueiras é a própria irmandade que desenvolve os afazeres braçais: construções, organizações de cerimônias, preparos de medicinas, grupo de estudos, etc. E são nesses trabalhos “manuais- materiais”, que boa parte do desenvolvimento espiritual acontece! É na interação e socialização com a irmandade que se vive a “dança arquetípica”, onde *ahamkara* (o ego, o “eu que faz”, que afirma que “eu que sei”) encontra terreno fértil para se manifestar em estado potencial. Por outro lado, são nesses momentos que os vínculos de amizade e os laços de confiança são estabelecidos e estreitados.

E é na confiança que sente pela irmandade da Choupana que a jovem, ressalta que “eu só participei sempre com esse mesmo grupo né, da Choupana e tal. Eu fico aberta pra participar de outros assim, eu nunca participei ainda, por enquanto a minha segurança assim que eu sinto eu participo nesse” (PE, 2018).

O fato de confiar e ter segurança no grupo que se está inserido, proporciona uma sensação de acolhimento, um sentimento de pertença, que auxilia no processo de desenvolvimento espiritual e material, podendo transformar a vida da pessoa. Sobre suas transformações, após a inserção na Choupana, Poeira, com serenidade no olhar, afirmou,

mudou completamente minha vida né, porque geralmente as pessoas elas procuram o trabalho para se curar de alguma coisa ou pra resolver problemas que elas tem na vida delas e durante o trabalho tu coloca tudo aquilo pra fora, então eu acredito que quem procura isso está procurando pra ser uma pessoa melhor entende, e tu vai sentindo isso acontecendo ao longo do tempo e agora uma coisa que por exemplo, eu não me vejo, não, não, parando de consagrar assim o Santo Daime, pra mim é uma coisa que já está na minha vida assim, como um estilo de vida de tu se trabalhar nessas cerimônias pra ser uma pessoa melhor, pra tu ajudar os outros pra se encontrar[...] e é muito engraçado porque daí as coisas começam acontecer ao mesmo tempo parece né, que tanto meu curso que na verdade eu faço biologia pra ter essa aproximação maior com a natureza e tanto o daime me fizeram olhar a vida assim, todas as formas de vida de um outro jeito e as pessoas também que estão lá, não somente as medicinas em si, mas as pessoas que que participam das sessões elas tem um tamanho carinho e um respeito pela natureza e tu começava a olhar os outros seres vivos né, como um indivíduo também , porque antes parece que “ah um planta é só uma planta” sabe, mas na verdade tem uma vida nela e tipo cada um é um indivíduo também né, não é só tipo



uma árvore, cada árvore é um indivíduo e sim nossa ((ênfase na voz)) eu comecei a olhar muito diferente isso (PE, 2018).

Essas transformações facilitadas pelo chá misterioso na vida de Poeira Estelar, e de um tanto de outros, para além de mudanças comportamentais enseja uma “transformação interior das consciências humanas” e parece se tratar de uma relação em potencial para que possamos estabelecer uma reconexão com a natureza (FERNANDES- PINTO, 2017).



# FAMÍLIA DA DOCTRINA

## (Lobo Dourado)

Ao Santo Daime eu peço força  
 Eu peço força ao Santo Daime  
 Pra nos livrar de toda dor  
 E dos terrores desse vale  
 E este vale tem montanha  
 E é preciso nós subir  
 Para enxergar a Santa Luz  
 Do meu Jesus que está por vir  
 E quem quiser me acompanhe  
 Para nós edificar  
 Uma família de amores  
 Com as flores da Doutrina  
 Quando o trabalho fica sério  
 É que temos que servir  
 Pro batalhão de Jesus Cristo

Pros nossos erros semis  
 Mestre Irineu sua doutrina  
 É de tanta revelação  
 Ensina amor e harmonia  
 Respeitar os seus irmãos  
 Dai-me a força para subir  
 Perante à evolução  
 E me levari aonde está  
 No seu astral superior  
 Seu batalhão está formado  
 Todos de espada na mão  
 Sigo com fé e com coragem  
 Pois eu tenho que alcançar  
 Aonde está o nosso Mestre  
 Todos têm um bom lugar

### 3.3.2 Flor da Rainha: da ansiedade ao sentir-se um ser vivo

Tecer algumas palavras na tentativa de ilustrar de maneira breve e superficial – já que palavras não são capazes de expressar a dimensão da experiência humana – o artesanato da trajetória da Flor da Rainha, me fizeram lembrar emocionada do poeta nordestino Caio Meneses. Caio em seu poema, Jardim de Borboleta, em um trecho diz, “Eu admiro demais, A borboleta voar, Quem durante toda a vida, Só pôde se rastejar, Talvez seja quem mais saiba, Qual o valor de lutar”. Eu vejo a borboleta do poema de Caio, na história de vida da Flor da Rainha, da minha mãe e de tantas outras mães, sozinhas, espalhadas por esse mundão, que com tamanha dificuldade dedicam suas vidas para dar uma condição humana dignificante aos seus filhos, na invisibilidade que é ser mulher e mais ainda, mãe sola numa sociedade patriarcal.

Se reinventando a cada dia, Flor da Rainha, aos seus 58 verões, é mãe de duas mulheres e avó de um menino. Batalhadora incansável, sozinha, fez o possível e o impossível para criar suas duas filhas. Foi comerciária no ramo de confecções, bancária, auxiliar administrativo no ramo da indústria da construção civil, comerciária no ramo de mecânica pesada, vendedora autônoma no ramo cosmético, microempresária no ramo de moda íntima feminina. Hoje é aposentada, estudante de geografia e buscadora de si.

De família católica, foi criada no meio rural até o início de sua adolescência,

eu sou Filha da roça, eu nasci na roça, eu sou a filha mais velha, e meu pai e minha mãe eram pessoas sem-terra né, quando eles se casaram, eles viviam num espaço que era assim cedido por uma pessoa, eram assim agregados [...] eu sai da roça com 12 anos porque na região que eu morava não tinha pra além da 4ª série, meus pais queriam que a gente continuasse estudando. Então eu vim morar em Erechim, morando de favor na casa de parentes e depois mais tarde meu pai teve um problema de saúde, que hoje eu consigo entender que meu pai teve problema com os primeiros agrotóxicos, e o pai meio que se desencantou [...] veio morar na cidade [...]. Então assim, desde criança, eu trabalhei na roça, eu só não fui mais porque depois a gente não tinha mais, mas eu tenho um amor muito grande pela terra, pela natureza, pelo plantar, pelo colher, eu sou muito erveira, estou sempre mexendo, a terra me acalma, me relaxa, sabe e agora que eu já estou fora desse processo que eu fui bancária, eu consigo ver assim que eu sou feliz mesmo lidando com a terra, lidando com plantas, lidando com coisas assim voltadas a natureza” (FR, 2018).

Esse amor pela natureza, foi complexificado após a aproximação com a ayahuasca,

aprofundou a sensibilidade, aprofundou bastante, parece assim que aquilo que já estava na minha essência, ela se fortaleceu, ela é muito forte, não só com a questão da natureza, como a vegetal e animal, mas assim até as próprias questão com relação aos seres, questão indígena, questão do escravidão, a questão do negro, a questão dos ciganos, eu acho que ela é muito ampla, esse trabalho é muito amplo, no sentido assim de você clarear o que cada povo têm de conhecimento (FR, 2018).

Essa sensibilidade profunda que Flor da Rainha tem pela natureza, humana e não-humana, é facilmente sentida logo no portão de entrada de sua casa localizada em um bairro de Erechim/RS. No pequeno caminho que leva do portão até a porta da casa, há diversas vidas coabitando, “é verde que aflora do chão e das copas<sup>98</sup>”. São flores, árvores, arbustos, gramíneas, seres faunísticos e elementais, cultivados no “jardim encantado de seres nativos<sup>99</sup>”, no pequeno espaço guarnecido pela bruxa urbana. Quiçá não é à toa que o fogo presenteou essa jovem senhora com a energia da Flor...Flor da Rainha!



Na tarde do dia 22 de abril de 2018, fui até a casa de Flor da Rainha, já não éramos tão estranhas, pois havíamos nos encontrado na cerimônia da Choupana e em outros trabalhos do grupo. Era minha primeira vez em sua casa, logo que cheguei no local que me pareceu remeter as características que ela me havia passado, estacionei o carro e mandei um *whatsapp*, dizendo que acreditava estar em frente à sua casa. Minutos depois, avistei Flor da Rainha subindo em direção ao portão. Com um semblante alegre e sorridente, me recebeu com um abraço e me convidou a entrar no seu lar, um casa ladeada por árvores, ervas, folhagens, flores...

Logo que entrei na casa senti um cheiro de capim- limão, Flor carinhosamente havia acendido um incenso para me receber. Me sentei em um banco estilo *recamier* retrô e descalços, entrecruzei minhas pernas, apoiando-as sobre o tal banco. Eu me sentia em casa e ela enfatizava que eu me sentisse assim. Acomodadas e ao som da orquestra sinfônica dos pássaros que ao lado de fora da casa entoavam seu canto, iniciamos nossa conversa. Flor iniciou seu compartilhar relatando seus passos até chegar na Choupana,

eu historicamente, me lembro assim, como pessoa eu estar desde criança assim eu sempre via, apesar de ser descendência católica, eu não me via por inteiro, assim feliz dentro da igreja católica, eu digo que fui adultecendo, amadurecendo assim e fui percebendo que não adiantava eu buscar uma outra igreja, uma outra religião. Eu não sentia firmeza em nenhuma [...] na fase adulta [...] então surgiu uma pessoa que eu conheci assim através do meu trabalho[...]a pessoa naquela época me mostrou algumas coisas a respeito da Ordem Rosa Cruz. Eu não me lembro assim se eu sabia da existência [da Rosa Cruz] ou não, mas foi ali que compreendi um pouco e aí eu comecei a buscar em Erechim, encontrei o caminho, procurei pessoalmente, me cadastrei e a gente tem que pagar, preencher um formulário, pagar uma trimestralidade, para você estudar e aí me envolvi, foi bem importante né, porque eles tem uma literatura muito boa né e com base nisso passou um período e eu assim tive muita dificuldade pra concentração e pra leitura, nem tempo eu tinha, porque eu trabalhava na venda, sustentava a família, era uma vida muito louca, corrida, corrida

<sup>98, 92</sup>Trecho da música Florestal de Martonio Holanda.

e eu não conseguia estudar na velocidade que precisava. Então assim eu vinha, peguei o inicial, mas não consegui ir adiante e acabei não dando, do que adiantava eu ficar pagando e recebendo literatura se eu não conseguia ler, avançar nos estudos. Daí eu dei um tempo, mas já vinha percebendo umas coisas assim que eu vinha questionando, e não digo que lá é errado, cada um tem sua percepção, sua forma de levar. Eu percebi assim que era um grupo muito urbano e que abrangiam pessoas assim mais bem remuneradas, pessoas assim com melhores profissões né, praticamente não haviam pessoas assim simples né. E aquilo me fez ter reflexões e como não pude mais voltar passaram várias coisas na minha vida e continuei atenda pra ver o que vinha né. Busquei, assim conhecer centros espíritas, mas sempre, não sentindo muita firmeza (FR, 2018).

O fato de perambular por uma gama de tradições religiosas e/ou espirituais é um padrão recorrente na trajetória dos buscadores da Nova Era, que movidos por insatisfações das mais diversas, no caso de Flor pela, falta de “sentir-se inteira”, faz com que procurem por grupos e lugares que se aproximem de seus ideias e crenças, onde encontrem sua própria verdade.

Assim, nesse perambular na busca por um trabalho espiritual que atendesse sua compreensão, num determinado dia uma amiga, comentou que tinha ficado sabendo através de uma terapeuta neoxamânica, indicada a ela pela própria Flor da Rainha, que estava para abrir em Erechim/RS um local que fazia cerimônias com daime,

e aí a Begônia [ terapeuta] disse pra ela [ amiga da Flor da Rainha],”olha está pra abrir um espaço e vai ser nos próximos dias”, que eu não lembro, mas acho que era em maio de 2015, “e tu procura a pessoa o nome dela é Lobo Dourado, procura no *facebook*, deixa teu contato, teu telefone, diz porque tu está querendo ir e a pessoa vai te retornar”(FR, 2018).

A amiga então entrou em contato com o misterioso Lobo Dourado ((risos)), que se revelaria numa pessoa do convívio profissional dela e da Flor da Rainha (no meu caso ele docente e eu discente da mesma universidade). Uma surpresa para a amiga, mas nem tanto para Flor da Rainha,

ela me disse, “bah Flor da Rainha, tu sabia?” [quem era o Lobo], eu falei,” olha eu não sabia que ele era o Lobo Dourado, mas que ele tinha uma lado espiritual, uma caminhada espiritual, eu percebi”, porque eu já tinha visto ele na [universidade] e eu já tinha participado de umas reuniões de um projeto que a Brisa da Gaia tinha me convidado pra ser colaboradora e nesse projeto o [fulano], que é o Lobo Dourado, estava fazendo parte desse quadro de trabalho, e aí eu via ele, sabia o nome dele e aí um dia eu fui procurar assim por curiosidade, ver o perfil dele assim, aquele jeito simples, aquela barba, aquele cabelo. E aí vi que ele já tinha participado de algumas atividades lá no [Gervão], se não me engano, lembro que vi assim fotografias assim que estavam envolvidas [as práticas espirituais], mas eu nunca comentei nada, só queria compreender mais, quem ele era, porque a [amiga], dizia assim “é um físico né”, aí eu fiquei pensando “como é que pode um físico né?” a gente vê tanta coisa né, sempre muito radical, linha dura [os físicos]. Aí quando ela [amiga] me contou eu já sabia que ele tinha uma caminhada (FR, 2018).

Com a identidade de Lobo conhecida e com maiores detalhes sobre a tal cerimônia que viria se realizar, Flor da Rainha sentiu vontade de participar dos trabalhos,

porque já que é uma pessoa que está dentro da universidade, a gente já sente uma segurança, eu também estsou disposta a conhecer, mas eu praticamente não sabia nada a respeito. Aí eu acabei escrevendo pra ele [...] ele marcou comigo uma conversa e na conversa ele disse pra mim que não tinha mais vaga, mas que meu nome ficaria na lista de espera, se realmente me interessava (FR, 2018).

Durante essa conversa com Lobo, Flor da Rainha colocou sua situação emocional, “aí eu coloquei assim, das dificuldades que eu tinha, uma ansiedade violenta, eu vinha passando por um quadro, muito, muito difícil de ansiedade, aí eu coloquei isso pra ele e perguntei: “será que isso [daime]vai me ajudar?” aí ele disse “sim, isso vai te ajudar” ((risos)) (FR, 2018).

Dois dias antes de se realizar a cerimônia, Lobo entrou em contato, comunicando Flor, que tinha surgido a possibilidade dela participar do trabalho. Esse trabalho se constituiu como a primeira cerimônia da Choupana do Gavião, na casa do Lobo Dourado. Flor da Rainha confirmando a participação no trabalho se inseriu a um grupo de pessoas que estavam organizando a logística para ir até o sítio que ficava no interior de Áurea/RS. A lotação (transporte) que conduziria o grupo até lá, estava sendo organizada por uma discípula de Manacá. Nesse encontro vários grupos espirituais estiveram presentes na cerimônia de abertura da casa.

Flor da Rainha comenta que durante o trajeto que ligava Erechim/RS ao interior de Áurea/RS, isso deve dar uns 26 quilômetros, percebeu que,

o trajeto que a gente estava fazendo, tinha relação com um sonho que eu tinha tido há uns dias atrás muito idêntico assim. Me chamou atenção, eu até comentei isso na volta depois da cerimônia “que engraçado que eu sonhei com esse trajeto” (FR, 2018).

Partindo do pressuposto de que os sonhos, conforme argumentado por Alphone Maeder, amigo de Jung, eram tentativas de solucionar os conflitos morais do indivíduo, e por isso não apontam meramente o passado mas também preparam para o caminho futuro (SHAMDASANI, 2014), entendo que o sonho descrito por Flor da Rainha, estava a apontar o seu caminho “futuro”.

Chegando ao local do trabalho, se dirigiram ao salão onde se realizaria o ritual. Flor da Rainha, contou que sentou na penúltima fila, próxima de uma parede, ao lado direito do salão. Na cosmologia daimista durante os rituais se utiliza a divisão sexual no salão, homens ficam a esquerda, mulheres a direita. Essa prática foi trazida por Mestre Irineu e tem a função principal

de procurar equilibrar as energias masculinas e femininas. Acomodada nesse local, sentada a sua frente estava a jovem Poeira Estelar, “fizemos a cerimônia juntas ((emoção na fala))” (FR, 2018).

Sobre a primeira experiência sob a luz da ayahuasca Flor, contou que,

foi um trabalho muito intenso e assim, eu tenho por natureza me achar firme, sabe ((risos)) sempre muito e naquela cerimônia assim, foi muito puxada, deu muito trabalho, hoje eu consigo compreender isso, naquela época, eu também vi muita coisa, mas não nessa profundidade que eu vejo hoje[...] Eu lembro, assim que o pessoal estava passando umas peias, limpezas pesadas, a pessoa do meu lado tinha endurecido as mãos estava apavorada, a pessoa na fila atrás lá no canto, a pessoa tinha , depois conversei com a pessoa, a pessoa começou assim, ela chamava, pedia socorro, que o Lobo ajudasse ela e deu pra compreender que ela estava fazendo um trabalho de auxílio de alguém que estava indo pras profundidades né e depois da cerimônia a gente conversou um pouco, ela disse que realmente viu coisas muito pesadas e tinha relação assim, que ela viu , ela tentou salvar alguém que estava indo pro inferno, foi a expressão que ela usou né, e que ela não conseguiu salvar né. Mas na cerimônia, o mais engraçado assim que eu via que estava denso, que estava puxado, e aquele pessoal fazendo limpeza, limpeza e limpeza e eu me achando assim, “bah comigo não tá acontecendo nada né” ((risos)), me achando a rainha da coca ((risos)), mas não entendendo muita coisa, achando aquilo meio estranho, assim “olha aí todo mundo se quebrando ali e olha como eu estou poderosa” ((risos)). Mas eu não compreendi muita coisa que estava acontecendo comigo naquele momento, depois acabou caindo a ficha, teve um momento assim, que eu não me suportava mais sentada, não sei se já te aconteceu de tu estar sentada muito tempo dá a impressão assim que te dói as carnes e que tu precisa te levantar, caminhar, pois eu estava assim, chegou um momento que eu não estava mais suportando, eu mudava e trocava de posição e aquilo não passava e eu pedi apoio, eu não lembro quem é que estava de fiscal, a pessoa trava posicionada atrás ela veio eu falei olha eu estou precisando ou deitar ou levantar porque eu não suporte mais ficar sentada. Ela [apoio] disse, “não, nesse momento agora tu não pode, tu precisa respirar, respira fundo, acalma isso já vai passar!”. E aí eu me acalmei, trabalhei fundo a respiração, dei uma afundada assim na respiração, vamos acalmar. E eu já vinha sentindo um desconforto abdominal, assim como se estivesse estufado, e aí eu pensei assim, “está todo mundo, pra mim aquilo era um vômito, a limpeza, está todo mundo vomitando, será que se eu vomitar isso não melhora?”, aí quando eu pensei: pooooo ((risos)) foi uma limpeza muito forte! E logo em seguida acalmou né. Aí eu lembro assim, que já na primeira cerimônia, ãh era com o Canto Alegre na hora do daime ele também me deu copinho cheio, eu na época não sei se era o chamado 100 ml que dizem hoje, só lembro que era o copinho cheio, pra uns era um pouquinho, pra mim ele olhou e me deu o copinho cheio. Mas foi um rica de uma experiência, assim sabe (FR, 2018).

Depois da experiência Flor da Rainha voltou a procurar o grupo e a participar dos trabalhos se inserindo então na corrente,

eu comecei a me interessar e Lobo convidava pra gente começar se inteirar, aprender a cantar e eu fui começando a participar, mas assim bem rasa né. E um pouco também minha ansiedade me impedia de concentrar [...]Tivemos muitos ensaios na casa do Lobo, aí assim nós tivemos muitos trabalhos que o Lobo, nos preparou, tu sabe que o Lobo não está mais aqui presencialmente o tempo todo com a gente, mas continua sendo nosso guia, e o Lobo o tempo que ele esteve ali, quem teve nesses trabalhos que nós chamamos de corrente, a gente foi sendo trabalhado, foi compreendendo a umbanda que eu não tinha muita clareza e ainda tenho muito a aprender, me sinto



engatinhando. Eu fui percebendo muitas coisas e me questionando muitas vezes “meu Deus, será que é isso que eu devo fazer?” um preconceito muito grande com relação ao trabalhos espirituais e umbanda e cia ltda, até por não compreender o que era, a gente vem de uma formação de muito preconceito (FR, 2018).

Seguindo a construção dos acontecimentos que marcaram sua memória nos primórdios da Choupana, Flor relembra como o transe mediúnico num primeiro contato despertou seus pré-conceitos,

quando começaram aquelas giras, vinham pessoas que já estavam recebendo forças, energia e estavam girando e eu pensava, “isso comigo nunca vai acontecer, não isso não é comigo” e não me via muito fazendo uma gira né, adora aquelas músicas adorava aqueles momentos, mas tinha uma coisa, e vem muito questionamento e me questiono em muitas coisas até hoje a intensidade e a profundidade é diferente, hoje eu já consigo buscar respostas, saber com quem me auxiliar, mas na época eu pensava assim “mas como é que eu vou conversar com o Lobo né, será que isso é realmente, será que pode, que não pode”, nessa questão espiritual né, incorporação, giras e de repente eu comecei a sentir que eu também tinha vontade de girar e comecei a me permitir, deixar ir, as primeiras vezes assim “será que tu não está fazendo um teatrinho” e ainda tem muita coisa que eu não sei quase nada, mas assim eu ainda me questiono até que ponto aquilo que tu está recebendo ou sentido se tu não está, que a gente se boicota muito se representa muita coisa né, mas trabalhando essa questão que é tem muita relação com o ego né (FR, 2018).

Foi trabalhando o ego e buscando aprimorar a consciência, que Flor da Rainha, sentiu e vem sentindo as transformações proporcionadas pela sua inserção na Choupana do Gavião e pelo contato com as medicinas. Isso porquê durante muitos anos Flor sofreu com quadros graves de ansiedade, que afetaram não apenas seus corpos sutis – espiritual, energético, emocional, mas também seu corpo físico,

tinha muita dificuldade de concentração, violenta, bruxismo, dores no corpo, eu tinha passado assim por momentos terríveis[...] eu quebrei vários dentes por causa do bruxismo principalmente, eu tive sete implantes por causa de quebração de dente [...] eu tinha afogamento, que eu não suportava, parecia que eu tinha um lenço térmico na região da garganta, pescoço, entre tantos desconfortos. [...] eu tinha muitos caroços, eu vivia assim encaroçada na região dos ombros, pescoço, aqui onde eu faço a flexão da cabeça, esse lado aqui, o direito principalmente era um dor violenta, violenta[...] eu lesionei o joelho, o esquerdo, dado as tensões [...] porque no sono eu tensionava muito e acordava com as juntas doídas, então aqui eu já tinha uma lesãozinha do trabalho, veio mais intensa, já venci bastante (FR, 2018).

Ademais, teve disfunções no sistema neurotransmissor, causada pelo estresse,

eu penso em falar, quando eu abro a boca para falar o assunto que eu vou falar, o assunto foge e eu não consigo me lembrar o que eu ia falar e muitas vezes ele demora horas, outras vezes só no outro dia talvez me lembrar, ou eu começo a falar e perco a sequência, o que é que eu estava falando, o que que eu queria dizer e eu estava pensando que estava com *Alzheimer* (FR, 2018).

Passando por diversos médicos e profissionais, das mais variadas especialidades (psiquiatra, psicóloga, endocrinologista, ginecologista, fisioterapia, etc), Flor da Rainha, se submeteu a tratamento psiquiátrico com a utilização de medicação alopática controlada por mais de 7 anos e meio. Durante esse processo contou também com sessões de psicoterapia e outras ações para mitigar os efeitos ocasionado pelo quadro de ansiedade. Quando Flor da Rainha conheceu a ayahuasca, relata que após a primeira utilização começou a sentir algumas mudanças, levando a examinar algumas situações,

eu começo a perceber algumas coisas que a ayahuasca começou a me mostrar, a primeira foi na forma de andar, eu ainda sou muito agitada, mas hoje estou assim[mais calma], 80% menos ou talvez mais [ que 80% ], eu ia andar e eu andava rápido, era um pisar que praticamente não pisava e eu lembro que eu ia andar rápido, naquele ritmo que eu sempre estava e foi como que assim, alguém tivesse dizendo pra mim, “Flor, calma, esse não é o passo que tu tem que dar, pisa com calma, desacelera”, e eu consegui assim, o corpo me mandava sabe, fui começando a ouvir o que estava sendo dito pra mim e hoje eu consigo entender como a medicina conversa com a gente né, na época assim eu não lembro muito como eu passei assim [...] depois eu entendi o que a medicina estava fazendo comigo (FR, 2018).

Essas mudanças percebidas e o fato de estar sob acompanhamento médico, fizeram com que em dezembro de 2015, Flor levasse ao conhecimento de seu psiquiatra, os sentimentos e sensações que vinham sendo observadas por ela após o uso do enteógeno,

disse pra ele que eu estava vendo diferença com relação a ayahuasca e estava vendo que minha ansiedade estava mudando e ele passa a conversar comigo, em termos ele não disse, mas eu percebo que ele passa a estudar a ayahuasca e ele respeita o que eu digo e ele chega dizer pra mim, “Flor tua ansiedade é tão elevada que eu não posso censurar qualquer coisa que tu esteja fazendo que te faça bem, porque eu não vejo muita possibilidade de tu te libertar da dose máxima da medicação, então assim tudo que tu fizer, fisioterapia, acupuntura, reiki o que tu achar que te ajuda, faça”. Então ele disse, “tu vai, segue no teu caminho, se te faz bem, segue” (FR, 2018).

Os sintomas de melhora observados por Flor da Rainha, após o uso da ayahuasca, corroboram com estudos<sup>100</sup> que vem sendo desenvolvidos no campo da psiquiatria, que apontam que uma única dose de ayahuasca apresenta efeito terapêutico considerável, refletindo em uma melhora na condição de bem-estar, reduzindo quadros depressivos, de ansiedade,

---

<sup>100</sup>. c.f .DAKIC, V. et al. *Short term changes in the proteome of human cerebral organoids induced by 5-MeO-DMT*. *Scientific Reports*, 2017.

\_\_\_\_\_. *Harmine stimulates proliferation of human neural progenitors*. *PeerJ* 4: e2727, 2016.

OSÓRIO, F.L. et al. *Antidepressant effects of a single dose of ayahuasca in patients with recurrent depression: a preliminary report*. *Rev. Bras. Psiquiatr*, v.37, n. 1, jan. /mar.2015.

SCHENBERG, E. et al. *Acute Biphasic Effects of Ayahuasca*. *Plos One*: e0137202, v.10, n. 9, 2015.

transtornos pós- traumático e dependência de drogas. Esses estudos apontam para um futuro próximo, aonde a ayahuasca vem ser uma nova aliada no tratamento psiquiátrico, com um grande diferença: sem apresentar toxicidade e efeitos colaterais ao paciente.

Diante disso, Flor seguiu tomando a medicação alopática e fazendo o uso da ayahuasca e de outras medicinas alternativas (homeopatia, florais e tinturas) até que em fevereiro de 2017 se deparou com uma situação, que proveria um novo rumo ao tratamento alopático,

terminou minha medicação na segunda feira, e eu esqueci de comprar nova medicação e fui só me perceber na sexta- feira que eu estava sem a medicação e que estava tudo normal, em outros momentos por falta de condições financeiras, muitas vezes eu ficava dois, três dias sem comprar eu já começa a ver dores no corpo, começava dar choro involuntário né, ficava irritada e ali eu percebi assim que nada tinha mudado. Muito bem, compra a medicação volta a usar e vai pro consultório pra ver isso. Aí quando eu contei pro médico isso ele disse analisando tu está em condições de fazer o processo de retirada dessa medicação, aí eu disse “estou com medo, eu estou indo na universidade , com tcc [trabalho de conclusão de curso], estágio final, aí ele disse “olha tu tem que fazer isso quando tu sentir confiança, porque eu estou te dizendo que tu está em condições, se tu acha que não pode, que não te arrisca, que tal se nos mudamos pra metade da dose, mas metade da dose não usando medicação genérica, usando medicação original, o Lexapro” aí eu topei “vamos fazer a experiência” (FR, 2018).

Sendo assim de fevereiro de 2017 a início de novembro, Flor da Rainha utilizou metade da dosagem do medicamento e após esse período, sob orientação e supervisão médica, iniciou o processo de retirada efetiva da medicação alopática. Esse processo levou 60 dias e junto a dosagem alopática de retirada, Flor da Rainha utilizou floral indicado por Lobo, utilizou a medicina Vale dos Sonhos (tintura preparada com a planta *Valeriana Officinalis*) e homeopatias. Uma dessas homeopatias, que no momento da entrevista, ela estava fazendo uso, era um preparado de ayahuasca. A homeopatia de ayahuasca foi preparada em um cerimônia, do qual não lembra a data, que foi conduzida pela Irmandade da Ipomeia, “na cerimônia essa homeopatia de ayahuasca foi preparada e ela passou por várias mãos né e todas elas energizando, teve muito rezo, foi muito bonito assim” (FR, 2018). Quando conversamos fazia cerca de quinze dias que Flor estava utilizando o preparado de homeopático de ayahuasca, “usando a homeopatia e eu acredito que desde que eu comecei a usar a homeopatia eu evolui bastante sabe, passei a ter sonos mais relaxantes” (FR, 2018).

Sobre o processo pelo qual passou de conseguir sair do tratamento alopático, com a auxílio das medicinas da floresta, Flor da Rainha comenta,

desde 30 janeiro de 2018<sup>101</sup>, quando eu usei pela última vez, que eu estou sem a medicação[alopática] e sinto que não vou mais precisar dela. **Eu sinto que é como se eu tivesse voltado a ser um seu vivo. É difícil expressar em palavras** o que eu sinto hoje, porque assim a medicação [alopática] ela me manteve viva né, mas eu não, eu estou ainda num processo assim de muitas coisas né, por exemplo agora, segui com psicoterapia né, além de todo esse trabalho né, compreendo muitas coisas que estão vindo assim sabe, e muito estudo dentro da linha da umbandaime, eu sei que assim eu tenho que avançar, muito, muito, muito nos estudos, me sinto ainda muito lenta nesse sentindo ainda, mas só gratidão mesmo[...] Então é assim que eu tenho levado a vida, hoje eu posso dizer gratidão, as medicinas da floresta, a umbanda ((risos alegres)) e reforço a importância que só as medicinas elas tem seu poder, mas quando unidas a umbanda, nessa que chamamos de umbandaime, é maravilhoso” (FR, 2018, grifos meus).

Enquanto conversávamos a mãe da Flor da Rainha, chegou. Um senhora de 85 anos, que me pareceu bem ativa e disposta. Católica, auxilia na igreja como ministra, participa de grupos da terceira idade, “devagar vai indo né mas as forças estão cada vez menos, mas estou me segurando” (MFR,2018). Com autorização de Flor da Rainha, perguntei a simpática senhora, como ela sentia o comportamento da sua filha depois que começou ela a frequentar a Choupana,

ela deu uma boa melhorada [...]a atitude, a calma, antes era tudo corrido, corrido e gritava. Agora não grita mais, não briga tanto, antes ela brigava mais, assim bastante coisa melhorou, bastante. Deu uma virada de 80%, ainda falta 20% ((risos)). Devagar ela chega lá, pra Deus nada é impossível” (MFR, 2018).

Ouvir um *feedback* de pessoas do convívio, é para mim uma das confirmações mais fidedignas dos benefícios que a ayahuasca, dentro de uma ritualística<sup>102</sup>, pode proporcionar na vida de pessoa, como bem relatado por Flor da Rainha,

esse trabalho não só com o daime, mas o daime dentro da umbanda, eu digo que o daime dentro da umbanda, não posso desmerecer outras, não estou fazendo isso, mas assim o trabalho do daime e da umbanda juntos eles tem um potencial enorme, porque acho que só o daime ele tem um ensinamento, mas alinhado aos trabalhos da umbanda ele é muito potencializador (FR, 2018).

No entanto apesar da mãe relatar as mudanças positivas na vida da filha, a sua aproximação suscitou estranhamento e preconceito no seio de sua família,

<sup>101</sup> Em 23 de junho conversei via *whatsapp* com Flor da Rainha que me informou que vem progredindo no seu processo de individualização, sem o uso da medicação alopática e no momento com o tratamento homeopático encerrado também.

<sup>102</sup> Não pretendo nesse trabalho fazer uma discussão sobre uso terapêutico x uso ritual, pois o cenário com que se desenvolve esse trabalho não fomenta uma leitura de realidade adequada para tal discussão, uma vez que o grupo faz a utilização da ayahuasca dentro uma ritualística religiosa.

eu tenho uma irmã, que é professora na [tal instituição de ensino superior] ela chegou afirmar na frente da minha mãe que eu sou drogada, que eu passo a noite usando cachimbo, que isso faz mal [...]. Ela viu uma fotografia minha no face que eu tinha postado ela, que era o dia que eu fiz o compromisso do cachimbo pra Busca da Visão, eu nem estava eu com o cachimbo, aparece o Lobo com o cachimbo e eu ajoelhada na frente dele fazendo o compromisso e ela, ela disse que até chorou quando viu aquela fotografia, mas no fundo ela tem vergonha, que eu estou no face dela, que aparece pros alunos, pros professores da [IES] e cia ltda né (FR, 2018).

Além da irmã, a aproximação de Flor da Rainha gerou uma estigmatização de suas filhas, “Elas achavam que a mãe estava fora da casinha, vivendo com relações dos *hippies* malucos ((risos)) engraçado ((risos)). Mas eu fui deixando (FR, 2018). Depois de cerca de dois anos que Flor estava participando da Choupana uma das filhas, sentiu de ir participar de uma cerimônia, acabou gostando do trabalho e participando de outra. Depois da participação da filha, Flor relata,

eu notei que houve uma mudança, estão [filhas] mais tranquilas, e eu estou cada vez mais assumida eu sou umbandista sim, sou da umbandaime [...]eu estou assim né e estou bem feliz, e as pessoas vão percebendo coisas na gente [...] eu sou assim sou imensamente grata, graças as medicinas da floresta”.

#### Sobre outras terapias e medicinas

Durante o período em que eu fui me envolvendo com os trabalhos, um dia o Lobo Dourado disse que gostaria de me aplicar uma terapia chamada Apometria. Eu não sabia o que era, mas aceitei. Levou um tempo até que ele encontrou tempo para aplicar. No dia da aplicação, logo que me acomodei na maca, senti algo diferente no meu rosto, como uma corrente de energia. Ao final do trabalho ele me explicou algumas coisas que foram percebidas. No final desta terapia, quando ele trabalhou um ponto na parte interna superior da cavidade óssea que envolve o globo ocular, apesar de sentir muita sensibilidade, senti uma sensação de relaxamento intensa e desejava algo mais profundo. Questionei se poderia ser aplicado de forma mais intensa. Ele respondeu positivamente e perguntou se eu queria que ele já aplicasse. Aceitei e posso dizer que foi uma dor muito intensa, mas ao mesmo tempo muito relaxante. Com isto, quero reforçar que a ayahuasca foi muito pontual, mas várias outras terapias me ajudaram e continuam me ajudando.

A primeira vez que consagrei a Sananga (normalmente as pessoas quase choram pela ardência) eu vibrei dizendo que coisa boa, pois a sensação era como que a retirada de uma armadura de ferro medieval que estava sobre a minha cabeça e corpo. Sobre pesadelos que me acompanhavam quase que diariamente, fui orientada pelo lobo dourado a fazer a “limpeza kármica - quebra de contrato com São Miguel” que no oitavo dia eles deixaram de fazer parte do meu sono.

Nota escrita por Flor da Rainha em 25 de junho de 2019.



# AMAZÔNIA

(Lobo Douçado)

Do centro da mata vem aqui chegar  
Caboclos de força para trabalhar

É da Amazônia, é a força do cipó (4x)

Trazendo a força das plantas de poder  
Firmeza e coragem para receber

É da Amazônia, é a força do cipó (4x)

Levando ao encontro da sua missão  
Tem conhecimento de andar na escusidão

É da Amazônia, é a força do cipó (4x)

Toma a Luz, a luz do Mariri  
A luz da Ayahuasca que agora chega aqui

É da Amazônia, é a força do cipó (4x)

### 3.3.3 Cabocla das Ervas: do não pertencer ao sentir-se parte da *Pachamama*

De cabelos longos e encaracolados, andar leve e sorriso doce, Cabocla das Ervas é uma jovem mulher que já vivenciou 36 invernos. Companheira do congolês JC, é mãe de duas crianças: Lavandin (*Lavandula intermedia*) de 7 anos e Alecrim (*Rosmarinus officinalis*), 2 anos. Aureense de nascença, passou sua infância e boa parte da juventude no rural da Polônia brasileira. Aos 18 anos, fez um teste vocacional e acabou indo cursar agronomia na capital gaúcha, “eu fiz um teste vocacional, porque eu não sabia o que eu ia fazer[...]deu agronomia, daí eu tá, tá bom [...]e hoje eu acho que era para ser isso mesmo” (CE, 2018). Após finalizar o curso de Agronomia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), se lançou no mundo do trabalho e acabou indo morar no Estado do Paraná, onde residiu por 5 anos. Em 2014 retornou para o rural da Áurea/RS e mais uma vez, passou a viver na propriedade onde se criou.

Mais empoderada de si e com maior clareza de que “a atitude de recomeçar é todo dia toda hora<sup>103</sup>”, Cabocla e seu companheiro, começaram a operacionalizar transições agroecológicas na propriedade, “a gente começou a fazer a transição [...] começou arrumar a hortinha aqui embaixo [...] daí a cada ano vai aumentando uma parte [...]a cada safra a gente avança [sobre a lavoura convencional fazendo a transição]” (CE, 2018).

Hoje, a propriedade, batizada de *Moukondo* (*Moukondo é uma palavra de um idioma nativo da África Central, usada para identificar a espécie *Adansonia digitata*, também chamada baobá, árvore que nos encanta e surpreende pela imponência desde muito jovem. Também significa morada ancestral.*) tem 50% de sua área manejada dentro dos preceitos da agroecologia, onde são produzidos uma diversidade de alimentos livres de agrotóxicos. São hortaliças, leguminosas e ervas medicinais, que abastecem e fortalecem as feiras locais e o circuito da Rede Ecovida<sup>104</sup>.

Além dos cultivos da horta, na área do sítio onde seria erguido o templo da Choupana do Gavião, vem sendo implementado um sistema agroflorestal. O trabalho do plantio da agrofloresta vem sendo realizado no coletivo, onde a irmandade da Choupana colabora ativamente. Essa cooperação, alegra Cabocla das Ervas que sonha que um dia será possível viver em comunidade.

<sup>103</sup> Em referência a música “Eu apenas queria que você soubesse”, Gonzaguinha.

<sup>104</sup> A Rede de Agroecologia Ecovida, é um espaço de articulação de agricultores, associações, cooperativas de consumidores, ONGs e outras instituições, com atuação nos três estados do Sul (RS, SC e PR). Maiores informações podem ser consultadas em: < <http://www.ecovida.org.br/>>.





No final da tarde do 26 de abril de 2018, me desloquei até o rural do pequeno município de Áurea/RS, onde fica o sítio *Moukondo*. Era a segunda vez que eu fazia esse trajeto, no entanto, a primeira vez desacompanhada. Segui atenta ao caminho para não me perder. O dia já estava escurecendo e a penumbra do fim da tarde encobria o planalto. Ao observar o ponto de referência, sai da estrada asfaltada e entrei em uma estreita estrada de terra, ladeada por monocultivos. Andando alguns metros, talvez 50 ou 100, passei em frente ao sítio onde Lobo residiu e onde o gavião bateu asas pela primeira vez. Andando mais um pouco, a frente avistei um aglomerado de verdejantes, indicando que estava chegando ao meu destino. Entrei na propriedade devagarinho, dirigindo em velocidade baixa, com receio de errar qualquer milímetro e acabar dando um mergulho nos açudes da propriedade. Me dirigi até próximo da casa de Cabocla, uma casa grande, de estilo rústico, que se contrasta com a paisagem circundante, composta de uma exuberante flora e fauna. Ao chegar fui recebida pelo companheiro de Cabocla que me convidou a entrar. Subi os poucos degraus que levam até a varanda da casa e cruzei a porta da entrada, onde Cabocla das Ervas me esperava com um simpático e acolhedor sorriso. Convidada a me acomodar, me sentei próximo a uma mesa na cozinha. Enquanto me acomodava, Cabocla das Ervas preparava um chá de hortelã e as crianças brincavam pela casa. Lá fora, o sol já se punha e a noite se aproximava. Pelas vidraças das janelas, os primeiros feixes da escuridão refletiam. Lá, no lado de fora, o cão latia e junto a todos os outros seres, se preparavam pra ver nossa mãe Lua, crescer pelo céu. Do lado de dentro, preparávamos- nos para rememorar a trajetória de Cabocla das Ervas.

Iniciamos nossa conversa com Cabocla compartilhando sobre a primeira vez que ouviu falar sobre a ayahuasca,

eu me lembro que é a primeira vez que eu ouvi de Daime, não era daime, era ayahuasca e era de uns índios do Peru, eu acho num, programa não sei se era do Fantástico ou Globo Repórter sabe, mas eu tinha sei lá, eu devia estar, estava no ensino médio e daí eu ouvi e assim como é apresentado pela TV, mas é a minha primeira lembrança, da ayahuasca. E daí mesmo da forma como é apresentado na TV, eu pensei nossa eu quero isso, eu, enfim, desejei ter contato sabe com a medicina. Isso então tem mais de quinze anos, é tem quase vinte anos eu acho isso ((risos)) e daí assim, não era nada comum aqui [ região] e não na minha família ou de pessoas que eu conhecesse, não tinha ninguém nenhuma ligação diferente do que digamos nessa parte espiritual, nem digo espiritual, mas a questão religiosa é a igreja católica e era isso [...] então a primeira vez que eu lembro de ter ouvido foi nisso mas nem como uma religião, enfim como não sei, algo da história, da cultura e tal e daí eu sei que me marcou, fiquei com isso. E aí depois eu acabei fazendo faculdade em Porto Alegre, eu fiz agronomia e tal e daí na faculdade tinha, um colega que consagrou lá em Porto Alegre [ Rio Grande do Sul] num lugar lá e daí ele comentou, mas eu não me interessei muito [...] estava com medo até[...] e aí depois [...] pelos caminhos da agroecologia que daí eu conheci pessoas mais alternativas [...] e aí tinha, um colega aqui que fez uma disciplina de

plantas medicinais e acabou por algum motivo nessa disciplina fazendo um seminário sobre a ayahuasca e aí ele acabou indo pra um lugar também consagrando e daí sim eu soube mais da experiência dele e tal, mas daí, a gente ficou “tá então vamos um dia lá”, mas nunca chegou esse dia. Aí acabou que eu fui para Ponta Grossa [Paraná] [...] e daí lá tinha uma amiga que era de Porto Alegre mas que frequentava um lugar lá e consagrava toda semana [...] aí ela até me convidou, só que eu logo engravidei da [Lavandin], e daí eu fiquei “não, não né”, tipo não conhecia, não tinha ido antes, daí grávida eu fiquei com receio assim de ir, mas assim pelo que ela compartilhava e pela história dela eu sentia segurança que poderia [ir]sabe, que era algo legal [...] mas aí também não aconteceu (CE, 2018).

Entre uma conversa e outra, Cabocla atendia os pequeninos, que ora corriam pela casa e ora requisitavam a atenção e o colo da mãe. Zelosa com seus passarinhos e atenta a mim, Cabocla da Ervas, com a leveza e a sutileza do desabrochar de uma flor de lavanda, traçava um linha tênue sobre sua trajetória, de modo que eu compreendesse da melhor maneira como ela havia chego na Choupana e o que essa inserção significava para ela.

Dessa maneira, serena, Cabocla me contou que depois de 13 anos morando distante da sua família em 2014, ela e o companheiro, resolveram voltar para região, onde ela havia nascido e passado boa parte de sua juventude,

quando a [Lavandin] nasceu eu pensei “não é esse o estilo de vida que eu quero viver com a minha filha”, morar no apartamento e final de semana ir lá fora espiar [...] eu trabalhava com agroecologia, com pesquisa mas muito não sei, eu não me encaixei, nesse trabalho, tinha vários problemas [...] da instituição da agroecologia assim de como ela é vista [...] que fica à margem no sentido de que não é dado muito apoio e tal [...] e eu também não tinha experiência, não tinha clareza [...] então eu me parece que ficava muito vazio, parece que o trabalho não tinha resultado nenhum sabe e aí ao mesmo tempo quando conversava com os agricultores ou com outras pessoas e falava assim de formas de se fazer agroecologia, do que fazer de transição, como passar do convencional pro agroecológico e tal, mas daí eu pensava, “tá” para mim era muito mais discurso porque as pessoas que estavam fazendo eram ali os agricultores, eu estava falando ali daquilo, depois chegava 5 horas eu voltava para minha casa, então para mim estava muito distante, era muito mais discurso, ao mesmo tempo eu pensava, lá de onde eu saí tem uma terra que tá sendo trabalhada totalmente convencional e que não tinha assim, não tem como tu a distância dizer “oh façam agroecologia” e aí que por isso né por estar sentindo essa distância, embora tivesse trabalhando vinculado.com agroecologia, mas distante da prática eu senti isso [...] e aí a gente acabou decidindo que voltaria para cá(CE, 2018).

Receosa de como seria seu retorno depois de tantos anos morando distante da família, e principalmente longe dos conflitos familiares, Cabocla das Ervas, que na época ainda residia no Paraná, foi para Erechim/ RS e resolveu procurar por um local que dispusesse de terapias alternativas,

foi num feriadão, de acho que 15 de novembro, elas [proprietárias do Gervão] estavam fazendo, um workshop lá no sítio e daí eu vim [De Ponta Grossa/PR pra Erechim/RS] pela primeira vez, no feriadão. E daí eu participei e aí foi também que a partir daí que meio que, eu disse “ah então **acho que dá para voltar!**” como que voltar pra cá,

porque **eu teria um apoio**, teria **onde começar** [...] assim na hora que apertar eu tenho pra onde correr assim, senti bastante segurança nelas [proprietárias do Gervão]. E daí foi bem legal, aí que eu comecei a me trabalhar e todas as coisas que eu acho que todo mundo tem pra se trabalhar, mas meu eu tinha muita coisa, ainda tenho, mas assim, até pra conseguir olhar pro que tinha que fazer, daí eu fiquei meio ano indo lá meio que direto, participando das meditações e fazendo terapia com a [Manacá] e participando das vivências (CE, 2018, grifos meus).

Nesse tempo participando das vivências realizadas pelo espaço terapêutico Gervão, Cabocla das Ervas, conheceu Lobo Dourado,

eu participava da meditação e participava das vivências que elas faziam lá no sítio e aí numa dessas vivências apareceu o Lobo Dourado. Ele foi conhecer o grupo, ele tinha recém se mudado pra cá [Erechim] e estava procurando coisas ((risos)) e aí ele chegou no [Gervão] conversaram [Lobo e Manacá] e aí ia ter vivência no final de semana, aí ele foi e a gente se conheceu, nessa vivência. E aí ele continuou frequentando lá e eu também” (CE, 2018).

Dessa aproximação de Lobo com o Gervão <sup>105</sup> surgiu a demanda de realizar uma cerimônia de consagração da ayahuasca. Nessa cerimônia realizada em 13 de dezembro de 2014, Cabocla das Ervas ingeriu pela primeira vez o chá ayahuasca. Sobre sua primeira experiência com a ayahuasca, ela relata,

na primeira vez que foi lá no [sítio do Gervão], é associado com o rapé, então sempre antes primeiro o rapé [...] e daí assim [...] eu , pedi, quando eu fui pro primeiro rapé, antes de consagrar o daime, eu pedi que fosse um rapé forte, porque sempre tinha feito muito suave assim, não tinha nem tido enjoo nem nada e aí eu disse “tá hoje é o dia de cura tudo que precisa”, então eu fui pra aquilo do rapé, pedi um rapé forte, só que daí nossa ((ênfase na fala)) o rapé forte , eu praticamente não tinha, não sabia o que era, não tinha noção do que era assim, porque pelo que a gente fazia era bem diferente, era bem suave e daí foi rapé forte, foi fortíssimo, tanto que eu passei a noite inteira na cura do rapé, eu não entrei na força nessa primeira cerimônia, primeira toma [...] estava só na cura do rapé e bem físico assim, limpeza e tal (CE, 2018).

O consumo de rapé associado ao uso da ayahuasca está arraigado a cosmologia daimista. O tabaco, componente central do rapé, foi trazido para dentro dos rituais do Daime pelo Mestre Irineu, fundador da doutrina. Essa prática, uso de tabaco e rapé, comum entre os povos da floresta amazônica, mostra que no “bricolar material”<sup>106</sup> da doutrina do Daime diversos

<sup>105</sup>c.f. Item 3.1.1.

<sup>106</sup> Utilizo essa expressão para delimitar meu entendimento, de que quando analisado sob o espectro da racionalidade e por conseguinte materialidade, o Daime, assim como as demais religiões ayahuasqueiras, parecem ter incorporado elementos de diversas tradições religiosas e espirituais. No entanto, penso que é preciso ter certo cuidado com essas afirmativas, pois quando vislumbramos esse campo pela ótica da espiritualidade, dentro das cosmologias engendradas pelas religiões, lidamos com espíritos que em suas diversas encarnações viveram em outros tempos e outras culturas. Logo me questiono: será que se trata de tomar emprestado de outras tradições religiosas esses elementos ou é a bagagem das experiências vivenciadas por esses espíritos em suas outras tantas encarnações?

elementos de outras tradições foram incorporados para compor a cosmovisão que conhecemos hoje. Logo o rapé, via de regra no grupo estudado, é utilizado no início e no decorrer das cerimônias, com o intuito de limpar a pessoa, tirar a *panena*. O efeito proporcionado por essa planta de poder, é sentido logo que o preparado, que é soprado nas narinas, entra em contato com as mucosas nasais. A manifestação da energia do rapé é instantânea e pode levar a pessoa a processos de curas intensas, que podem por vezes, se manifestar de modo significativo no corpo físico, como se observa no relato de Cabocla das Ervas.

Enquanto atravessava a cerimônia na cura do rapé, sem entrar na “força”, Cabocla se questionava “eu fiquei assim ‘será que é o meu caminho, não é’, porque eu não entrei na força, eu não senti, não sabia dizer nada”. O entrar na força, é uma expressão utilizada pelos daimistas para comunicar que a pessoa está sob os efeitos do enteógeno. De uma maneira simplista, seria a manifestação do poder da planta. Manifestação misteriosa, que só pode ser compreendida através do “beber o chá, vivenciar a expansão da consciência, abrir janelas pro olhar muito além dessa existência, ser terra, fogo, água e ar, fundir-se com a mãe natureza, sagrar a alma, se encantar nos altares da pureza” (Trecho hinário 60- Céu da UDV e Água na fonte).

Foi nesse experenciar que Cabocla das Ervas, se encontrou com a força estranha, “aí teve na segunda cerimônia que teve aqui [sítio vizinho onde Lobo morava], daí sim eu entrei na força, bastante ((ênfase na fala))” (CE, 2018). Em busca de ter “mais noção assim do que estava acontecendo e a compreensão assim pra além de sentir os efeitos [bem-estar] que ficam, depois pros dias subsequentes da cerimônia”, Cabocla seguiu participando dos encontros do grupo que, mediado por Lobo Dourado, aconteciam ao lado de sua casa.

Aos poucos, o grupo vinha encontrando seu espaço em meio ao rural da pacata Áurea/RS,

daí ele [Lobo]começou convidar as pessoas [...] e a gente se reunia pra ensaiar os cantos, os hinos, porque como é tudo cantado, aí com isso começou, acho que nem ele pensava como seria mas acabou que começou a trabalhar bastante a questão do desenvolvimento mediúnico, sempre com a umbanda bem forte, na base de todo trabalho o rapé. Começou a fazer encontros semanais (CE, 2018).

Os encontros cotidianos com o grupo, pra além de fomentar os laços de amizade, viriam a se configurar como um novo alicerce na vida de Cabocla, que a pouco tempo havia retornado para a região e ainda sentia um tanto de dificuldades relacionamentais,

pra mim foi bem importante ter o Lobo aqui, perto aqui, assim do lado, porque quando eu voltei, quando a gente veio [...] de Ponta Grossa pra cá [...] algumas coisas assim questões de família, coisas que tu evita que tu quer ficar longe [...]então **foi bem**

**importante ter o Lobo**, aqui com toda experiência que ele tem [...] porque todas essas questões que vieram, todas as coisas que [...] eu tinha que enfrentar, os relacionamentos e tal e que até então eu fugia, evitava estando aqui [...] eu tinha enfrentar e assim, **o suporte com o daime, com o grupo**, tendo o grupo, sendo parte do grupo e tendo as medicinas, a compreensão das coisas que aconteciam, isso de tu não estar limitada a essas coisas assim, **descobri que tem outro mundo** sabe, o que a gente vive, a sociedade coloca, não que não soubesse disso antes, mas vê de fato que tem outras coisas (CE, 2018, grifos meus).

As novas descobertas de Cabocla das Ervas, propiciadas a partir de sua inserção na Choupana do Gavião, representaram um marco em sua caminhada, “é uma vida antes e uma vida depois” (CE, 2018). Essa fala é baseada nas transformações despertadas em seu coexistir, que começaram a se apresentar, ainda que de maneira tímida, no espaço terapêutico Gervão e se expandiram, ganhando uma nova dimensão, através do contado com as medicinas da floresta,

não vou dizer que mudou coisas em mim coisas físicas, mas emocionalmente [...] em termos psicológicos, emocionais, eu acho que **eu sou outra pessoa** hoje e antes, acho que é bem, são mudanças bem consideráveis. Antes eu não conseguia, quase que não conseguia falar ou chegar num grupo ou falar [...] eu chorava por qualquer coisa, eu era muito, não sei se sensível é a palavra sabe, mas eu não conseguia entender, me posicionar, falar e agora bem diferente, tanto é que tem coisas que são coisas que são bem pesadas e sérias que acontecem agora que tipo “ok!”, tá acontecendo agora [...] uma coisa que eu acho que é importante que eu vejo, eu não sei se eu vejo como uma religião sabe, é que eu não sei, eu tenho dificuldade de separar “o que é religião? ok!” Mas espiritualidade, que eu acho que pode estar ligada à religião ou não, mas **eu não consigo separar a espiritualidade da vida cotidiana**, do que faz, das escolhas que tu faz, da maneira como tu te relaciona então eu vejo que com o daime as pessoas conseguem, enfim, não sei das outras pessoas, mas o que eu percebo que não tem essa separação, porque quando tu vai para uma cerimônia tu leva as coisas do dia-a-dia e a cerimônia, trabalho lá, vai depender daquilo que tu está levando também, não só [...] mas bastante é disso, só que quando tu sai de lá tu traz de volta para o dia-a-dia aquilo que tu viu lá, ou os aprendizados, tudo aquilo, então embora tenha isso, o dia da cerimônia, tem o ritual, tem os encontros, tem o rapé, esses momentos específicos para consagração da medicina, mas eles não são dissociados do teu cotidiano daquilo que tu vive, daquilo que tu acredita “sabe?” e aí isso que eu acho que é verdadeiro assim porque pensando na criação que eu tive, na história de família de com a religião com a Igreja Católica [...] com isso assim de fazer a catequese, é uma coisa muito do momento lá que acontecia e que não tinha nada a ver com o resto sabe, acho que por falta de compreensão, por falta de compreensão verdadeira. Acho que é uma coisa muito mais social, era né, de se encontrar, de tu estar ali, de ir no domingo lá na igreja, encontrar as pessoas e as vezes de organização até de uma comunidade, mas eu digo de uma comunidade como aqui no interior, então a igreja é um ponto pra organização do entorno, mas a questão espiritual acho que não existe ali dentro porque se faz umas coisas mecanicamente e é isso, e o que eu vejo com o daime, não! Tem sentido assim, não é dessa forma e aí é possível como que vivenciar a espiritualidade na prática mesmo, é isso que eu acho que é [...] porque eu acho que o daime te coloca isso, por mais que às vezes tu estude ou tu tenha algumas compreensões, mas quando tu toma daime tudo é muito mais intenso. Como por exemplo, o sentimento de gratidão, “ah ok né”, racionalmente tem toda uma explicação, é uma coisa assim que tu sente, mas **quando tu toma daime tu não sente gratidão, é como tu é gratidão**. Então uma das experiências, um dos aprendizados que eu tive e que dá isso quando tu sai tu é diferente, o teu dia-a-dia depois, as relações e aí várias coisas, então eu acho que a função de ter, de estar nesse caminho é muito mais fácil, não que não tenha problemas, mas os problemas eles tem uma outra dimensão, um outro sentido, as coisas que acontecem no dia-a-dia [...] é uma vida antes e uma vida depois, **é um divisor de**

**águas** bem forte e aí as pessoas que se encontram nesse caminho também, eu acho que são assim, são bases, são âncoras [...]dentro desse caminho eu acho que o que é bem importante são laços bem fortes que se constroem [...] e que fazem ser uma vida antes e uma vida depois sabe [...] faz muita diferença, ter a medicina assim, ter o grupo (CE, 2018, grifos meus).

Esse senso de pertencer a um grupo e se identificar com ele, a ponto de prover mudanças positivas em sua experiência de vida, é no meu entendimento uma das tantas heranças sublimes, deixadas pelos fundadores das religiões ayahuasqueiras. Tanto Mestre Irineu, quanto Mestre Gabriel – pilares centrais de outros agrupamentos religiosos que se constituíram mais tarde – desde os primórdios, quando começaram os trabalhos com a ayahuasca nessa encarnação, enfatizavam muito a importância de aceitar, acolher e se irmanar. Ambos, demonstraram através de seu praticado, que mesmo num ambiente inóspito, áspero e escasso, como era o viver na época da batalha da borracha, essa bebida sagrada – ayahuasca, era capaz de despertar até no coração do mais rude ser- humano, laços de compaixão e fraternidade.

Seguíamos entre uma prosa e outra, até que em determinado momento de nossa conversa, Cabocla das Ervas, pede que façamos uma pausa, para que ela atendesse seus filhos. Retornando ao nosso diálogo, Cabocla sugeriu que seguíssemos proseando na parte externa da casa. Assim sob o pratear da lua crescente, aos olhares das estrelas e ao som dos pequenos seres da noite, prosseguimos nossa conversa no pátio da casa. A brisa outonal também nos fazia companhia, e assim seguimos...

Cabocla das Ervas relatou que em uma cerimônia, ali na mata, que ficava, embora submersa no escuro da noite, no espectro de nossas vistas, debaixo de uma araucária, sob a luz do “professor daime” ela havia tido uma experiência em que, “eu respirava junto com a terra, era uma coisa só”(CE, 2018). Esse sentir-se a terra, estar integrada a *Pachamama*, desvelou-se para ela como uma nova maneira de se relacionar com a natureza,

eu [...] era como que de um certa forma uma estranha aqui sabe e agora é como que **eu sou parte disso da terra, da mata [...] no plantar**, eu me vejo como parte [...] é um sentido de criar uma identidade mesmo, tipo “sim, eu moro aqui e ok, está tudo bem” e é isso que eu quero, como que de assumir esse papel de cuidar dessa terra e acho que é essa noção não tinha antes. Embora eu tivesse na agroecologia mas era mais com uma visão mais produtivista digamos, produzir de uma maneira responsável, que não esteja poluído e tal, mas as questões de saúde e de ser parte, realmente desse ambiente, de não estar afastado, de não ser algo diferente, de serem coisas diferentes, assim como que a gente é parte disso e como que isso é muito mais verdade tu estar aqui, ter a mata, ter isso é muito mais verdade do que que sei lá tu ir pra cidade. Embora não é uma questão assim “ah então a gente vai se isolar e estar aqui”, porque se isolar e estar só aqui, acho que não é isso, mas é assim de fazer esse trabalho, de reconhecer que ele é importante e aí o que a gente leva daqui para fora, assim como que tem um papel [...] quando relaciona com outras pessoas é, não sei explicar, mas como que mostrar isso, que é [...] possível fazer isso, que é **possível viver de uma outra forma**, não tem que estar respondendo a todos os padrões que a

sociedade te coloca daquele jeito sabe e que isso é possível e que é **que é muito mais verdadeiro** (CE, 2018, grifos meus).

E é dentro dessa busca pelo verdadeiro que Cabocla das Ervas, segue no grupo desde sua criação em 2015. Às vezes a insegurança e as dificuldades, ligadas ao fato do companheiro não fazer parte do grupo se apresentam,

às vezes isso pesa, o JC não estar, porque se vai todo mundo pra um lugar tá todo mundo nisso, daí facilita organização, porque aqui no sítio tem muito trabalho, muitas coisas para fazer as vezes [...] e daí com as crianças e tudo é algo que que exige” (CE, 2018).

Por outro lado, Cabocla afirma que essa situação, do companheiro não fazer parte da corrente, amplia a certeza de que, “é realmente o meu caminho, que eu não estou participando disso ou indo ou quê, porque eu estou acompanhando alguém” (CE, 2018).

Essa certeza do seu querer caminhar no grupo, fortaleceu e vem cada dia mais dando firmeza para Cabocla das Ervas, que sente as mudanças não só em si mesma, mas também dentro de parte de seu sistema familiar,

uma coisa que eu percebi é que **depois que eu comecei a consagrar o daime, parece que toda família meio que passou a buscar** mais, não os mesmos lugares que eu, mas minha irmã começou a ir no [em um templo de umbanda], sabe, ali em Erechim tem o [tal templo de umbanda], passou a frequentar ali, a minha mãe também foi para o centro espírita. Então cada um no seu, como que buscando seu, aquilo que chama [...] parece que começou abrir pra isso e agora minha irmã veio para cerimônia, achei bem interessante. Isso é uma coisa que sempre comentam, que o pessoal que traz a medicina eles sempre falam que **tu toma daime por todas as relações** e que tu está tomando pela família inteira e tu de certa forma está assumindo as curas de toda a família e eu percebo que isso se concretiza (CE, 2018).

No entanto, nem todos os familiares se dispuseram a ter uma compreensão positiva do novo momento de vida de Cabocla,

o meu pai ele não, eu não sei se ele não sabe ou o que que ele sabe, mas enfim a gente não conseguiu mais assim conversar sobre isso. Afinal eu deixei ele, mas no início quando eu ainda ia lá mais no [Gervão] e nas primeiras cerimônias, eu sei que a gente teve altos desentendimentos por conta de outras coisas, mas isso inclusive. Daí ele disse que eu era a maior decepção dele e que era isso, porque faziam uma igreja debaixo de quatro árvores e aí eu deixei ele com as concepções dele e vou seguindo a minha, não deixei de fazer as coisas, de frequentar mas eu não tenho liberdade de falar com ele, então fica assim um gelo nesse assunto, porque a família toda, principalmente da parte dele, da parte da mãe também mas são mais flexíveis, mas da parte dele são bem católicos, “ah de Jesus, de não sei o que”, mas aquilo porque aprenderam muito mais como uma coisa social, cultural não por ser espiritual de estar trazendo alguma coisa agregando, então cada um tem o seu momento (CE, 2018).

...É como diz a música<sup>107</sup> “no mundo existem pessoas, que detesta o que amamos e as vezes nem ligamos pra coisas que o outro tem adoração, e assim vamos convivendo com quem não liga pro que gostamos, enquanto outros adoram o que não valorizamos, **essa é a engenharia da natureza nos lapidando...**”

---

<sup>107</sup> Música Boa Vista de Juraildes da Cruz e João Pedro.



# CAPANGUEIRO DA JUREMA

(Lobo Dourado)

Sou capangueiro da Mamãe Jurema

Sou capangueiro da Mamãe Jurema

Sou capangueiro na corrente de trabalho

Os aparelhos estão trabalhando

Os aparelhos estão trabalhando

Recebem guias da falange de Oxóssi

Desfaz o mal, quebra as demandas.

Desfaz o mal, quebra as demandas

Quebra feitiço na ponta da sua flecha

É sei Oxóssi que aqui chegou

É sei Oxóssi que aqui chegou

É sei Oxóssi é caçador lá da Jurema

### 3.3.4 Guerreiro das Folhas: de militante ferrenho a capangueiro da Jurema

Guerreiro das Folhas, tem 49 anos, companheiro de Brisa da Gaia a mais de 27 anos, pai de duas jovens, uma delas, Ágata Turquesa, faz parte da corrente e enquanto escrevo esse trecho se prepara para em breve parir a pequena Camomila (*Matricaria chamomilla*). De cabelos longos, o tocador do tambor sagrado e quase avô Guerreiro, visivelmente carrega a energia do guerreiro, que se faz presente não só no campo energético, mas também na sua história pessoal. Guerreiro durante 15 anos carregou a bandeira do Movimento dos Trabalhadores Sem- Terra no Estado de Santa Catarina, como educador e militante, “essa foi a experiência mais significativa assim em termos de, da minha relação com ensino, mas com a agricultura” (GF, 2018).

Alegre, gentil e sempre disposto a auxiliar o outro, tem sonhos juntos a Brisa da Gaia, de um dia ter um espaço pautado em ideais comunitários e agroecológicos, onde possa abrigar jovens estudantes vindos de fora.

Filho de citadinos, sempre teve “a intenção de aprender um pouco mais sobre questão da agricultura, dos animais, desse processo de plantar árvores” (GF, 2018). Em 1998 entrou para universidade no curso de licenciatura em Ciências Agrícolas com ênfase em Agroecologia. Foi no espaço acadêmico que ouviu pela primeira vez o termo agroecologia,

eu pude perceber que a agroecologia, ela surgiu por conta de uma percepção de que a agricultura, de forma geral vamos dizer assim, ou em grande medida ou em grande parte dela tinha problemas. “Quais problemas?” sociais, ambientais, e a agroecologia surgiu então, surgiu não, renascia com esse nome no sentido para dar conta da gente entender esse contexto dessa produção deficitária em termos de constituir a produção da existência de modo mais significativo, de modo mais abrangente, que não contaminasse o ambiente, que em grande medida não se utilizasse da exploração do trabalho humano, porque a agroecologia não é um termo novo né, mas é um termo recente vamos dizer assim, mas ele dá conta de conjugar essas correntes de agricultura que foram surgindo ao longo da história, que percebe que a agricultura da forma hegemônica que se faz tem problemas né, mas se isso fosse resolvido agroecologia muito bem poderia se chamar agricultura também, só tem o nome de agroecologia por conta de fazer essa delimitação teórico-prática né, de uma agricultura que tem problemas, problemas sociais, problemas ambientais, e assim sucessivamente que interferem na vida, inclusive humana” (GF, 2018).

Esse amor pela agroecologia e pela terra, fez com que o casal<sup>108</sup>, procurasse um local para residir que proporcionasse o desenvolvimento das práticas agroecológicas. Em 2014 adquiriram uma propriedade na área rural do município de Erechim, em um pequeno vilarejo, muito querido a mim. A propriedade adquirida por Guerreiro e Brisa, era composta

<sup>108</sup> Brisa da Gaia é educadora e assim como Guerreiro tem longa experiência com a Educação do Campo.

paisagisticamente, por uma casa, circundada por um terreno poeirento ou barrento, dependendo das condições climáticas, povoado por algumas umas herbáceas espontâneas que se distribuíam de modo saltitante, um pouco aqui, um pouco acolá. Colocando a experiência teórica em prática, em 5 anos, o casal transformou o lar. Se utilizando dos princípios agroflorestais, facilitaram os processos, fazendo com que a vida biodiversa retornasse para aquele ecossistema.

Com a vida biodiversa se alastrando por entre o latossolo e pelos ares, (e por que não pela espiritosfera<sup>109</sup>?), com as medicinas da floresta se achegando, a propriedade recebeu o nome de Quintal de *Nanã Borukê* e hoje além de abrigar Guerreiro e Brisa e os demais seres visíveis e invisíveis, serve como ponto de encontro para a corrente da Choupana e atua como sendo um símbolo de resistência em meio aos monocultivos vizinhos.



No dia 27 de abril de 2018, entrevistei o integrante Guerreiro das Folhas, que há 4 anos faz parte da Choupana do Gavião. Para facilitar a logística marcamos de nos encontrar no Parque Longines Malinowski em Erechim/RS. O parque, conhecido como Mato da Comissão, servia como potreiro da chamada Comissão de Terras, órgão que inspirado nos ideais positivistas, projetou e demarcou a malha viária, os lotes urbanos e rurais do município de Erechim/RS, no início do século XX. O fato de realizar a entrevista nesse espaço (hoje público) que pertenceu a tendenciosa Comissão de Terras, chega soar como uma ironia, pois vai na contramão da história de vida de Guerreiro das Folhas, que se constituiu em cima da pauta da luta pela democratização das terras. Eu só fui me dar por conta desse detalhe, agora, no momento que escrevo esse texto. Seria uma gafe? Seguindo...

Era um dia ensolarado, de temperatura agradável e com o parque praticamente vazio, lembro-me apenas de ver os funcionários que fazem a manutenção e a “segurança” do local. Por volta das 15 horas, iniciamos nossa conversa, sentados nos bancos de um dos quiosques que tem no parque<sup>110</sup>, propus, da mesma forma que para os demais, que Guerreiro dentro de suas possibilidades e do que julgasse oportuno, compartilhasse sua trajetória de vida, sua inserção no grupo e outros porvires que sentisse.

<sup>109</sup> c.f. MARQUES, J. *Ecologia do Espírito*. Paulo Afonso: Ed.SABEH, 2016.

<sup>110</sup> O parque conta com um estrutura de lazer, com *playground* para crianças, quiosques, uma pequena biblioteca, debaixo de imponentes araucárias, e é circundado por uma ciclovia. É frequentado pelos erexinenses após horário comercial (18:00) e aos finais de semana e feriados.

Sendo assim, Guerreiro relatou que quando criança, sua família era ligada ao catolicismo e que embora não fosse uma obrigação, “ninguém levava ninguém de arrasto” (GE, 2018), ele e os irmãos acompanhavam os pais na missa,

eu tinha uma história bastante, bastante ((em tom de questionar)), porque a gente ia na missa, como muitas famílias da região e do Brasil né, Igreja Católica, ia na missa toda semana, o pai e a mãe iam e a gente ia junto. Aí depois dos 12 [anos], eu estudei seminário também, pouco tempo, mas depois eu me afastei porque assim não é no sentido de desconsiderar apenas por dizer “ah aquilo não presta, não serve”, mas não me fazia muito sentido assim, era uma coisa muito mecânica, mas eu naquela idade eu não sabia muito o que era essa questão mecânica, tudo bem que eu acho que rezar é inerente à condição humana e quem acha que é importante pode continuar rezando, pode continuar orando, pode continuar pedindo, pode continuar se colocando à disposição das outras pessoas, mas o fato é que eu não tinha essa compreensão e ação e para além de não ter essa compreensão, entendimento, eu não tinha essa vontade, porque eu sentia que era muito mecânico assim, rezar pelo rezar e acabei me afastando né. E depois também nas questões outras que a gente foi organizando na vida, eu fui me afastando das questões de uma certa religiosidade ou espiritualidade assim, eu era muito cético até meio irônico assim com as pessoas. Eu acho que eu faço questão de dizer isso, porque eu até meio que desdenhava assim dessas questões, “não isso aqui, o mundo está sendo assim”, embora não é, mas depois não tem mais nada, ficam inventando coisas assim para explicar o que vem depois no sentido da manipulação. Claro que não naquela época na adolescência, mas com o passar do tempo eu fui me afastando justamente por perceber, pelo menos segundo meu entendimento, de que isso não levava a nada né. Depois, bem mais tarde, bem mais tarde aí com uns 22, 23 anos ou seja uns 10 anos depois, eu participei de centro espírita e por um ano assim mais ou menos e depois me afastei. Então foram dos 22, 23 anos até os 45 [anos], um tempo significativo, que eu não estive ligado a nenhuma questão que envolva, vamos dizer assim em termos gerais, religião, religiosidade (GE, 2018).

Em 2015, um colega de trabalho – Lobo Dourado – enquanto conversavam sobre outras coisas, que não do profissional, mostrou umas marcas no braços e falou que por estar gripado, havia usado uma vacina de veneno de sapo pra se curar, “bah que que é isso o cara é louco, veneno de sapo” (GE, 2018). Após explicar para Guerreiro do que se tratava essa prática de Kambô<sup>111</sup>, tempo depois Lobo o convidou para conhecer um grupo do qual fazia parte,

não foi um convite assim direto, foi primeiro ele comentando algumas questões que envolvem o uso de medicinas né e aí ele me falou do rapé, me falou do Kambô, e mais tarde ele me falou do daime, daí ele disse que participava de comunidade em Itaara e ele disse que se eu tivesse intenção de conhecer um dia, estaria aberto pra participar e aí quando tivesse um trabalho ele ia me avisar e no primeiro que ele me avisou, eu já peguei e fui e participei (GF, 2018).

No meu entendimento esse convite, com nuances discretas e advindo de alguém próximo, é um fator intrínseco aos grupos ayahuasqueiros, sendo uma das principais características palpáveis nessas cosmologias religiosas. Acredito que esse convite boca-a-boca,

---

<sup>111</sup> c.f. Item 3.3.1.

é diretamente ligado a forma como se constituíram estas religiões, tradicionalmente oralizadas e fortemente alicerçadas em laços de reciprocidade. Relatos que circulam no universo daimista afirmam que Mestre Irineu não saia arrebanhando discípulos, falava que “o daime era para todos, mas nem todos eram para o daime”, da mesma forma já ouvi comentário semelhante envolvendo o Mestre fundador da UDV, Mestre Gabriel.

Assim, de convite feito por Lobo e aceito por livre e espontânea vontade, Guerreiro e Brisa da Gaia foram conhecer a tal cerimônia com uso de medicinas da floresta. A cerimônia que participaram foi o segundo trabalho realizado no sítio que Lobo residia no interior de Áurea/RS e constituiu a primeira aproximação do casal com o universo dos enteógenos, já que foi nos trabalhos da Choupana que experimentaram pela primeira vez rapé e ayahuasca. Sobre a primeira experiência de Guerreiro<sup>112</sup>, ele relata que

foi, se eu dizer estranho, talvez não seria assim a palavra ideal, mas foi uma coisa nova assim, eu tive sensações de de poder me sentir mais ligado às questões da terra, às questões da natureza, daí não sei, eu estou sempre nessa questão, se isso é algo que eu já tinha e tenho, mas que deu uma significação diferente, ou enfim não sei dizer, mas foi tranquilo assim para mim, foi bem tranquilo, nunca em termos também de questões de sentimentos ou alguma coisa assim de “ah passar mal”, nunca até hoje, não sei se é bom ou se é ruim né ((risos)) nunca passei mal com medicina nenhuma, assim que o pessoal chama de limpeza né, nunca consegui fazer isso né, nem com rapé, nem com kambô, nem com daime [...]Mas foi bem tranquilo pra mim assim, eu naquele dia na primeira experiência, eu me senti assim, eu pensei “**puxa encontrei alguma coisa que dava sentido**”, pelo menos imagino desde então que encontrei alguma coisa que dava **sentido as questões que eu fazia no cotidiano, que pudessem estar ligadas assim com a questão espiritual**” (GE, 2018, grifos meus).

O fato de ter se deparado com uma prática vinculada a questões espirituais, onde era possível se reconhecer e “ajustar suas crenças aos dados de sua própria experiência” (HERVIEU- LÉGER, 2015), característica inerente das novas elaborações sincréticas produzidas na pós - modernidade, modificou a compreensão que Guerreiro tinha sobre as religiosidades,

eu não acreditava em nada, eu achava que, claro, colocado de um modo geral assim muito do senso comum[...] que qualquer forma de religião é um engodo, é uma enganação [...] eu pude entender que o problema não era a religiosidade, era o que algumas pessoas faziam com aquilo, então isso foi um grande aprendizado para mim, de não colocar a coisa em cheque, mas é a forma como alguns humanos fazem algumas coisas acontecer, que as vezes não são no sentido da libertação e aí, bem, daí o problema não é religião, não é religiosidade, o problema é o que alguns seres humanos fazem com aquilo, então eu procurei isso, foi um aprendizado muito grande, que eu consegui compreender e aí por entender também até aquela questão de não querer mais participar de grupos, seja católico, seja espírita, foi o problema não é o

---

<sup>112</sup> Brisa se colocou à disposição também para contribuir se fosse necessário, mas não consegui tempo hábil para a conversa.

catolicismo e espiritismo é como algumas pessoas faziam a coisa e aí eu acabava me afastando disso, não quer dizer que todos que faziam, faziam de forma equivocada do que eu acho que seja em termos de libertação do ser humano, mas o fato é que hegemonicamente grande parte das experiências que eu tive eram no sentido de manter o mundo como ele estava sendo, as relações de opressão, de exclusão, de não tocar nas questões ambientais mais profundamente e aí eu me fazia a pergunta então “bem, serve pra quê isso então?” (GF, 2018).

Logo, a partir do engendrar de novos entendimentos sobre o constructo religioso, aliado a experiência proporcionada pela ayahuasca, Guerreiro optou por se aproximar do Choupana,

eu continue participando, fui em outras cerimônias que tiveram e comecei também a participar de um grupo que eles chamam de corrente, que é um grupo que estuda, não só em relação ao daime mas também a organização de uma cerimônia, então corrente no caso seria um grupo que faz uma cerimônia acontecer, seria o ápice do processo né, então tem ensaios, tem cantos, tem músicas, estudo, em grande medida assim estudos que envolvem assim a umbanda, o xamanismo, cantos, pontos” (GF, 2018).

Dessa aproximação com a Choupana, Guerreiro despertou seus interesses em estudar sobre as medicinas da floresta e sobre os grupos que fazem o uso dos enteógenos,

comecei a procurar entender mais sobre isso, sobre o daime, sobre as relações mais abrangentes, em termos não só da utilização da medicina, mas também quem eram os grupos, pra entender um pouco mais sobre essa perspectiva pra além da utilização, mas quem eram essas pessoas que faziam parte, que utilizavam o daime assim e pude perceber que os grupos são bastante heterogêneos, tem algumas questões que são, tu encontra mais de um grupo mas cada grupo faz o seu processo né e a partir disso então [...]tentando compreender assim algumas coisas mais nessa relação ser humano-natureza, nessa questão dos grupos que envolvem a produção da existência a partir da agroecologia ou mesmo da permacultura, enfim essas questões mais ligadas a discussão das relações sociais, das relações de produção, da produção da existência. Eu acho que isso é uma questão que me foi bem importante assim para mim compreender que “puxa” havia e há uma possibilidade de você conjugar uma compreensão dessas questões com uma visão mais abrangente em termos de espiritualidade né e quando eu digo que eu era muito cético, não quer dizer que ainda não seja né, eu ainda sou muito assim, não descrente, eu estou aprendendo né, mas é algo que tem me chamado atenção assim muito, cada dia que passa assim, não em todos os momentos mas considerando antes e o hoje foi e é bem importante assim para mim ter podido participar, ter conhecido até então o que eu conheço e sempre aberto para compreender mais não sobre essas questões [...]a partir dessa experiência eu entendi, pelo menos eu compreendi né, está aberto aí pra gente achar que compreende também né, mas que deu um significado assim importante para as questões que eu tenho estudado, que eu tenho procurado perceber nessa questão da produção da existência, relações sociais mais progressistas né, que seria isso né, mas de maneira mais abrangente dizer que deu um significado para mim dizer “Olha tem questões que envolvem também chamadas medicinas ou produtos advindos da natureza, que consegue expandir tua mente, tua consciência”, vamos dizer assim em termos de compreender mais ampliadamente, essas questões assim de um modo geral, sistemas (GF, 2018).

Dentro dessas elucbrações, passou a tecer um entendimento sobre do que somos constituídos, para além da matéria,

eu acredito numa questão mais de energia agora, se isso a gente pode chamar espírito ou energia, energia – espírito, eu acho que os aprendizados também que a gente vai acumulando, a gente vai procurando entende que, “puxa” tudo é energia né e algo que eu não atentava muito, pra essa questão, tudo é energia. Então, a energia tá sempre fluindo, tá passando de um estado pro outro [...] e aí se a gente pode chamar espírito de energia também, aí não sei (GF, 2018).

Através dessa mudança consciente da capacidade de compreensão sobre determinados elementos da própria vida e dos processos de produção da existência, Guerreiro convergiu numa melhoria emocional e relacional (NARANJO, 2015). Sobre essas transformações em sua vida, ele afirma,

eu era bastante, agitado assim, queria resolver as coisas muito rapidamente isso era uma questão e hoje, não quer dizer que eu ainda não seja, mas menos, bem menos. E uma grande transformação foi no sentido de eu ser menos grosseiro com as pessoas assim né, menos, esse é o termo mesmo, de não ter muita paciência assim sabe, de já dizer que já não era dessa forma e ponto final. E sobre várias questões e principalmente também com pessoas mais próximas assim né, pessoas mais da família assim, com pai, com mãe, com irmão, com parentes, que são diferentes, são seres humanos diferentes, mas que às vezes a gente não tinha muita paciência sabe e hoje eu posso dizer que foi do daime sim, que instituiu essa capacidade de você refletir mais, de você ficar mais tranquilo, de você ouvir outros pontos de vista, de você poder dialogar numa relação mais tranquila, mais harmoniosa assim, antes era “ não, isso não é assim e pronto né”, ou qualquer coisa nem conversava mais e tem me ajudado muito nisso também né” (GE, 2018).

Essas mudanças principalmente comportamentais foram sentidas na família, despertando a curiosidade das filhas, dos pais e dos irmãos de Guerreiro,

eu e a Brisa da Gaia, fomos primeiro e a Ágata Turquesa veio depois. Ela ficou curiosa no sentido de perceber o que era isso [...] esse processo da entrada da Ágata Turquesa foi bem natural, ela sentiu essa vontade, primeira essa curiosidade, também notou **mudanças comportamentais** minhas e da Brisa também, não só sobre esses aspectos da paciência ou de você não ser tão teimoso, de você não ser tão arrogante as vezes ou tão estúpido e notou essas diferenças e ela disse “puxa que que deu com o pai né, deu alguma coisa aí”, daí ela até ficou assustada porque o pai era muito cético, como eu disse, mas vou repetir, sempre meio estúpido, grosseiro assim e de uma hora para outra começa a entender algumas coisas de maneiras diferentes, não que seja melhor, mas diferente, as vezes pode ser pior né ((risos)) mas nesse caso foi melhor e daí ela sentiu essa necessidade de ir e a Lua Clara [outra filha] também sentiu curiosidade e foi. E outros que sentiram essa vontade também porque notaram que eu também **tinha mudado a minha forma de dialogar, minha forma de perceber as coisas, de ficar mais tranquilo**, foi meu pai e minha mãe e daí eles também um dia disseram “ah eu gostaria muito de participar um dia”, daí eu peguei e trouxe eles, aí eles também participaram um dia lá no Cambuí [...] eles gostaram muito também, sentiram coisas diferentes que eu, cada um sente e cada cerimônia tu sente o que tu sente né, mas eles gostaram muito, eles querem participar de novo, 78 anos [pai] e 71 anos [mãe] ((emoção na fala)), não tem idade para isso né [...] meu irmão e minha irmã também querem participar [...] tem essa intenção de vir, ver o que é né, de participar, de poder tomar um dia pra ver o que eles vão sentir, espero que seja bom para eles também (GF, 2018, grifos meus).

No entanto, a mudança comportamental do integrante da Choupana, não suscitou apenas respostas positivas, como também despertou estranhamentos de algumas pessoas de seu círculo profissional,

uma pessoa disse para mim, “olha”, porque é uma pessoa chegada assim bastante, converso com ela, é uma pessoa colega de trabalho e a gente conversa sobre muitas coisas e eu conversei um dia, “olha eu estou participando de um grupo assim, assim”, daí a pessoa escutou né e daí um dia ela disse assim, “olha eu acho que tu está, essa palavra ela usou, se enfurnando demais nesse negócio aí, tu vai se perder”, eu disse, “olha se eu me perder, perdido a gente está ((risos))em várias questões na vida e eu não quero dizer que uns estão perdidos nisso, outros naquilo, porque não cabe a mim julgar, antes eu julgava, eu dizia “o cara está perdido na novela, outro está perdido na bebida, outro está perdido na droga, outro está perdido numa relação de bater na mulher, outro está perdido numa relação de autoritarismo para com os alunos, com acadêmicos” mas hoje não cabe mais a mim dizer quem está ou não perdido, as pessoas estão sendo o que estão sendo, mas a pessoa disse pra mim, “olha, eu acho que tu vai se perder nesse negócio aí, isso aí é uma coisa que sei lá, tu não conhece direito, tu está rumando pra uma coisa que tu vai te perder, que tu vai te perder na tua relação com o teu trabalho, tu vai te perder nos estudos do teu doutorado, olha é bem fácil pra se perder, então cuidado, estou te avisando, assim tu continua sendo meu amigo, mas não vai deixa de ser meu amigo por causa disso, mas cuidado isso aí tu, eu não sei, tu tá se deixando levar por isso” [...] eu diria que isso não foi assim um preconceito direto, mas foi um alerta, de dizer assim, puxa a pessoa não entendeu direito, não está respeitando muito essa minha vontade, essa minha intenção, essa minha necessidade de continuar participando porque tem feito bem (GF, 2018).

Ademais, ele prossegue,

eu senti assim de alguns colegas próximos de que algumas coisas que eu fazia antes e que eu não faço mais, como por exemplo, sendo um sujeito mais combativo, no sentido das questões dos movimentos sociais, por exemplos, de você a ferro e fogo participar uma de ocupação, de mobilização e ir na rua, de gritar, de apanhar da polícia, de ir preso né, como eu já fui uma vez, também já apanhei várias, ir pra ocupações de terra e pra mobilizações. Não que eu desacredite disso, eu não desacredito disso nunca, pelo contrário, fortaleceu uma forma que já tinha muito dentro da minha [perspectiva] e eu não estou dizendo que eu estou certo e que os outros estão errado, mas que já tinha muito no sentido mais dialógico de eu fazer as coisas, que hoje só ampliou as possibilidades. Acho que **tem várias formas de você lutar por um mundo mais justo** e que não necessariamente tem que ser uma forma combativa, gritando direto ali na rua, com gritos de ordem, eu acho que isso é uma coisa que meio que eu estou repensando assim, então o pessoal desse círculo, não só círculo profissional, mas dos próprios movimentos sociais, eu sinto que tem essa “ah o Guerreiro agora está metido no meio desse povo aí, que está tomando esse chá e agora ele deixou de ser o que ele é” e assim eu senti isso mas, tranquilo, tranquilo.” (GF, 2018, grifos meus).



### Sobre a produção da existência

De modo bastante simplista, quando falo em produção da existência, implica compreender as relações sociais entre os seres e o metabolismo destes com a natureza. Diferimos da natureza por termos consciência, mas dela jamais podemos nos afastar, pois dependemos dela para viver. Parece óbvio, mas implica neste processo a busca por desconstruir as formas hegemônicas mediante o desenvolvimento do capital, que, por sua vez, somente se realiza explorando a terra e os trabalhadores com o advento da propriedade privada dos meios de produção. Este processo rompe com o metabolismo entre ser humano e natureza, e que, na particularidade do estudo da agroecologia, busca elucidar a forma como temos feito agricultura, principalmente orientada por práticas que se sustentam mediante o uso indiscriminado de adubos industriais que não possibilitam a constituição da fertilidade natural dos solos. Então, a agroecologia “carrega” o propósito de modificar o atual sistema econômico que rompe significativamente este metabolismo, quando comparado aos modos de produção anteriores.

Nota escrita por Guerreiro das Folhas, 20 de junho de 2019.





## FECHANDO O CICLO: CONSIDERAÇÕES FINAIS

### (DES) CONSTRUÇÕES

Quando anotei pela primeira vez na pele de papel<sup>113</sup>, uma problemática de tese envolvendo o uso de enteógenos por um grupo ayahuasqueiro, estava crente de que “os novos sentidos” se tratavam de um novo movimento de retorno ao rural e que eu elucidaria uma nova terminologia para ele. Não tinha dimensão do estava perspectivando.

Quando penso na expressão “nova terminologia”, me lembro do querido etnoecólogo José Geraldo Marques e de suas sábias palavras. Zé e eu (e outros) assistíamos a apresentação de trabalho de um jovem, recém doutor, durante o Congresso Internacional de Etnobiologia e Etnoecologia em Belém/PA em 2018. O jovem ambicioso denominava seu estudo envolvendo ictiofauna com novo termo criado por ele, baseado em seus anos de doutoramento.

Após a apresentação, Zé o parabenizou pelo trabalho e gentilmente nos alertou “Tomem cuidado, o etno tudo, pode virar etno nada”. Se ao jovem essas palavras não reverberaram, a mim muito impactou. Eu era uma jovem aspirante a doutora, recém chegada ao mundo das etnos e acreditava que com dois anos de pesquisa de campo iria tecer elucubrações revolucionárias sobre um “novo” movimento de retorno ao rural. Ledo engano!

As palavras que eu desenhava na pele de papel, eram impelidas no meu biologismo e eu as examinava através da minha razão (cartesiana, apenas!) e procurava nelas uma resposta objetiva e clara, como se eu estivesse diante de algo estático e imutável. Eu queria objetividade para responder o questionamento inventado por mim. Eu queria dar nomes aos novos sentidos e chamá-los de movimento alguma coisa. Passei boa parte do tempo achando que as coisas eram mesmo como eu que pinte no papel.

Na minha incursão a campo em abril de 2017, com palavras objetivas, frias de sentidos e sentimentos, eu acreditei ter captado a “realidade”, que facilitaria a confecção da resposta ao meu questionamento inicial.

A realidade afirma BRUM (2008, 1.96), “é um tecido intrincado, costurado, não apenas com palavras, mas também com texturas, cheiros, cores e gestos. Marcas. Também com faltas e excessos, nuances e silêncios. Ruínas”. Eu estava longe de captar o que esse tecido intrincado tentava me mostrar.

---

<sup>113</sup> Pele de papel é um expressão utilizada por Davi Kopenawa e pode ser entendida como papel, computador, onde escrevemos nossas ideias, que não seja nosso corpo e nossa mente. c.f. A queda do céu.

Eu fui treinada nos “recintos acadêmicos da ciência moderna, onde me ensinaram a entender técnicas, a inventar espécies” e a categorizar seres, humano e não- humanos, e suas experiências em números e rígidas teorias que não veem o ser humano para além de *homo faber* (TOLEDO e BARRERA- CASSOLS, 2009). Poucas, para não ser ríspida e dizer nenhuma vez, me ensinaram a reconhecer a existência de uma experiência de certa sabedoria e a olhar para as subjetividades que são intrínsecas ao nosso viver (TOLEDO e BARRERA- CASSOLS, 2009).

Em 19 de agosto de 2017, ainda dentro da “caixinha”, mas um pouco mais familiarizada, vou dizer assim, com os por fazeres etnográficos, participei do primeiro ritual da Choupana do Gavião. Turner (1974, p.19), afirma que os rituais podem nos dar indícios decisivos “para a compreensão do pensamento e do sentimento das pessoas” e de como elas se relacionam entre si e com a natureza. O autor segue esclarecendo, que nos rituais temos ainda a possibilidade de vermos como cada elemento simbólico que compõe o cenário do rito, relaciona-se com algum elemento empírico das experiências das pessoas que o compõe. Assim, procurei me libertar um pouco dos olhares frios e da dura escrita e tentar captar algo a mais. Consegui ter maior certeza, observando a disposição dos símbolos, que o grupo se inseria dentro do universo da Nova Era, com bricolagens religiosas do xamanismo, umbanda e do Santo Daime. Me sentia alegre, por essa pequena vitória. Mas com o passar dos dias me perguntava, o que fazer com essas e outras tantas informações que percebi naquela cerimônia?

Meses de frustração e desânimo se aproximaram e a resposta para meu tormento veio através das plantas professoras. Numa *burracheira*/ força, enquanto meu corpo parecia sucumbir a minha falta de forças, eu reconheci que era controladora e “duramente cartesiana” e isso me impedia de ver para além! Muito mais que isso, era preconceituosa e não conseguia ver na etnografia um trabalho científico! Esmoreci.

Eu que me achava tão desconstruída teoricamente, tinha apenas um discurso progressista, mas na prática reproduzia, ainda que inconscientemente, o padrão da ciência cartesiana. Me lembrei de Clayton, que um dia disse que eu, assim como outros tantos, estava tão condicionada ao sistema (educacional) que ficava quatro horas sentadas numa cadeira dentro de uma sala de aula e sequer me opunha a isso.

Mais dias de lamúria, incertezas e ruínas...

*Quão espessa era a escuridão antiga! Quão forte e interesseira era minha paixão, subjugada por todos os demônios da ambição, da busca da fama, da cobiça, estagnação, avidez de todo o tipo, e quão ignorante eu era então!* (Esboço da conversa de Jung com sua alma) (JUNG, 2015, p. 120).

Andando aqui e acolá, em março de 2018 decidi que voltaria a campo. Mais ciente das minhas limitações e com um pouco mais de compaixão sobre mim, iniciei as entrevistas que dariam corpo e sentido a essa tese. Quatro integrantes, para além de Lobo Dourado, se voluntariaram para me auxiliar. Abriam suas casas e suas vidas, dedicaram seu tempo e compartilharam suas histórias com alegria.

Procurando me despir de julgamentos e censuras, ouvi atenta as suas histórias de vida. Eram (são), histórias ricas de detalhes, sentimentos e transformações, que num primeiro momento não respondiam ao que eu ansiava saber. Iam muito além do que eu podia imaginar, os “me conta sua história e como chegou no daime” me surpreenderam e construíram por si, outra perspectiva, que eu ainda não sabia como lidar.

*Tu me tiraste aquilo que eu pensava me segurar e me deste aquilo de onde eu nada esperava, e sempre de novo aduziste destinos de lados diferentes e inesperados* (JUNG, 2015, p. 120).

Eu seguia por esses caminhos diferentes e inesperados, em meio a tropeços, tombos, desespero, lágrimas de dor e de alegria...mas ela, minha alma, ia comigo invisível e me conduzindo “degrau a degrau, juntando pedaço a pedaço” (JUNG, 2015).

*Onde eu semeava, tu me roubavas a colheita e onde eu não semeava, tu me davas frutos em cêntuplo. E sempre de novo perdia o fio, para encontra- lá outra vez onde jamais teria esperado. Tu seguraste minha fé quando eu estava só e a beira do desespero. Tu fizeste com que todos os momentos decisivos eu acreditasse em mim* (JUNG, 2015, p.120).

Aprendi no decorrer do desenvolvimento dessa tese, percorrendo caminhos as vezes árduos e por vezes salutares, que é preciso se desconstruir o tempo todo, “que nada sou, que me torno, quando ousa a atravessar primeiro a larga e sempre arriscada rua do si mesmo” (BRUM, 2018).

Aprendi que “Escutar é mais que ouvir. Escutar abarca a apreensão do ritmo, do tom, da espessura das palavras. Escutar é entender tanto o que é dito como o que não é dito. Escutar é compreender que o silêncio também fala – ou compreender que as pessoas continuam dizendo quando param de falar. Escutar também é não interromper as pessoas quando elas não falam na velocidade que a gente gostaria ou com a clareza que a gente desejaria e principalmente, quando elas não dizem o que a gente pensava que diriam. Escutar não é induzir as pessoas a dizer o que gostaríamos que dissessem” (BRUM, 2008, 1.289).

Assim, ainda tomando emprestado algumas palavras tecidas por Eliane Brum (2008), vos digo que essa tese é o que sou, minhas escolhas, meus dilemas, meus erros, meus sustos, minhas descobertas, meus fracasso e meus acertos. Para cada análise “há uma reflexão honesta, tripas a mostra, sobre o que eu fiz e o que eu vivi” (l.105).

Sou grata a minha alma e aos integrantes da Choupana do Gavião que fazem essa tese existir!

## A CHOUPANA DO GAVIÃO

No processo de constantes desconstruções e novas construções, tecerei algumas considerações que fecham esse ciclo que foi aberto em 2017, quando iniciei essa pesquisa. Essas considerações partem de um entendimento de que as explicações cartesianas, em especial acadêmicas, “não são as únicas formas de aprender o sensível, nem necessariamente possuem legitimidade maior em relação às demais” (LABATE, 2004, p. .35).

A Choupana do Gavião é pioneira no uso ritual da ayahuasca, atrelado à Umbanda e Xamanismo na região Alto Uruguai, tendo iniciado suas atividades entre o final de 2014 e início de 2015. O grupo se orienta através da bricolagem de elementos oriundos das cosmologias xamânicas, umbandista, daimista e mais recentemente, juremeira. Esse bricolar religioso auxilia positivamente no desenvolvimento espiritual de seus integrantes, como vimos nos recortes etnográficos.

Atraves de uma organização coletivista, guiada pela experimentação da descentralização de poder, a Choupana oferece experiências religiosas e espirituais, livre adesão e proleto. Esse fato faz com que o grupo atraia um público com perfil marcadamente contra- hegemônico, que prime por experiências espirituais livre de regras institucionallizadas. Esse fator aponta um terreno fértil para o desenvolvimento de estudos, que tenham como enfoque o campo religioso na Região Alto Uruguai.

O grupo em suas atividades cotidianas e rituais, têm “primado pela experimentação de novas relações entre as pessoas, com a terra e com os seres da natureza” (CHOUPANA DO GAVIÃO, 2018). Para consolidar essa experimentação, a Choupana procura atuar localmente em ações que envolvam o desenvolvimento de uma agricultura de base ecológica, em que todos os seres humanos e não- humanos sejam inseridos dentro dos processos de produção do viver e existir. Atua, ainda, em parceria com a universidade pública, compartilhando e trocando saberes, tendo como alicerce central o resgate: do feminino, dos usos humanos das plantas de

poder, psicoativas ou não, da sabedoria ancestral dos indígenas Mbya Guarani, das práticas corporais alternativas e canais curtos de comercialização.

Para além das parceiras estabelecidas com a universidade, a Choupana integra uma rede de consumo da ayahuasca, “onde há uma circulação constante de informações, conhecimentos, pessoas e substâncias” (LABATE, 2004, p. 491).

Por fim, posso inferir que a Choupana se constitui em um grupo que tem como ideologia o desenvolvimento de uma vida fraterna e igualitária, tendo como pilares a agroecologia e a espiritualidade.

## OS “NOVOS” OLHARES PARA O RURAL CONTEMPORÂNEO

Em meio aos rurais do Alto Uruguai, as entidades espirituais vem tendo seu espaço devolvido. São honrados e louvados. Com sua espada ele vem abrindo o terreno, é Ogum “Yê”, o vencedor de demandas. O céu clareou: “eparrêi é Oyá”, Iansã chegando. Lá na mata, com seu arco e flecha em punho, “Okê Arô”, vem Óxossi, o guardião do verde-vida. “Odojá”, de longe se ouve o canto da sereia da Rainha Iemanjá. Na cachoeira, sentada a beira do rio, colhendo lírios pra enfeitar o seu congá, “Ora ie iê ô”, é Oxum. Na pedreira, Xangô, “Kaô Kabecilê”! Junto a eles, vem o povo cigano, os caboclos, os êres, os pretos-velhos e os exus, Laroyê! Salve Todos os Orixás. “Epá Babá” Oxalá!<sup>114</sup>

Da enredadeira do rio celestial<sup>115</sup>, chega a Rainha da Floresta, unida ao cipó caboclo, o Rei da Força. A cabocla Jurema vem saindo das matas. O rapézito sagrado também se achegou naquelas terras. O Gavião na sua rajada em espiral, vai descendo e ecoa seu grito, ora no campo-das-pulgas<sup>116</sup>, ora na Áurea.

Aos poucos, o mundo rural que em outros tempos foi suporte histórico para a hierárquica Igreja Católica (HERVIEU- LÉGER, 2015), vem se “transformando”. Junto ao toque do sino da pequena capela da comunidade, os tambores e “no chocalho do maracá, tudo que espalho eu vou buscar, junto sem nenhuma divisão, no colo da Virgem da Conceição. E para Deus no proteger, sem ter medo do amanhã, abre os caminhos meu Pai Ogum, para chegar até o velho Juramidam” (Hino Chocalho do Maracá, LD).

Assim, em meio a cantos, louvores e evocações, o rural que um dia foi o primado da natureza, passou para o fatídico atrasado e, na modernidade, foi incorporado ao ramo da

<sup>114</sup> As palavras que antecedem os nomes dos Orixás são saudações específicas para cada entidade.

<sup>115</sup> Termo que emprestado da obra de Claudio Naranjo, 2015.

<sup>116</sup> Tradução do nome indígena da localidade rural onde se localiza o Quintal de *Nanã Borukê*.

indústria capitalista, na pós- modernidade se transforma, deixando de ser o espaço meramente agrícola, na qual somente latifundiários e pluriativos parecem existir e disputar seu quinhão. Essas transformações, que vem sendo assumidas através da multifuncionalidade do rural se orientam em grande medida pela valorização e sacralização da natureza.

Essa valorização do espaço rural, sob a égide da natureza, faz com que a Choupana do Gavião, assim como diversos grupos que se situam na fronteira porosa das vivências ecológicas e incorporam a dimensão espiritual nas suas práticas e vice- versa, venham cada vez mais se ocupando desse espaço para o desenvolvimento de suas ritualísticas (STEIL, 2008).

Esses “novos” usos do espaço, delimitado geograficamente pela racionalidade (no sentido puramente cartesiano) humana como rural, parecem indicar caminhos que evocam “novos” olhares, que longe de serem objetivos e de fácil compreensão, se entrelaçam em uma complexidade de direções. Essa complexidade se constitui de pequenos retalhos que vão tecendo a grande colcha cósmica do ser e existir. No retalho do si- mesmo, desenham-se os novos olhares bordados pelos integrantes da Choupana do Gavião.

No retalho azul, que se identifica com o Mensageiro de Deus - São Miguel - a jovem Poeira Estelar borda o rural como um espaço onde “é totalmente a natureza”, em que ela se sente bem em comungar as medicinas da floresta “tu sente melhor energia”(PE, 2018) é onde ela desfruta de sua docilidade juvenil.

No rosa, pedindo força ao Santo Daime, Flor da Rainha vai bordando seu caminhar de vários verões, que a fazem olhar para o rural como um espaço “no meio do mato [...]é difícil expressar em palavras [...]eu me sinto como se eu tivesse realmente mais integrada ao meu propósito” (FR, 2018). É com o pé na terra que ela busca aprimorar sua consciência.

No retalho verde, da cor da Amazônia, Cabocla das Ervas reverencia a luz da ayahuasca, que chegou na sua vida e com o suave toque do seu espírito borda um olhar do rural como sendo parte do seu ser que “está ligado com as plantas, com as árvores, com a terra, com as pedras” (CE, 2018).

No marrom, o capangueiro da Jurema, Guerreiro das Folhas, borda um sonho de um rural com terras democratizadas, onde todos possam “chegar um dia num pedaço de chão seu e a partir dali desenvolver esse conjunto de experiências que estão ligadas com a questão espiritual” (GF, 2018)

No retalho das novas possibilidades, venho bordando e honrando o rural ritualizado que – zelado no tempo pelas mãos calejadas das minhas e das nossas ancestrais benzedeadas, parteiras, rezadeiras e raizeiras – mesmo invisibilizado pela ciência moderna, jamais deixo de existir!



Um rural ritualizado, que se mostra capaz de resgatar uma religiosidade, no seu sentido original: *religare* – religar, que compreenda e acolha todas as crenças, fazendo-as “reencontrar sua fonte primordial, resgatando a missão humana de civilizar a Terra, no sentido de civilidade e não de progresso” (FERNANDES- PINTO, 2017, p. 48), nos levando ao viver pleno. Uma ritualização do rural, que nos mostra através do sons, cheiros, das ladainhas e dos axés, que o rural é mais do que um espaço de produção de *commodities* e de alimento para o corpo físico. É um espaço que alimenta a alma, que nutre as relações profundas com seres humanos e não-humanos, é onde também, emergem as transformações da coMCIência humana.

Essas transformações, quando materializadas no nosso praticado, nos mostram que o rural é mais que uma terminologia. Que assim como todos os outros espaços dessa Terra, é um espaço de materialização dos valores da espiritualidade, onde nós, espíritos encarnados, experienciamos a vida nesse plano, nos melhorando e produzindo saberes que podem nos auxiliar na superação dessa crise planetária, permitindo que todos os seres em todos os lugares sejam livres e felizes!



om svasti prajābhyaḥ paripālayantaṁ | nyāyena mārgena mahim mahīśāḥ | gobrāhmaṇebhyaḥ  
 śubhamastu nityam | lokāḥ samastāḥ sukhino bhavantu || 1 || kāle varṣatu parjanyaḥ | pṛthivī  
 sasyaśālīnī | deśo'yaṁ kṣobharahitaḥ | brāhmaṇāssantu nirbhayāḥ || 2 || sarveṣāṁ svastirbhavatu  
 | sarveṣāṁ śāntirbhavatu | sarveṣāṁ pūrṇam bhavatu | sarveṣāṁ maṅgalaṁ bhavatu || sarve  
 bhavantu sukhinaḥ | sarve santu nirāmayāḥ | sarve bhadrāṇi paśyantu | mā kaścīd duḥkha  
 bhāgbhavet || 3 || asato mā sadgamaya | tamaso mā jyotirgamaya | mṛtyormā amṛtaṁ gamaya ||  
 4 || om pūrṇamadaḥ pūrṇamidaṁ pūrṇat pūrṇamudacyate | pūrṇasya pūrṇamādāya  
 pūrṇamevāvaśiṣyate || 5 || om śāntiḥ śāntiḥ śāntiḥ || hariḥ om ||

Om. Que a prosperidade e o bem-estar sejam glorificados. Que os governantes governem com retidão e justiça. Que a sabedoria e o conhecimento sejam protegidos. Que todos os seres no mundo sejam felizes. || 1 || Que as chuvas cheguem no momento adequado; que a terra seja fértil; que o país esteja em paz; que os sábios estejam seguros. || 2 || Que haja prosperidade para todos; que todos vivam em paz; que todos sintam a plenitude; que todos estejam bem; que todos sejam felizes; que todos sejam saudáveis; que todos vejam o bem; que ninguém sofra. || 3 || Que a ignorância vá embora e que venha a verdade; que as trevas se dissipem e a luz brilhe; que se vá a morte e venha a imortalidade. || 4 || Om. Isto (o manifestado) é Plenitude, aquilo (o não manifestado) é Plenitude. A Plenitude que surge da Plenitude é realmente plena. Tirando-se a Plenitude (que é o efeito) da Plenitude (que é a causa), somente Plenitude permanece. Que haja paz, paz, paz. Hariḥ Om. Saudações aos mestres. Hariḥ Om. || 5 ||



#### 4 REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, M.B.B. **ABC do Santo Daime**. Belém: EDUEPA, 2007.

ALMEIDA, A.C. **Da tradição e modernidade: o campo religioso em transformação no meio rural de Viçosa- MG, na contemporaneidade**. 2009. 127p. Dissertação (Mestrado em Extensão Rural) – Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, MG, 2009.

ARAÚJO, F.S. Os usos lícitos da ayahuasca no contexto internacional de políticas sobre drogas. In: II SEMINÁRIO DE ESTUDOS CULTURA, IDENTIDADE E RELAÇÕES INTERÉTNICAS, 2011, Sergipe/AL. **Anais...** Aracaju/SE, 2011.

ARAÚJO, S. W. **Navegando sobre as ondas do Daime: história, cosmologia e ritual da Barquinha**. Campinas: UNICAMP, 1999.

ASSIS, G. L.; LABATE, B.C. Dos igarapés da Amazônia para o outro lado do Atlântico: a expansão e internacionalização do Santo Daime no contexto religioso global. **Religião e Sociedade**, v. 34, n. 2, p. 11-35, 2014

ASSIS, L. G. de. **A religião of the Floresta: apontamentos sociológicos em direção a uma genealogia do Santo Daime e seu processo de diáspora**. 2017. 484 p. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, 2017.

BERNARDINO –COSTA, J.; SILVA, F.M. Construindo o mundo da hoasca: a organização da União do Vegetal. In: BERNARDINO -COSTA, J (org.). **Hoasca: ciência, sociedade e meio ambiente**. Campinas: Mercado de Letras, 2011.p. 21- 42.

BOMFIM, J.D. **O jardim de belas flores**. 2016. Disponível em <[http://www.mestreirineu.org/livro\\_juarez.pdf](http://www.mestreirineu.org/livro_juarez.pdf)>. Acesso em: 4 nov.2018.

BORGES, J.J. **Árvores e budas: alternativas do misticismo ecológico e suas teias políticas**. Simões Filho: Ed. Kalango, 2015.

BRISSAC, S. G. T. **A estrela do norte iluminando até o sul: uma etnografia da União do Vegetal em um contexto urbano**. 1999. 163 p. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, 1999.

BRONFMAN, J. A luta pela liberdade religiosa da União do Vegetal nos Estados Unidos: um caso histórico. In: BERNARDINO -COSTA, J (org.). **Hoasca: ciência, sociedade e meio ambiente**. Campinas: Mercado de Letras, 2011.p. 205- 210.

BRONFMAN, J. The extraordinary case of the United States versus União do Vegetal Church. In: HARPIGNIES, J.P. **Visionary plant consciousness: the Shamanic teachings of the plant world**. Philadelphia: Park Street Press, 2007. p. 170- 187.

BRUM, E. **O olho da rua: uma repórter em busca da literatura da vida real**. São Paulo: Globo, 2008, n.p. (*ebook*).

CARNEIRO, M. J.; TEIXEIRA, V. L. De terra de plantação à terra de lazer. In: CARNEIRO, M.J. (coord.) **Ruralidades contemporâneas: modos de viver e pensar o rural na sociedade brasileira**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2012.

CARNEIRO, M.J. Do “rural” como categoria de pensamento e como categoria analítica. In: \_\_\_\_\_ (coord.) **Ruralidades contemporâneas: modos de viver e pensar o rural na sociedade brasileira**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2012. p. 23- 50.

CARNEIRO, M.J. (coord.) **Ruralidades contemporâneas: modos de viver e pensar o rural na sociedade brasileira**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2012.

CARVALHO, I.C.M.; STEIL, C.A. A sacralização da natureza e a “naturalização” do sagrado: aportes teóricos para a compreensão dos entrecruzamentos entre saúde, ecologia e espiritualidade. **Ambiente & Sociedade**, Campinas, n.2, v.6, p.289- 305, jul. /dez.2008.

CENTRO DE ILUMINAÇÃO CRISTÃ LUZ UNIVERSAL - ALTO SANTO. **Histórico**. Disponível em:< <http://www.mestreirineu.org>>. Acesso em: 5 dez. 2017.

CENTRO DE ILUMINAÇÃO CRISTÃ LUZ UNIVERSAL – ALTO SANTO. **Relato Peregrina Gomes Serra**. Disponível em: < <http://www.mestreirineu.org>>. Acesso em: 5 dez. 2017.

CENTRO ESPÍRITA BENEFICENTE UNIÃO DO VEGETAL. **Alto Falante: Veículo informativo Oficial da DG**, abril/2010.

CENTRO ESPÍRITA BENEFICENTE UNIÃO DO VEGETAL. **Informações institucionais**. Disponível em: < <http://udv.org.br/>>. Acesso em: 15 jan.2019.

CHROUPANA DO GAVIÃO, **Memorial Descritivo**. 2018.

DEFLEM, M. *Ritual, anti- structure, and religion: a discussion of Victor Turner’s processual symbolic analysis*. **Journal for the Scientific Study of Religion**, HoBoken, v. 30, n.1, p.1- 25, mar/1991.

DURÁN, F. E. *Cambios en la construcción social de lo rural*. Madrid: Tecnos, 1998.

ESCOHOTADO A. *Historia de las drogas*. Madrid: Alianza Editorial; 1998.

FACUNDES, J.A. Ayahuasca: do sagrado ao mundano, breve prosa de sua conversão em psicoativo. In: BERNARDINO -COSTA, J (org.). **Hoasca: ciência, sociedade e meio ambiente**. Campinas: Mercado de Letras, 2011.p. 259- 268.

FERNANDES- PINTO, E. **Sítios naturais sagrados do Brasil: inspirações para reencantamento das áreas protegidas**. 2017. 426p. Tese (Doutorado em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, 2006.

FRIGERIO, A. *Lógicas y limites de la apropiación new age: donde se detiene el sincretismo*. In: LA TORRE, R.; ZUÑIGA, C.G.; HUET, N.J. (coord.) **Variaciones y apropiaciones latinoamericanas del new age**. México: Ciesas, 2013, p. 74- 70.

FROEHLICH, J.M. **A construção social do rural contemporâneo na região central do RS.** 2002. 202 p. Tese (Doutorado em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade) – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, 2002.

FROEHLICH, J.M.; MONTEIRO, R.C. As perspectivas de uma nova ruralidade pela óptica urbana: o campo semântico rural- natureza. In: FROEHLICH, J.M.; DIESEL, V. **Espaço rural e desenvolvimento regional: estudos a partir da região central do RS.** Ijuí: Ed. Unijuí, 2004. p. 273-307.

FROEHLICH, M.J.; GEDIEL, A.L.; SOARES, N.B. As múltiplas funções do rural: cenários naturais e atividades agropecuárias como terapias. In: CONGRESSO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ECONOMIA, ADMINISTRAÇÃO E SOCIOLOGIA RURAL. 46, 2008, Rio Branco/AC. **Anais...**Rio Branco/AC: Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural, 2008.

GEDIEL, A.L.B. **Multifuncionalidade do rural** – o uso de atividades agropecuárias e de espaços rurais para praticas terapêuticas. 2006. 129p. Dissertação (Mestrado em Extensão Rural) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, 2006.

GOULART, S.L. **Contrastes e continuidades em uma tradição amazônica:** as religiões da ayahuasca. 2004. 315 p. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2004.

GROB, C.S. A psicologia da ayahuasca. In: \_\_\_\_\_ (org.) **Ayahuasca:** alucinógenos, consciência e o espírito da natureza. Rio de Janeiro: Gryphus, 2002. p. 195- 225.

GROF, S. **A psicologia do futuro:** lições das pesquisas modernas de consciência. Niterói: Heresis, 2000.

GROISMAN, A. **Eu Venho da Floresta:** um estudo sobre o contexto simbólico do uso do Santo Daime. Florianópolis: UFSC, 1999.

GUERRIERO, S. et al. Os componentes constitutivos da Nova Era: a formação de um novo *ethos*. **REVER**, São Paulo, n. 2, p. 10- 30, mai- ago/ 2016.

GUIMARÃES, G. et al. O Rural no século 21- em busca de novas abordagens. In: \_\_\_\_\_ (org.). **O rural contemporâneo em debate:** temas emergentes e novas institucionalidades. Ijuí: Ed. Unijuí, 2015, p.13-18.

HERVIEU- LÉGER, D. **O peregrino e o convertido:** a religião em movimento. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

IGREJA DO CULTO ECLÉTICO DA FLUENTE LUZ UNIVERSAL PATRONO SEBASTIÃO MOTA DE MELO. **Histórico.** Disponível em: < <http://www.santodaime.org>>. Acesso em: 5 dez. 2017.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. **Processo relativo à solicitação dos usos rituais da ayahuasca.** 2017. Disponível em: < <http://portal.iphan.gov.br/ac/galeria/detalhes/521/>>. Acesso em: 9 jan.2019.

JUDITH, A. **Rodas da vida**. Nova Era: 2010.

JUNG, C.G. **O livro vermelho**. 4 ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

LABATE, B.C. **A reinvenção do uso da ayahuasca nos centros urbanos**. Campinas: Mercado de Letras, 2004.

LABATE, C, B.; FIORE, M.; GOULART, S.L. Introdução. In: LABATE, C.B et al. (orgs.) **Drogas e cultura: novos paradigmas**. Salvador: EDUFBA, 2008.p. 23- 38.

LABATE, C.B. **Un panorama del uso ritual de la ayahuasca en el Brasil contemporáneo**. [201?] Disponível em :< <http://neip.info/novo/wp-content/uploads/2015/04/Tespan1.pdf>>. Acesso em: 15 jan. 2017.

LABATE, C.B. **Ayahuasca Mamancuna merci beaucoup: internacionalização e diversificação do vegetalismo ayahuasqueiro peruano**. 2011. 334 p. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2011.

LOOSE, E.B.; NIEDERLE, P.A. Representações sobre ruralidade no Brasil: uma análise do programa Globo Rural. **Campo- Território**, n.17, v.9, p. 695- 714, abr. 2014.

LUNA, L.E. **Vegetalismo: Shamanism among the Mestizo Population of the Peruvian Amazon**. Estocolmo, Almquist and Wiksell International, 1986.

MACHADO, M.M. A ação da UDV no CONFEN e no CONAD. In: BERNARDINO -COSTA, J (org.). **Hoasca: ciência, sociedade e meio ambiente**. Campinas: Mercado de Letras, 2011.p. 173-180.

MACRAE, E. **Guiado pela Lua: xamanismo e uso ritual da ayahuasca no culto do Santo Daime**: Brasiliense, 1992.

MAGALHÃES, E.S. **Balanços de luz: devoção e experiência a bordo do Barquinho Santa Cruz**. 2013. 247p. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, PB, 2013.

MANDARINO, G.C. **Religiões ayahuasqueiras: tradições e contradições**. 2010. 89 p. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal Fluminense, 2010. p.89

MARQUES, J. **Ecologia do Espírito**. Paulo Afonso: Ed. SABEH, 2016.

MATTHEWS, J. **Xamanismo celta**. São Paulo: Ed. Hi -Brasil, 2002.

MCKENNA, D.J. A ayahuasca: uma história etnofarmacológica. In: \_\_\_\_\_ (org.) **Ayahuasca: alucinógenos, consciência e o espírito da natureza**. Rio de Janeiro: Gryphus, 2002. p. 172- 196.

MENOZZI, W. **A situação jurídica do Santo Daime na Itália**. 2011. Disponível em: < <https://www.bialabate.net/>>. Acesso em: 11 nov. 2018.

MERCANTE, M.S. Consciência, miração e cura na Barquinha. **Revista de Antropologia Social dos Alunos do PPGAS-UFSCar**, v.1, n.2, p.116- 138, jul./dez., 2009.

MERCANTE, M.S. Barquinha: Religião ayahuasqueira, afro-brasileira ou afro-amazônica? **Revista de Estudos de Religião**, v. 6, n. 2, p. 100-115, 2015.

MERCANTE, M.S. Imagens mentais espontâneas: mente, alma, corpo e processos visionários durante o uso ritual da ayahuasca. **Revista Interdisciplinar Internacional de Artes Visuais**, v. 3, n. 1, p.74- 86, jun.2016.

METZNER, R. O cipó amazônico das visões. In: \_\_\_\_\_ (org.) **Ayahuasca: alucinógenos, consciência e o espírito da natureza**. Rio de Janeiro: Gryphus, 2002. p. 1-43.

MOREIRA, P.; MACRAE, E. **Eu venho de longe: Mestre Irineu e seus companheiros**. Salvador: EDUFBA, 2011.

MORIN, E. **O paradigma perdido- a natureza humana**. 4 ed. Lisboa: Publicações Europa América, 1988.

MORTIMER, L. **Bença, Padrinho!** São Paulo: Céu de Maria, 2000.

NARANJO, C. **Ayahuasca a enredadeira do rio celestial**. Simões Filho, BA: Ed. Kalango. 2015.

NETTO, P.W. **O exemplo na vida de quem prega: uma análise do CEBUDV a partir dos seus sócios**. 2017.502p. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2017.

ODUM, E. P. **Ecologia**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1988.

OGALDE, J.P.; ARRIZA, B.T.; SOTO, E.C. *Identification of psychoactive alkaloids in ancient Andean human hair by gas chromatography/mass spectrometry*. **Journal of Archaeological Science, London**, v.36, n.2, p. 467- 472, fev/2009.

PARANAYBA, J.A. A expansão da UDV e suas conquistas. In: BERNARDINO -COSTA, J (org.). **Hoasca: ciência, sociedade e meio ambiente**. Campinas: Mercado de Letras, 2011.p. 47- 55.

PIRES, A. Um sentido dentre outros possíveis: o rural como representação. In: GRAZIANO, J. S. da. CAMPANHOLI, C. (Orgs.) **O novo rural brasileiro: Novas ruralidades e Urbanização**. v.7. Unicamp: Embrapa. 2004.p.150- 209.

PIRES, I.M.; CRAVEIRO, J.L. Ética e prática da ecologia humana: questões introdutórias sobre ecologia humana e a emergência dos riscos ambientais. In: MARQUES, J. (org.) **Ecologias Humanas**. Feira de Santana: UEFS, 2014. p. 53- 82.

PRADES, J.V.M.; MARÍN, P.L.C. Reconhecimento legal do Centro Espirita Beneficente União do Vegetal na Espanha e breves considerações a respeito do reconhecimento legal em outros países da Europa. In: BERNARDINO -COSTA, J (org.). **Hoasca: ciência, sociedade e meio ambiente**. Campinas: Mercado de Letras, 2011.p. 219- 237.

SANTOS, L.F.B. A liberação do chá da hoasca junto ao CONFEN. In: BERNARDINO - COSTA, J (org.). **Hoasca: ciência, sociedade e meio ambiente**. Campinas: Mercado de Letras, 2011.p. 165- 172.

SANTOS, R.A. **A híbrida Barquinha: uma revisão da história, das principais influências religiosas e dos rituais fundamentais**. 2017. 149p. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião) – Pontifícia Católica de São Paulo, São Paulo, SP, 2017.

SHAMDASANI, S. A intoxicação da mitologia. In: JUNG, C.G. **O livro vermelho**. 4 ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

SOARES, E.L.C.; MOURA, C.P. objetivos da união do vegetal como grupo religioso brasileiro e internacional. In: BERNARDINO -COSTA, J (org.). **Hoasca: ciência, sociedade e meio ambiente**. Campinas: Mercado de Letras, 2011.p. 151-164.

STEIL, C. A. Renovação carismática católica: porta de entrada ou de saída do catolicismo? Uma etnografia do Grupo São José, Porto Alegre- RS. **Religião & Sociedade**, v.24, n. 1, p.11-36, 2004.

ROGERS, Everett M. *Diffusion of innovations*. New York, US: Free Press of Glencoe, 2003.

TAVARES, F.R.G.; DUARTE, J.P.; COGNALATO, R.P. Movimento Nova Era e a reconfiguração do social (da contracultura à heterodoxia terapêutica). **Antropolítica**, Niterói, n.28, p. 177- 196, jan-jun/2010.

TONIOL, R.; STEIL, C.A. Ecologia, Nova Era e Peregrinação: uma etnografia da experiência de caminhadas na Associação dos Amigos do Caminho de Santiago de Compostela do Rio Grande do Sul. **Debates do NER**, Porto Alegre, n.17, v.11, jan. / jun. 2010.

TRINDADE, I.K.T. “**Estrela Brilhantes vóis sois minha luz**”: Daniel Serra e a inserção do Santo Daime no campo religioso maranhense. 2013. 138p. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Maranhão, São Luís, MA, 2013.

TOLEDO, V.M.; BARRERA- BASSOLS, N. A etnoecologia: uma ciência pós- normal que estuda as sabedorias tradicionais. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, n. 20, p.31 – 45, jul./dez. 2009.

TSING, A. Margens indomáveis: cogumelos como espécies companheiras. **ILHA**, n.1, v.17, p.177-201, jan. / jul. 2015.

TURNER, V. W. **O processo ritual, estrutura e antiestrutura**. Petrópolis: Vozes, 1974.

VILLWOCK, A.P.S.; SANTOS, G.D.; PERONDI, M.A. Variáveis que mais influenciam na pluriatividade dos agricultores familiares de Itapejara D’ Oeste- PR. **Organizações Rurais & Agroindustriais**, Lavras, n.2, v.17, p. 239- 252, 2015.

WANDERLEY, M.N.B. Prefácio. In: CARNEIRO, M.J. (coord.) **Ruralidades contemporâneas: modos de viver e pensar o rural na sociedade brasileira**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2012. p. 15- 17.



WAUTIER, A.M. Para uma sociologia da experiência. Uma leitura contemporânea: François Dubet. **Sociologias**, Porto Alegre, n.9, p. 174- 214, jan-jun/2003.

WEBSTER, A. *Introduction to the Sociology of Development*. 2 ed. Hong Kong: McMillan Education, 1991.



## ANEXO A

### Questionário Perfil dos frequentadores da Choupana do Gavião

Você está sendo convidado (a) à participar do projeto de pesquisa: “O RURAL RITUALIZADO: AS EXPERIÊNCIAS ENTEÓGENAS COMO SUBSTRATO PARA A CONSTRUÇÃO DE NOVOS SENTIDOS PARA O RURAL CONTEMPORÂNEO”, de autoria da doutoranda do Programa de Pós Graduação em Extensão Rural da UFSM, Franciele Coghetto.

Esclarece-se, de forma detalhada e livre de qualquer tipo de constrangimento ou coerção, que a pesquisa acima declarada tem como objetivo: Compreender quais os novos sentidos atribuídos ao rural contemporâneo, a partir das experiências enteógenas vivenciadas pelos integrantes do grupo Choupana do Gavião.

Lembrando ainda, que os dados obtidos nesta pesquisa poderão ser utilizados para a publicação de artigos científicos em periódicos e eventos. Assumimos a total responsabilidade de não publicar qualquer dado que comprometa o sigilo da participação dos integrantes. Nomes, endereços e outras indicações pessoais não serão publicados em hipótese alguma.

A pesquisadora fica a disposição para quaisquer dúvidas ou sugestões através do e-mail: francoghetto@gmail.com.

\*Obrigatório

1. Qual sua idade? \*
2. Qual sua naturalidade? \*
3. Identidade de gênero \*  
Feminino /Masculino/ Trans/ Prefiro não dizer/ Outro:
4. Estado civil \*  
Solteiro /União estável/ Casado /Separado /Viúvo/Outro:
5. Escolaridade \*  
Ensino fundamental incompleto/ Ensino fundamental completo /Ensino médio incompleto/ Ensino médio completo/ Ensino superior incompleto /Ensino superior completo/Especialização incompleta/ Especialização completa /Mestrado incompleto /Mestrado/Doutorado incompleto/Doutorado/Outro:
6. Qual sua profissão? \*
7. Renda familiar \*  
Abaixo de 1 salário mínimo/ De 1 a 3 salários mínimos/De 3 a 6 salários mínimos/De 6 a 10 salários mínimos/Acima de 10 salários mínimos
8. Religião \*  
Católica /Luterana/ Umbanda/ Candomblé /Ayahuasqueira/ Não possuo religião/ Outro:
9. Possui nome espiritual? \*  
Sim /Não
10. Religião do pai \*  
Católica /Luterana/ Umbanda/ Candomblé /Ayahuasqueira/ Não possuo religião/ Outro:
11. Religião do mãe \*  
Católica /Luterana/ Umbanda/ Candomblé /Ayahuasqueira/ Não possuo religião/ Outro:  
Não possui religião Outro:
12. Práticas espirituais e/ou religiosas que já participou \*  
Reiki/ Dança sagrada/ Meditação /Yoga/Retiro/ Outro:
13. Já fez ou faz algum tipo de terapia (ex. psicólogo, psiquiatra, homeopatia, cromoterapia, acupuntura, etc)? Em caso afirmativo especifique qual(is) \*
14. Como conheceu o trabalho da Choupana do Gavião? \*
15. A quanto tempo frequenta os trabalhos da Choupana? (ex.meses, anos) \*
16. Tem familiares que também frequentam os trabalhos da Choupana do Gavião? Em caso afirmativo, especifique qual o grau de parentesco. \*
17. Já fazia uso de daime e/ou rapé antes de conhecer a Choupana? \*  
Sim/ Não
18. Participa de alguma outro grupo de práticas esotéricas, espirituais, religiosas, além da Choupana? Em caso afirmativo responda como o grupo de identifica e se faz o uso de daime, rapé ou alguma outra medicina da floresta (ex.: kambô, jurema, Santa Maria (*Cannabis sativa*), sananga, etc) \*
19. Faz uso de alguma outra planta de poder ou medicina da floresta, além do daime e/ou rapé? \*  
Não/Kambô /Sananga/ Santa Maria (*Cannabis sativa*) /Jurema/Coca/ Outro:
20. Já bebeu daime e/ou utilizou rapé fora de contextos rituais? Em caso afirmativo, qual o contexto? (ex. uso recreativo, etc) \*
21. Indicaria os trabalhos realizados pelo grupo da Choupana do Gavião para amigos ou familiares? \*

Sim /Não

22. Se pudesse resumir a experiência com o Daime em uma palavra, qual seria? \*
23. Se sentir a necessidade de especificar outro fator que acredita ser relevante, utilize este espaço.

## ANEXO B

### Anamnese Entrevista Individual

- 01) Nome: \_\_\_\_\_  
 Como é chamado: \_\_\_\_\_ Nascido: \_\_\_\_\_  
 Cidade: \_\_\_\_\_
- 02) Endereço: \_\_\_\_\_ CEP: \_\_\_\_\_  
 Fone Residencial: \_\_\_\_\_ Comercial: \_\_\_\_\_ Celular: \_\_\_\_\_  
 E-mail: \_\_\_\_\_  
 Estado Civil: \_\_\_\_\_ Escolaridade: \_\_\_\_\_ Religião: \_\_\_\_\_
- 03) Emprego ou ocupação e formação profissional: \_\_\_\_\_
- 04) Doenças de infância digna de registro: \_\_\_\_\_
- 05) Doenças atuais: \_\_\_\_\_
- Possui algum problema respiratório, cardíaco, circulatório ou neurológico:  
 \_\_\_\_\_
- Toma alguma medicação controlada? \_\_\_\_\_ Já tomou? \_\_\_\_\_
- 06) Como é seu sono? \_\_\_\_\_ Sofre de insônia, hipersonia, pesadelos? \_\_\_\_\_
- 07) Seu estado (mental, emocional, afetivo) atual? \_\_\_\_\_
- 08) Há histórico de doenças psiquiátricos na família? \_\_\_\_\_
- 09) Já fez tratamento psiquiátrico? \_\_\_\_\_
- 10) Já fez terapia? \_\_\_\_\_ Quanto tempo? \_\_\_\_\_
- 11) Já buscou formas de autoconhecimento (meditação, yoga, etc)?  
 \_\_\_\_\_
- 12) Já teve contato com alguma droga psicoativa? \_\_\_\_\_
- 13) Resumo do contato: \_\_\_\_\_
- 14) Toma bebida alcoólica? \_\_\_\_\_ Frequência: \_\_\_\_\_
- 15) Como tomou conhecimento da Ayahuasca? \_\_\_\_\_
- 16) O que o traz para participar de nossos trabalhos? \_\_\_\_\_
- Observações e impressões do entrevistador: \_\_\_\_\_
- DATA DA ENTREVISTA: \_\_\_\_\_ NOME DO ENTREVISTADOR: \_\_\_\_\_



## ANEXO C

### **Nota sobre o ilustrador do desenho que representa a Choupana do Gavião:**

Ewerton José de Medeiros Torres nasceu em João Pessoa, Paraíba, em 1988. Fez graduação em agronomia e ciências agrárias, participando sempre do movimento estudantil, o que o fez associar-se e sensibilizar-se com as bandeiras de lutas das causas sociais. Desenha desde que se entende por gente e em suas artes, além de manifestar um viés político, trabalha com cenas humoradas, memes, seres fantásticos, realidades alternativas, dentre outros. Ele gosta de desenhar de tudo e em cada arte que trabalha diz que é um novo desafio. A técnica que mais utiliza atualmente é a aquarela e seu estilo de desenho é uma mescla entre o *cartoon*, o semirrealismo e a *doodle art*. A maioria de suas ilustrações são repletas de detalhes e cores. Acredita que todo mundo pode desenhar, como realizar qualquer outra coisa, basta ter dedicação, compromisso e amor pelo que faz.